

O MEU VELHO ITAMARATI

(De Amanuense a Secretário de Legação)
1905 - 1913

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES



Ministro de Estado
Secretário-Geral

Embaixador Celso Amorim
Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO



Presidente

Embaixador Jeronimo Moscardo

Instituto de Pesquisa de
Relações Internacionais

Embaixador Carlos Henrique Cardim

A *Fundação Alexandre de Gusmão*, instituída em 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e tem a finalidade de levar à sociedade civil informações sobre a realidade internacional e sobre aspectos da pauta diplomática brasileira. Sua missão é promover a sensibilização da opinião pública nacional para os temas de relações internacionais e para a política externa brasileira.

Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo, Sala 1
70170-900 Brasília, DF
Telefones: (61) 3411 6033/6034/6847
Fax: (61) 3411 9125
Site: www.funag.gov.br

LUÍS GURGEL DO AMARAL

O MEU VELHO ITAMARATI

(De Amanuense a Secretário de Legação)
1905 - 1913



Brasília, 2008

Copyright © Fundação Alexandre de Gusmão

Equipe técnica:
Maria Marta Cezar Lopes
Lílian Silva Rodrigues

Projeto Gráfico e Diagramação:
Cláudia Capella

Impresso no Brasil 2008

Amaral, Luís Gurgel do

O meu velho Itamarati; (de amanuense a secretário de legação;
1905-1913) / Luís Gurgel do Amaral - 2ª edição revista. – Brasília :
Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

504 p.

ISBN: 978-85-7631-105-8

1. Luís Gurgel do Amaral – Biografia. 2. Política externa – Brasil.
I. Ministério das Relações Exteriores. II. Título.

CDU 920(81)

Direitos de publicação reservados à Imprensa Oficial.

Fundação Alexandre de Gusmão
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília – DF
Telefones: (61) 3411 6033/6034/6847/6028
Fax: (61) 3411 9125
Site: www.funag.gov.br
E-mail: funag@mre.gov.br

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.



Barão do Rio Branco.

*Reprodução de uma fotografia oferecida a meu irmão Silvino, o "Santinho".
Não são comuns os retratos do Barão com dedicatórias.*

Só não corre perigo em mandar quem se exercitou em obedecer.
“Imitação de Cristo” – Nova tradução portuguesa pelo
P. Leonel Franca S. J.

O louvor dos mortos é um modo de orar por êles.
Machado de Assis – “Dom Casmurro”.

La vie, selon l’opinion de Pythagore, n’est qu’une réminiscence.
Qui, dans le cours de ses jours, ne se remémore quelques petites
circonstances indifférentes à tous, hors à celui qui se les
rappelle?
Chateaubriand – “Mémoires d’Outre Tombe”.

A Daisy, minha mulher querida, que tanto me animou
a elaborar estas páginas e a Osório Dutra, a quem devo vê-las
acolhidas e publicadas através da grande simpatia e generoso
amparo do Ministério das Relações Exteriores o
coração amante do marido e o reconhecido do amigo
Luís Gurgel do Amaral.

*A*o começar estas páginas, só de lembranças íntimas, quero desde logo afirmar que elas, pelo seu pouco fundo, não têm pretensão de “Memórias” e constituem, quando muito, simples narrativa de uma quadra, capítulo não pequeno de minha vida, que já vai longe... Escrevo-as, apesar disso, movido por imperativo de reconhecimento a esse passado distante, dos mais felizes, e como preito de gratidão a umas tantas figuras desaparecidas, duas pertencentes à História, outras ainda de vez em quando recordadas, o maior número já mergulhadas na noite negra do esquecimento dos homens, todas, entretanto, bem vivas nos meus pensamentos e nas minhas saudades! Redijo-as, principalmente, para aqueles, jovens de hoje, que como eu começam suas funções públicas no nobre solar do Itamaraty, em cujos muros passei os primeiros anos de mocidade, aprendendo, formando-me, disciplinando-me para a carreira depois trilhada, por muitos lustros, em terras estranhas, senão com brilho, ao menos, com devotamento e honestidade, olhos fixos na Pátria e nos exemplos recebidos naquela grande escola. Casa veneranda que amei entranhavelmente na juventude e que respeito com orgulho na velhice.

Sumário

PREFÁCIO - Introdução à reedição de “O Meu Velho Itamarati: de Amanuense a Secretário de Legação 1905 – 1913”, por Luis Gurgel de Amaral	17
<i>Embaixador Marcel Fortuna Biato</i>	
CAPÍTULO I	
A primeira vez que entrei no Itamaraty	27
CAPÍTULO II	
Tateando na vida	35
CAPÍTULO III	
Como entrei no Itamaraty	41
CAPÍTULO IV	
Rumo seguro	51
CAPÍTULO V	
Posse no Itamaraty	59
CAPÍTULO VI	
Primeiro dia de trabalho	73
CAPÍTULO VII	
Os Chefes e a Casa	83

CAPÍTULO VIII	
O maior de todos	99
CAPÍTULO IX	
Minha primeira casaca	115
CAPÍTULO X	
Outros companheiros da primeira jornada	127
CAPÍTULO XI	
Mudo de seção	137
CAPÍTULO XII	
O Comendador	147
CAPÍTULO XIII	
Ano memorável	161
CAPÍTULO XIV	
O Pan-Americano	177
CAPÍTULO XV	
Morre Cabo Frio	189
CAPÍTULO XVI	
A vida corre	197
CAPÍTULO XVII	
Um baile no Itamaraty	211
CAPÍTULO XVIII	
O telegrama n° 9	223

CAPÍTULO XIX	
Velho tema	229
CAPÍTULO XX	
Diplomatas e Cônsules	237
CAPÍTULO XXI	
Na Diretoria Geral	251
CAPÍTULO XXII	
Diplomatas estrangeiros	259
CAPÍTULO XXIII	
A minha quase primeira condecoração	273
CAPÍTULO XXIV	
Dois episódios inesquecíveis	285
CAPÍTULO XXV	
Amigos da Casa	297
CAPÍTULO XXVI	
Primeira Promoção	317
CAPÍTULO XXVII	
Visitantes ilustres	327
CAPÍTULO XXVIII	
Sinais sinistros	345
CAPÍTULO XXIX	
Tomba o gigante	351

CAPÍTULO XXX	
Novos dias	359
CAPÍTULO XXXI	
Secretário particular	369
CAPÍTULO XXXII	
Rumo ao Sul	381
CAPÍTULO XXXIII	
Saudosa Missão	389
CAPÍTULO XXXIV	
Saudosa Missão (continuação)	407
CAPÍTULO XXXV	
Retorno à Casa	425
CAPÍTULO XXXVI	
A vida muda de rumo	439
CAPÍTULO XXXVII	
Duas grandes jóias	457
Apêndice	467
PÓS-FÁCIO	495
<i>Ana Paula de Almeida Kobe</i>	

Prefácio

Introdução à reedição de
“O Meu Velho Itamarati:
de Amanuense a Secretário de Legação 1905– 1913”
por Luis Gurgel de Amaral

Prefácio

*Introdução à reedição de “O Meu Velho Itamarati
de Amanuense a Secretário de Legação 1905– 1913”
por Luis Gurgel de Amaral*

A reedição das memórias do diplomata Luis Gurgel do Amaral, primeiro publicadas em 1947, se inscreve no âmbito de louvável iniciativa da FUNAG para recuperar parte da memória do Itamarati. Nessa tarefa, pode contar com uma preciosa fonte: as reminiscências de muitos ex-funcionários da Casa.

As recordações de Gurgel do Amaral coincidem, grosso modo, com o período em que o Barão do Rio Branco esteve à frente da instituição da qual se tornou patrono. Em 1905, ano do ingresso do autor na carreira, o Barão iniciava reforma administrativa ambiciosa que calçasse a nova direção que imprimia à ação diplomática brasileira. O autor foi, portanto, observador privilegiado de período seminal de nossa história e diplomacia, quando o país buscava respostas aos novos horizontes e desafios que se anunciavam naquele início de século. O Brasil se engajou entusiasticamente nas Conferências de Haia, notável esforço multilateral para coibir os excessos do neo-imperialismo emergente. Terminou, no entanto, por ver essas esperanças desmancharem-se na mortandade generalizada da Primeira Guerra Mundial.

Essa dramática narrativa serve apenas de distante espelho para a narrativa que se propõe Gurgel do Amaral. Como adverte já no início, é outra sua temática. Almeja recriar, a partir de uma

ótica eminentemente intimista, a convivência humana e profissional que experimentou naquele “Velho Itamarati”. Numa linguagem nostálgica, quase saudosista, o autor nos faz percorrer as salas e corredores do antigo Palácio - hoje, Museu Diplomático - onde se instalara o Ministério. Com traços rápidos e certos, mas sempre elegantes e generosos, traça perfis inolvidáveis de personagens muitas vezes caídas no esquecimento. Com o fino humor do *conteur* que era, recorda uma “cara expressiva e aberta, olhos de míope à flor da testa”. Outro colega era um “feixe de ossos revestido de ajustada sobrecasaca”. Já um terceiro aparentava “trajar discreto, com ressaibos de passada elegância londrina”.

A partir de anedotas e vinhetas do dia a dia funcional, vai compondo um memorial da Secretária de Estado e de todo um passado ao qual somos transportados com verve e sensibilidade. Em breves pinceladas, contracenam também neste palco da vida pública carioca figuras ilustres como Euclides da Cunha, Clovis Beviláqua e Olavo Bilac.

No período coberto pelo relato, Amaral era novato na Chancelaria, desempenhando cargos de modesta projeção. Aí está, paradoxalmente, um dos méritos maiores deste delicioso livro. Traz-nos o olhar do piso da fábrica, por assim dizer. Na faina diária, faz ressaltar as qualidades de um funcionário público dedicado, disciplinado e discreto. Registra práticas e hábitos que sobrevivem até hoje, numa expressão do profissionalismo que sempre marcou a Casa. Tampouco deixa de anotar episódios de melindres pessoais e ressentimentos e rivalidades funcionais, que já à época faziam parte do *métier*. Na descrição de estratégias

para garantir promoções e administrar preterições, não temos dificuldades em reconhecer as vicissitudes inerentes a toda carreira. Com singeleza, conta que sua progressão no Itamarati muito deveu a contatos e favores pessoais. Afinal, não tendo passado no concurso para a Marinha, entrou no MRE pelas mãos do ex-Presidente Campos Sales, graças a conexões de família.

Mas o autor nos oferece muito mais. Abre uma janela sobre a vida cotidiana de um Brasil – e de um mundo – há muito desaparecidos. De uma Secretaria de Estado que contava com menos de 40 funcionários, ainda separada do corpo diplomático propriamente. Dos percalços de um amanuense, cujas qualidades mais requeridas eram a paciência infinita e a boa caligrafia (“O Sr. com esta letra vai longe!...”) para fazer infindáveis transcrições e cópias de documentos oficiais. Da chegada das revolucionárias máquinas de escrever, e, ainda mais tarde, das primeiras calculadoras, essas recebidas com desconfiança pelo Barão: “Ali dentro deve haver alguém...”. Das viagens ao exterior, necessariamente longas e incertas, que representavam uma grande separação, sem a garantia do reencontro. Da cornucópia de trajes e chapéus, indispensáveis nos sofisticados palcos sociais, onde “as senhoras mais notórias pela distinção e beleza [...] passeavam, de braço dado a qualquer *chevalier galant* em disfarçada exibição de seus predicados corpóreos e de seus vestidos de Paris”. Das conferências internacionais, “sobretudo as interamericanas, [onde] ao menos em tempo de paz, [...] se bem trabalham, melhor se distraem e comem”.

Em meio a esse desfile de personagens e lembranças, sobressai a figura do Barão do Rio Branco. Da mesma forma que

imperava física e intelectualmente sobre a Secretaria de Estado, também domina grande parte das páginas deste livro. A indisfarçável admiração, beirando a idolatria, não impede que o autor trace retrato riquíssimo de personalidade complexa e fascinante, de cuja companhia – embora não intimidade – privou por anos. Transparece um homem cultivado e altivo, de elegância marmórea, mas capaz de gestos generosos. “Onde já se viu convidar amanuense para banquete?” reagira indignado o Visconde de Cabo Frio ao gesto do Barão de prestigiar os “recém-entrados, abrindo-lhes novos horizontes em benefício próprio e no da carreira diplomática”. Qual não teria sido a reação do vetusto Diretor Geral da Secretaria de Estado se soubesse que o Barão ainda financiara a compra pelos novatos do fraque obrigatório para essas ocasiões?

Esse episódio suscita a distância entre dois vultos - e duas eras - da diplomacia brasileira. O Barão impondo-se, com sutil inteligência ao velho Visconde (“uma relíquia viva”), que por décadas comandara com mão de ferro o Ministério. Ferem antigos tabus e tradições a “aparente desordem” dos métodos de trabalho do Barão, assim como o fausto ostentatório das festas diplomáticas que patrocinava. No estilo de redação, era sabidamente severo e contido, “sem arroubos literários ou impressões pessoais pouco convincentes”. Em contraste, em questões de cerimonial – e de cardápio - o Barão debruçava-se sobre os mínimos detalhes. Empenhado em causar boa impressão, insistia na presença aos banquetes oficiais de jovens elegantes e de oficiais militares com “seus bordados, dragonas e botões dourados”.

Por que tanta preocupação com aparências? Talvez para afugentar o corrosivo e paralisante sentimento de inferioridade em relação à sofisticação européia. Tratava assim de “disfarçar a pobreza e feiúra de nossa cidade, mal saída de seu período colonial” e ainda aguardando a revolução urbanística de Pereira Passo. Patrocinava aqui conferências internacionais acompanhados de reluzentes bailes, sem dúvida impaciente para realizar sua grandiosa visão de futuro para o país. É o que parece sugerir o relato sobre as circunstâncias em torno da morte do Barão – e de sua recusa pouco antes em candidatar-se à Presidência da República. Gurgel do Amaral revela-nos o profundo desgosto e desapontamento do Barão com a grave instabilidade política que dominou o país a partir da Revolta da Chibata, em 1910. A revolta da esquadra, o estado de sítio, a intervenção nos Estados “ressoavam pelo mundo num desprestígio de nossa civilização e de sua [do Barão] ação construtora, paciente e tenaz, no Itamarati”. Suas façanhas diplomáticas em matéria arbitral haviam consolidado a integridade nacional e reforçado o prestígio do MRE. Minavam-se agora seus esforços diplomáticos para projetar imagem moderna do país. O livro descreve seus esforços para remodelar o Palácio e ampliar os quadros funcionais e as instalações para acomodá-los, inclusive organizando a biblioteca. Desenvolvera planos para criar serviço de divulgação cultural, convidando personalidades estrangeiras para visitarem o novo Brasil que emergia para a maioria naquele início de século.

Para realizar esse sonho de respeitabilidade e grandeza nacional, sabia o Barão ser indispensável mobilizar as promessas e

potencialidades deste país de dimensões continentais. No estudo da história pátria, a que se dedicara na mocidade, buscara a chave, a inspiração para as futuras gerações. Sobretudo nas vitórias militares e conquistas diplomáticas dos primeiros anos do Império, de que seu pai, o Visconde, fora destacado artífice. Certamente teria presente o exemplo dos EUA, país de origens mais recentes e modestas do que o Brasil, mas cujo futuro já chegara nos ombros de uma onda de confiança cívica e proficiência militar. Por todas essas razões, uma nação que o Barão aprendera a ver como aliado preferencial na nossa empreitada nacional rumo à grandeza.

Talvez estivessem essas perguntas na mente de Gurgel do Amaral ao relatar episódio aparentemente banal. Ao tomar conhecimento de que o amanuense gostava de escrever contos, o Barão propôs-lhe: “Por que o Sr. não escreve sobre assuntos da nossa história?” A reação de desinteresse causou no chefe e mentor frio desapontamento que só muito mais tarde o autor viria a compreender. Buscara o Barão, até o fim de sua vida, entre seus jovens auxiliares um digno sucessor para dar continuidade à tarefa de contar a história do Brasil. Buscara, sem êxito, um novo oráculo que, meditando sobre um passado glorioso, ajudasse a construir a Grande Nação que ele, o Barão, antevia.

Estas reminiscências de saudosos colegas e do Velho Itamarati não pretendem tanto, como nos recorda o autor. A narrativa termina pouco depois da morte do Barão, quando Gurgel do Amaral torna-se diplomata. Embarca então em longa e prestigiosa carreira que o levaria a variados postos na América Latina e Europa, culminando com a função de Embaixador em

Lima, entre 1939 e 1940. Ao resgatar a memória de tantos que contribuíram, cada um a seu modo, para o Brasil de hoje, Gurgel do Amaral foi, no entanto, um digno seguidor do Barão.

Marcel Fortuna Biato
Embaixador

Capítulo I

*A primeira vez que
entrei no Itamaraty*

Capítulo I

A primeira vez que entrei no Itamaraty

Indelével, pelo trágico do acontecimento, minha primeira entrada nos umbrais do Itamaraty!... Longe vai a cena, mas clara e nítida tenho-a gravada nos olhos e na mente! Não é sem razão que Silvino, meu irmão mais velho, nas longas palestras que nossos ócios com dignidade ora permitem, chama-me, às vezes, no bom sentido, de *souffre-douleur*!. Era eu então rapazola de 16 anos, naquela triste e memorável tarde de 18 de julho de 1901! Acabava de chegar do Externato Viana, na rua do Passeio, sobradão açapado fazendo esquina com a das Marrecas, muito procurado pelos candidatos à Escola Naval, localizada no Rio de Janeiro, por seu velho diretor lente da mesma e explicador de matemáticas de justa fama. Com bastantes preparatórios já feitos, nós, os alunos de então, tínhamos fumaças de meio acadêmicos e conquanto as aulas não fossem bem aproveitadas por todos, em cujo número me incluo eu, apreciável era nossa compostura à porta larga de saída, nas alegres despedidas diárias.

Meu futuro, sem sombras nem maiores preocupações, parecia-me despejado ao tornar a casa na citada tarde. Mal chegara, estando minha Mãe ausente, eis que vem do Palácio do Catete, do próprio Presidente Campo Salles, mensagem apressada para ela ou para mim, anunciadora de triste nova, de grave nova - a de achar-se meu Pai seriamente enfermo no Itamaraty, urgindo pela presença

ali de pessoa da família, para as primeiras providências que o caso exigia.

O solo fugiu-me por instantes! O choque fora grande demais para minha incipiente mocidade... Passados, porém, os primeiros momentos de estupor, nublados os olhos por antecipação, reagi prontamente, aliás como em todas as outras ocasiões da vida. Despachei o Domingos, um dos nossos servidores, para a casa de Dona Tuta, onde Mamãe se encontrava, e o José, criado de mesa, para o Colégio Militar, a fim de buscar meu irmão Eduardo, coitadinho com 8 anos, recém-entrado para aquele grande instituto de ensino e para o qual não mais voltou!

Depois, em passos trôpegos, força é confessar, corri à venda do bom Sr. Ezequiel, nosso fornecedor, e ao dar-lhe notícia da catástrofe, pedi-lhe dois mil réis para tomar um tálburi¹. Solicitando o cocheiro - por felicidade o velho Manta - que fustigasse o sempre cansado cavalo, assim cheguei, com o coração aos saltos, ao Itamaraty, meu conhecido só de nome, pois desde que a Secretaria das Relações Exteriores se mudara do casarão da Glória, local hoje ocupado pelo Palácio São Joaquim, jamais divisara sua nova sede.

Senhor idoso, de figura marcial, alvinitentes barbas em forma de leque, envergando comprida sobrecasaca negra com botões dourados (o bom Pereira, chefe da Portaria, a quem tanto estimei depois), recebeu-me no saguão de entrada, apenas deixei atontado a condução. Às minhas primeiras e gaguejadas palavras, abraçou-me dizendo: - Pobre menino, que desgraça!

Subi a escadaria central amparado no seu braço. No tope, ele apresentou-me, isso com solenidade, ao Sr. Ministro de Estado, figura respeitável, ainda moço, ar sério e compenetrado, que me abraçou também, prevenindo-me, com palavras medidas, da gravidade do estado de meu Pai. Eu ouvia imperfeitamente o que ele me ia dizendo: - Meu Pai estava a seu lado, em conferência sobre assuntos da pasta, quando se sentiu perturbado, tonto, e a seguir ferido por segundo insulto apoplético, de prognóstico muito reservado! As providências logo tomadas; muitos médicos, os primeiros vindos do Quartel-General. Conduziu-me para onde repousava o autor de meus dias, cercado de gente estranha para mim, alentando-me: - Tenha coragem, meu filho!

Era na sala, hoje chamada de Pedro II, na qual está agora o estudo do quadro magistral de Pedro Américo “O grito de Ipiranga”, então gabinete do Dr. Olinto de Magalhães. Num sofá, pode dizer-se, já agonizava meu pobre Pai!... Meio desvestido calças arregaçadas, pés à mostra, face marmórea, inconsciente, arfando estertoricamente, ora alto ora baixo, sons prenunciadores da morte, que meus ouvidos guardam até hoje, assim encontrei meu Pai moribundo, naquela casa que ainda nada representava para mim!...

Que percurso longo e doloroso, verdadeira *viacrucis*, foi o da sua remoção para o seu e nosso lar da rua Ferreira Viana, feito numa padiola do Exército, único recurso naqueles tempos em casos semelhantes! Muita gente descobrindo-se à passagem do cortejo, a curiosidade popular acompanhando-nos por espaço, perguntas de muitos, afirmações contraditórias de outros, de se

tratar de um vivo ou de um morto!... Itinerário infindo, a noite caindo, a cidade iluminando-se aos poucos, os combustores de gás acendendo-se, luzes amarelas que, para minha visão conturbada, pareciam grandes tochas funerárias...

Chegamos afinal! Nossa rua em alvoroço, seus moradores, os mais pobres, nos esperando no Catete, num primeiro preito de respeito e veneração ao seu grande amigo. Nossa casa, repleta! Meu dever daquele dia estava assim cumprindo... Uma lembrança ainda, como dívida a ser paga: a bondade de Raimundo Pecegueiro do Amaral, funcionário já de renome do Itamaraty. Oficial do Gabinete do Ministro que me acompanhou em todo o trajeto, no seu andar compassado e bamboleante, sem falar quase, comovido em extremo, já como amigo fiel, que o foi depois por longuíssimos anos.

Meu Pai viveu ainda 24 horas, se aquilo era viver! No dia subsequente, seu corpo baixou a terra. Enterro dos grandes, de esvaziar cocheiras, como se dizia então! A contagem dos carros alcançou cifra respeitável, maior, bem maior, portanto, a dos acompanhantes, estes desaparecidos depois na sua totalidade! Para nós a ruína, que sempre afugenta os amigos... Ao nosso lado, porém, alguns ficaram como sustentáculos do edifício abalado. E que amigos...

Entre as primeiras manifestações de pesar vindas do estrangeiro, um expressivo e comovedor telegrama do Barão do Rio Branco, o Juca Paranhos, para o morto. Um consolo, uma esperança!... Outro não tardou em chegar, esse tristíssimo, de meu irmão Silvino, 2º Secretário de Legação em Londres, abalado pela

notícia, mas com palavras de alento para Mamãe, forte e resoluto ante sua pesada carga de *soutien de famille*, que soube ser desde aí, como filho amantíssimo e sem par, e irmão zeloso e devotado.

Capítulo II

Tateando na vida

Capítulo II

Tateando na vida

Quase quatro anos passam céleres depois e com eles a mão invisível do destino mudando a rota de minhas aspirações, em movimentos ocultos que mais pareciam golpes adversos do que o encaminhamento para futuro não previsto nem sonhado! Não entrei para a Escola Naval apesar de, no primeiro ano em que tentei tal coisa, estar amparado (e de que maneira!), por um daqueles generosos protetores referidos no capítulo anterior, pelo Presidente da República, Dr. Manuel Ferraz de Campos Sales! Aqui deixo prova cabal disso, transcrevendo as palavras, do seu punho, com que o eminente Chefe do Estado, avisava seu pequeno e querido amigo da prova inicial a sujeitar-se antes dos exames. Quanta bondade nessas expressivas linhas!...

“Gabinete do Presidente da República - Rio de Janeiro, 9 de janeiro de 1902 - Avelino, - Amanhã haverá inspeção de saúde para os que pretendem matricular-se na Escola Naval, devendo partir uma lancha do Arsenal de Marinha, às 10 horas, conduzindo os que tiverem de se submeter à inspeção. Como você pode ignorar isto, julguei conveniente fazer este aviso. - Do amigo - Campos Salles.”^()*

^(*) Vide Apêndice Doc. nº 1 (Cópia fotostática).

Se passei no exame de sanidade o mesmo não aconteceu nas provas finais, caída sem remissão, conquanto sentisse a benevolência escandalosa, a meu favor, de todas as bancas examinadoras... Meu saber, hoje reconheço, não dava lugar a milagres!... Já no ano seguinte o caso foi outro; entrei nos exames senhor das matérias, bati-me denodadamente nos quadros negros, em cálculos e mais cálculos, mas só consegui um plenamente baixo... e não tive matrícula! O vento da bonança mudara de direção e eu achei-me na vida qual barco desarvorado. Para o fracasso verti sentidas lágrimas; entretanto nem por isso deixei de procurar novos rumos. Quis entrar para o comércio, busquei em vão qualquer apoio, pequena colocação que fosse para ajudar, ao menos, as primeiras exigências da mocidade. Desde o falecimento de meu Pai, o teto e o pão nunca me faltaram, e dado ambos de forma evangélica, sem que eu mesmo percebesse o valor da dádiva, pela amizade modelar de Elesbão Bitancourt e de Dona Carmélia, em cujo lar vivi, como um filho, até ser nomeado para o Itamaraty.

Falhada a tentativa de tornar-me marinheiro e arranjar qualquer outra atividade, continuei meus preparatórios para o curso de Direito. O tempo ia-se escoando assim, as preocupações latentes, compensadas, porém, pela embriaguez dos eflúvios da primavera da vida, que sempre me foi risonha, talvez pelo meu gênio contemplativo, pouco ambicioso e confiante em Deus.

Em 1904, Elesbão consegue um ano de licença para tratamento de saúde e, numa dessas resoluções de acaso, resolve ir gozá-la em Vassouras, para ele ponto do Universo tão desconhecido quanto Nagasaki no Japão ou Beirute no Líbano! Para lá nos

mudamos com armas e bagagens, eu algo apreensivo ante o provável afastamento mais longo de minha Mãe querida e das praças e ruas deste amado Rio, nas quais começava a ensaiar, timidamente ainda, meus vôos de pássaro em crescimento.

E foi naquele pequeno e encantador recanto da terra fluminense, como por obra de encantamento, que, ante meus olhos incrédulos a princípio, vislumbrei a larga estrada que me seria dado percorrer, jornada longa de 35 anos, iniciada aos 20 e terminada aos 55!...

É com dificuldade que passo em claro o transcurso dos dias felizes vividos em Vassouras, onde consegui amizades tão valiosas e profundas, que só em pensar nelas assalta-me o desejo de escrever páginas e páginas de recordações, relembrando nomes que me foram ou são ainda tão caros ao coração, revendo como eram, no frescor de radiantes juventudes, umas tantas fisionomias femininas, traços que, por poder de magia, guardam sempre para mim os encantos idos...

Foi nessa época que conheci Rafael de Mayrink, o caro Rafael de quem sempre me lembro com enternecidas e justificadas saudades. Ele que vinha, de quando em quando, passar fins de semanas em Vassouras, ao lado de seus ilustres Pais, os Viscondes de Mayrink, era então Amanuense da Secretaria do Exterior, para a qual entrara em princípios de 1900. Tal situação, para nós, rapazes ainda sem diretrizes fixas, conquanto alguns adiantados em seus cursos - João Calvet, no de Direito, Uberto Zamith, no de Medicina - representava a estabilidade na vida!... Seu cargo, além disso, dava-lhe certa auréola de admiração, pois o Itamaraty, se bem que, de

há muito, considerado como repartição de escol, dia a dia mais seus créditos aumentavam no conceito público pelo fulgor do nome do seu atual dirigente, detentor de vitórias diplomáticas, pacíficas e retumbantes, e pelos cuidados, já conhecidos, com que o grande chanceler dispensava na escolha dos seus novos servidores. Começava Rio Branco a formar uma turma de moços que atingiram e brilharam depois em todos os postos da carreira.

Rafael de Mayrink era também perfeito *gentleman*. Como tenho presente sua figura máscula, mais baixa que alta, seus rijos bigodes à Kaiser e mais ainda como ressoam nos meus ouvidos as notas de sua voz de tenor-abaritonado, quando cantava, acompanhado ao piano por Herondina Calvet, alteando o peito e com emoção, a tão repisada ária dos Palhaços, de tanto sucesso naqueles bons tempos:

“Vesti la giubba e la faccia in farina...”

Mesmo sem querer, vou vendo que minha pena vagabunda anda fugindo do assunto em vista!... Mas esta pequena digressão era necessária para melhor ressaltar o que estava por acontecer.

Capítulo III

Como entrei para o Itamaraty

Capítulo III

Como entrei para o Itamaraty

O ano de 1904 terminava. Eu já me preparava para voltar ao Rio, a fim de prestar dois ou três exames (só Deus sabe como!), quando uma noite saí do “Clube Vassourense” e vagarosamente tomei o caminho de casa, embevecido ante o esplendor de uma lua cheia que prateava as copadas e adormecidas árvores do pitoresco jardim público, íngreme e não pequeno, no alto do qual as torres da igreja matriz surgiam brancas e luminosas como duas sentinelas fantásticas velando a cidade adormecida!

Naquele pacífico recinto de diversões honestas, mesmo assim olhado com certa prevenção por uns tantos corações jovens e ciumentos, passei horas deliciosas; de dia, jogando intermináveis partidas de bilhar com o austero e educadíssimo Juiz Municipal, Dr. Guilherme de Almeida, ou de *pôquer*, de vintém a ficha, muito discutidas e, às vezes, acaloradas mesmo! Pelas noites, peruava ou, de quando em quando, arriscava vasqueiros níqueis na roleta manhosa e quase inofensiva, bancada, ao ser solicitado, pelo Manuel Sayão – impressionante nessas funções – na seleta companhia dos maiores da terra: o Vigário Olímpio de Castro, brincalhão, sem perda de sua dignidade, ao deixar-se seduzir por esse *péché mignon*, sempre atento ao relógio para não passar de meia-noite; o Dr. Raul Fernandes, então bem moço e segura promessa do que seria no futuro, mais esguio que hoje, mordaz como sempre, coração

de fácil manejo e meu amigo pela vida em fora; o escrivão Dr. Araújo, mulatão ventrudo, de cavanhaque encaracolado, cara de Mefistófeles avelhantado, mordendo sempre uma ponta de charuto empestante; o Manuel Marcelino, de face opilada e bondosa e olhos de boi manso, querido de todos, apaziguador de contendas políticas ou íntimas; e ainda o promotor, o delegado de polícia, o coletor e tantos outros cujos nomes me falham agora...

Pouco andei naquela ocasião, pois na praça principal, onde morava. Rafael de Mayrink, chegado horas antes, estava calmamente debruçado numa das janelas do seu quarto, algo elevada da rua, em camisa de dormir, também embevecido ante a paz bucólica da paisagem. Parei para saudá-lo e, com agrado recíproco, encetamos conversinha manhosa. Palavra puxa palavra, novidades do Rio e locais e, a seguir, ele perguntando repetidamente pelos meus projetos na vida, como que querendo logo entrar, em pleno, em assunto de meu interesse, que eu, inocente e despreocupado, não queria dar atenção ou não percebia o alcance. Por fim Rafael foi incisivo:

– Mas, meu caro Luís, ouça bem o que lhe digo: há agora uma ocasião única para você, para seu porvir! Diante dessas claras palavras, perguntei-lhe se tinha algum segredo de monta a contar-me...

Estou a vê-lo! Quase agitado, cofiando com força os bigodes, disse-me que sim, mas que eu guardasse só para mim o que iria ouvir, segredo de confissionário, exceto para o bom senhor Elesbão, acrescentou. E soltou a nova extraordinária! Uma reforma, para breve, no Itamaraty; lugares a serem criados no corpo dos

seus “funcionários de pena”; pequeno aumento de vencimentos, e, como resultado final, cinco vagas de amanuenses, que passariam a ganhar... 300\$000 mensais! Continuou ainda:

– Há muito que penso em você como candidato ideal para um desses novos postos, pois você tem, no meu entender, todos os requisitos para isso – nome, educação e inteligência.

– Obrigado, Rafael, muita bondade sua, murmurei confuso. E o bom amigo prosseguiu:

– O Barão, que se não esquece da amizade tradicional que o ligava a seu Pai (além de referir-se sempre ao projeto do José Avelino de doação de mil contos como recompensa nacional), não tardou em manifestar essa gratidão, como prova um dos seus primeiros atos na pasta, o de promover Silvino a 1º Secretário de Legação. Tenho a certeza de que ele, se falado a tempo, acolherá seu nome sem titubeios.

Eu, da rua, com a minha costumada tremedeira de pernas que me assalta em ocasiões símiles, fundamente impressionado por aquela cena de ver um homem em camisa de dormir, de uma janela aberta para o silêncio envolvente, atirar-me, como álaçre repicar de sinos – badaladas de esperanças – tantas radiantes possibilidades, alterei-me igualmente:

– O que, seu Rafael?!... que me diz você!... ó diabo!... Estava nas pontas dos pés, de braços erguidos para sua alva figura, num desejo de abraçá-lo comovidamente.

Houve rápida pausa nas nossas mútuas expansões, pequeno calar em que cada qual, sem dúvida, pensava de forma diversa, ele, talvez ligeiramente apreensivo quanto à minha discrição,

depois de senhor de tão séria confiança, e eu, sentindo a cabeça rodando, girando como ventoinha açoitada por vento forte, pedindo a Deus proteção e luzes para uma feliz solução do caso!

Voltamos a falar. Rafael advertia-me: – Cuidado, agora, sobretudo, a fim que meu nome não venha à baila, não surja nos passos que você tomar! Tranquilizando-o quanto a isto, num ímpeto compreensível dos verdes anos, perguntei-lhe ser conveniente ir eu à presença do Barão!

– Não convém, replicou o bom amigo. Olhe; por certo, melhor e mais indicado, será que escreva você, sem tardança, à sua Mãe e que seja ela quem faça pessoalmente o pedido. Mas ande depressa que o tempo urge...

E assim fiz. Naquela noite dormi pouco e mal e na manhã seguinte escrevi longa carta a Mamãe, rogando-lhe tão assinalado favor e recomendando muito que calasse a fonte informativa onde colhera a valiosa indicação. Conhecendo de sobra o caráter retraído de minha santa Mãe, acirrado principalmente pelos abalos sofridos depois do desaparecimento de meu Pai, ferida, de mil maneiras, no seu amor próprio – altivez dos bem-nascidos – estava seguro de que a execução de tal pedido traria para ela momentos penosos, seguidos de preocupações maiores pelo êxito do mesmo... Mas conhecia também seu amor profundo e irrestrito pelos filhos!... A carta partiu, vivendo eu, após, instantes de ansiedade jamais iguais!

A resposta de Mamãe tardou um pouco em chegar! Todas as manhãs, à hora do correio, lá estava eu, aliás como fazia antes, debruçado à janela da Agência, vendo a distribuição da mala recém-

trazida pelo estafeta, judeu errante de limitado percurso, metade da vida no lombo de cavalo magro e tristonho, êmulo do decantado Rocinante, nas eternas idas e vindas, sob sol ou chuva, da cidade à estação de Barão de Vassouras. Depois, afetando nenhuma preocupação maior, dava ainda, como de costume, dois dedos de prosa com o chefe daquela pequena repartição, digno e culto homem cujo nome, com pesar, não me lembro agora, funcionário modelar, a quem todos acatavam e chamavam de Doutor! Se o era, de fato, não sei bem dizer, mas verdade é que, expediente acabado, de fraque e chapéu-coco, via-se ele, com a cara transfigurada, sair para visitar enfermos! Era homeopata e, afirmavam, espírita também...

Mas a resposta veio, afinal, e de que teor! Recordo-me que, lendo-a ali mesmo, ao lado do amigo agente, senti tal comoção que ele com seu olho clínico – que o é igualmente das almas – observando minha crescente palidez, perguntou-me discreta e delicadamente:

– Alguma notícia má?!... fio que não!...

Refazendo-me, respondi, grato e já risonho mesmo sem querer: – Ao contrário, Doutor!... Boas novas!... De um pulo subia a escadinha de casa, quase em frente, para mostrar jubiloso ao caríssimo Elesbão a missiva alvissareira de Mamãe! Escrita, como tudo que vinha de sua pena, límpida, correntia e sempre precisa, ela me trazia, em frases repassadas de carinho e imensa satisfação, a fabulosa notícia da minha próxima entrada para o Itamaraty, já assentada e resolvida pelo próprio Barão do Rio Branco! Prudente, senão desconfiada de tudo e de todos, mesmo naquela feliz época

de censuras postais desconhecidas, não quis Mamãe, nem assim, confiar ao papel os pormenores da sua entrevista com o velho amigo dos tempos pretéritos, que a recebera com grande distinção e maior apreço, e de quem ouvira a afirmação que me transmitia agora, entre mil recomendações de estrita reserva, salvo (e nisto estava mais um traço bem seu!), “para o nosso Elesbão e para seu bom amigo Dr. Rafael de Mayrink”. E como tremia, no final da carta, sua caligrafia!...

Pouco depois, voltei ao Rio para fazer os derradeiros preparatórios, sendo aprovado em dois e bombeado em latim. Pudera!... se na escrita, atemorizado pela dificuldade do ponto, comecei a ouvir o Marcelino da Silveira, na carteira ao lado, escolhida muito de propósito, soltar queixumes de desalento, tropeçando no francês do “burro”, minha última esperança, tábua de salvação, naquele naufrágio inevitável!...

Mas o grande e deleitoso momento, antes de retornar à Vassouras, foi aquele em que Mamãe, na quietude da Pensão Amaro, onde vivia então e onde eu viveria também, pouco mais tarde, em sua companhia, quartos contíguos e por longos anos, narrou-me sua recente entrevista com o Barão! E como ela sabia contá-la:

“Você pode imaginar como cheguei ao Itamaraty! Fui para ali grandemente nervosa e mais fiquei quando vi Rio Branco entrar na sala em que me encontrava, estendendo os braços para mim num afetuoso acolhimento: – Como está Iaiá?!... Que prazer em revê-la, afinal!... Pensei que já se houvesse de todo esquecido do amigo da rua Guanabara!...

Ele bem que percebia meu estado de ânimo e por isso continuou a interrogar-me: – Recebeu minha resposta à sua prezada carta de boas-vindas?... Por que não me procurou até hoje?!... E como vai o Silvino?... tem tido cartas dele?

“Eu principiei a falar por fim, mais senhora de mim mesmo! Sim, Barão, freqüentes e mais corajosas!... Não pode Vossa Excelência imaginar minha gratidão por tê-lo logo promovido! Ele bem merece sua proteção, pois Vossa Excelência não ignora o filho e irmão que ele é!...

“Rio Branco interrompeu-me: – Mas que é isso de Barão e de Vossa Excelência?! Olhe, Iaiá, que eu sou o mesmo Juca Paranhos!... E feriu em cheio o ponto que eu não ousava nem sabia como começar! – Ah! e o Luís como vai?... Que faz?...

Daí por diante tudo me pareceu fácil! – O Luís está atualmente em Vassouras, pensando em matricular-se na Escola de Direito, e é por ele que aqui me encontro! Contei-lhe, então, tudo que você me escrevera. Ansiosa, angustiada, só sabia, numa interrogação aflitiva, dizer e redizer: – Será isso possível, Barão?!...

Como soube o Luís dessas coisas?... Quem lhe disse tudo isso?... Sorri pela primeira vez ao afirmar-lhe: – O Luís contou-me o milagre, porém não o santo! O Barão riu-se também, e com aquele olhar irônico e expressivo de sempre, como a falar pelos olhos, levantou-se, dizendo: – Espere aí!

Abandonou a sala para voltar, pouco depois, sobraçando velha pasta de papelão. Remexeu muitas folhas soltas e tirando uma, que me deu, aconselhou-me: – Leia com atenção, principalmente o final! Toda escrita, muito emendada, trazia o

seguinte cabeçalho – Reforma da Secretaria. – Eram nomes indicados para promoções, designações de outros para chefiar seções, e, quase no fim da página, seu nome, meu filho, por inteiro, surgindo dentre os indicados para os novos cargos de Amanuense!

“Ao levantar meus olhos, não secos, para a figura de Rio Branco, em pé ao meu lado, as palavras não me saíam, tal a minha comoção! Ouvia, vagamente, sua voz macia, sentindo uma das suas mãos tocando-me o ombro, pronunciar branda e emocionadamente: – Está satisfeita?!... Eu não podia esquecer-me do segundo filho do José Avelino... e seu também!... Pequena pausa e recomendação final: – Não se esqueça de dizer ao Luís que se ele soube guardar segredo quanto ao seu informante, guarde segredo, igualmente, e com sobrada razão, o de sua próxima vinda para esta Casa!...”

E foi assim que entrei para o Itamaraty, unicamente, pela mão de Rio Branco, que se tornou, desde então, sacrossanta para mim!

Capítulo IV

Rumo seguro

Capítulo IV
Rumo seguro

Como foi dito nas páginas atrás, devo unicamente a minha nomeação para o Itamaraty à munificência de Rio Branco, nobre e raro movimento de amizade para um morto, de admirável beleza e maior significação, dado sua impressionante espontaneidade! Ao escrever aquelas linhas de suave e confortadora confissão, quão pouco firme era a mão ao traçá-las, não apenas pelo revoltar das impressões de antanho – tão vivas hoje como há 40 anos – mas sim por senti-la fraca e incolor para tal empresa! Assim mesmo elas foram lançadas ao papel vindas do âmago de meu coração, onde lateja perenemente o sentimento de imperecedoura gratidão àquele que, dando-me o pão do Estado, me deu também a oportunidade de ser o que fui na vida...

Tudo isso faz-me recordar agora a deliciosa e filosófica resposta com que Aluísio de Magalhães fulminou, pouco depois de ingressar no Itamaraty, igualmente amparado por mãos amigas (apesar de seus sobrados méritos para nele penetrar de qualquer outra forma), novo colega, nomeado por provas práticas, que insistia, impertinente, a seguir, querendo saber qual o ano, qual o concurso, de provas ou de títulos, a que se sujeitara para entrar na *classe “J” do quadro permanente do Ministério*. Aluísio de Magalhaens, a princípio, procurou fugir, com elegância e habilidade, a esse martelar de perguntas indiscretas... O outro, porém, voltava

à carga, cada vez mais demonstrando sua falta de tato, aliás, uma das qualidades mestras da carreira!... Por fim, perdendo a paciência, tirou os óculos, limpou-os vagorosamente, avançou o queixo para frente (gesto tão seu), e respondeu, entre irônico e sério, ao interlocutor desastrado:

– Olhe amigo!... entrei sim para esta casa por concurso!... Ouviu bem?... por... concurso!... Por um concurso de circunstâncias felizes!

Sentia-me outra criatura ao voltar para Vassouras! Cheguei pisando firme, mais homem, vendo tudo cor-de-rosa, apenas, de quando em quando, temeroso de não andar devaneando, e, para que o prazer não fosse completo, já sentindo o agulhão maldito da desconfiança em mim mesmo, complexo de inferioridade, como se diz agora, que daí por diante nunca me deixou de assaltar ao galgar os postos da carreira, degraus que alcancei por méritos, salvo um, sem atropelar ninguém, sem mortificações nem invejas e sem pressas doentias! Questão de mentalidade ou gênio por julgar-me, isso sim, capaz e eficiente no posto que exercia e apreensivo de não acontecer o mesmo no imediatamente superior! Essa sensação de dúvida experimentei sempre em todas as minhas promoções, não unicamente de Amanuense a Secretário de Legação, porém da primeira à última de Embaixador!

Naquela pequena e acolhedora sociedade, não passou despercebida minha diferente e exuberante alegria, pois, sem nunca ter sido um triste, eu regressara do Rio perfeitamente eufórico, mudo como um rochedo quanto às suas causas, que todos atribuíam

à terminação dos preparatórios, pois aquilo do *latim*... a nova não transpirara!

Gozei os derradeiros meses de nossa estada em Vassouras, como quem se despede dos dias sem responsabilidades, previstas para daí a pouco. Elas, de fato, não tardaram e desde o começo as encarei muito de verdade.

E a feliz temporada terminou com famoso baile vermelho no “Clube Vassourense” que marcou época nos fastos da cidade, esquecido depois, morrendo como tudo na memória de muitos, entretanto presente na minha como sendo de ontem! Que valsas dancei então, rodopiadas, lânguidas às vezes, apressadas outras, enlaçando cinturinhas esbeltas, passos caprichados, volteados para a direita e esquerda, desviando a gentil dama, com presteza e garbo, dos encontrões dos menos hábeis, sucesso depois por mim repetido em reuniões cerimoniais deste mundo largo, mas não com igual entusiasmo!

O salão do Clube, ornamentado profusamente de coralinos bicos de papagaio, parecia caverna flamejante; as moças, chamadas vivas de juventudes irradiantes, vestidas de rubras cores, e nós, os rapazes, ostentando vistosos coletes encarnados, simples aplicação de cetinetas baratas nos mesmos, feitas por mãos carinhosas... João Calvet, Uberto Zamith e eu, trinca que se tornou após indissolúvel, ora desfeita pela morte prematura e tão lamentada do primeiro, ao encaminharmos ovantes para o sarau, quase desfalecemos ouvindo de inofensivo mas observador *sereno*, a apavorante comparação:

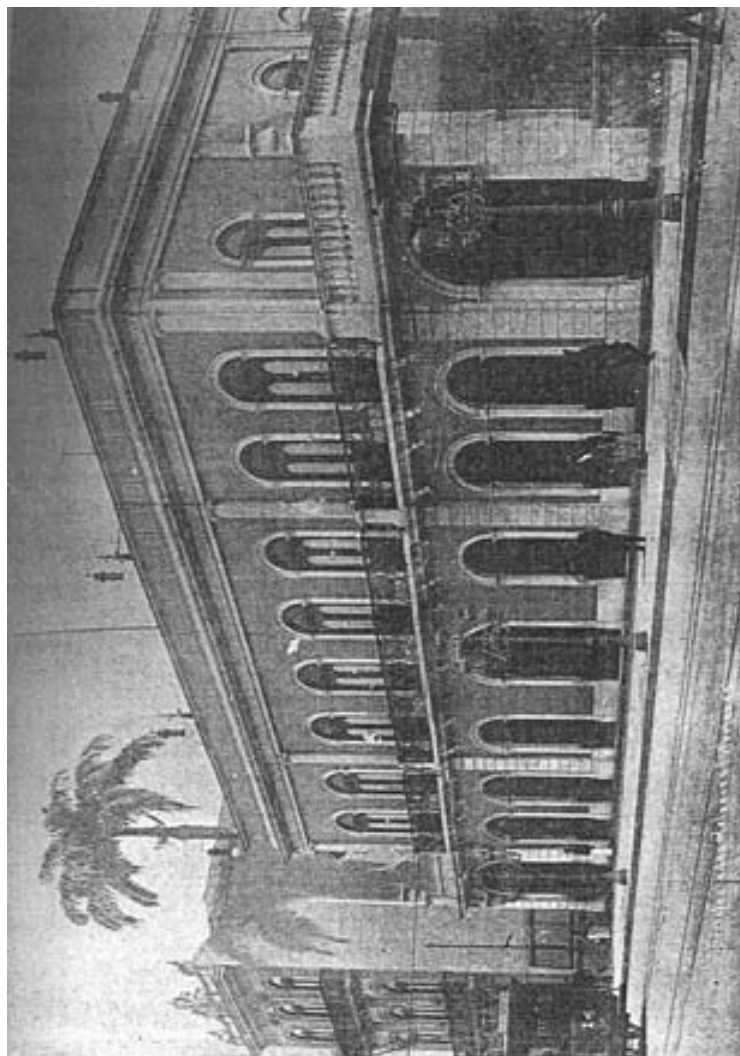
- Ué!... *Parece* cocheiros de carro de anjinhos!...

Que pena, que compreensível pena, não poder eu transcrever aqui, na íntegra, a carta que Rio Branco escreveu a Mamãe, anunciando-lhe minha nomeação! Tão precioso documento, lido por mim inúmeras vezes. Mamãe conservou-o por longo tempo. Mas por fim... rasgou-o! Ela, em verdade, jamais poderia supor que seu filho quisesse, um dia, remexer passado assaz distante, estampando estas páginas de saudades... Vejo agora como as missivas e os vinhos finos ganham de valor com o passar dos anos!... Papéis velhos conservo muitos, sem reserva, porém dos segundos...

Era uma carta curta. Tenho seus termos bem presentes, sem poder, entretanto, repetir com exatidão todo seu conteúdo. Datada de 26 de maio de 1905, começava assim: “É-me grato comunicar à boa amiga que tive hoje o prazer de assinar a Portaria, datada de ontem, pela qual o Luís é nomeado Amanuense desta Secretaria de Estado”. A seguir, palavras de mútuas congratulações, tocantes expressões de sua cavalheirosa amizade, e finalmente, naquela precisão de frase e pontuação que se tornaram célebres, recado para mim, bem gravado, *et pour cause*, também na minha mente: “Diga ao Luís que se apresente, sem falta, amanhã, sábado, 27, às 10 horas da manhã, no Itamaraty, para tomar posse do seu cargo e, se isso lhe for possível, que venha de fraque”.

Meu irmão Silvino contou-me agora que viu Rio Branco escrever essa carta.

Eu tinha então 20 anos, completados no dia 5. De Vassouras regressáramos, por felicidade, nos começos daquele mês. No dia seguinte, “*After all, tomorrow is another day*” no dizer da extraordinária Margaret Mitchell, encetei minha vida pública!



“O meu velho Itamaraty”

Capítulo V

Posse no Itamaraty

Capítulo V
Posse no Itamaraty

Naquela feliz manhã de 27 de maio de 1905, preparei-me com as melhores prendas do meu paupérrimo guarda-roupa, meti-me no decantado e envelhecido fraque de Silvino (descrito por mim alhures!), e tomei o caminho do Itamaraty, aliás, com a estranha impressão, não de entrar para uma repartição do Estado, mas sim para qualquer escola superior! Incrível receio de trotes!...

Como me revejo, tal era então! Esbelto e ágil, imberbe quase, olhos fundos – de verruma – segundo achou-os depois Gastão da Cunha, rosto sem nenhum traço singular. Apenas muita mocidade!... Apreciáveis, só os cabelos, bastos, castanhos e sedosos, apartados ao meio em risca impecável, caindo ondulados pelas têmporas. Cabeça ereta, pescoço exprimido por altíssimo colarinho à Santos-Dumont, lá vou eu caminho do meu novo destino! No largo de São Francisco tomo um dos bondinhos de tostão da *Carris Urbano*, estreito, de poucos bancos, mas com... lugares! Ele parte; cocheiro avantajado, em demasia grande para a pequena plataforma, chicoteia, com imenso relho, o pobre animal que o puxava. Condutor bigodudo, pulando no estribo, entremeava a todo instante um “Faz obséquio!”... com um “Olha à esquerda”. Trechos de ruas, quarteirões inteiros que me pareciam novos, tal meu estado d’alma!

Ao atravessar desta vez a porta principal do Itamaraty sob outra e tão diferente sensação, senti-me abraçado por aquele homem de barbas brancas e sobrecasaca de botões dourados! Era o Pereira, que me reconheceu de pronto e felicitava-me:

– Quanta satisfação Sr. Doutor vendo-o pertencer, de hoje em diante, a esta casa, que seu Pai tanto quis...

Retribuí com efusão o amplexo. Também me lembrei logo de sua fisionomia não comum, divisada uma só vez e anos atrás, porém em ocasião única! Ia subir quando vi chegar um rapazola como eu, de fraque azul (traje completo, de cor viva, conquanto diferente dos azuis gritantes dos tropicais modernos), saltitante, cara expressiva e aberta, olhos de míope à flor da testa, logo procurando com quem falar, já falando sozinho! Ao ver-me, parou, encarou-me e cortesmente perguntou-me:

– Será o Senhor, por acaso, um dos novos nomeados?

Respondi-lhe que sim!... que tinha essa fortuna!... Ele aí curvou-se com elegância, estendeu-me a mão, apresentou-se:

– Lucilo Antônio da Cunha Bueno, seu colega e... criado!

– Luís Avelino Gurgel do Amaral, repliquei, dando-lhe, igualmente, meus quatro nomes!

O Pereira deixou sua mesa no compartimento ao lado para vir saudar o novo funcionário da casa, já seu conhecido. Novos abraços, agora bem batidos, e a voz clara, sibilante, do Lucilo, ecoando pelo vestíbulo:

– Amigo Pereira!... Oh!... muito obrigado, sinceramente grato! Mostrando-lhe o chapéu-coco e a bengala fina, avançando para ele o primeiro, indagou: – Onde se guarda esta chapeleta?

O digno chefe da portaria fechou um tanto a cara e retrucou: – Em cima!... Lucilo não se deu por achado e tomando meu braço – com afeto que perdurou a vida inteira – olhando a escadaria nobre, convidou-me séria e gravemente:

– Querido colega, subamos para altos destinos!...

Abro aqui parêntese doloroso. Em verdade ele e eu galgamos todos os postos da carreira, atingindo seu cume! Só Deus sabe, entretanto, com que emoção, 38 anos mais tarde, entregando minhas credenciais de Embaixador em Lima, pronunciei as seguintes palavras: “Seria absoluto aquele meu júbilo se não devesse eu interrompê-lo para dedicar algumas palavras de reverência e saudade à memória do meu malgrado antecessor e dileto companheiro de carreira e juventude, o Embaixador Lucilo Antônio da Cunha Bueno. Ceifado pela morte no início da sua Missão, não puderam o Governo do Peru e a Família peruana apreciar as finas qualidades pessoais e os relevantes dotes diplomáticos com que teria ele contribuído para manter, cordialmente íntimas, as excelentes relações de amizade e de bom entendimento político e cultural existentes entre as nossas duas Nações...”.

Assinei o *Livro do Ponto* com respeito e letra tremida. Antes de mim a mesma coisa já fizera Henrique Pecegueiro do Amaral, filho do velho Pecegueiro, mal saído da puberdade, deixando os bancos escolares do Internato do Ginásio Nacional, para ingressar e tornar-se maior no Itamaraty. Éramos, dos cinco Amanuenses nomeados pela recente reforma do Barão, os três primeiros que tomávamos posse. A mão de Lucilo Bueno não

vacilou ao praticar o primeiro ato funcional de sua vida pública! No livrão aberto e inexpressivo, ele lançou seu nome com a segurança de quem não se amedronta nem com as responsabilidades da investidura nem com o... futuro! A caligrafia era apenas horrenda!... Raimundo Pecegueiro, que amparava os nossos primeiros passos no solar ilustre, através dos grossos vidros dos seus óculos de aros de ouro, teve um olhar de grave e apreensivo espanto para os garranchos e para a atitude desenvolta do novo colega.

Fomos depois, um por um, apresentados ao venerando Visconde de Cabo Frio. Diretor Geral da Casa. Com bastante temor, confesso, me aproximei de tão nobre ancião, funcionário cuja fama de austeridade e saber era conhecida de toda a gente. Na sala hoje chamada – Sala verde – numa meia penumbra, atrás de larga escrivaninha da qual subia uma espécie de estante de duas prateleiras, percebi um vulto curvado folheando papéis. Raimundo Pecegueiro, em voz respeitosa, depois de pigarrear ligeiramente, disse:

– Senhor Visconde, tenho o prazer de apresentar-lhe o Sr. Luís Avelino Gurgel do Amaral, nomeado, como Vossa Excelência sabe Amanuense desta Secretaria de Estado...

Uma face cheia de rugas, de boa e rosada coloração, nariz rubicundo e violáceo, dois olhinhos penetrantes, algo amortecidos, foi o que eu vi na minha frente. Ainda mais: na cabeça um gorro circular de fazenda preta; repas brancas apareciam, desciam pelas frentes, confundindo-se com costeletas de escassos pêlos.



*Visconde de Cabo Frio (Joaquim Thomaz do Amaral).
Reprodução de uma fotografia nos seus tempos de fastígio*

– Seja bem-vindo, Sr.! Ligeira pausa aproveitada para se fixar bem na minha pessoa. Continuou, acentuando as frases: – Seu Pai foi sempre generoso e constante amigo desta Casa... Prestou-nos bons e inesquecíveis serviços. Seu irmão é funcionário inteligente, disciplinado, de nome feito. Confio, portanto, que o senhor saiba e possa continuar essas tradições.

Balbuciei palavras trôpegas de agradecimentos e de afirmações seguras e sinceras de todo meu desejo de ser também diligente servidor da Nação. Aquilo foi dito como quem pronuncia um juramento. Naqueles tempos não se fazia, como atualmente, a promessa escrita de bem servir ao país. Sentia-me menos oprimido, quando, de novo, me vi interpelado. O Visconde, com cândido sorriso, perguntava-me amavelmente:

– Para que seção o senhor deseja ir?...

Fiquei um instante perplexo! Que seção!... Conhecia eu lá o que significava uma seção! Até então o único de certo que sabia (aliás, com grandes temores de andar sonhando), era ter sido feito Amanuense com o ordenado de 300\$000 mensais! Não foi, por conseguinte, difícil dar minha primeira resposta *diplomática*:

– Senhor Visconde, mande-me Vossa Excelência para qualquer seção, pois nela irei trabalhar com o máximo agrado.

Um olhar quente, de chama viva, iluminou seus olhos que pareciam ter crescido, abertos totalmente, por fim! A voz tornou-se enérgica, estridente quase:

– Muito bem, ora muito bem!... Sim Senhor!... Terá boa designação... Agitou-se, levantou-se ligeiramente, bateu um

murro na mesa. Repetiu ainda – muito bem! Voltando-se em cheio para mim, sibilou por entre os dentes: – Por que um colega seu, não há muito entrado, ao ser-me apresentado, disse-me logo. “Eu quero ir para a 2^a seção”, e eu respondendo: – Pois não vai não, vai para a 5^a!

Fiquei frio! De que havia escapado!... Felizmente a audiência estava finda. Fiz derradeira reverência de pernas bambas ao velhinho e saí nos braços do bom amigo Pecegueiro, que me felicitava, com entusiasmo, pela minha resposta ao Visconde. Meu primeiro passo no Itamaraty, fora, no seu entender, hábil. Acrescentou: – Você vai ter uma boa seção!... Desde aí considerei coisa de muitíssima importância... uma seção!

Esquecia-me de um grato pormenor... Antes de deixarmos o gabinete do Visconde, fui apresentado a Zacarias de Góis Carvalho, que exercia as funções de Auxiliar da Diretoria Geral, Caro Zacarias!... Desde esse dia que nos queremos bem... Vejo-te tal como eras, quase igual ao que és agora, apenas sem essa abundante poeira branca que hoje cobre nossas cabeças! Terei eu mudado muito? Tu perdeste somente aqueles bigodes negros, duros e cuidados, que tanto sofriam nas vésperas de uma gratificação geral...

Em seguida vieram outras apresentações, abundantes porém menos formais. Andei de seção em seção apertando as mãos dos chefes, abraçado pelos colegas mais expansivos. Recepção cordialíssima da qual guardo, até hoje, doce memória! Palavras de apreço e afeto, votos carinhosos de boas-vindas e felicidades na carreira, e quando muito algum sorriso prazenteiro ante as minhas atitudes de novato, temente de mover-se com desembaraço naquele,

para mim, labirinto! De alegrias era o ambiente: exultantes os promovidos e os demais contentes e esperançosos pelo aumento dos quadros e dos vencimentos, estes de poucas dezenas de mil réis. As salas percorridas nessa peregrinação, amplas, arejadas, em algumas, altas estantes peçadas de livros e maços de papéis, as mesas de trabalho, grandes, largas, forradas de grosso pano verde, tudo isso me impressionou sobremaneira! Meu espanto, justificável, aliás, não decresceu nem nos lugares mais íntimos da casa!... Que conforto para trabalhar...

Agora... a maior sensação do dia! Os novos nomeados chegaram, por fim, à presença do Barão, meu conhecido só de retratos. Tudo tão simples afinal de contas!... Ele, que se preparava para sair, nos recebeu encostado à balaustrada da escadaria nobre, fumando um dos célebres cigarrinhos de palha. Nós três estacamos, é bem o termo, em frente àquela majestade de um deus do Olimpo, onipotente e magnânimo para minha mente! *Deus Terminus* da nacionalidade, crismou-o depois o gênio de Rui Barbosa...

Alto, corpulência bem proporcionada, elegante no seu trajar com aparência de descuidado, a mais bela calva que já vi na vida, de marfim polido – cabeça escultórica – iluminada por dois olhos penetrantes, diretos, vagos, às vezes, sempre expressivos, ora brandos quando não irônicos ou picarescos, coléricos, também, mas fugazmente. Nariz aquilino, bigodes brancos, espessos, amarelados pelo fumo. Voz algo fraca, melodiosa, desafinando lá uma vez por outra. Palavras e frases fluentes, coloridas, encantadoras ao narrar qualquer episódio por banal que fosse!

Seguramente quem me lê verá logo que tais impressões não as tive nesse encontro inicial com o grande vulto, mesmo porque naqueles instantes eu me sentia tão pequenino e emocionado, que só por muita força de vontade guardava tranqüila aparência. Tais impressões vieram após, no decorrer dos sete anos que tive a invejável dita de ver, ouvir, obedecer e falar com o Barão, quase diariamente sobretudo depois que fiquei adido à Diretoria Geral.

Antes de nos dirigir a palavra, mirou-nos dos pés à cabeça! Lucilo suportou impertérrio aquele mudo exame; eu, mal, e o Pecegueirinho, talvez igual a mim ou pior! Afinal seus lábios moveram-se e ouvimos palavras bondosas de felicitações e encorajamento para os dias vindouros. Paternais conselhos de dedicação ao serviço, que o era da Pátria, respeito aos superiores hierárquicos e aos velhos servidores, mesmo de categoria inferior à nossa... – Por serem tão moços é que lhes digo isto! E para terminar, pergunta imprevista bem de seu feitio:

– Os senhores sabem falar francês?

Eu disse que um pouquinho; Lucilo assegurou que sim e a resposta do terceiro companheiro foi sussurro indeciso.

– Aperfeiçoem-se neste idioma desde logo, por ser ele muito útil e conveniente nesta casa, acrescentou o Barão ao despedir-se. Em meio da escadaria, acenando-nos com as mãos, deu-nos ainda um alegre – Até logo!

Desse primeiro contato com Rio Branco, tão natural e humano, desenvolveu-se em mim tal místico respeito pela sua pessoa que, mesmo nos momentos mais íntimos que com ele

passei, nunca mais pude separar o homem... da divindade que entrevi então!

Pouco depois eu sabia estar designado para a 1ª Seção (Protocolo), chefiada interinamente pelo 1º Oficial Artur Eduardo Raoux Briggs, pois seu titular. Antônio José de Paula Fonseca (um dos promovidos pela reforma), continuou no Gabinete do Ministro. Revi o olhar do Visconde de Cabo Frio e fiquei-lhe grato, por isso que a figura de Artur Briggs se destacara dentre as tantas acabadas de conhecer, ferira minhas retinas pela sua simpatia e sedução pessoal. Quando a ele afirmei o prazer de ser seu subordinado imediato, sua acolhida, de braços abertos, foi o início de um querer e admiração fiel e perene à sua pessoa, sentimentos jamais apagados pelo tempo e pela morte!...

Foi-me indicada, e dela assenhorei-me com ufania uma daquelas escrivatinhas flamejantes de tampo verde, provida logo de todos os utensílios para as próximas atividades – pasta, tinteiros, canetas, lápis, borrachas e de uma raspadeira de cabo de osso, que no frasear moderno... era um amor! Já provara, por duas vezes, o cafezinho gostoso, servido mesmo na seção, pelo servente Leonel, personagem triste e silenciosa dentro de surrada rabona. Dois cafés por dia ao preço de dois mil réis por mês! Faltavam dez minutos para as três quando contínuo moço e desempenado, entreabrindo as portas móveis da sala, anunciou com ênfase: – Saída por ordem do Sr. Visconde!...

Jesus!... como correria o dia! Mas ninguém se deu por achado, o que me causou certa surpresa. O movimento na casa continuava trepidante; soube, como explicação do fato, que

teríamos um *lunch*... congratulatório. Por esta não esperava eu!... Descemos para o depósito de materiais, no andar térreo, atualmente passagem fronteira à recente escadaria interna. Como pequeno e necessário esclarecimento, devo contar que todas as dependências da Secretaria de Estado estavam instaladas no que hoje é considerado a *célula mater* do Itamaraty, ou seja, no próprio Palácio.

E que *lunch*!... vasto e da Colombo!... Íamos em meio da comezaina, de empanturrar pela obsequiosidade dos mais velhos (oh! o apetite dos 20 anos!), quando surgiu a figura de Rio Branco, com seu estado-maior. Percebi a razão do “até logo”, que nos dera horas antes.

Desde que o Barão entrara, perdi os ímpetos devastadores de há pouco, pois fosse ou porque assim acontecia mesmo ou por pura ilusão, o caso é que me parecia sentir seus olhos pousar de quando em quando sobre os três Benjamins... Meu irmão Silvino, em licença no Rio, era um dos acompanhantes do Barão; esse sim, com muita atenção, seguia meus gestos e atitudes. A algazarra do começo baixou muito de tonalidade e agora o vozerio era discreto, medido, protocolar. As empadinhas, os camarões recheados, as coxinhas de galinha e, por último, os doces e até os complicados fios de ovos, desapareciam *quand-même*!

Serviram o *champagne*. Pouco depois houve o silêncio peculiar que antecede os discursadores. Paula Fonseca (que soube ali mesmo ser o pagador do bródio), agradeceu ao Barão, em curtas e felizes frases, a honra que dava a todos, compartilhando daquelas expansões de regozijo, terminando por ceder a palavra ao colega Vital do Espírito Santo Fontenelle, possuidor de maiores recursos para

interpretar, com fidelidade e brilho, o sentimento geral de gratidão de seus servidores e amigos, reconhecidos pelas mercês recebidas.

Magro e moreno, feixe de ossos revestido de ajustada sobrecasaca, cabeça estreitada e rosto esquelético, cabelos e bigodes de escovinha pretos e duros, olhar brilhante e febril, assim era o colega que começou a falar, em diapasão crescente! Arroubos de eloquência, imagens, conceitos e comparações sucedendo-se, cascadeantes, musicais. Tocante a peroração, muito sentida, bela mesma, pela forma e pelo fundo. Ao finalizar, mais pálido ainda, ajeitando nervosamente os punhos postiços, recebeu demorada salva de palmas entre sussurros de admiração. Que sucesso! Bem acertados seus pares pela escolha e por considerá-lo o espírito literário da casa.

Rio Branco respondeu pausadamente. Inflamado pelos altos sopros oratórios retinindo nos meus ouvidos, sua contestação pareceu-me seca! Só mais tarde compreendi o valor das orações serenas...

Eram cinco horas quando ganhamos a rua, após nosso primeiro dia de trabalho árduo. Tantas emoções nos tinham derreado!... Fora, mirífica tarde de maio, a luz do sol morria num começo de agonia calma e suave, toda envolta em colorações translúcidas. Que delícia de viver! Lucilo e eu viemos a pé para o centro da cidade, concentrados, remoendo ambos o desenrolar das cenas nas quais já participáramos como figurantes...

– Serão todos os dias assim, *sen* Luís?

– Queira Deus que sim, companheiro e amigo...

Capítulo VI

Primeiro dia de trabalho

Capítulo VI
Primeiro dia de trabalho

Na segunda-feira seguinte fui o primeiro a assinar o “ponto”, coisa que aconteceu meses a fio como verifiquei depois, já em meio da carreira, compulsando o Livro competente, frio e sem alma para os arquivos, mas dizendo muito para mim!... Nessa pesquisa, senti ainda o sangue subir às faces, ao deparar, de vez em quando, o nome do Pecegueirinho precedendo o meu.

A tolerância de chegada ia até dez e meia. Daí até 11 horas, o retardatário, encontrando o ponto fechado, deixava pequena nota explicativa: – Entrei às 10 horas e 40 minutos, às 10 horas e 50 minutos... Foi um escândalo, sério para aquela época, a declaração, aliás “gozada” por muitos, que José de Abreu Albano, nomeado comigo e empossado só tempos depois, se permitiu exarar uma manhã: – Entrei às 10 horas. Houve conselho de maiores, sem conseqüências para o Albano, a não ser a perda de um dia de trabalho – “Falta não justificada”.

O quinto Amanuense da nossa turma foi Herculano de Mendonça Cunha, sobrinho do então notado parlamentar Gastão da Cunha, desventurado colega, querido de todos, aposentado dois anos depois, se tanto, por ter perdido a luz dos olhos!... Esta pequena referência à sua pessoa que chegue a ele com o meu afeto dos dias idos, revivido pelo nosso último encontro, comovedor para ambos, eu já em posto alto da carreira, Chefe de Gabinete do

Ministro de Estado, pela confiança e amizade do Dr. José Carlos de Macedo Soares. Como me esquecer daqueles instantes! Sua chegada ao meu apartamento da rua Almirante Tamandaré, sua gratíssima admiração por havê-lo logo reconhecido, ele reconhecendo-me com presteza pela voz! Que bom foi o nosso longo abraço... Que desalento o meu não podendo, não tendo forças nem prestígio para ajudá-lo na sua pretensão mínima de obter do Congresso um aumento da sua pensão de inativo, migalhas de mil réis! Ainda assim o velho companheiro partiu alegre, confortado, certamente por não poder ver quão triste e emocionado eu ficara, olhando para seus olhos mortos, vivos e ternos outrora!

Ao entrar, neste capítulo, na vida rotineira da sucessão de dias e dias, senão iguais ao menos parecidos, – que são os de todos funcionários públicos – e sem possuir, *mea culpa*, nenhuma anotação de que me possa socorrer para seguir estas reminiscências com algum senso cronológico, elas virão, dora em diante, surgindo ajudadas apenas pela memória, sempre falha, mas, por felicidade minha, ainda bem alerta.

Como lastimo hoje não ter imitado, mesmo sem método nem maior constância o sublime artista Alfonse Daudet, que se valia dos seus “Petits Cahiers” – precioso repositório de fatos, datas e impressões, – para produzir suas mais formosas e imortais criações! Que tortura grande é a minha, quando sinto pairar sobre episódios em que fui parte, cenas e paisagens que me encantaram, ruídos e sons que feriram meus ouvidos, palavras e gestos que foram ao meu coração, para alegrá-lo ou

entristecê-lo, as opacas nuvens da dúvida, da desconfiança e imprecisão, de seus relevos e belezas! Tenho para mim que falar do passado sem tê-lo gravado por escrito, mesmo sucintamente, é como pedir a um míope que faça, sem suas lentes, encantadora e fiel descrição de qualquer recanto da terra!...

Cumprido o ritual de assinar o “ponto” e o de dar os bons dias ao Diretor Geral, como antes me preveniram: “Bons dias, Sr. Visconde” ou “Tenho a honra de saudar a Vossa Excelência”, fui para minha mesa, na seção ainda vazia, e, em gesto mecânico, tentando distribuir melhor os objetos nela perfeitamente colocados, aguardei impaciente a vinda dos seus componentes (com maior razão, a do chefe), pois, além de curioso, estava preocupado e assustado com a espécie de trabalho que seria o meu! Ele foi mesmo de Amanuense, como verão abaixo...

Chega Napoleão Reys, o caro Napoleão, rotundo e sangüíneo, rosto largo e de boas cores, emoldurado por negrejantes barbas, martelando as palavras já por si metálicas, e para quem fui depois, com grande carinho, o *Avellinum cum fratribus*, saudação com que me brindou sempre! Antes de querê-lo e apreciá-lo pelas suas virtudes de homem de bem, culto, de velhos e imutáveis princípios de caráter, irritadiço e mesmo violento quando ferido em seus melindres, o que eu não podia acreditar então era ser ele igual a mim em categoria e em... vencimentos! Da mesma incredulidade se achou possuído meu nunca assaz chorado irmão Eduardo, quando, num embarque, creio que no cais Pharoux, mostrei-lhe meu respeitável colega:

– Vê você aquele senhor gordo e barbado ali?... Pois ele tem o mesmo cargo que eu!... Meu querido, meu desventurado Eduardo, como me lembro de ti, meninote que eras, ao escrever esta doce recordação!...

Surge outro companheiro: Vital do Espírito Santo Fontenelle, 2º Oficial de 48 horas, já com cartões de visita ostentando seu novo título. No sábado eu fora mimoseado com um deles. Pareceu-me, ao vê-lo, abatido, displicente no falar, ligeiramente corcovado, sem aquela vivacidade e loquacidade da antevéspera. Já era um doente, atacado de grave enfermidade que, minando sorrateiramente o organismo, lhe tirava aos poucos a vida. Não resistiu muito e depois de uma estância na ilha da Madeira, para onde o mandara o Barão, veio finar-se entre os seus e na sua terra. Inteligente, ótimo funcionário, possuidor de uma caligrafia *sui generis*, cuja feição mais característica era a de engrossar, com justeza inigualável, todas as barrigas dos gg e dos ff e as arcadas dos ll e dos bb! Boa prosa e boas letras. Tinha um livro impresso de contos e fantasias intitulado *Ideal*, algo nefelibata, porém escrito em correta linguagem, que conhecia a fundo. Ao relembrar este pormenor, não me conformo com o fato de não ter sido até hoje, elaborada uma lista das obras publicadas por todos aqueles que tiveram a ventura e oportunidade de trabalhar ou servir, de qualquer forma, no antigo Ministério dos Negócios Estrangeiros ou no atual Itamaraty. Para honra da casa, que relação interessante seria essa, pela grandeza de certos nomes e, sobretudo, pela quantidade impressionante de seus autores.

Palestrando, não há muito, com o Cônsul Geral e amigo Paradedá, outro da velha-guarda, e havendo a conversa se encaminhado para meu projeto de escrever estas páginas e para o nome do saudoso Fontenelle, que fora um dos seus mais chegados colegas, ele me repetiu, como prova do gênio triste e insatisfeito do morto, a frase tantas vezes dele ouvida, quase estribilho cotidiano: – *Sen* Paradedá, ao cruzar os batentes desta Secretaria de Estado, sinto-me sempre amargurado e tedioso!

Como os tempos não sendo iguais, entretanto, se assemelham! Descontentes por um ou outro motivo, onde não os há?!...

Observei com prazer que a entrada de Artur Briggs na seção era a de um companheiro e não de um chefe. Sua chegada e os abraços que se seguiram marcavam o início dos trabalhos diários. Ele distribuía o expediente, conversava sobre assuntos correntes ou sobre as novidades da casa ou de fora, e após cada qual se engolfava nas suas ocupações. Naquele dia também abracei o Diretor, mas voltei para meu lugar de mãos abanando! Não tardou muito que ele, da sua escrivaninha, fronteira à minha, movendo o dedo indicador, sinal que pude logo corresponder por não ter tirado os olhos de sua pessoa, chamasse-me para seu lado. Entregou-me, então, retirada de bem funda gaveta, imensa pilha de documentos para copiar seus anexos. Rápida explicação (oh! se me lembro!), de fazer “cópias figuradas”, indicando-me até o papel para isso, tudo naquela maneira branda de solicitar serviços, sempre inclinando a cabeça um pouco para o lado.

O volume dos ofícios era simplesmente de assustar, mas se o caso se passasse agora e se copiar não fosse hoje coisa só para datilógrafos, ou melhor, para datilógrafas, o novo funcionário a quem tivesse sido entregue tal encargo, dispondo de máquinas de escrever modernas, por seguro, se não achasse a incumbência “pau”, a consideraria, com displicência, como “canja”! O único comentário mental que me ocorreu ao recebê-lo foi o de ver-me diante de uma obra de Santa Engrácia!

Nenhum desalento de minha parte! Preparei a caneta, queimei a pena nova, valendo-me da chama de um fósforo, e, curvando a frente, e quem sabe se botando a ponta da língua de fora, puxei o cursivo por horas a fio naquele dia, já interessado nos subseqüentes, pelo que ia trasladando com atenção e esmero. Tratava-se de uma Circular às nossas missões diplomáticas requerendo esclarecimentos sobre imunidades, regalias e vantagens aos membros do Poder Legislativo. Penso não errar afirmando tratar-se de um pedido de Medeiros e Albuquerque, feito como Deputado Federal. Nossas Legações mandaram, como era natural, umas, respostas sucintas, outras, infindáveis! Passaram-se semanas, muitas, meses mesmo, e eu firme na pena! Mas acabei o trabalho, conquanto para começar outros...

Agora nota verídica e pitoresca: – Anos depois, não me recordo por que motivo, forçando os arquivos – sem cofres-fortes, prateleiras de aço, fichários e arquivologistas (nome anfibológico, como diria, na certa, meu velho amigo e saudoso chefe em Bruxelas, Embaixador Barros Moreira), – deparei, solidamente amarrados,

com os ofícios originais de resposta à citada Circular, com todas as minhas benditas cópias, tiradas em pura perda!... O diabo que compreenda o serviço público!

Lembrança puxa lembrança! Aqui vão essas para terminar o capítulo. Estagiavam ainda no Itamaraty, aguardando designação, os recentes 2os. Secretários, nomeados em dezembro do ano anterior. Eram eles: Félix de Barros Cavalcanti de Lacerda, José Francisco de Barros Pimentel e Tomás Lopes, personagens por mim olhadas sob outro prisma! Bacharéis formados, todos três elegantes e modernizados no trajar, em contraste com as austeras e inúmeras sobrecasacas e fraques, usados, às vezes, com calças brancas, que constituíam o vestuário mais prezado pelo Visconde de Cabo Frio, e, manda a verdade que se diga, já com ares da *“carrière”*!... Daquela jovem trindade somente o último não medrou, não alcançou o posto máximo da hierarquia diplomática. Morreu moço! Sensível e sentida perda para seus amigos, para a carreira e para as letras brasileiras, que cultuou e enriqueceu como verdadeiro artista que era.

Félix Cavalcanti servia no Protocolo, como eu. Mesas contíguas. Daí datou nossa amizade, perdurando até os dias que correm. Dele ouvi, como palavras de ânimo para o futuro, quando copiava ainda, com fervor religioso, tudo quanto me davam, elogio que gravei bem: – O senhor com esta letra vai longe!... Não, que naqueles tempos, boa letra contava! Nunca me hei de esquecer das aflições do caro Adolfo da Silva Gordo – outro que desapareceu cedo, deixando saudades – atrapalhado com as argolas conjuntas metidas nos dedos da mão direita, aparelho para aperfeiçoar a caligrafia, de resultados duvidosos!

Cabo Frio, entretanto, meses depois, ao verificar trabalhos meus, cópias (irra, que copiei na vida!), para o próximo relatório, jamais vindo à luz, trabalho extra dando direito à pequena gratificação, nunca recebida, mandou-me dizer pelo Zacarias:

– Diga a este Senhor que pingue com mais força os ii!...

Depois do meu primeiro e real dia de trabalho, pela tarde encontrei-me com Silvino que conversava à porta da livraria Garnier com Domingos Olímpio. Meu irmão apresentou-me ao ilustre autor do “Luzia Homem” e, com seu ar interrogativo, perguntou-me interessado para onde eu me atirava. Respondi-lhe que ia fazer cartões de visita, ora indispensáveis... Silvino balançou a cabeça aprovando a idéia, desejando logo saber como eu os mandaria imprimir! Ora essa, disse-lhe: meu nome e por baixo meu título.

– De acordo, Luís! Mas no seu caso, embora seu título seja muito honroso e só lhe dê razões de orgulho, entretanto eu proporia pequena inovação nos mesmos: Em vez de Amanuense da Secretaria de Estado das Relações Exteriores, colocar em baixo, do lado esquerdo do cartão, a indicação mais genérica de – Do Ministério das Relações Exteriores!

Domingos Olímpio teve um largo sorriso de aprovação, e os cartões foram assim impressos e não tardaram em ser... imitados!

Capítulo VII

Os chefes e a casa

Capítulo VII
Os chefes e a casa

Duas ou três semanas passadas, a maior e a mais grata sensação que tive de ser funcionário público foi a de experimentar todas as manhãs as mesmas satisfações da véspera, o prazer de despertar-me lépido, banhar-me e vestir-me cantando, trocar as primeiras palavras de afeto com minha Mãe (agora eu ao seu lado, já morando na Pensão Amaro), engolir à pressa, mas com apetite, o simples e saboroso almoço e rumar para o Itamaraty, feliz e contente da vida!... Sempre renovada a alegria de transpor suas portas, sem os confessados tédios do Vital Fontenelle, quem sabe mesmo se simples imitação literária, por sentir, qual um Guy de Maupassant, travoso e mesquinho o pão do Estado! A mim ele nunca deixou de parecer-me dadivoso!... Sempre mais intenso o prazer de rever as fisionomias dos chefes e companheiros de labuta diária, cujos traços iam adquirindo, aos poucos, todos seus relevos e peculiaridades, já percebendo o início de nascentes simpatias para com alguns, já rendendo a outros, aos mais velhos e graduados, sobretudo, o tributo de respeito e admiração a que faziam jus. Para completar essa felicidade, notava, com certa vaidade, que, pelas minhas atitudes de reserva e disciplina, eu caíra no agrado geral.

Nunca me hei de esquecer das palavras carinhosas e ilustrativas de Artur Biggs, isso ainda bem em começo, quando

não ousava afastar-me da seção, para desentorpecer as pernas ou mesmo para necessidades naturais e imperiosas, sem pedir-lhe permissão:

– Olhe, meu caro Luís, isto aqui não é colégio em que eu seja bedel e tenha você entrado como aluno!... Mova-se por esta casa como quiser... Agora um conselho: não se perca nos corredores nem nas outras seções, pois, em princípio, é melhor que venham procurar você na sua mesa, do que digam que você anda nas dos outros...

Bom conselho, meu saudoso chefe, seguido e aproveitado com ótimos resultados, pois, naqueles tempos, conquanto as seções e os corredores não fossem muitos, ainda assim tinham seus adeptos conhecidos. Mas eram ingênuos para os dias de hoje, posso assegurar, os conciliábulos nos segundos! Comentários, sem travos fundos de amargor, de presumida deferência ou qualquer encargo concedido a colega mais afortunado, ligeiros ressentimentos ou críticas entre companheiros, ou, conforme a época, o zum-zum anunciador de uma gratificação geral!

Em verdade, nem os corredores nem as seções eram inúmeros! Estas, cinco ao todo! Com o recente aumento de lugares, a Secretaria de Estado passou a ter o *quadro apreciável* de 26 funcionários, ou fossem um Diretor Geral, cinco de seção, cinco 1.^{os} Oficiais cinco 2.^{os} e dez Amanuenses! Cito estas trivialidades para fazer ressaltar que, dados os naturais desfalques – serviço do gabinete do Ministro, do júri, licenciados, em comissão, faltosos – apenas umas vinte almas se moviam e trabalhavam diariamente naquele casarão, onde, por horas, reinava silêncio modorrento,

em que se chegava a perceber o ranger de penas mordendo o grosso papel de minutas! O pipocar tiquetaqueante e característico das máquinas de escrever só foi ouvido muito depois.

Ainda agarrado ao cepo, como venho de dizer, a princípio poucas ocasiões se me ofereciam de rever o Barão, vivendo mais em Petrópolis do que no Rio. Cabo Frio continuava sombra temerosa, atrás da tal mesa de prateleiras altas, se bem que divisada com maior freqüência, por isso que, além das obrigatórias saudações de entrada, para a numeração de saída dos documentos, o livro apropriado achava-se no seu gabinete, e eu (serviço de vassoura!), em breve, tive o mesmo a meu cargo.

Os outros chefes, esses sim, eram mais acessíveis, principalmente o da 2ª seção, Frederico Afonso de Carvalho, o *Comendador*, que, irrequieto por temperamento, vivia correndo de um lado para outro. Artur Briggs, seu antigo lugar-tenente, era procuradíssimo por ele e assim sua presença na nossa sala tornava-se constante e, por vezes, perturbadora pelas suas tiradas nem sempre protocolares, em gestos e linguagem!

Havia um célebre e muito compulsado livro pertencente à sua seção, aproveitado por outras, repositório de apontamentos utilíssimos sobre soluções de vários assuntos, notas de circulares, ordens permanentes de serviço, cópias de despachos, etc., que Frederico de Carvalho apreciava e zelava tanto como rara e inestimável bíblia! Certa vez chega ele ao Protocolo e algo irado, já de maus bofes, depois de buscas infrutíferas nos seus domínios, pergunta a meu chefe pelo precioso manuscrito. Ao certificar-se que o mesmo não estava por ali, atirando olhar atravessado, quase

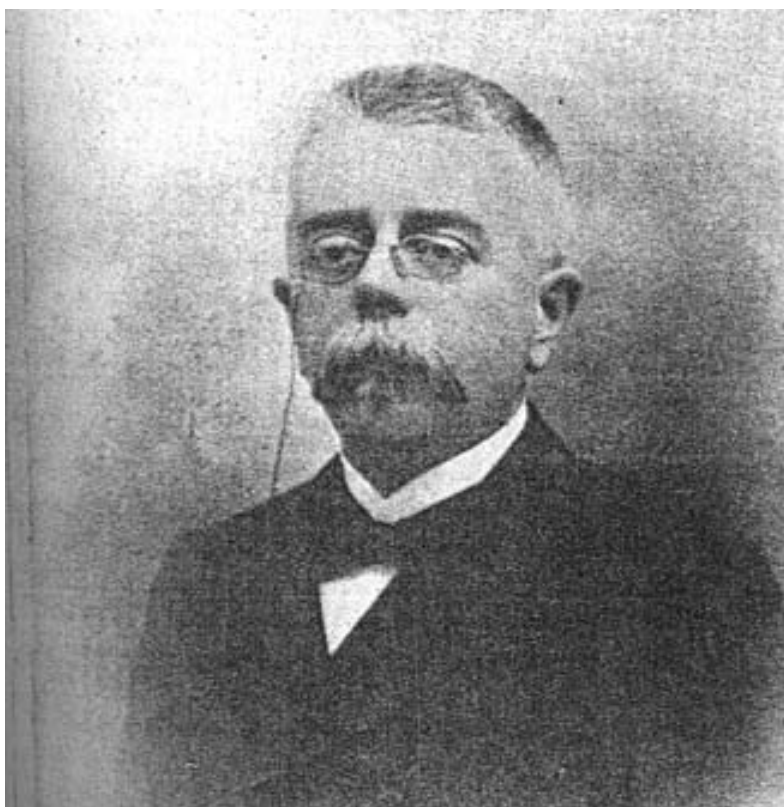
ofensivo, para a mesa de Napoleão Reys, na qual pilhas de livros se acumulavam antes de serem expedidos para seu estremecido berço natal, bradou irônico e malcriadamente:

– Com certeza já foi para Lamin!...

Ardeu Tróia! Napoleão Reys, ergueu-se violento, apoplético, revidando o insulto, abafando logo a voz cortante do Comendador, com a sua de instrumento de sopro poderoso... Momento desagradável, um dos poucos que me foi dado assistir durante a minha primeira permanência na Secretaria! Uma nuvem apenas em ambiente de tanta paz!... Frederico de Carvalho caiu em si e logo pediu desculpas ao colega ferido abruptamente, pois para Napoleão Reys a formação da biblioteca de Lamin era a menina de seus olhos, elevada cruzada em que punha toda diligência e amor!

Muito de intento, ao referir-me nestas páginas, por vez primeira, ao Comendador Frederico Afonso de Carvalho, quis apresentá-lo sob o aspecto rebarbativo acima descrito, para que, aos poucos, no decorrer de outras lembranças, sua pessoa, que estremeci e à qual tanto devo, surja e se apresente no seu justo valor. Todos quantos serviram baixo suas ordens, que agüentaram suas rabugices, seus estouros de tempestades de verão, mas que foram testemunhas de tantas e tão intrínsecas qualidades de servidor público, com rasgos de verdadeiro chefe, com altos e baixos desconcertantes – atitudes de diplomata nato ou de homem de rudeza primitiva – estarão de acordo comigo de que ele era um esteio, um arquivo vivo, um lídimo expoente da velha casa! Inteligência alerta, sagacidade inata, memória privilegiada, longo tirocínio burocrático, compensavam de sobra sua lamentável falta

de cultura, indolente intelectualmente por natureza! Enxuto de corpo, ágil, pessoal no seu trajar discreto, com ressaibos de passada elegância londrina, olhar perscrutador de pupilas aumentadas pela grossura de lentes de míope. Frederico de Carvalho pareceu-me um velho moço quando entrei para o Itamaraty! Agora retifico essa imagem: ele era então, talvez, mais moço do que eu hoje sou...



*Luis Leopoldo Fernandes Pinheiro.
(Reprodução de uma fotografia gentilmente cedida pelo seu ilustre filho
Desembargador Mário Fernandes Pinheiro)*

E aos meus olhos espontam, como corolário natural, visões que as retentivas impõem, os outros vultos dos diretores da 3ª, 4ª e 5ª seção (Negócios Consulares, Contabilidade e Arquivo), respectivamente José Alexandrino de Oliveira, Luís Leopoldo Fernandes Pinheiro e José Antônio do Espinheiro, cada qual física e mentalmente diferente um do outro, modelos vivos de dignidade profissional, equivalentes em méritos, possuidores todos de larga e invejável folha de serviços.

Mais íntimas, a seguir, minhas relações com o segundo, por ser o substituto eventual de Frederico de Carvalho. De pouca altura, ventre algo saliente, pincenê de pequenas e oblongas lentes azuladas, defendendo olhos um tanto saltados e não resistentes às grandes claridades. Rosto arredondado, de bigodes cheios e tombantes e mosca pronunciada. Poeta na mocidade, sonetista terno e irônico, filólogo de nomeada, autor de uma célebre tese de concurso, encobria, por modéstia congênita, seus próprios atributos, nunca se referindo ao muito que sua pena produzira em prosa e verso. Excelente conversador de diapasão sereno, evitava controvérsias tão infensas ao seu feitio de homem retraído, educado e sensível. No fundo, um emotivo sob a aparência de céptico. Suas interinidades na Diretoria Geral constituíam verdadeiros refrigerios para o corpo e espírito, e davam-se a mesma sensação dos que, por certo, nas caminhadas de deserto ardente encontram nos oásis a paz e as sombras apetecidas, propícias e restauradoras ao prosseguimento de jornada longa.

O bom Sr. Oliveira, outrora auxiliar disputado, chegara ao final da carreira arrastando mais uma das pernas,

perra por qualquer deficiência orgânica, calado, arfante esgotado por toda uma existência igual, de silenciosa dedicação inglória! Dele guardo gratíssima recordação, mas guardo também a maior, a de vê-lo amarelecer paulatinamente, definhando, sumir-se em vida, antes de desaparecer para sempre do nosso convívio...

Quando entrei para o Ministério, o Sr. Espinheiro, afamado pelo seu preparo intelectual, andava sendo considerado como a “ovelha preta” daquele rebanho de disciplinados (os exemplos vindos de cima), pois dera para faltar semanas a fio, meses corridos, alegando enfermidades postas em dúvida. Conquanto palrador, expansivo mesmo, prosa instrutiva, para nós moços ele era o homem mais fúnebre da casa! Uma sinfonia negra!... Botinas, calças, sobrecasaca, gravata, bigodes e cabelos, tudo no Sr. Espinheiro, lembrava enterros, missas de 7º dia, luto permanente! Quando aparecia, era festejado, consultado, e, disso estou seguro, aconselhado também... Mas, por fim, as ausências foram sempre se repetindo, até a maior, a definitiva, a quem ninguém escapa! Seu nome, entretanto, nunca se apagará de todo na lembrança daqueles que, bem ou mal saibam da história de certo famigerado mapa, conhecido pelo da “Linha Verde”.

Reacionários os três, isso sim, à tendência, cada vez mais acentuada, da quebra de uns tantos usos e costumes, desmoronando-se pela aparente desordem dos métodos de trabalho e de agir do Barão, ferindo a fundo o “tabu” de ritos e tradições!



*Arthur Eduardo Raoux Briggs.
(Reprodução de uma fotografia pertencente ao prezado colega Moacyr Ribeiro Briggs)*

Com o grande Ministro, o espírito novo ganhava terreno facilmente Cabo Frio já fora entronizado! Seu busto em bronze representava o término dos seus dias de fastígio, se bem que reverenciado até morrer, aureolado pelo fulgor do seu passado. De vez em quando ainda um ímpeto de impor sua vontade, rebelando-se, principalmente, contra certas liberalidades de Rio Branco. “Onde já se viu convidar amanuenses para banquetes?” Dizem que o Barão, sabedor do reparo, a ele se dirigiu para explicarlhe a razão de tais convites, justificada, no seu entender, pela necessidade de dar logo ao elemento jovem da casa, começo de educação social em maior escala. Parece que o Visconde, testudo e sem querer dar o braço a torcer, só repetia: “Resolução fora dos hábitos, porém Vossa Excelência manda!” E o Barão, polido e convincente: “Mas Sr. Diretor Geral, é que eu também convidei moças para este banquete!”

Antônio José de Paula Fonseca, que acabara de ser promovido a Diretor de seção, continuava destacado no Gabinete do Ministro, e, como já disse antes, quem geria interinamente a 1ª seção, era o ainda 1º oficial Artur Eduardo Raoux Briggs, Bonito homem o Sr. Paula Fonseca! Alto, espigado, rosto de corretas linhas, envergava, com garbo e despreocupação, fraques de bom corte, alguns de fantasia, tonalidades seguramente berrantes para os olhos do Visconde. Um pouco afônico, forçava a voz quando falava. Naqueles tempos, quem sabe se por ser ele exceção num meio que desconhecia as tesouras dos cortadores das Casas Vale ou Raunier, considere-o um Petrônio, recordando-me de recente leitura do *Quo Vadis!*

Artur Briggs era outro tipo. Baixinho, cabeça pequena, olhos azuis, cabelos alourados cortados à “brosse-carré”, não negava sua descendência saxônia. Gostava de usar jaquetões folgados e de cores claras. Que funcionário formidável! Modesto, mesmo tímido, sem ambições maiores que as naturais, sua vida pública foi modelar, e o Itamaraty e toda uma geração de moços devem-lhe serviços inesquecíveis, pois se para o Estado e para a Casa deu o melhor da sua inteligência e dedicação, para os que tiveram a ventura de servir a seu lado, foi mestre eficiente, inigualável e amigo devotado. Mais tarde, nas minhas vindas do estrangeiro, encontrando-o sempre preso à sua mesa de trabalho, curvado sobre seus estremecidos papéis, estudando e resolvendo os mil e um assuntos diários, minutando notas e despachos com aquela letra fina e corrida, que dava gosto ler e copiar, com que emoção eu o estreitava enternecidamente entre os meus braços e como sentia na sua mirada clara, compassiva e boa, toda a alegria que lhe ia n’alma, por verme subir os degraus da carreira sem esquecer-me dos que guiaram e ampararam os passos iniciais, trôpegos ao chegar ali pela sua pouca idade e inexperiência das coisas! Apenas, para mim, penoso sentimento de tristeza nessas ocasiões! O passar dos anos, nova e lenta transformação operando-se naquele ambiente em crescendo, células novas destruindo, por lei fatal, as antigas, levava o querido chefe a dizer-me desalentado, depois dos abraços:

– Qual *sen* Luís!... isto aqui está muito mudado!... Já não é mais o nosso velho Itamaraty!...

* *

*

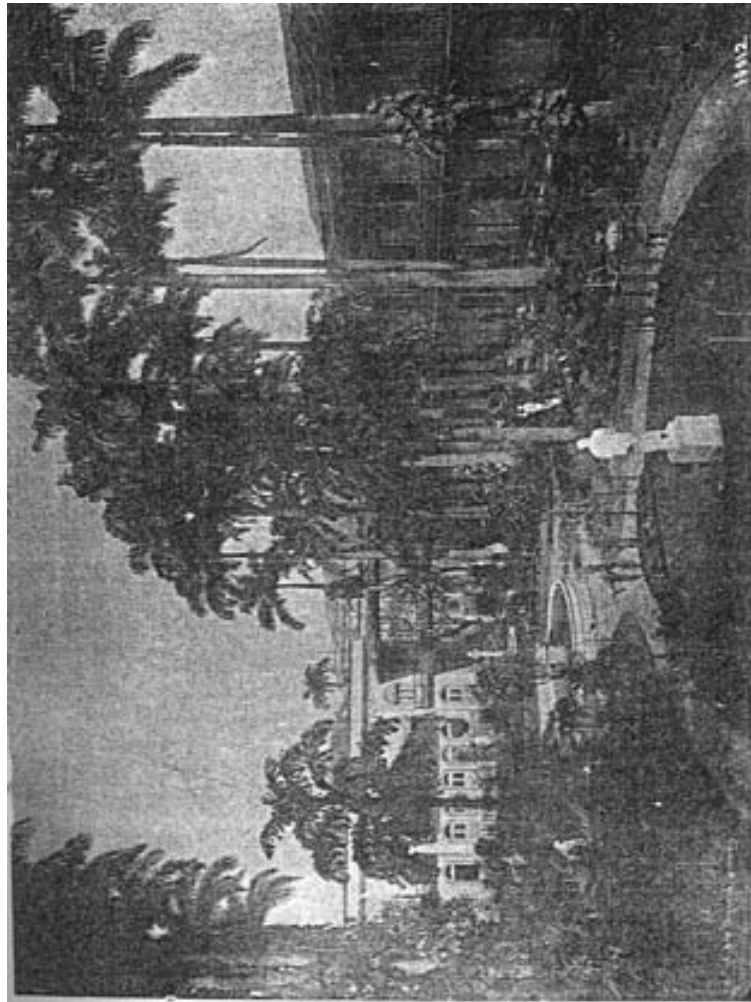
São imprecisas e nebulosas as recordações que conservo em se tratando de descrever, mesmo sucintamente, as salas nobres do Itamaraty, logo que a ele cheguei! Tudo muito baralhado na minha memória, que começa a clarear quando o Barão manda vir da Europa, móveis, tapeçarias, porcelanas e baixela de prata, aquisições indispensáveis para maior brilho e dignidade daqueles ambientes antiquados, encomendadas principalmente pela próxima vinda ao Brasil do Rei D. Carlos de Portugal. A fachada do edifício é pintada, os ouros dos estuques das principais peças são avivados, e mestre Rodolfo Amoêdo, que vejo de paleta em punho, desenha e colora, em tons neutros, os muros da galeria superior da entrada, em alegorias de fino gosto.

O que tenho bem presente são as salas das seções, que reduziam de muito a parte propriamente de recepção do Palácio. No interessante e útil folheto “Palácio Itamaraty – Resenha histórica e guia descritivo – 1937” – da lavra do atual Ministro Joaquim de Sousa Leão Filho, há um plano do 1º andar, do qual me valho para ilustrar aquela asserção. Na sala Cabo Frio estava instalada a 4ª seção; na Rio Branco, a 3ª; na Lauro Müller, a 5ª; e finalmente na de jantar, então dividida ao meio, sem as passagens laterais, no lado esquerdo a 1ª, e no direito a 2ª. Não foi, portanto, sem razão, que Rio Branco querendo “espaço vital”, sobretudo para tornar o Itamaraty mais amplo para os efeitos de recebimento, já no ano seguinte, como coisa provisória, fizesse levantar, muito de sopapo, no lado esquerdo do parque, a ala pobre e desconfortável (ainda em pé, mas felizmente condenada a desaparecer), para a qual nos mudamos e nos esprememos a seguir, saudosos das comodidades

deixadas e da defesa dos grossos muros refratários ao calor de fora!
Na ala nova, torrávamos!

Ao fundo do jardim não tardou muito que surgisse a primitiva e desgraçada biblioteca. Asseguram que o Barão recomendara aos empreiteiros que a cobrissem de telhas velhas para engodo dos visitantes estrangeiros, já num começo de romaria ao Itamaraty, quando de passagem pelo Rio. Em projeto, que somente em 1908 teve início, a construção da bela ala direita, destinada a abrigar folgada e condignamente toda a Secretaria de Estado. Esse magnífico acréscimo, ao parecer suficiente e definitivo para seus fins, hoje já não basta, e para breve a execução de modernas e vultosas obras que tornarão a Casa de Rio Branco conjunto monumental, pequeno ainda para a vastidão do seu nome!

Espero da bondade Divina dias suficientes de vida para poder admirar e, por certo, perder-me nos futuros domínios do novíssimo Itamaraty, que servirão de escola para outras tantas gerações de moços destinados à nobre carreira diplomática, tentadora sereia que engoda e encanta, mas que desilude também! Dos meus olhos, porém, em visão doce e igual não se despegam as impressões dos tempos idos, da velha casa e do jardim grande e arcaico, com as mesmas farfalhantes palmeiras reais, com o repuxo circular de mármore ao centro, com as estátuas, de pobre feitura, de filósofos gregos e de deusas do Olimpo, que pareciam despontar dos canteiros como florações rijas e eternas...



Antigo jardim interno do Palácio Itamarati.

Capítulo VIII

O maior de todos

Capítulo VIII
O maior de todos

Rio Branco desde que pôs os pés no Itamaraty, dele se apossou “par droit de conquête”. Nome ilustre que mesmo de longe, sempre e cada vez mais, se avolumava e fortalecia no conceito e admiração dos seus compatriotas, depois de vencer dois pleitos seculares, proclamado benemérito brasileiro, Pátria engrandecida por ele da mais nobre forma, sua vinda para a pasta das Relações Exteriores impunha-se como coisa natural e lógica. Nem por isso, menos inspirado o convite do Presidente Rodrigues Alves. Entrou assim naquela Casa já coroado de imarcescíveis louros, e, ao morrer, nove anos depois, tombou maior ainda, como gigante, como um Hércules que houvesse concluído tranqüila e conscienciosamente seus doze trabalhos!

Tão grande, tão imensa é ainda a impressão de sua augusta sombra, como que presa à mansão que hoje se orgulha de ser também conhecida pelo seu glorioso nome, que, para mim, parece não ser seu espírito que defronto, quando percorro solitário aqueles amados ambientes, mas sim sua própria figura, viva e movente, como a querer chamar-me, sorrir-me, falar-me, para logo desaparecer cercada do meu respeito e maior saudade. E não me engano ao afirmar que, por certo, todos quanto presentemente trabalham no Itamaraty, se não podem ter essas visões consoladoras, pressentirão, vigilante e imutável, a presença do seu nume tutelar!...

Não tento nem aqui posso – pois seria distanciar-me do plano destas reminiscências – ter a pretensão de querer, mesmo em resumidas linhas, acrescentar novas palavras às muito já escritas sobre a egrégia personalidade de Rio Branco, se bem que todas elas ainda não tenham fixado definitivamente seu perfil moral, seu prodigioso e multiforme talento, seus dons de historiador de raça e de trabalhador atleta, sua paciência de pesquisador beneditino, sua acuidade e senso diplomáticos em face das múltiplas questões e assuntos que tratou, para os quais dispensava o mesmo zelo e metucioso cuidado, fossem eles de suma importância ou de interesse relativo.

Em verdade, só agora começa a ser possível, pela clareza que os anos trazem, o estudo criterioso, sereno, imparcial, documentado, isento de falhas pela abundância de informações, de tão ilustre vida e de tão vasta obra. Mesmo assim isso não será tarefa para um só homem, mas labor para vários, cada qual encarando aspectos diversos da sua privilegiada capacidade mental, para a suprema majestade do todo!

Abalanço-me, no entanto, dentro do quadro das minhas lembranças, a apresentar a figura de Rio Branco, que conheci e tratei, desde que o vi pela primeira vez até o perturbador instante em que me achei frente a seu corpo morto. Minha única intenção, portanto, é a de, daqui por diante, mesmo pálida e imperfeitamente, descrever o Barão apenas como Chefe, fazê-lo ressurgir na convivência dos seus funcionários, como se entre eles ainda vivesse!...

Para mim, Rio Branco era intangível, até nos momentos mais expressivos de máxima intimidade, de encantadora

simplicidade e bonomia, às vezes, quase infantil: gabando uma pérola comprada por cinco mil réis, que não tive a coragem de dizer-lhe falsa; querendo saber, de uma feita, num restaurante do centro da cidade, quem eram duas bonitas moças por mim saudadas, e exclamar, ao inteirar-se serem elas filhas de conhecido tabelião: – Boa pena, a do pai, Sr. Avelino; ao narrar qualquer anedota, singela ou de fundo duvidoso, com aquela sua feição peculiar e sempre de seguros efeitos; ao pedir o apoio do meu braço para cruzar o flutuante das barcas de Niterói, por temor de ver-se afundar por entre as frestas do mesmo, nunca meu rir alcançou escalas altas nem demonstrei jamais nenhum movimento jocoso! Nas raríssimas ocasiões que dele ouvi ríspidas advertências ou queixas de serviço demorado ou mal feito, se em erro, nunca procurei negá-lo; se por descuido de outrem, esclarecê-lo... Pela falta de uma vírgula em certo despacho, fui mimoseado com sermão comprido e memorável! Traguei-o inteiro, sem pestanejar, e como alguém tivesse testemunhado que eu apenas recebera o documento em questão com o pedido de obter sua assinatura e disso lhe dera logo ciência, o Barão não tardou, procurando-me na Diretoria Geral, em desculpar-se. E só dizia, visivelmente contrariado, como justificativa do seu gesto de enfado:

– Mas o Sr. compreendeu bem minha intenção, não é isto?! Porque quando firmo qualquer papel a responsabilidade de quem o copiou desaparece por completo!... O Sr. não se zangou, não foi?!

E assim era ele sempre! Nunca deu ordens que não parecessem pedidos. Para mim, simples Amanuense de 22 anos e

criação sua, convocava-me pessoalmente para trabalhos extraordinários, chamadas telegráficas urgentes, em termos que, mesmo então, me calavam no espírito, fazendo-me correr para seu lado, pressuroso e envaidecido. Como exemplo, este telegrama datado de 2 de junho de 1907: *“Rogo-lhe o favor de aparecer na Secretaria amanhã domingo pelas 7h30 se possível para um trabalho urgente.”*^(*)

O trabalho com o Barão era fácil, pois, diga-se francamente, tudo se resumia em copiar! Sua caligrafia, que ele considerava boa e clara, de difícil compreensão para alguns, tornou-se, por fim, extremamente legível para meus olhos moços. Por estas alturas, como as máquinas de escrever já tivessem feito sua entrada triunfal na Secretaria, meus dedos tamborilavam ligeiros sobre os teclados das *Yost e Oliver*, datilografando páginas e páginas que, muitas vezes, Rio Branco mal terminava de encher em ritmo acelerado, no conhecido papel azul de minutas. Em tais momentos, saltar palavras ou omitir qualquer período, constituía sério perigo... Lembro-me, em ocasião de maior aperto, ter solicitado ao Barão que me ditasse em lugar de minutar primeiro. Ele me respondeu serenamente, continuando a escrever:

– Sr. Avelino, eu nunca soube ditar na minha vida!...

Nem sempre esses apelos tinham rumo normal. Duma feita, citado para comparecer ao Ministério manhã bem cedo, em dia feriado, ao chegar, disse-me o Contínuo Salvador, na sua língua arrevesada, que o Barão só se deitara poucas horas antes! Que fazer!...

^(*) Vide Apêndice Doc. n. 2 (Cópia fotostática).

Estirar-me no melhor dos sofás e... dormir também! Lá pelas 11 horas, Salvador me desperta e eu me encaminho para o quarto do Barão. Quarto é como quem diz... Na grande sala, hoje o gabinete dos seus sucessores na pasta. Recordo-me tanto da cena!... Ele, já em companhia de Araújo Jorge, sentado de novo à mesa na qual estivera até alta madrugada, relia, fumando e parecendo satisfeito, o trabalho que viera de produzir na vigília. Enquanto isso, eu olhava encantado para sua figura imponente, mesmo de pijama! No peito aberto, largo e roliço, de fina corrente, pendia uma medalhinha de santo, manchando de ouro um ponto daquela bela, alva e sadia carnação. Ao divisar-me, deu-me “bom dia” alegre e explicações desnecessárias à guisa de desculpas. Fitando as janelas, extasiado ante o esplendor de tanta luz, declarou-se cansado e nos propôs deixar o labor para depois do almoço.

Creio ter sido nessa refeição o encontro fortuito com o Dr. Francisco Fajardo, seu médico predileto, que, vendo-o diante de substancioso ensopado de camarões com quiabos, com muito arroz e farinha, lhe disse apreensivo e austero: – Sr. Barão que imprudência é esta?!... interrogação logo respondida com voz humilde de criança pilhada em falta: – Mas Sr. Dr. Fajardo, não dizem que camarão é a galinha do mar!...

Se o fato não se passou naquele dia, posso afirmar, porém, que o mesmo ocorreu no restaurante *Paris*, da rua Uruguaiana. Disso tenho a certeza.

Findo o almoço, o Barão, de excelente humor, aventou um passeio a Niterói. Araújo Jorge e eu, exultantes ambos, só enxergávamos pela frente algumas horas mais de liberdade.

Tomamos a barca, cercados pela curiosidade popular, um senhor modesto e idoso perguntando-nos se ele via mesmo o próprio Barão! E logo gente nos rodeando, tolhendo-nos quase os passos, todos pendentes dos movimentos e atitudes do seu grande ídolo, que, de pé, agarrando o chapelão de Chile batido pelo vento, ia-nos mostrando alguns pontos do Rio, que se afastava aos poucos, incendiado em reverberações de apoteose!

O Visconde de Morais, por acaso viajando na mesma barca, apressou-se em vir saudar cortesmente Rio Branco, e já grudado a ele, como pessoa sua, disse que nos mandaria por um bonde especial para percorrermos toda Niterói. O Barão procurou evitar polidamente o amável oferecimento, mas em pura perda! Estávamos, sem remissão, prisioneiros! Em caravana, não pequena, tomamos o elétrico posto à nossa disposição, que rodou horas seguidas pelas praias, ruas, bairros da pacata cidade vizinha, cheia de velhas casas e de velhas árvores.

O final da aventura teve nota imprevista que merece contada.

Quando nos despedimos do Visconde de Morais e acompanhantes, no lusco-fusco da noite, Araújo Jorge e eu vimos, com espanto, o Barão dirigir-se, direito como um fuso, para a barca de retorno, sem temores das frestas do flutuante, falar brevemente com um marinheiro e desaparecer em seguida dos nossos olhos! Pouco depois voltava sorridente, ainda esfregando as mãos no lenço, como que refeito. Inquirido por nós sobre o acontecido, mostrou-se sumamente admirado:

– Os Srs. não perceberam nada?... Oh! senhores!... Diante do nosso silêncio, continuou: – Um daqueles homens do bonde passou o tempo todo metendo os dedos, esgaravando o nariz, e

de que maneira e proficiência! Eu só pensava, com engulhos, no instante fatal da despedida...

– Com licença, Sr. Ministro, pedimos: Agora somos nós que vamos lavar as mãos...

“En resumidas cuentas” como dizia amiúde, encurtando razões, o inesquecível Embaixador do Peru no nosso país, Dr. Vitor Maúrtua (de saudosa memória para seus amigos), só regressamos ao Itamaraty após jantar e dar ainda uma volta pela Avenida Beira-Mar até Botafogo, na macia e elegante vitória, condução predileta do Barão, bem conhecida de todos os cariocas daquelas épocas. Que bom era a gente ser visto nessas ocasiões.

E lá fiquei até 2 da madrugada. Outros assuntos, agora urgentíssimos... Depois de 1,30, os telefones do “Jornal do Commercio” tilintavam sem cessar em apelos desesperados. A folha, composta, pronta para os prelos, aguardando apenas as comunicações do Conselheiro Rui Barbosa, que o Barão, dando-lhes forma telegráfica, mandava ao velho órgão como se fossem do seu próprio correspondente. A Conferência de Paz, na Haia, estava na sua fase culminante.

Algumas vezes seus funcionários tinham que correr para darem cabal desempenho a certos *pedidos* do Barão. Haja vista a carta que aqui transcrevo, comovidamente:

“Gabinete do Ministro das Relações Exteriores – 9 de abril.”

“Amigo Sr. Avelino.”

“Peço-lhe o favor de vestir-se de preto e ir sem perda de tempo, no coupé da Secretaria, que lhe mando, ao cemitério de S. Francisco

de Paula (Catumbry) onde se enterra agora o Conselheiro Sousa Ferreira, ex-redator no “Correio Mercantil” e no “Jornal do Commercio”. O enterro saiu de Copacabana às 7 da manhã. Só agora, 8 da manhã, tive notícia da morte e do enterro. Não há portanto tempo a perder.

“Queira apresentar os meus pêsames ao genro, Dr. Amaro Cavalcanti, do Supremo Tribunal.”

“Meus respeitos à Senhora sua Mãe.”

“Seu muito at^o e obr. – Rio Branco.” ()*

No “coupé” da Secretaria, em desusada velocidade, sacudido como dentro de uma coqueteleira, mesmo assim cumpri o ordenado. Fui depois ao Ministério para comunicar ao Barão ter sido possível desobrigar-me de sua incumbência. Ele trabalhava. Ao ver-me, trajado como recomendara, perguntou-me aliviado: – O Sr. conseguiu sempre apresentar meus pêsames ao Dr. Amaro Cavalcanti?!... Sim, Sr. Ministro, quase à porta do cemitério, quando os familiares e amigos já vinham do sepultamento...

– Agradeço-lhe o favor e desculpe-me pela maçada, Sr. Avelino!

– De nada, Sr. Barão! Respondi confuso... V. Exa. não manda mais alguma coisa?...

Um olhar de receio, de interesse disfarçado, como que envergonhado de formular novo pedido: – O Sr. não se aborreceria se eu lhe rogasse agora passar a limpo este despacho?!...

(*) Vide Apêndice Doc. n. 3 (Cópia fotostática).

– Ora essa, Sr. Ministro, com grande prazer!...

O despacho era de várias folhas, muitas mesmo! Depois disso, almoço de assobio e o expediente normal da Secretaria. E fiquei de preto o dia inteiro...



Reprodução de uma fotografia tirada em 1883, aqui no Rio, na Casa Carneiro & Tavares. Sentados: meu pai (40 anos) e Rio Branco (38 anos). De pé, Alfredo Paranhos da Silva, irmão mais moço do Barão, morto, aos 20 anos, em Paris.

Não é demais redizer que o Barão, pelo seu físico e qualidades de caráter e consciência, era um *vero galantuomo*. Generoso com os mais modestos, tinha deferências especiais como velho contínuo João Ventura, que o conduziu à escola quando menino; o mesmo com o Miranda, antigo policial cavalariano, ordenança que foi do Visconde do Rio Branco, dos que, aos pares e em trote socado, vinham galopando atrás das carruagens dos Ministros de Estado, costume ainda em uso nos começos da República; divertia-se com o Braz de Oliveira, achando-lhe muita graça, principalmente ao apagar das luzes dos banquetes e bailes da Casa; nos últimos anos de vida, Salvador foi seu homem de confiança.

Para os demais, sempre aquela perfeita educação, fria e parecendo um tanto altiva, mas impecável, que atraía e seduzia sem dar lugar, no entanto, a intimidades maiores, barreira natural que ninguém ousava transpor! Seus velhos amigos, talvez!... Um Barão de Alencar, um Heráclito Graça, meu Pai, se vivesse, quem sabe?!...

Discreto e recatado nas suas expansões, dificilmente falava de sua pessoa e méritos. Vaidoso no fundo, isso sim, por não poder sobretudo ignorar o valor do seu próprio eu. Até nesse sentimento mostrava-se curioso, rendendo-se mais depressa se gabado por trazer sóbria e bonita gravata, do que mesmo às felicitações, aos aplausos, por algum novo triunfo ou sucesso alcançado! Tais demonstrações deveriam ser feitas com muito propósito, discrição e comedimento, pois do contrário tornavam-se contraproducentes... Uma coisa enternecia-o sempre: qualquer

elogio a seu Pai, por ele considerado o maior estadista do Brasil. “Ah!... meu Pai”, com que religiosa e amorosa entoação de voz o Barão pronunciava essas palavras evocativas!...

Cioso de si mesmo, não o era menos daqueles que estavam ao seu lado ou sob suas ordens; e mais ainda dos negócios de sua pasta, pela qual, pode dizer-se, morreu sacrificado, envolto no fulgor do lema da sua divisa *Ubique patriae memor*.

Rio Branco gostava francamente da juventude. Como melhor prova, seus derradeiros e devotados auxiliares, Araújo Jorge e Moniz de Aragão.

Cercado de moços, seu semblante rejuvenescia também! A vinda de uma comissão do Centro Acadêmico 11 de Agosto, chefiada por César Lacerda de Vergueiro, para convidá-lo a visitar S. Paulo (recordo-me bem disso porque fui encarregado de ir esperá-la na estação Central e alojá-la no Hotel dos Estados), foi por ele acolhida com especiais atenções, e era de ver-se o carinhoso tratamento dispensado a cada um dos componentes do esperançoso grupo de estudantes, entre os quais, por capricho do destino, estava Eduardo Vergueiro de Lorena, hoje meu dileto cunhado e amigo. Daí datavam minhas relações de amizade, nunca interrompidas, com o desventurado e recordado Cásper Líbero.

Nas festas do Itamaraty, além do elemento jovem feminino, bem escolhido, fazia questão de ter oficiais do Exército e da Marinha, de postos baixos, mas de garbosa

presença, o que quer dizer, na flor da idade. E seus olhos paternos, cheios de orgulho, adoçavam-se ante a beleza clássica de sua filha Hortência, em pleno apogeu, que dele herdara a pureza de traços fisionômicos e a majestade do porte!

Gostava também dos uniformes. Envergava o dele com grande dignidade e comprazia-se em olhar o dos outros. Para nós, funcionários da Secretaria, mandou preparar desenhos de fardões de gala, projeto nunca levado avante. Desses planos devem existir provas nos arquivos. Não compreendia festas sociais sem o brilho dos bordados, dragonas, galões e botões dourados. Na hora da expedição dos convites, recomendava sempre ou mesmo vinha indagar: – Não se esqueceram dos Generais... e dos Almirantes... e, como indicação final, dos Capitães Santa Cruz e Estellita Werner, ambos, em verdade, de esplêndida aparência marcial. Aí do “Coronello” engenheiro Tomás Bezzi, se se apresentasse nas ocasiões oportunas sem seu vistoso uniforme verde, com aplicações brancas, da Ordem dos S. S. Maurício e Lázaro!

Sempre dentro daquela linha de alta compostura, Rio Branco tinha seus momentos de franca jovialidade, chegando até a ser brincalhão. Seu filho Raul, morto, não há muito, em triste e injusto ocase, no livro “Reminiscências do Barão do Rio Branco”, cujo único defeito é o de ser modesto e sucinto, refere-se à pilhéria de que foi alvo, por parte de seu ilustre Pai, estimado colega da Secretaria, por haver morto, a tiros de espingarda, mísero gato do mato, acuado pela matilha de cães da casa de Westfalia, em Petrópolis. Chuva de telegramas laudatórios, cartões de felicitações, sem conta, de conspícuas personalidades, celebrando a proeza e

seu autor!... Por que não citar eu aqui o nome do matador?!... o do boníssimo Eugênio Ferraz de Abreu, só mesmo capaz de eliminar pequenos e selvagens felinos!... O Barão riu-se a bom rir com as conseqüências do caso, depois imitado, por dá cá aquela palha, pelo pessoal do Ministério. Aniversário de um de nós e o Correio despejava centenas de mensagens congratulatórias de diplomatas, políticos, etc. De pouca duração o sucesso do repetido gracejo. As imitações, em regra geral, morrem depressa!

Rir às bandeiras despregadas, como vulgarmente se diz, vi-o eu uma vez, chorando até de tanto gargalhar! Isto se passou num almoço – de encantos inesquecíveis – daqueles vindos de fora e servidos em qualquer canto de mesa, com três ou quatro comensais. O Barão nos contou, então, haver perguntado, dias antes, em colóquio íntimo, ao Ministro da Bolívia, Dr. Cláudio Pinilla, na presença do Chile, Anselmo Hévia Riquelme, se verídico o fato de ter mesmo o celebrado Presidente Melgarejo, em tempestuoso movimento de cólera, obrigado Doña... a mostrar rotunda parte do seu corpo, para ser beijada pelos maridos de umas tantas damas da sociedade, como desagravo ao menoscabo de elas à sua cara metade... E torcia-se de tanto rir, relembando, sobretudo, a cômica expressão da cara do Ministro Pinilla, ante o imprevisto da pergunta e a dificuldade da resposta, ao afirmar entre sério e por fim risonho:

“Son cuentos, Barón!... son cuentos, de los muchos!... El hombre no era tan loco así!”

E para terminar este capítulo – escrito como quem revive passado bem longínquo e ao parecer tão próximo – quero narrar

episódio autêntico e pouco conhecido, sobre as moscas que o Barão cristalizava por pura casualidade, de vez em quando, com pingos de espermacete das decantadas velas, em que acendia continuamente seus cigarros de palha.

Meu irmão Silvino subia, um dia, as escadas do Itamaraty, quando por elas descia o desafortunado Barão de Alencar, muito de nossa casa. Troca de cumprimentos afetuosos, e logo o antigo diplomata, em longa disponibilidade, se queixando, no seu falar fanhoso, das contingências humanas! Com a vinda de Rio Branco para a pasta, ficara esperançado de possível reintegração, sem dar-se conta do inexorável passar dos anos sobre sua pessoa. Desalentado, sem dúvida, pelos resultados anódinos da entrevista que acabara de ter com seu velho amigo, mostrou a Silvino, abanando a cabeça, uma rodela de papel, em cujo centro estava uma mosca *confeitada!*

– Você vê?!... Enquanto eu falava, Rio Branco, que me ouvia em silêncio, matou esta mosca, recortou pacientemente esta circunferência e... deu-me como despedida! Passando, por sua vez, a pequena e curiosa rodela ao Silvino, disse-lhe entre dois suspiros: – Assim é a vida!... Para uns tudo; para outros... mosca!

Capítulo IX

Minha primeira casaca

Capítulo IX
Minha primeira casaca

Suave lembrança a deste capítulo, parêntese que abro alegremente nesse relembraçar incessante de nomes e episódios, talvez ingênua em sua essência, mas tão cheia para mim, que a escrevo, de renovados encantos. Minha primeira casaca!...

Tinha eu quase três meses de nomeado quando se reuniu nesta capital o 3º Congresso Científico Latino Americano. Vejo-me, com outros colegas, depois do expediente acabado, por várias tardes, enchendo convites para a sessão inaugural do mesmo, e para o grande banquete, daí a dias, no Itamaraty, tudo isso feito em volta à larga mesa central da 2ª seção. Listas múltiplas e infindas, Corpo diplomático, toda a Mesa e Comissões do Senado e da Câmara dos Deputados, Ministros de Estado e altas autoridades, academias, centros de estudos, sociedade, que sei eu! A azáfama costureira das coisas feitas à última hora, perguntas de endereços, corrigendas de outros, galhofar de alguns ao verificar, como nas eleições nacionais, nome de qualquer figurão morto, teimando em conservar-se nas relações dos vivos! Eu, bisonho ainda, deixava correr a pena, pensando nas partidas de bilhar perdidas ou imaginando como seria agradável participar também daquelas próximas festividades, as primeiras da minha vida pública, que previa de seguros deslumbramentos...

De tempos a tempos o Barão vinha trazer-nos nova lista de nomes por ele mesmo elaborada e até com as respectivas direções, ou, sentando-se ao nosso lado, fazia de próprio punho uns tantos convites, demonstração muito pessoal de apreço ao destinatário. Em tais instantes, quem quebrava o silêncio reinante era sempre o Barão, interessado pelo andamento do trabalho ou tecendo comentários oportunos a respeito de certos convidados. De um destes, recordo-me bem, não naquela ocasião, mas em outra semelhante, das muitas em que servi de escriba: tratava-se de parlamentar ilustre, prezadíssimo pelo Barão, que o não perdoava pelo seu desleixo corporal: – Os Srs. já tiveram a curiosidade de observar como são sempre sujos os seus colarinhos e punhos?!

Terminávamos a derradeira jornada daquele serviço extraordinário, eu bastante satisfeito por entrever o fim de tarefa tão enfadonha, quando, atento à revisão dos convites a serem expedidos, senti que alguém me batia no ombro; era Raimundo Pecegueiro do Amaral, sempre misterioso nos seus apelos. Chamou-me e, dirigiu-se para uma das sacadas da sala. Tardou em falar-me, como de seu hábito, antes de transmitir qualquer recado superior. Por fim, disse-me em voz baixa, soturna:

– O Sr. Barão quer que você venha também ao banquete...

Caí das nuvens e senti o sangue fugir-me das faces! Que entaladela!... Se o caso se passasse hoje, dada a franqueza atual, a resposta viria fácil: – Com que roupa?!... Mas naqueles honestos tempos esta expressiva frase não fora ainda inventada, e por isso e por supor, igualmente, ser motivo de severa crítica a falta do traje

de rigor para quem já era funcionário do Ministério do Exterior, respondi em cólicas:

– Ouça Pecegueiro, isso é o diabo!... eu não posso vir ao banquete. Você compreende...

– Por quê?... O Barão quer ver seu pessoal a postos e faz questão do elemento moço...

O chão faltava-me! Do fundo d'alma, em desespero de causa, exclamei a tremer:

– É que eu não tenho casaca!... Arrependido e temeroso da confissão, acrescentei de um jato: – Casaca tenho, uma velha, que foi de Silvino, em petição de miséria, sem forros nas mangas, servindo a todos meus amigos, melhor que a mim por serem as abas tão compridas que, quando desço escadas, sinto-as baterem nos degraus posteriores... Você sabe que Silvino é mais alto do que eu...

Tão agitado me encontrava que não percebia o olhar socarrão do Pecegueiro nem sua insistência que julguei perversa:

– Não sei como você se arranjará?!... Acho mais prudente você vir mesmo com a casaca do Silvino!

– Isso é impossível!... prefiro arcar com as conseqüências! Olhe, Pecegueiro, salve-me desse embrulho! Explique tudo ao Sr. Barão. Bem sei que eu deveria ter casaca nova, minha de verdade, porém me faltam os meios, mandei fazer outras roupinhas, ainda estou pagando o imposto de nomeação...

Foi quando reparei que o bom amigo me abandonara, caminhando lento como que se esforçando para não rir francamente. Ao voltar para a mesa, houve uma pergunta única: – Que se passa, *seu* Luís?

– É que o Barão quer que se venha ao banquete e eu não tenho casaca.

Uns tantos companheiros empalideceram também...

Poucos instantes depois, eis que aparece o Barão e me interpela zombeteiro:

– Que história é esta, Sr. Avelino, de uma casaca que o Sr. possui, esfrangalhada, cujos rabos são tão longos que varrem os degraus das escadas?!

Ampla e sonora gargalhada ecoou pela sala! Quase tive uma síncope, não sem amaldiçoar antes o Pecegueiro, homem sem entranhas e delator de misérias alheias. Enquanto isto, Rio Branco prosseguia:

– Nos meus tempos de moço alugavam-se casacas! Havia casas de confiança... Pegando a deixa, interrompi o Barão:

– E ainda hoje, como não!...

Pensava estar salvo, pois me lembrei da Caixa Beneficente do Ministério, da qual já me fizera sócio. Seria meu primeiro empréstimo...

– Compram-se também feitas, não é exato? Continuou o Barão. E eu respondendo: – Perfeitamente... e ótimas! Na *Torre Eiffel*, por exemplo, é o que não falta e dos últimos modelos, afirmei conquanto prevendo o vultoso aumento do empréstimo na Caixa!

– Pois então o caso está resolvido e o meu desejo é que os Srs. venham todos me ajudar, disse o Barão parecendo satisfeito.

Ficamos calados por alguns instantes. Três ou quatro dos colegas exultavam com o convite; estes tinham casacas... Outros três ou quatro fitavam-me com olhos atravessados, como se eu

fosse culpado do que se passava. Pausa desagradável, incômoda para minha pobre pessoa.

Raimundo Pecegueiro, passado um bom quarto de hora, torna a aparecer, fisionomia fechada, impenetrável, como de ave agoureira. Chama-me de novo para um canto, e, como se me confiasse segredo de Estado, manda-me preparar recibo pela quantia de 300\$000, que o Ministro me atribuía como recompensa de serviços prestados fora das horas regulamentares. – Caluda!... mesmo para os companheiros!... Aliás esta fórmula de discrição, como verifiquei depois, era sacramental, sempre que lhe tocava distribuir gratificações. Acrescentou ainda: – O dinheirinho é para a casaca, não se esqueça disso... Aí fiquei sem ar e rubro de emoção. Oh! casa de surpresas!... Oh! divindade generosa!...

Todos os restantes, um por um, pelo mesmo processo, foram igualmente aquinhoados; nem todos, porém, compraram casacas novas nem vieram ao banquete! Com o Barão, no entanto, não se brincava... Ele era humano e não isento de fraquezas – esses ficaram marcados!

Na manhã seguinte corri à *Torre Eiffel*. Napoleão Reys que, na véspera, ao sair, me perguntara se realmente minha informação ao Barão era digna de crédito, já ali se achava para enfarpelar-se de gala. Conhecendo bem o velho Chico Portela, dono da casa, o barbado, fomos atendidos como fregueses de distinção. Meu caso era simples: tinha, então, corpo esguio e fácil, tipo “*stock-size*” dos americanos. A primeira casaca experimentada, com ligeiros retoques, ia-me como uma luva. No cubículo de

provas, ao lado, ouvia a voz metálica, de serra, do caro Napoleão Reys, menos feliz do que eu, pelo seu porte e corpulência, sujeitando-se a experiências sucessivas.

Enquanto isso eu comprava meu bom par de meias de seda preta, camisas, gravata branca, para armar laço de borboleta, e lenços de linho! Sempre achei especial prazer em gastar, mais ainda com pólvora inglesa... E como o dinheiro rendia naquela doce quadra! A casaca de 150\$000, ficou por 140\$000. Da *Torre Eiffel* passei para a *Casa Colombo*, do outro Portela, o Antônio (que dois cearenses notáveis!), na qual adquiri vaidosamente luzida cartola *Délion*, por 40\$000, e um par de sapatos de verniz por 25\$000. Incrível!... Só então respirei satisfeito: Estava armado Cavaleiro! O mundo agora era meu...

E fui à sessão inaugural do Congresso e fui ao banquete no Itamaraty. Naquela, no velho teatro São Pedro todo engalanado, solene e concorrida, comovi-me ao ver, por primeira vez, Rio Branco discursar em público, e como guardo nos ouvidos o trecho da sua elevada oração, hoje de antologia: “Eles (os congressistas) dirão sem dúvida que viram uma bela terra, habitada por um bom povo, terra generosa e farta, povo laborioso e manso, como as colméias em que sobra o mel”. Fiquei, igualmente, arrebatado, ao escutar o verbo moço, torrencial e flamejante, de César Bierrembach, silente pela morte poucos anos depois!

O banquete foi um caso sério. Vejo-me – numa das pontas da mesa, em forma de *U* ou de *M*, não me lembro mais – espigadinho e orgulhoso, todo no trinque, convencido de estar representando papel de responsabilidade e importância, atento aos

meus próprios movimentos, deslumbrado e temeroso ao mesmo tempo, servindo-me, comendo e bebendo com cuidados especiais. Em outras ocasiões semelhantes (e elas foram tantas), já tudo aquilo de caviar, patês, *pièces montées*, e o resto das outras iguarias, com seus ingredientes e molhos adequados, não mais me perturbava e bem ao contrário, aos poucos, deles ia-me tornando apreciador voraz e entendido. Meu senso olfativo desenvolveu-se cedo ao sentir o *bouquet* dos excelentes Bordéus e dos escorregadios borgonhas, vinhos generosos para os quais devotei, com o passar dos anos, culto especial.

Se com o Rio Branco, em verdade e por qualidades negativas minhas, pouco aprendi do que mais me seria útil na vida, devo-lhe, em compensação, as regras e os exemplos de etiqueta social e as escrupulosas atenções por ele sempre dispensadas aos seus hóspedes e comensais, que procurei imitar no decorrer de minha carreira e que me valeram sucessos. Ninguém, de fato, melhor que o Barão para combinar um *menu*, fosse de um simples jantar íntimo ou de grandes proporções, não se pejando nunca de descer a tais minudências. Daí uma das razões de sua injustificada fama de *comilão* empedernido, que à de fazer muitas das suas refeições, em horas desencontradas do dia e da noite, em conhecidos restaurantes da cidade, ficou lendária. Bom garfo ele o era, mas como todo homem educado e superior, gozava os prazeres da mesa não somente pelo agrado do que comia, porém sim pela companhia dos seus assistentes, estes sim mais parcos, pelo encanto de ouvi-lo em tais oportunidades.

Para ser justo comigo mesmo, devo dizer não ser eu apenas, no ágape em questão, o mais tolhido de gestos e receoso de

algum desastre imprevisto e acabrunhador. Outros companheiros mais antigos na Casa, mas ali fazendo sua estréia, pois, até então, Cabo Frio, como já disse, se opunha a que amanuenses tomassem parte em banquetes oficiais, não estavam em situação mais confortável. Um deles (como sorrio ao lembrar-me do episódio!), passou mau momento: Sentados nos derradeiros lugares da mesa, as travessas quando chegavam ao nosso lado já vinham bem desfalcadas, e, assim sendo, vejo o pouco observador colega agarrar impávido o talher de servir e metê-lo em cheio, rijamente, na massa consistente de farinha de trigo, base do complicado arranjo arquitetônico do prato apresentado, logo grudado a ela, o que levou o criado a dizer, atrapalhado e assustado com aquele sacudir violento:

– Sr. doutor, isso não é para comer!...

Para terminar este capítulo, devo dizer que nós, os da Casa, éramos os últimos a despedir-nos do Barão, a quem agradecíamos a honra do convite, gabando a festa. Foi nesse instante que Rio Branco me fez girar sobre os calcanhares e perguntou e me disse, satisfeito, em tom aprobatório:

– É a casaca da *Torre Eiffel*?!... Pois, Sr. Avelino, está bem boazinha...

Para tantas e tão gratas sensações de vaidade, o reverso da medalha foi imprevisto e desconcertante. Tomara o bonde no Largo da Carioca para recolher-me, afinal, ao meu aconchegado quartinho da Pensão Amaro, encolhido em ponta de banco, fumando, com volúpia, charuto governamental, quando ao passar

pela rua Senador Dantas, em frente a restaurante de maior frequência noturna, fui despertado bruscamente da gostosa modorra em que ia caindo, pelos gritos repetidos de:

– Ó chaminé!... ó chaminé!...

O bonde parara justamente naquele perigoso lugar, não atinando eu, a princípio, com o motivo intempestivo da chacota. Volvi-me espantado, sem dar-me conta, para o grupo apupador de rapazes e raparigas. Nele vi brejeiro rostinho, muito conhecido e apreciado! Meu amor-próprio, então, foi ferido em cheio, ao perceber ser eu o alvo da vaia pela minha pomposa cartola *Délion!* Como chicotada final, a voz histérica da francesinha, voz nova para mim, bem diferente dos sussurros ouvidos em outros ambientes, insultuosa e estridente:

– Ó chaminé!... chaminééé!...

Capítulo X

Outros companheiros da primeira jornada

Capítulo X

Outros companheiros da primeira jornada

Mesmo escrevendo tanto, vejo ainda que não falei em todos os colegas que formavam o quadro do pessoal superior da Secretaria de Estado, quando para ela entrei. Muitos deles já foram citados no decorrer destas reminiscências, presos às lembranças que espontaram naturalmente. Os que faltam, nem por isso estão menos presentes nestas recordações, a maioria, infelizmente, só vivendo nas saudades, pois há muito deixaram este mundo, silenciosos como nele passaram. Alguns ficaram em meio da jornada, outros atingiram a meta final da carreira, porém sobre quase todos já desceram as tristes e pesadas sombras do esquecimento, tornando hoje seus nomes interrogações para aqueles que lêem os velhos relatórios por simples espírito de curiosidade, ou, o que é mais raro, num desejo de investigar o passado.

Entretanto, como os que agora movem quotidianamente a máquina administrativa da Casa, também eles, no seu tempo, moviam-na com igual proficiência e devotamento, em benefício do país e do seu próprio prestígio, respeitável e vindo de longe. Foram obreiros que merecem louvores, e, como é humano, não lhes faltaram nem injustiças, nem desenganos. Portanto, nada mais justo que

os relembre também aqui e, para cada um dos ainda não mencionados, tenha uma comovida palavra que os faça reviver, mesmo fugazmente, no convívio da grande família do Itamaraty.

Ernesto Augusto Ferreira era o detentor das finanças, a contabilidade do Ministério estando quase inteiramente a seu cargo, função que zelava como cão de fila. De um lado, isso lhe trazia grande influência; de outro, aborrecimentos e malquerenças sem conta. Gênio concentrado, irritadiço às vezes, nunca deixou de ser devidamente respeitado e apreciado como homem e funcionário.

Arino Ferreira Pinto, meu querido Arino, apagando-se por inclinação, afligido por surdez impenitente, em crescendo com o passar dos anos, era um retraído e um bom. Grande amizade, desde um começo, me ligou a tão excelente colega, que chegou a Chefe de seção. Em épocas distantes, acompanhei a ambos na dolorosa caminhada para o desconhecido, somente feita com a ajuda de amigos, mais contrito na do segundo, sobretudo por, com o passar da verde mocidade, melhor avaliar a majestade e a significação da Morte!

Manuel Raimundo de Meneses durou mais para sofrer mais. Quem poderá esquecer-se do *Menéz*, miudinho, graveto em pé, andando aos saltinhos, queixando-se sempre da vida, preterido mil vezes, e, o que é mais curioso, não morrendo por isso e sim de amor, ao perder a mulher, união

contraída tarde e que ele quis continuar, sem perda de tempo, na outra vida, perene e seguramente mais consoladora.

E Henrique José de Saules, a correção em pessoa, delicado como uma dama, gaulês pelo físico e pelo espírito, tipo perfeito de *boulevardier*, andando com certa dificuldade, forçando os passos quando chamado com urgência, esforço visível que Gastão da Cunha classificava de – vir em 4ª velocidade. Gostava de tirar fotografias e de uma feita, cheio de cautelas e maior afeto, antes do expediente, fixou-me em memorável pose, com suspeito retrato feminino figurando na minha mesa de trabalho, ornamento clandestino que desaparecia por encanto ao menor ruído de passos...

E Raul Adalberto de Campos, colega mais idoso do antigo Internato do Ginásio Nacional, cabeçudo, olhos azuis, claros e giratórios, à flor da testa, extremamente expressivos, brigão, grialhão, falando pelas tripas de Judas – voz de atravessar paredes – inteligente como ele só, um dos mais vivos talentos, uma das organizações mais robustas, como trabalho e saber profissional, que têm passado pelo Itamaraty. Discutido nas suas atitudes, pode ser! Negado no seu valor, jamais! Era Amanuense novo quando tomei posse. Fez brilhante carreira e atingiu os altos postos; mandou “um pedaço” na Casa, talvez mesmo com certo despotismo, fazendo e desfazendo movimentos diplomáticos e consulares, favorecendo amigos e criando inimigos, dando tudo aos primeiros e indiferente aos segundos, e, para seu próprio prejuízo, formando em torno de sua pessoa o primeiro “clã”

do Ministério. Em plena ascensão ou num começo de declive, como queiram, foi morrer na Alemanha, onde se achava em comissão, como me disseram, por incompreensível desconhecimento dos seus males pelos luminares da ciência médica que o atenderam, na quadra em que a vida melhor lhe sorria. Seu nome, sem dúvida possível, é o mais sonante à moderna geração do Itamaraty de quantos venho relembando. Eu, pessoalmente, muito quis a Raul de Campos e imenso é o carinho que conservo pela sua memória, venerada como coisa preciosa.

Agora mesmo, escritas as linhas acima sobre o saudoso colega, linhas de gratidão e saudades, ia nelas por um ponto final quando me lembrei que, promovido a 1º Secretário de Legação, isso no Chile, quase fui dar com os costados na China, transferência nada de especial nem menos apreciável, a não ser pelo motivo que me levaria a tão distante posto: – “para que o Luís amasse chinesas”, conforme queria o velho amigo...

Do pessoal subalterno, ninguém mais existe. O austero porteiro Paulino José Soares Pereira, o bom amigo das barbas brancas e bem cuidadas, que, como contei ao abrir estas páginas, me acolheu comovido quando entrei pela primeira vez no Itamaraty, anos depois cedia o posto para Antônio Pereira de Miranda, a antiga ordenança do Visconde do Rio Branco, substituído, por sua vez, pelo Miguel José da Costa, o *Careca*. Todos mortos!... Também os correios Carlos Maurício da Silva e Joaquim Fernandes de Sá.

O Barão tinha em muita consideração o Pereira, Coronel da Guarda Nacional, que mantinha pelo seu próprio feitio e pelos seus galões, disciplina militar no seu reduzido setor, o que não conseguia no dos seus gordos perus, quando provocados pelos longos assobios de Rio Branco, em horas desencontradas, que gostava de ver a cara de espanto do Pereira, saindo de casa esbaforido, ao ouvir o grugulhar das aves assumir proporções uníssonas e intempestivas. Do bom Pereira, se outras razões não tivesse para querê-lo, guardo ainda duas recordações mais nítidas: ter-me obrigado a entrar, sem delongas, para a Caixa Beneficente do Ministério, mostrando-me com a maior seriedade a singular vantagem de, com isso, ficar eu com imediato direito a gozar da quantia para... o funeral! Mesmo aumentada, felizmente, até hoje não me utilizei desse proveito... E querer-me fazer, igualmente, oficial do seu batalhão! Aí pegou o carro; oferecia-me o posto de capitão e eu queria o de major! Discussão, argumentos de parte a parte, e por fim o *meu Coronel*, acalorado e perdendo a paciência e linha, verberando-me: – Major!... Onde já se viu tanta pretensão!... Major, com esta cara, menino!... Logo caindo em si, acrescentou polido e pesaroso: – Perdão, *seu Dr.*, que cabeça a minha!... Prefiro perder um companheiro d’armas a um amigo e... chefe!

O Miranda era grave, sentencioso no falar e, com o Miguel, atendia em cima os visitantes e as partes, alisando com lentidão seu basto cavanhaque, enquanto o segundo brincava com vistosa medalha dependurada na corrente do relógio –

cobra de ouro, enroscada, em cuja boca cintilava brilhante de bom tamanho – que muito me impressionava não só por achá-la curiosa como por pensar, caso fosse ela minha, quanto renderia no “prego”. Dos dois correios, idéia menos precisa! Apenas a certeza de que um deles tinha volumosa bicanca, violácea e esponjosa.

Por felicidade minha, da primitiva turma, ainda há *Deo gratias*, uns tantos resistentes, rijos aposentados como eu, testemunhas para tudo quanto venho narrando, talvez em desacordo, aqui e ali, com certas apreciações e afirmações minhas, mas todos eles, disto estou seguro, remoçando com a leitura destas páginas. Deste punhado de veteranos já fiz referências a Zacarias de Góis Carvalho e a José Maria de Campos Paradedda, faltando, portanto, citar ainda os nomes de Gregório Pecegueiro do Amaral e Carlos Ferreira de Araújo.

Gregório Pecegueiro do Amaral, já 2º Oficial quando assumi meu lugar, servia com Carlos Ferreira de Araújo, Amanuense, na 3ª seção; por isso mesmo só aos poucos começou nossa intimidade e afeto, perduráveis até hoje. Se bem cada qual para seu lado, pelas contingências do viver moderno, quão grato os nossos furtivos encontros pelas ruas da cidade, momentos de satisfação para mim e, creio, para eles também. Apenas, nos olhares, vaga sombra de melancolia... Por muito que queiramos encobrir, sentimos mutuamente ao divisarmos que algo de precioso em nós existente já passou sem remissão! No futuro não se fala, pouco

no presente e unicamente o passado esponta inevitável nas rápidas palavras que então trocamos.

De Gregório conservo, entre outras inúmeras recordações, a muito pessoal de sua inclinação filatélica, conseguindo mesmo que eu iniciasse uma segunda coleção de selos, que como a primeira, começada em menino, não foi avante. De Ferreira de Araújo, duas memórias bem vivas: ser, além do que eu era, repórter da *Gazeta de Notícias* e o único tradutor das notas escritas em alemão endereçadas ao Ministério, saber que me impressionava sobremaneira.

Matematicamente a proporção dos vivos (sete ao todo) é consoladora, pois dá ainda pouco menos de 30% sobre o total dos 26 “funcionários de pena” que éramos em 1905. Entretanto que enorme o vácuo aberto nessa cadeia de respeitos e amizades – cuja unidade era exemplar – pelo desaparecimento paulatino daqueles que já dormem o grande e eterno sono...

Capítulo XI

Mudo de seção

Capítulo XI
Mudo de seção

Não tinha ainda seis meses de Ministério quando, certo dia, Artur Briggs me anuncia que, a pedido do Comendador Frederico de Carvalho, acabara eu de ser transferido para a 2ª seção. Para maior surpresa minha o querido chefe (só no seu bondoso olhar havia alguma emotividade!), deu-me palavras mais de felicitações do que mesmo, como esperava, de aborrecimento ou relativo pesar pelo brusco afastamento de um dos seus subordinados, visivelmente já encaminhado pela sua pessoa, ao lado de quem sempre se manifestara atento ao serviço e grato ao mestre, aprendendo com agrado não só a parte rotineira do expediente, como já redigindo despachos e notas mais simples, que ele, corrigindo-as ou enquadrando-as no estilo oficial, me fazia recopiar a fim de que fossem sem emendas à aprovação do Barão, donde voltaram com o apetecido V/RB (Visto – Rio Branco), na margem superior direita da minuta.

– Pois é assim mesmo, meu caro Luís!... É vezo antigo do Comendador... Quem aqui entra e demonstra assiduidade e zelo, é raro que não vá parar na sua seção. É um catador de bons elementos, o que prova que você se vai impondo na Casa. Eu estava rubro ao ouvir estas palavras. O bom Briggs continuou: – Sinto perder sua companhia, mas acredito que para seu porvir a mudança seja proveitosa. O nosso Visconde não pode durar muito e o

Frederico dentro em pouco será o Diretor Geral... Além do mais, ele é um bom amigo.

Palavras proféticas, essas! Não foi, porém, sem aperto no coração que recebi a nova. Instantes depois, em lugar que a decência evita a precisão, encontrei-me com o Comendador que, abotoando a braguilha, me disse sibilante, com ar vitorioso de ave de rapina ao apossar-te de presa imbele:

– Agora o senhor está debaixo de minha férula!... Confesso que achei o local, o gesto e a advertência, de mau agouro.

No dia seguinte, depois de esvaziar minhas gavetas e de despedir-me, com um nó na garganta, do chefe Briggs e dos bons companheiros Vital do Espírito Santo Fontenelle e Napoleão Reys, como quem fosse viajar para longe, com armas e bagagens (canetas e lápis e a citada raspadeira tão de meu apreço), percorrendo seis ou oito passos quando muito, apresentei-me, como bom soldado, ao Comendador Frederico de Carvalho, na sala contígua, seus domínios, em tudo semelhante à que vinha de deixar. Ao menos para a minha sensibilidade não estranharia o local, pois até a mesa que me coube era igual à anterior, apenas colocada em frente às janelas.

O bravo Comendador, quando me viu chegar, algo contrafeito e ressabiado, apontando-me a escrivaninha, desabafou logo:

– Sente-se e... não tenha medo de mim, que não sou nenhum bicho papão!... Você aí, *seu* Paradedá, como mais graduado, tome conta desse menino e dê-lhe trabalho... O Protocolo, donde o Senhor vem, é água com açúcar... Esta seção,

nervo vital do Ministério, é a pedra de toque dos bons funcionários... Parou satisfeito com a tirada, interrogou-me: – Ah!... e o Senhor não foi ainda agradecer ao Visconde a sua transferência?!... Pois vá...

Cabo Frio ia-se apagando como vela consumida. Em pé, movendo-se vagamente em curtos trajetos, seu corpo assemelhava-se a arco bem recurvo; sentado, toscanjava sempre. Começara a faltar; nem todos os dias, às nove horas precisas, o tálburi que o trazia da rua do Riachuelo parava à porta do Itamaraty. Era o princípio do fim de uma grande e nobilíssima existência, toda ela dedicada ao serviço da Nação, exercida com alto espírito de devotamento e apreço à Casa, que ora mudara de direção e dono. Símbolo de passadas tradições, por certo, mas sólido alicerce para a nova era que Rio Branco já iniciara com inusitado fulgor, modificando seus moldes de ação e trabalho. Agora o respeitável velhinho respondia às saudações diárias com balbucios que mais pareciam grunhidos, e quando qualquer de nós dele se aproximava para alguma comunicação ou pedido pessoal, apenas abria um olho e invariavelmente fazia repetir as primeiras palavras com uns hein!... hein!...

Naquela manhã ao entrar no seu gabinete e ao pronunciar o sacramental: – Com licença, Senhor Visconde! O nobre ancião, entortando a cabeça para minha direção, colocando a mão, em concha, de encontro ao ouvido direito, soltou um dos seus hein!... hein! Repeti o pedido de permissão e acrescentei:

– Venho à alta presença de V. Exa. para agradecer-lhe devidamente minha transferência para a 2ª seção...

– Ah!... muito bem! Não tem de que!... Foi coisa do Sr. Carvalho, à qual não se opôs o Senhor Briggs. Pequena pausa e imperceptível sorriso: – Seja feliz e continue como vai!...

Foi este o único elogio que recebi de Cabo Frio! De valia, entretanto, para um novato como eu.

Paradedda (que bigodeira flamante era então a sua!), não tardou em passar-me maciamente às mãos, como quem presenteia saboroso bocado, o belo trambolho das cartas rogatórias! Simples, de fato, o trabalho, mas que abundância, que volume, que jato interminável de pedidos vindos de justiças estrangeiras, solicitando, das nossas, cumprimentos os mais diversos. De Portugal, chegavam às dúzias. Bilhetes verbais de encaminhamento ao órgão competente, outros de recebimento às legações, novas de devolução às mesmas, um nunca acabar de minutas quase semelhantes. Como se isso não bastasse, o Comendador Frederico deu, como já me afiançara Félix Cavalcanti, para simpatizar com minha letra. E lá vieram notas, avisos e despachos para passar a limpo! E também umas extensas circulares para serem endereçadas aos nossos agentes diplomáticos e consulares, prevenindo-os contra as artimanhas do famoso intrujão Adolfo Brezet, que se fazia passar por Presidente do imaginário Estado Livre do Cunany, que, conforme afirmava o Barão num desses documentos “não existe senão nas publicações de Brezet que são um tecido de imprudentes e ridículas manhas com que procura apanhar dinheiro de papalvos no estrangeiro.” Em outro acrescentava: “É uma República de comédia com sede em Paris”; “Personagem de opereta, que se intitula Duque de

Beaufort e de Brezet e Visconde de S. João”. “Tramóia do Cunany” como qualificava as atividades do embusteiro Brezet, mas para as quais estava alerta como se se tratasse mesmo de caso de possível e remota base de futuras complicações internacionais. Para o grande homem tudo merecia cuidados e para ele nosso solo era intangível até para um desclassificado flibusteiro!

Um desunhar sem conta! Entretanto, em pouco tempo, achei que “a escola era risonha e franca”, os atropelos do chefe, tempestades em copo d’água e os companheiros, mais moços, mais vibrantes que os deixados.

Lucilo Bueno pelejava para embelezar sua horrenda caligrafia e José de Abreu Albano, que a tinha redonda e grossa, pouco disposto a vê-la apreciada. Albano, conquanto da nossa leva de amanuenses, só se havia empossado meses antes, vindo da Europa, lutando com a aclimação no nosso país e no cargo. Que curioso homem de físico e mentalidade! Altura mediana, barbas de nazareno numa cútis de nível cetim, cabelos cor de havana, sedosos e longos, emolduravam um rosto de traços perfeitos, iluminado por olhos sonhadores. Sobrecasaca marrom escuro, cintada, dava-lhe o aspecto de personagem de *Henri Murger*, Rodolfo limpo e bem cuidado. Alma de poeta e poeta de verdade. Purista no escrever e no falar, vivia fazendo sonetos camonianos e quadrinhas deliciosas, inspiradas num amor latente, no farfalhar das palmeiras, no arrulhar das rolas e nas afirmativas dos bem-te-vis, rumores vindos de fora, estro exasperante para o Comendador (que das musas só compreendia as de carne e osso), furioso por ter

um vate como auxiliar e mais ainda ao saber ter ele qualificado seus excessos de linguagem como... arrotos latrinários!

Pobre Albano!... Arrastou-se ingloriamente pela Secretaria até trocar sua função vitalícia pela precária de auxiliar de Consulado, que abandonou a seguir, vagando pelo mundo ao léu do vento. Morreu na França, onde viveu por longos anos, misantropo, em penúria, desleixado qual um Verlaine, finando-se, é bem possível, entre sonhos róseos e rimas ricas.

Araújo Jorge (Artur Guimarães de Araújo Jorge), com menos de um ano de estágio como auxiliar dos Tribunais Arbitrais Brasileiro-Boliviano e Brasileiro-Peruano, passou para o quadro da Secretaria de Estado, no seu posto inicial, e veio para nosso lado. Lembro-me perfeitamente de vê-lo conosco, muito sério e calado, na mesa grande central da seção, puxando, como eu, o cursivo. Chegado do Recife, já bacharel formado, com fama de grande estudante, autor de um livro filosófico de concepções abstratas e arrojadas, e, sobretudo, disposto a abrir caminho na vida. Talento de primeira água, cultura sólida para seus verdes anos e... um gênio alegre, qualidades mestras para vencer em qualquer carreira. Em pouco suas gargalhadas dobradas, cristalinas e contagiosas, ressoavam e quebravam a austeridade daqueles graves ambientes. Seus créditos estavam firmados. Rio Branco, com seu olhar arguto, não tardou muito em chamá-lo para seu lado.

Mas, para sempre, meu caro Jorge ficou sendo aquele rapaz um tanto áspero e fugidio dos primeiros contatos, magro, andando com passos de pnalta, melenas abundantes, pincenê preso por fita negra, fraque provinciano, mirada expressiva e penetrante.

Depois a encantadora mudança do seu ser, identificado ao meio, tornando-se o colega ideal, afetivo, despreocupado com seus sucessos constantes e cada vez mais exuberante, mais atraente nas suas expansões.

A Casa, força é confessar, recebera com a entrada de tanta juventude, como que uma transfusão de sangue. Os mais antigos estavam abismados com as modificações presenciadas dia a dia, que aceitavam e adotavam com prazer, quebra de antiquados hábitos que, sem transformar-lhe a tradicional fisionomia, sacudia, enrijava, revigorava seus nervos e músculos. Não viam eles que o artífice desse movimento era o próprio Barão, injetando seiva fresca no velho mas sadio organismo! Daí para diante seria um entrar de moços no Itamaraty, que honraram ou honram ainda seus quadros, nomes que então eram chamados pejorativamente de “os meninos do Barão”.

Capítulo XII

O Comendador

Capítulo XII
O Comendador

Frederico Afonso de Carvalho, para nós o Comendador Frederico, ou “tout court” o Comendador, ou ainda, de quando em quando, o Feféca, merece capítulo à parte que, ao menos para mim, já tardava. Dedico, pois, à sua memória, com reverência e saudade, estas linhas, pobres mas sentidas, isso por dever-lhe muito, por ter sempre nele encontro, desde que fui para seu lado, um amigo sincero, um apoio constante e um carinho especial pela minha pessoa, e também e especialmente porque sua atuação no Itamaraty deixou rastro inconfundível de sua passagem.

Filho do Cons.^o Alexandre Afonso de Carvalho, antigo e austero Diretor de seção, sucessor eventual de Cabo Frio, com várias interinidades ilustres na Diretoria Geral, Frederico de Carvalho, bem moço ainda, andou pela Inglaterra cursando escolas de comércio, aprendendo com mais inclinação, muito de ouvido, o inglês de Bond Street e dos Music-Halls de Leicester Square, que veio a falar correntemente, com ótima pronúncia. Ao ir eu para a 2^a seção, meus conhecimentos da língua de Dickens – cujos encantadores livros tive a fortuna de lê-los, no original, em Londres – eram rudimentares em extremo: razão para invejar o caro chefe sempre que o ouvia expressar-se no difícil idioma. Já auxiliar da Diretoria Geral, causavam-me espanto seus abundantes erros, ortográficos e gramaticais, nas minutas que produzia em qualquer

papel, descuidado e com pressa, na sua garranchosa letra, faltas emendadas com critério e competência por Zacarias de Carvalho e até por mim (o momento urgindo), caso em que, estou mais que convencido, muitos e grandíssimos camarões escapariam pelas malhas da revisão, apesar de valer-me sempre de dicionários. Só agora, porém, posso certificar a veracidade do que narro.

Deveria ter sido esbelto jovem, galante e bem plantado nas pernas, pois, como já disse atrás, era ele todavia, ao entrar eu ao Ministério, aprumado homem, de maneiras sedutoras, quando não perdia o equilíbrio; mesmo nesses momentos era original nos seus esgares e esbravejamentos, congesto, gesticulando desordenadamente, e sobretudo com uma incontinência de linguagem de fazer corar frades de pedra...

Sua pseudo vocação comercial durou pouco. Chegando ao Rio empregou-me em elegante chapelaria e, talvez por estar imbuído de certa rudeza muito comum aos retalhistas britânicos, depois de acalorada discussão com um infeliz comprador, despediu-se naquele mesmo instante dos estarrecidos donos do estabelecimento (que nele haviam depositado tão grandes esperanças!), mandando às favas comércio e chapéus... E por falar em chapéu, eu cá por mim nunca me hei de esquecer do meu desapontamento ao entrar na afamada casa Lock – pardieiro, venerável pela idade e sórdido pelo aspecto – de *St. James Street*, logo seguido de quase ira ante a altaneira insistência e pouco caso do caixeiro, ao querer-me impingir horrendo chapéu-coco, última criação da reputada firma, que não me satisfazia em absoluto, com

frases de profundo desprezo: – Isto é um chapéu Lock!... e basta!
Não há melhor, nem aqui nem no mundo!...

Quem sabe se o caro Frederico não quis aplicar no nosso
meio esses métodos comerciais ingleses?!...



*Comendador Frederico Affonso de Carvalho.
(Reprodução de uma fotografia tirada pelo provéto profissional Sr. Augusto Malta)*

Com facilidade, sem dúvida, em 1867 consegue encaixar-se como adido à Secretaria, e à sombra protetora paterna galgou, sem maiores esforços, todos os postos inferiores, cuidando mais de alisar narcisamente seus cabelos e eriçar seus bigodes do que mesmo no futuro, no seu caso e no de todos os servidores públicos, mais espinhoso nos altos cargos, em que as responsabilidades aumentam e os olhos dos subordinados são férreos e impiedosos!...

Este pequeno intróito sobre a mocidade do Comendador vai por conta do que hoje um dos mais conceituados elementos do Itamaraty hodierno, assegura enfaticamente, quando não tem provas para justificar suas categóricas afirmações: – É da tradição oral da Casa!

Daqui por diante, portanto, o que escrevo deixa de constituir “tradição oral da Casa” e passa a ser narrativa singela, mas verídica, sobre o caro Comendador, a quem tanto cheguei a querer. Com o correr dos anos, conheci-o como às palmas de minhas mãos; bastava, pelas manhãs, olhar seu rosto, para saber com que ânimo vinha da rua e se o dia seria plácido ou tormentoso! Quantas vezes, com palavra bem aplicada ou intervenção oportuna, quebrei ou desfiz algum dos seus destemperos. Em outras ocasiões, tais interferências minhas eram catastróficas, repelidas com apóstrofes violentas:

– Não se meta onde não é chamado!... Recolha-se à sua insignificância!... Que atrevimento... M...!

Tudo fogo de palha... Mal me via ele trombudo, ou pálido de revolta quando mais ferido, pedindo-lhe com aparente tranqüilidade designação para qualquer outro setor, pousava seus

olhos nos meus, ainda com restos da recente biliosidade, porém tornados humanos, já afetivos:

– Não seja bobo!... Vamos tomar aqui ao lado uma cervejinha bem gelada e comer umas sanduíches... É o que me está faltando... Hoje almocei pouco!

Momentos, em geral, de confidências íntimas, esses! Lá vinham histórias recentes e brejeiras ou antigas, da juventude, da carreira, que assegurava não ter sido de rosas e sim de abrolhos. Grande cavalo de batalha sua nomeação para a chefia da 2ª seção. Carregava nas cores ao contá-la:

– Veja você, meu caro Luís!... 1º Oficial, com todos os requisitos para a promoção, fui bigodeado escandalosamente para a vaga do Arquivo! Julgavam-me sem méritos para guardador de papéis velhos!... Mandeí-os àquela parte... Que aconteceu depois?!... Tiveram que dar-me a seção política!...

E soube ser chefe da seção política... Com devotamento e mesmo capricho, dirigiu excelentemente, por largos anos, aquela importante divisão do Ministério, donde só saiu para o posto supremo de Diretor Geral, a princípio, numa interinidade longa que muito o afligia. Em certo momento fraquejou (ao morrer o Barão), reerguendo-se, mais tarde, isso quando eu já havia passado para o Corpo diplomático. Não se deve ter perdido na Casa, a “tradição oral” desse ressurgimento...

Na 2ª seção, o Comendador tinha predileções especiais para uns tantos assuntos, que não confiava a ninguém. Era de ver-se o cuidado que dispensava aos casos de extradição, menos abundantes que as minhas cacetíssimas rogatórias, porém constantes

e quase sempre mais trabalhosos. Frederico de Carvalho estudava rapidamente as peças comprobatórias que instruíam o pedido e, caso fossem elas deficientes ou o delito não se enquadrasse nas letras dos tratados, eram exclamações, imprecações, seguidas de citações e qualificativos rudes: – ignorância, estupidez, burrada, que atingiam o governo solicitante e seu agente transmissor! Quando não ditava, agarrava na primeira folha de papel que encontrasse à mão, e escrevia, veloz, a necessária minuta de remessa ao Ministério da Justiça, um despençar de linhas inclinadas para baixo, onde faltavam palavras e a pontuação era inexistente. Às vezes vacilava, queria certificar-se mais, achava o caso semelhante a um ocorrido anos atrás! Parava o jorro criador, citava, com segurança, um nome e pedia o maço competente, ardendo em impaciência enquanto era o mesmo procurado. Quase nunca errava!... O pedido de extradição era idêntico... Que memória fantástica! Triunfava, exultava, relanceava os olhos sobre todos nós, batia com a mão na testa e exclamava sem modéstia:

- Isto aqui é um armazém!...

Birrento e impressionável até pelas deficiências físicas de seus semelhantes, era homem de simpatias rápidas e de implicâncias tremendas, difíceis de serem removidas. Altivez agressiva, sensibilidade irritadiça e emotividade recalcada, constituíam os complexos do seu gênio estranho. Daí seus repentes incompreensíveis e incompreendidos por muitos dos que não lhe caíam em graça. No fundo, possuía grande senso de justiça, que rendia facilmente mesmo aos seus desafetos declarados, admirando

competências, não regateando aplausos a quem os merecia (elogios, em verdade, feitos num misto de vocábulos acres e pouco edificantes), fechando os olhos, com mais complacência, para falta grave de qualquer funcionário – que procurava encobrir e sanar com sua responsabilidade – do que para as menores, exploradas por ele com estardalhaço, como para mostrar sua autoridade vigilante de chefe.

Como o Barão, tinha certo método na sua desordem, longe de possuir o dom quase divinatório do primeiro, ao procurar documento sonegado entre pilhas de outros. Nessas pesquisas, tornava-se diabólico!

Muitas são as histórias que se contam sobre Frederico de Carvalho, ainda hoje repetidas e saboreadas na Casa, algumas mesmo tornadas clássicas, como aquela, em todo autêntica, passada com um representante estrangeiro que se fizera anunciar ao Diretor Geral, e que este, ao ir a seu encontro e ao vê-lo de cartola no alto da cabeça, volveu ligeiro sobre seus passos, e agarrando o chapéu, para lá voltou, não sem praguejar para nós:

– Vou dar uma lição a esse malcriado!...

Vinha contentíssimo ao regressar. A cena fora curta e a lição proveitosa, disse-nos. Contou-nos ainda que o imprudente ou descuidado agente diplomático, fingindo-se surpreso ao divisá-lo reaparecer de chapéu na cabeça, perguntou-lhe, sorrindo amarelo, e descobrindo-se incontinente:

– *Est-ce que vous allez sortir, Mr. le Directeur Général?*

– *Mais non, Mr. le Ministre!... Je viens à peine de rentrer!...*

E a audiência seguiu seu curso normal...

O anedotário do Comendador é grande de fato, e engraçadíssimo sempre! As três passagens que aqui deixo, creio, entretanto, não serem das mais conhecidas e por isso me animo a estampá-las.

Frederico de Carvalho, aliás como todos nós do Ministério, era muito sensível às pequenas lembranças trazidas pelos que vinham do estrangeiro, provas sempre de um pensamento amigo, pois naqueles humanos tempos eram elas de pouco valor intrínseco: gravatas, em geral, para os moços e algum objeto de couro ou prata – cigarreiras, lapiseiras, carteiras – para os mais graduados. Claro que isso não constituía uma distribuição total pela Secretaria. Cada qual tinha seus prediletos...

Vamos, porém, aos casos. O Cônsul ou Cônsul Geral Monteiro de Godói, recém-chegado da Europa, apresentou-se certo dia na Diretoria Geral. Frederico recebeu-o com grande carinho, felicitando-o pela sua boa aparência, conquanto fosse ela mofina e chupada. O velho servidor, meio desalentado, dizia-se ainda bastante combalido, depois de recente operação, que começou a descrever com minúcia e pausadamente. O Comendador, que não gostava de esparramadas descrições e menos ainda quando chorosas ou tristes, cortou abrupto o narrador:

– Deixe-se disso!... Você está ótimo...

– Não é tanto assim, Frederico!... Olhe só para isto!... E puxou do bolso caixinha bem acondicionada.

Frederico, um pouco aéreo e pensando tratar-se de uma das costumadas recordações, exclamou logo, com o olhar aguçado e meloso:

– Ora você, *seu* Godói, se incomodando!...

E o bom Cônsul, desfazendo o embrulho com extremos cuidados e mostrando ufano seu conteúdo, como quem exhibe raridade digna de atenção, disse suspirando aliviado:

– É para você ver!... este punhado de pedrinhas estava cá dentro, na bexiga!... E batia, com a outra mão livre, no próprio local dos sofrimentos idos...

A resmungação do Comendador, após, foi tirada digna de ser ouvida!

1º Secretário de Legação, já com suas férias terminadas, recorre ao alto potentado para pedir-lhe fossem as mesmas prorrogadas por mais um mês, à vista do estado melindroso de saúde do sogro.

– Como não!... Ora essa, nem há dúvida!... anui de pronto o Comendador.

Os dias correm, mais do que os concedidos, e eis o nosso amigo, de novo, solicitando, em voz trêmula, o mesmo favor. O sogro continuava pior...

Já não foi com tanta presteza que o Comendador deu, desta vez, o almejado consentimento. Outra ausência longa e, por fim, o citado colega, murcho, todo vestido de preto e com largo fumo no chapéu, abre de manso as portas de vai-e-vem da Diretoria Geral. Mal divisou sua cara, Frederico de

Carvalho, num ímpeto tão de seu jeito, pula da cadeira e grita para ele:

– Escute aqui!... seu sogro morre ou não morre?!...

– Morreu ontem, Sr. Diretor Geral... Era o que eu vinha comunicar-lhe!...

Tableau!...

Carlos Elias Latorre Lisboa fazia concurso ameno para ingressar, em definitivo, na carreira, na qual, de há muito, servia como adido sem vencimentos. Frederico, que gostava dele, amedrontava-o com possível reprovação, não pelo que pudesse ignorar, mas sim pela tardança com que elaborava suas provas escritas... Quem quiser que compreenda a mística dessas provas!...

De uma feita, porém, como o saudoso Carlinhos viesse ao Ministério envergando magnífico paletó esporte de xadrez vistoso, com botões de couro, grandes bolsos e cinto nas costas, o caro chefe deu solene desespero, ficou uma fera e de cenho carregado, disse-lhe ameaçadoramente:

– Se o Sr. tiver o descoco de aparecer aqui outra vez vestido de caçador, seu concurso vai por água abaixo!...

Para terminar este pequeno quadro do passado, reproduzo os dois seguintes períodos do livro de Raul do Rio Branco, já anteriormente citado:

“Chegavam freqüentemente ao seu gabinete (do Barão) os excessos de linguagem de um alto funcionário, aliás devotado

ao serviço, com o pessoal moço da Secretaria. E dizia a um ou outro íntimo:

É penoso ouvir tais expressões, impróprias de um Ministério das Relações Exteriores. Há espíritos que pensam que a autoridade supõe rudeza de gestos ou de palavras.”

Exato. Asseguro, porém, que Frederico de Carvalho não era só obedecido “pela rudeza de gestos ou de palavras” e sim também pelos seus exemplos de “servidor devotado” e o que é mais curioso ainda, pela sua própria maneira de ser e de agir na faina de todos os dias, que nós moços aceitávamos como uma espécie de libertação e transformação das velhas e cediças normas de trabalho no nobre solar, por demais silencioso e com disciplina de caserna, até o desaparecimento de Cabo Frio. Raul do Rio Branco deveria ter acrescentado que seu ilustre Pai, muito à socapa, achava, apesar de tudo, infinita graça nos repentes do Comendador, a quem estimava e apreciava e soube defender contra a animosidade do Presidente Afonso Pena, este sim, intransigente em nomeá-lo Diretor Geral efetivo, que só o foi depois da morte do muito respeitado Chefe da Nação.

E como esquecer-me eu daquelas lágrimas incontidas que, no dia do meu embarque para o Chile, Frederico de Carvalho procurava, envergonhado, contê-las, enquanto dizia a minha Mãe chorosa, mas serena, vendo ausentar-se para o estrangeiro o seu segundo filho:

– Lá se vai o nosso Luís!... Que Deus o proteja sempre...

Capítulo XIII

Ano Memorável

Capítulo XIII
Ano memorável

1906 foi um ano que está bem gravado na minha mente! Firmara o pé no Itamaraty, onde já me movia com inteiro desembaraço, cada vez mais apegado ao cepo diário, só de alegrias, proveitos e sensações novas. A gratificação do último Natal, distribuída com aquelas cautelas, quase maçônicas, do velho Pecegueiro, por pouco me volve louco! Não era para menos!... Primeiro, fala sussurrada ao ouvido, preparo, anúncio da magna notícia; depois, ordem de fazer, isolado, em sigilo, o recibo competente; por fim, duas pelegas, de tão alto valor, que meu inicial movimento, ao vê-las nas minhas mãos, foi de temê-las falsas! E as recomendações eram tantas, de silêncio, segredo mesmo para os colegas, que eu, em santa e compreensível ingenuidade, julguei tratar-se de uma especial demonstração de Rio Branco, só para mim, novo impulso de bondade e amparo para seu já tão grato protegido. Manifestei logo ao caro Pecegueiro meu desejo de ir, sem perda de tempo, à presença do Barão, a fim de agradecer-lhe a régia dádiva. A vista da resposta e recusa do bom amigo, meio entalado com o meu propósito, ao afirmar-me não ser isto nem preciso nem usual, pulei:

– Ora esta!... Como não é preciso?!... Quero, sim senhor, falar ao Ministro... Depois de minha nomeação... a casaca! Agora esta bolada!...

Perante tão decidida atitude. Pecegueiro entregou os pontos e confessou-me que aquilo era uma gratificação geral que, pelo seu caráter e confiança, a gente recebia, embolsava e calava. Eu estava atônito, mentalmente reconhecido àquela mão generosa, do doador supremo, oculta e benfazeja! O segredo pedido pelo distribuidor era, porém, de polichinelo, e unicamente por ser eu ainda novato fora que não me dera conta dos cochichos anteriores que enchiam os corredores da Casa, agitados, febris, cheios de impaciências e esperanças.

A proverbial discrição, quase doentia, de Raimundo Pecegueiro, arrepia-se toda nessas ocasiões, vendo a inutilidade de suas instâncias pessoais esboroarem-se lamentavelmente! Ele, sempre tão circunspecto em matéria de serviço, tão pouco loquaz e informativo mesmo em se tratando de assuntos correntes, deveria sofrer, com isso abalos horrorosos... Essa sua prudente maneira de proceder chegava a tais extremos, que, certa vez, quando procurava, no seu gabinete, importante documento, temeroso da curiosidade dos presentes em conversa despreocupada, ao ser, de chofre, interpelado por um dos palradores incômodos, desejoso de saber quem exercia, no momento, o cargo de nosso Ministro em Bruxelas, respondeu, com os olhos postos na estratosfera e em voz cavernosa: – Não posso dizer!...

Daquela sólida quantia, inesperada e como caída do céu, parte foi bem aplicada. Com que emoção, com que contentamento, com que orgulho, entreguei a minha Mãe, beijando-lhe as mãos, essa primeira oferenda concreta do meu

amor filial. Além disso, mandei fazer duas fatiotas, fraque de cor duvidosa, de lagarta verde-parda, muito de moda então, e jaquetão azul-ferrete para os atos de mais cerimônia. (As calças de fantasia e os paletós pretos, conjunto hoje conhecido na Casa como “de Ministro” ainda não tinha sido combinado). O restante consumiu-se depressa pela gula da minha mocidade pobre e imaginativa, ilusões passageiras, desfeitas como bolhas de sabão, que, como por milagre, persistem no meu subconsciente com as mesmas colorações inebriantes daquele alvorecer para a vida! Depois, volta à quase penúria, os tostões contados, as noites plácidas e proveitosas da Pensão Amaro, em que devorava livros e consumia velas, um dos únicos extraordinários das contas mensais, sem falar de uma ou outra garrafa de “Surbiga” (cerveja) como as faturava o saudoso proprietário, luxo que minha mãe e eu nos permitíamos em noites cálidas... Depois, nas datas apropriadas, também tomando parte ativa nos corrilhos precursores de novas gratificações gerais... Outras bolhas de sabão?... Naturalmente!... e todas elas dourando minha mocidade em ascensão...

Correndo os anos, após conhecer as agruras de um empréstimo no Banco dos Funcionários Públicos e outros, rápidos ou a longo prazo, na Caixa Beneficente da Secretaria, todos pecaminosamente malbaratados, seguindo o rumo aberto pelas tentações difíceis de serem sopitadas (o vírus pernicioso infiltrara-se no meu organismo), culpei no meu íntimo – Oh!... miséria humana! – a primitiva liberalidade do Barão! Hoje vejo, por felicidade minha, como foi bom que a semente do mal que cada um traz dentro de si e que cedo ou tarde germina, como

afirma J. J. Rousseau, nascesse e crescesse com poucos espinhos e algumas flores de suave perfume, em época tão justa!

Agora que Rio Branco, com seus banquetes, jantares e almoços, muito freqüentes no Itamaraty, bem servidos e melhor regados por capitosos vinhos de França, com seus bailes ou reuniões menores, em que os “buffets” eram vastos e o “champagne” divino, e dos quais saíamos ovantes, sentindo a delícia de viver e ainda mamando perfumados “havas”, houvesse grandemente contribuído para fazer desabrochar minha inclinação natural pelas coisas belas e delicadas – herança recebida desde tenra idade e no meu próprio lar – para aprimorar meu paladar, iniciando-me, igualmente, nas boas normas e costumes sociais, isso não se discute. Também nesses particulares era ele um mestre!...

No ar, prenúncios da reunião da 3ª Conferência Internacional Americana, a realizar-se, nesta capital, no mês de julho. Primeiras providências tomadas, boatos relativos à formação da nossa delegação, expectativa da vinda ao Rio de Joaquim Nabuco, movimento crescente de trabalho e de personalidades de relevo, agitando o Itamaraty, tirando-o de sua habitual pacatez. Esses pródromos de um grande acontecimento, mesmo assim, deixavam-me sem cuidado! Meus 21 anos, pouco ambiciosos, floresciam mais com impetuosidades de planta nova, ávida de luz e calor, em pleno desenvolvimento biológico, mais presos aos alimentos nutritivos da terra, do que àqueles do espírito. Dava-me conta da importância da próxima assembléia, sentia, compreendia e

admirava as providências e os meticolosos desvelos dispensados pelo Barão aos preparativos em vista, tendentes todos ao brilho material do certame e mais ainda aos seus resultados políticos e continentais. Tudo isso, entretanto, não me tirava o sono!... Como soldado raso da Casa, estava pronto e ansioso para cumprir com meus deveres, por muito aumentados que fossem, prevendo o cansaço dos meus dedos, mas saboreando, por antecipação, as horas vindouras de seguro encanto, que não faltariam também, por certo. Cedo aprendi que nos congressos ou conferências internacionais, sobretudo nas interamericanas, pelo menos em tempo de paz, seus componentes se bem trabalham, melhor se distraem e comem, pois, em regra geral, cada sessão plenária, ordinária ou dos comitês, corresponde um baile, jantar, almoço, oficial ou social, quando não excursão a pontos históricos ou pitorescos.

Enquanto os dias escoam, eu encaminho minhas benditas rogatórias, copio despachos, minuto outros e torno-me o arquivista da seção. Lembro-me, por estas alturas, de formidável pito do Comendador, por equívoco que pratiquei na invocação de despacho dirigido ao nosso Ministro em São Petersburgo, Dr. José Augusto Ferreira da Costa, na qual havia acrescentado um – Mota – confusão com o nome do Plenipotenciário em Berlim, Dr. José Pereira da Costa Mota, documento recambiado à Secretaria com amarga queixa do destinatário, ferido justamente em seus melindres de antigo funcionário. A caligrafia de cada um tinha a vantagem de o erro só recair no culpado...

A intimidade entre nós, na seção, tornara-se completa e estreita. Nas horas dos cafezinhos, ouvíamos e aplaudíamos as composições líricas do Albano, discutíamos em linguagem elevada e escorreita, pois o poeta era guardião vigilante nas colocações dos pronomes e não tolerava conversas escabrosas! Ficava rubro como virgem pudica (com alguma compreensão do mal!), ao ouvir pilhéria mais forte ou palavra menos soante, repelidas quase com insultos: – vilão, mal educado, boca suja... Nem por isso, e muito de propósito, não escapava ele de corar diariamente. Paradedá, que aliás dera para chamar-me de – Luigi Vampa – nome em voga de um bandido calabrês, e Lucilo Bueno passaram a ser seus “cabrions”. Araújo Jorge torturava-o com suas gargalhadas animadoras de “semelhantes porcarias”, gozadas também por mim, vendo a cara furibunda do Albano, mais fechada ainda, mais de reprovação e asco, quando pelos ares estrugiam os tiros de grosso calibre do próprio Frederico...

Nos meados do ano, Rio Branco empenha-se e consegue que Antônio Jansen do Paço, provector diretor de um dos departamentos da Biblioteca Nacional e em comissão no Itamaraty, organize também, como andava fazendo com os arquivos, a nossa biblioteca, no edifício construído expressamente para tal fim, já apressado, urgindo que, ao menos, o arranjo dos milhares de livros nas estantes não despertasse dúvidas quanto à sua recente colocação, Jansen do Paço, para essa nova comissão, chama digno moço que dera as melhores mostras de saber e competência em concurso, no qual fora ele um dos examinadores. Outro jovem, pouco depois, veio formar

assim o trio que, recebido a princípio com desconfianças ciumentas, se amalgamou, por fim, à Casa, com tantas vantagens e proveitos para ela. Jansen do Paço, amigo da nossa saudosa casa de Ferreira Viana, era homem inteligente, culto, amoroso de sua especialidade, incansável no trabalho e nome que não poderá deixar incluído nos da formação do Itamaraty moderno. Esquisito de gênio, rabugento, tremiam-lhe as bochechas, a papada e o ventre, não pequeno, ao exaltar-se, falando com voz de cana rachada e aos saltos. Sereno, era aceitável tipo, de traços corretos, boa tez e melhores dentes. Fumava cigarrinhos delgados, presos por mãozinha de prata no alto de finas hastes, terminadas em argola que enfiava no dedo indicador.

Os dois acompanhantes e auxiliares citados eram Mário de Barros e Vasconcelos e Benjamim Borges Ribeiro da Costa, o primeiro já sentindo agora o peso dos anos como eu, e o segundo, cedo desaparecido, o querido Benjamim, o “orelhinha”, apodo com que fora mimoseado por Frederico de Carvalho e que nós carinhosamente usávamos, às vezes, isto por ter, creio de nascença, pedacinho de menos na parte superior da orelha direita, colega de quem guardo imorredoura lembrança, sem nunca me esquecer de sua fraterna afirmação quando passei para o Corpo diplomático: – “Meu caro Luís, chorei ao fazer teu decreto de exoneração da Secretaria de Estado!”

E que dizer de Mário de Vasconcelos?!... Temo elogiá-lo demasiadamente, como tanto merece, pela forte razão, principalmente, de que ele anda escrevendo também um

“Itamaraty de meu tempo” e de não querer, caso estas linhas cheguem ao público antes das que elabora (por certo mais completas e atraentes que as minhas), forçar retribuições ou acréscimos laudatórios de última hora. Agora se, por transmissões de pensamentos, possa Mário de Vasconcelos dizer de mim a metade do que dele sinto, então que isso vá por conta de recíproco afeto e mútua admiração, beirando 40 anos de uma velha e inalterável amizade. Nós dois e mais uns tantos companheiros de igual jornada, temos a desvantagem de, conquanto vindos de passado já longínquo, sermos ainda do presente, com vigorosa vontade, assim querendo Deus, de entrarmos pelo futuro a dentro... Nos nossos casos, a modéstia é aconselhável. Porém isto não me impede de afirmar aqui que aquele rapaz franzino, acanhado mesmo, bem educado, sensível nos seus gestos e atitudes, muito no seu canto, fosse, em breve e pelas suas qualidades de espírito e instrução, procurado pela turma nova, antes do expediente, no seu quase isolamento pelo lugar afastado onde trabalhava, para gozarmos, mesmo por alguns instantes, de sua companhia, que cada dia se fazia, para mim sobretudo, mais agradável e proveitosa. Mário, mais velho do que eu, passou a servir-me de mentor apreciável, só menosprezado nas alegres pugnas carnavalescas daqueles bons tempos, nas quais baqueava logo, por pouco treinado, nas noites iniciais dos sábados dos três dias de folia.

Sua passagem pelo Itamaraty e nos elevados postos que ocupou no estrangeiro, está marcada com pedra branca.

Por mais que puxe pela memória, não consigo dar-me conta de como entraram na Secretaria as máquinas de escrever! Muito presente, em compensação, a lembrança do aparecimento, quase sobrenatural, na nossa seção, vinda sabe Deus donde e no ano que relembro, de uma usada *Underwood* ou *Remington* (modelo quase grotesco se comparado aos atuais), na qual faltava a letra “o”, por perda do tipo na haste respectiva do abecedário. Mesmo assim, Araújo Jorge, Lucilo Bueno e eu, com prazer e persistência, nos revezávamos no gasto teclado e dentro em pouco, podíamos apresentar os primeiros despachos que, completados, paciente e habilmente, com os acréscimos dos “os” inexistentes, não deixaram de causar admiração pela sua boa aparência e, o que é mais, por serem concluídos em menor espaço de tempo, como foi logo provado, do que os passados à mão! Um sucesso e uma legítima revolução!... Rio Branco e Frederico de Carvalho, encantados com a novidade; a parte conservadora da Casa, ainda indecisa, mas inclinada a aceitar o progresso. Aos que lamentavam a perda e o declínio das belas caligrafias, consolava-se com a certeza de que as mesmas seriam sempre imprescindíveis e aproveitadas na confecção de Atos internacionais, de Tratados, Protocolos, Cartas de chancelaria e de gabinete, Credenciais... O argumento calou fundo e, em pouco, chusma de vendedores de máquinas de escrever, invadiu o Itamaraty. E lá apareceram as citadas *Underwood* e *Remington*, novas em folha, e mais outras, *Yost*, *Oliver*, *Royal*, cada funcionário mostrando marcada predileção, querendo provar a vantagem de uma sobre outra. Felizes tempos nos quais não

se sonhava ainda, nem de longe, com a idéia, vitoriosa hoje, da padronização de modelos de papéis, envelopes, mesas, canetas, para não citar senão coisas materiais...

E por falar em máquinas, cabe bem aqui, igualmente, o encantador episódio, ocorrido mais tarde, da incredulidade, em começo, e da estupefação, a seguir, experimentada pelo Barão, ao encontrar-se diante da primeira máquina de calcular, apresentada à Secretaria e que rapaz, falante, maneiroso e hábil, calcando botões e dando voltas à manivela, já nos provara sua inacreditável e rapidíssima precisão. Estávamos ainda excitados, maravilhados, quando a presença de Rio Branco, como sempre, veio pôr um pouco de água fria na fervura dos nossos entusiasmos. Ele queria também certificar-se do que foram dizer-lhe sem tardança. A experiência estava sendo feita nos domínios do Ernesto Ferreira, ou seja, na Contabilidade, agora, como as outras seções, já instalada na ala nova da Casa, pobre e desconfortável.

O Barão olhou atento para a máquina (de pequeno porte), para nós, para o vendedor, cortês e solícito, e naquela maneira tão sua, superior e humana, aproximando-se deste último, depois de saudar a todos, perguntou-lhe a queima roupa:

– Então sua maquininha soma mesmo?!... E subtrai?!... E multiplica?!... E divide?!...

– Sim senhor, Sr. Ministro!... E extraí raízes... Não quer Vossa Exa. tirar uma prova?

– Quero, porém cá à minha maneira! Disse o Barão. Concentrou-se um pouco: – Vamos... multiplicar seis números

por três! Dirigindo-se a nós, acrescentou: – Quatro ou cinco dos senhores, dos que tenham mais prática no manejo de algarismos, peguem dos lápis e façam a mesma operação, com vagar, tirem a prova dos nove, enquanto o instrumento aqui trabalhe por sua vez, em conjunto com os senhores...

– Mas, Sr. Ministro, o proposto é nada! Peça Vossa Exa., ao menos, uma multiplicação vultosa, replicou sorridente o interessado.

– Não senhor!... Quero ver isso primeiro!... insistiu Rio Branco.

Mal tinha ele acabado de falar, e os colegas de escrever os números dados, com ligeiro empurrar de teclas e duas voltas de manivela, para frente e para trás, o aparelho já resolvera o caso!... Errados, só dois dos resultados dos calculistas da Casa!...

E foram provas e mais provas, concludentes todas, que atontaram o Barão, ainda desconfiado e só repetindo:

– Mas tudo isto estará exato, mesmo?!... Por fim saiu dizendo, apontando para a misteriosa máquina: – Ali dentro deve haver alguém...

Outro colega que ingressa no Itamaraty, nos começos daquele ano da graça de 1906, foi Antônio Alves da Fonseca, que pelo seu gênio chão e comunicativo, em breve, estava integrado ao grupo moço da Casa, conquanto fosse madurão e nada inclinado a lucubrações, discussões e controvérsias literárias. Prestigiando, porém, pelo seu passado de componente do famoso Batalhão Acadêmico, legalista de 1893, com citações por atos de bravura e honras de alferes do Exército, Alves da

Fonseca era olhado por nós com certo apreço admirativo, por ser seu “curriculum vitae” mais vivido e agitado que nossa mocidade sem peripécias de monta.

Como notássemos sua particular feição de contar as mais simples coisas em diapasão baixo, procurando os cantos para tais confidências, olhando antes para todos os lados, em pouco ficou sendo o “capa espanhola” e a ele só nos dirigíamos imitando Lucilo Bueno, erguendo o braço direito à altura do nariz, num gesto de conspirador embuçado. Mais tarde, dada sua grande perícia para organizar discretamente préstimos cívicos, manifestações de rua, passeata de estudantes, quando por mandato do Barão em ocasiões propícias, encargos dos quais se desincumbia na perfeição, trepado mesmo, por vezes, em pleno entusiasmo, contaminado pelo sucesso do acontecimento e da sua própria obra, na boléia de um vitória, com fogos-de-bengala nas mãos, o caro “capa espanhola” passou também a ser chamado de “Marche aux flambeaux!”

Alves da Fonseca foi um dos que não mais encontrei nesta vida, ao retornar, por primeira vez, em férias à Secretaria, após ausência longa. Mas, com carinho, o bom colega continuou presente nas minhas recordações, tão freqüentes, dos dias idos, e sempre que, por terras estranhas, depois de sua morte, assistia desfiles e sobretudo corsos noturnos iluminados por luzes cambiantes, nunca mais deixei de ter um pensamento amigo e triste para o desaparecido!

Os preparativos da Conferência Pan-americana avolumavam-se. A chefia dos primeiros encargos da futura

secretaria da ansiada assembléia fora entregue a Olavo Bilac, figura inconfundível que, desde então, passei a ver quase diariamente, feliz por “rozarme”, como dizem os espanhóis, mesmo em mudo enlevo, com o voluptuoso poeta da *Virgens Mortas*. Mas tudo isso, sem maior clareza, está muito embaralhado na minha cabeça...

Apenas a certeza da vinda, antes, das delegações estrangeiras, de volumoso e precioso carregamento de charutos, encomendados ao nosso Ministro em Havana, Fontoura Xavier (outro vate predileto), e por intermédio de um comerciante conhecido desta praça. Rio Branco, com aquela sua largueza peculiar, mal eles chegaram ao Itamaraty, mandou distribuir uma caixa dos finíssimos *Partagas*, *Monterrey* e *Murias* a cada um dos funcionários que fumassem. Inútil afirmar que todos da Casa... fumavam!

De que modo, dias depois, com grande seriedade e visível interesse, o Barão perguntava a um ou outro de nós:

– O Sr. já experimentou os charutos?... Gostou?... E acrescentava, como entendido no assunto (ele que se contentava com seus cigarrinhos de palha): – É sabido que os havaneses ganham em viajar!

Com tudo isso, positivamente, o grande homem ia-me tornando, sem querer, um verdadeiro sibarita...

Capítulo XIV

O Pan-Americano

Capítulo XIV
O Pan-Americano

Pela grande distância, quase 40 anos passados, pareço ver agora os dias da 3^a Conferência Internacional Americana como através de imenso caleidoscópio, fantasiando as cenas de colorações estranhas que ofuscaram meus olhos moços e ávidos de então!...

O mês de sua reunião está mais na minha memória como um desenrolar maravilhoso de festividades, compensadoras do trabalho desordenado e constante daquela quadra, conjunto das mais variadas impressões, sucedendo-se num crescendo de emoções cada qual maior: a noite da inauguração da Conferência no Monroe, iluminado espetacularmente; o entusiasmo da turba ovacionando as delegações estrangeiras, os representantes dos Poderes Públicos e principalmente a Rio Branco e Joaquim Nabuco, num mesmo preito de admiração e carinho aos dois grandes vultos nacionais. Dentro, na sala das sessões plenárias, faiscante de luzes, a ansiedade dos grandes momentos. Silêncio imediato ao assomar na mesa da Presidência a figura do Barão, cuja fisionomia radiante não ocultava seus sentimentos de orgulho e satisfação, ao abrir o magno certame na capital da República. Sua palavra brotou fluente, opaca a princípio e clareando a seguir, impecável como sempre, para saudar em nome do governo e povo brasileiros a tão conspícuos hóspedes. Discurso harmonioso e perfeito – substância de estadista e forma de clássico – frases que ressoaram como o

melhor apelo de confraternidade americana e que ainda hoje encerram o programa que os homens de boa vontade do Continente procuram pacientemente tornar em realidade.

Antes disso, a chegada comovedora de Joaquim Nabuco – derrotado vitorioso! – enchendo de alegrias seu nobre coração e as ruas do Rio. Presente nas minhas lembranças a famosa e inicial recepção aos congressistas, no Palácio do Catete, muito formal, com concerto e sem danças... Depois a visita do Secretário de Estado dos Estados Unidos, o Sr. Elihu Root, homem avermelhado e grave, aumentando o calor do ambiente. Jantar no Itamaraty, “marche aux flambeaux” dos estudantes (o meu Alves da Fonseca seguramente em posto de comando), longo passeio de barca pela baía, muitas moças e muito namoro e por fim um chá na ilha Fiscal, “garden-party” no Jardim Botânico, transformado em salão social de encantos raros, onde revejo Joaquim Nabuco, de braço dado com senhora de pequena estatura, curvando-se galantemente a fim de melhor ouvi-la, e uma noite veneziana em Botafogo, o escuro do firmamento clareado, de momento a momento, de mil cores, jogos de luz de uma pirotécnica ofuscante, somente sobrepujada pelos deslumbrantes fogos de artifício da Exposição de 1908, na Praia Vermelha. E outras solenidades, parada militar, excursão a Petrópolis, que sei eu!... Não me recordo bem como me movia naqueles tempos, nos quais senti as primeiras sensações da “joie de vivre!”

Na “solidão e obscuridade” dos meus dias atuais, que conforme diz, tão acertadamente, Augusto Bailly no seu magnífico estudo sobre o excelso poeta *La Fontaine*, “têm seus encantos

inestimáveis”, compulsei, não há muito, na Biblioteca Nacional, a coleção preciosa do “Jornal do Comércio” para refrescar as idéias no tocante àqueles dias. Antes não o fizesse!... Os velhos jornais assemelham-se aos cemitérios... tudo neles são túmulos!... Que repontar de coisas e nomes desaparecidos! Lendo as notícias e descrições de antanho, como que senti o rejuvenescimento, muito de passagem, da minha própria pessoa. Parecia-me folhear velho álbum de fotografias, tornar a rever um sem-número de personagens brilhantes já apagadas na minha mente, tombadas aos poucos no grande vácuo final, mas naqueles instantes ao meu lado, como animadas de vida! *Hélas!* Outras que ainda perambulam por este mundo vário, chamaram-me logo à certeza do que ora sou também...

Nota imprevista nessas pesquisas. Dois furibundos “a pedidos” atacando impiedosamente Rio Branco, assinados B. von B., pela composição da nossa delegação à Conferência, na maioria e no seu entender, apenas de NNN, ou seja, de nomes sem expressão! Que diatribe pouco elegante e de menos senso político!... Como hoje choca e repugna ver-se o grande Ministro chamado de “impagável chanceler, verdadeiro Dom (sic) Luís da Baviera – le roi vierge – de desopilante memória; sugando as esmirradas tetas do tesouro para transformar edifícios em 24 horas, improvisar lagos e jardins num esfregar de olhos, tudo feito com as mesmas facilidades com que ele (Barão) engolia empadas!”

Quem seria o Sr. B. von B. autor dessas verrinas? Que elas tenham ferido fundamento o alvejado, isto é certo. Rio Branco era em demasia sensível aos ataques, sobretudo quando rasteiros e

eivados de má fé, sempre irresponsáveis. E dizer-se que pela carência de pessoal de sua Secretaria de Estado, inexperiente também em acolher e homenagear, de uma só vez, tão grande massa de representantes dos países irmãos, o peso quase total de todos os arranjos, morais e materiais, recaia sobre os ombros do Barão, preocupado com os mínimos pormenores, zeloso como ninguém para que os mesmos daqui saíssem levando nos olhos não unicamente a visão da nossa exuberante natureza. Ele que foi o máximo artífice do sucesso, sem discussão, da Conferência, como se sentiria humilhado vendo, desde um princípio, tais injustas críticas à sua atuação política e mais ainda às providências tomadas com tanto acerto para disfarçar a pobreza e feiura da nossa cidade, mal saída do seu período colonial!...

Dos delegados estrangeiros do Pan-americano, com o desfilar dos anos, tive contatos mais duradouros com alguns deles ou com seus familiares. No Chile, por exemplo, sempre me aproximei com reverência de Dom Joaquim Walker Martinez, então acatado Senador, e, em repetidas ocasiões, com o Ministro Anselmo Hevia Requielme, relembremos “el Barón” e os tempos em que ele representava com dignidade seu belo país ante nosso governo. Hevia Requielme, aposentado, conquanto ainda rijo, perdera algo da sua antiga postura, sobranceira mas sedutora, certo ar de “nonchalance” que os diplomatas só conseguem ter quando em plena atividade. Conheci de perto o General Rafael Uribe y Uribe, Ministro Plenipotenciário da Colômbia. Manuel Gondra, o grande paraguaio, também não perdi de vista. Não fosse a tragédia, terrível e duplo assassinio que, de envolta com sua mulher, o

roubou prematuramente da vida, igualmente ser-me-ia dado cultivar com Antônio Miró Quesada, as mesmas relações que mantive em Lima com seus ilustres irmãos Aurélio, Luís e Miguel, continuadores das tradições conservadoras de tão notória família, nessa tribuna respeitável que é “El Comercio”. Victor Maúrtua, jovem Secretário da delegação peruana, inteligência e saber que irradiaram depois nos céus americanos em clarões fulgurantes, vivendo agora nas nossas saudades e hoje integrado à nossa urbe, por termos, em feliz decisão de Henrique Dodsworth, uma rua com seu preclaro nome, foi meu amigo como o foi de todos os brasileiros.

Nos instantes solenes da minha apresentação de Credenciais na “ciudad de los Reyes” – dia que guardo como um dos mais perturbadores da minha carreira – meus pensamentos estavam presos à memória de Victor Maúrtua, pois ele não se cansava de repetir em vida, todo seu desejo e esperanças de verme Embaixador do Brasil na sua terra, pátria à qual tanto serviu e honrou. Cerimônia emocionante, em verdade, pela sua significação e pompa! Além dessa recordação, a de encontrar-me, em condições semelhantes, como meu irmão Silvino, vinte anos atrás, no mesmo Palácio de Pizarro, falando ainda, pela voz do Brasil, como já escrevi, no saudoso e infortunado colega Lucilo Bueno, a quem substituía, morto subitamente, três meses antes, 12 horas depois de ser reconhecido nas suas elevadas funções!

Uma lembrança, portanto, fraterna e de orgulho e duas tristes e comovedoras, suficientes para aumentar, naqueles instantes de gala, minha real emoção. Agora, passados cinco anos apenas desse momento único – culminante e sem repetição para mim – é

com profundo pesar e viva saudade que rendo sentida homenagem de respeito e gratidão às figuras já desaparecidas do convívio do mundo, do Marechal Oscar R. Benavides. Presidente da República, e do Dr. Carlos Concha, Ministro das Relações Exteriores, que revejo atentas ouvindo as palavras com que depus nas mãos do primeiro, as cartas que me investiam na alta missão que começava a desempenhar na fidalga, generosa e inesquecível terra peruana.

Entretanto, como pedras que rolam na mesma direção, com o Dr. L. S. Rowe, delegado dos Estados Unidos da América, nossos encontros foram depois freqüentes. Primeiro secretário da nossa Embaixada em Washington, ele, Diretor da União Pan-americana, cumulou-me sempre de gentilezas. Tenho a impressão, daí por diante, que jamais deixei de deparar-me com o Dr. Rowe, homem que nunca envelhece! Pode ser isso uma ilusão, mas, pelo menos aqui pelas Américas, não houve posto no qual não me esbarrasse com ele.

Agora, bem presente, surge neste recapitular de passado brumoso, o vulto curioso de William C. Fox, vindo ao Congresso no caráter de Diretor do Bureau das Repúblicas Americanas, predecessor, portanto, no cargo que depois se tornou vitalício para o Dr. Rowe, William Fox era um americano simpático, longe de ser moço, alegre como ele só, rosto rosado, de barba em ponta, toda branca, e que, não sei como, se tomou de amores por Lucilo Bueno e por mim, acompanhando-nos nas ceiatas e nas noitadas dos Democratas e dos Políticos, bebendo como um odre, jogando forte e gostando, com ternuras de rapazola, do sexo fraco. Excelente companheiro, esse Mr. Fox! Num dos meus

contos de mocidade ele aparece na pele de Mr. Dox, unindo-se à nossa roda costumeira, em noite de entusiasmos, depois da sessão da Conferência em honra ao Secretário de Estado Root.

Aos ouvidos do Barão chegaram as novas da nossa tempestuosa amizade com Mr. Fox, pois, em verdade, num daqueles antros (assim eram eles considerados então!), armou-se, certa vez, pequeno distúrbio, que o caro Lucilo, arrebatado e cioso, com moinhos de vento na cabeça, julgou-se obrigado a tomar parte da contenda, pulando como um leão para o meio da sala do restaurante, feroz e ameaçador:

– Quem tocar no amigo Fox, é um homem morto!...
cômico episódio que mais tarde fez Rio Branco, referindo-se a nós, dizer maliciosamente:

– Os Srs. Lucilo Bueno e Luís Avelino andam levando todos esses estrangeiros para os clubes e cassinos... E são capazes de convidarem até o... Sr. Núncio!

No meio de tantas recordações daquela época, para mim tão agitada e surpreendente, guardo ainda uma, tocante e suave, que trouxe, sobretudo para minha Mãe, momentos de satisfações mais que justificadas.

Numa plácida tarde de Domingo estávamos, ela e eu, em despreocupada e feliz palestra na pequena varanda fronteira aos nossos quartos, quando o bom Sr. Amaro, grave e meditabundo, veio dizer-nos como quem nos anunciava nova grande e inesperada para ele e para nós:

– *O Sinhori Embaixadori* Joaquim Nabuco está na sala de visitas esperando pela Senhora!...

Revejo claramente a face amada de minha Mãe, logo perturbada, enrubescida ligeiramente ante a surpresa da comunicação e da conseqüente alegria ressentida, vendo-se assim relembrada pelo velho amigo dos tempos distantes de mocidade, no Recife, e no solar formoso da Passagem da Madalena, opulento e agasalhador.

Eu logo ansiando por assistir esse encontro, pois de sobejo conhecia as histórias, tantas vezes por ela repetidas, do casarão materno, o qual meu avô, Barão de Nazareth, anfitrião imponente e generoso, pelo físico e pelo coração, se comprazia em acolher amigos, festejando e admirando principalmente o despontar de inteligências juvenis, brilhando nos bancos da Faculdade de Direito. Entre essas, a de Nabuco já era considerada de primeira plana. Com que renovada atenção eu ouvia Mamãe contar-me tais memoráveis instantes, finais de opíparos banquetes em dias de aniversários, em que o elegante Nabuco, inflamado e belo, depois de saudar em frases quentes o dono da casa, pedia-lhe permissão para quebrar a taça de bacará: – Sr. Barão, nesta taça não se bebe mais!... Parecia-me ver o gesto do discursador ainda afogueado e como que percebia o retinir da fina peça de cristal espatifar-se, em mil pedaços, nos lajeados de mármore do vasto terraço para o qual se abriam as portas e janelas da ampla sala de jantar.

Os nomes de Rio Branco e Joaquim Nabuco eram familiares em nossa casa de Ferreira Viana e estão ligados às minhas mais remotas lembranças. O do primeiro mais citado e cultuado por meu Pai. Aquele altar cívico por ele armado, cheio de cuidados especiais, na entrada do andar térreo, por ocasião da vitória da

Guiana francesa, ornamentado com tinas de viçosas palmeiras, panos de veludo carmesim e castiçais com mangas lavradas, o retrato do herói, em larga moldura de prata, ao centro, é coisa que se não esquece! Reunião de amigos, jantar, pela metade, fracassado! Terrível tormenta desabou ao escurecer, alagando as ruas. A nossa parecia um rio! Triste o acender das velas, iluminando palidamente a efígie do triunfador distante. Certo ar de mau agouro!... Mas o morto, ano e meio depois, seria meu Pai!...

Mamãe falava mais em Joaquim Nabuco. Compreendesse! Rio Branco ou Juca Paranhos era o amigo mais novo: Nabuco, vinha de longe. Para ambos, de sua parte, o mesmo apreço e amizade. Apenas, para sua sensibilidade feminina, quem sabe lá, talvez Juca Paranhos, aliás sempre carinhosíssimo para com ela, não conseguisse despertar o mesmo grau de confiança íntima que depositava em Nabuco, força é confessar, mais vibrante, mais expansivo, mais comunicativo nas suas palavras e atitudes. Concluo hoje ter herdado de minha Mãe o sentimento de timidez, envolto em veneração, que sempre nutri pelo Barão, sem ousar, nem de longe, valer-me dos antigos laços de afeto com os meus, para deles tirar maiores proveitos pessoais. E acredito também que Rio Branco apercebia-se disso e, o que é mais curioso, não se animava, por seu lado, a facilitar-me essa aproximação!

Capítulo XV

Morre Cabo Frio

Capítulo XV
Morre Cabo Frio

17 de janeiro de 1907. Cabo Frio, o velho e nobilíssimo funcionário do Itamaraty, extinguiu-se afinal! Quase 70 anos de “bons e leais serviços à Nação”, na clássica e oficial expressão com que o governo costuma agradecer aos que se retiram dos cargos públicos, espontaneamente ou por força de disposições legais. Aos mortos, como no seu caso, restam os panegíricos dos Poderes competentes, os extensos necrológios dos jornais e as honras fúnebres, se com direito a elas... Depois, por lei natural, o esquecimento desce sobre seus nomes, só recordados esporadicamente, quando não olvidados pelas gerações novas. Felizes, portanto, aqueles que, por palavras ou obras, conseguem passar à posteridade, ao menos, como um Símbolo!

No número desses eleitos Cabo Frio é um expoente. Suas múltiplas e valiosas atividades, relacionadas sempre com o Ministério das Relações Exteriores, iniciadas na flor dos anos, seja na honrosa e delicada missão com que abriu sua vida pública ou nos postos da carreira desempenhados no estrangeiro ou à frente de sua direção suprema como Diretor Geral da Secretaria, em longa permanência impossível de ser repetida, foram etapas que elevam um homem às culminâncias de uma instituição, tornando-o modelo, protótipo de uma função ou cargo!

Cabo Frio é hoje um símbolo, na mais legítima expressão do termo. Já o era em vida!... Por isso mesmo, sua presença moral não se apartou da Casa e seu nome ilustre é sempre rememorado até pelos que desconhecem o valor e vulto do seu imenso trabalho de décadas, oculto e silencioso, e citado como exemplo a seguir de devotamento a ela, preciosa memória que se deve cultivar e zelar pela própria honra das suas mais caras tradições.

Quando cheguei ao Itamaraty, Cabo Frio era apenas uma relíquia viva! Percebia-se o declínio do seu antigo poderio, que lhe escapava das mãos não só pela sua avançada idade e combalida saúde como também por que Rio Branco, rendendo-lhe homenagens e tributando-lhe deferências constantes, já enfeixara nas deles a direção quase total da Secretaria, para novos rumos e novos horizontes. O Barão encontrara um passado e começara a construir um futuro... Ao Visconde restava ainda a ilusão do mando, pela respeitosa obediência dos seus subordinados, pela autoridade, que nunca lhe foi disputada, de continuar regulando a entrada e saída do pessoal, aferrado ao “ponto”, como princípio de disciplina e méritos, e aos processos burocráticos do expediente, atento ao preparo dos relatórios (como se eles devessem ainda aparecer em suas justas épocas), mecanismo de relógio tão contrário às inclinações do Barão, para quem as horas não tinham expressões definidas e todas eram boas para o trabalho. No fundo do seu ser, o austero ancião não poderia deixar de sentir o desgaste corruptor dos anos, tantos de apogeu, e nas sonolências dos meios-dias, em que a luz ardente do sol, coada através das persianas, enchia sua sala de suave



Reprodução fotográfica do seu busto, mandado fundir em Paris, pelo Barão do Rio Branco e solenemente inaugurado numa das salas do Itamarati, ainda em vida do venerando Diretor Geral.

penumbra, sem dúvida, pensaria com amargor nos distantes tempos do sobradão da Glória, palco dos seus melhores triunfos, onde impunha sua vontade, mesmo quando parecia obedecer!

Na longa série de Ministros dos Negócios Estrangeiros, no Império, e dos das Relações Exteriores, na República, contam-se pelos dedos aqueles que não partilhavam com Cabo Frio as responsabilidades da pasta, uns calando esse concurso, outros dando-o a conhecer, elevando-o como de justiça. O Ministro de Estado Dr. Olinto de Magalhães, no seu penúltimo relatório, alvitra ao Congresso Nacional a elevação do cargo de Diretor Geral de sua Secretaria à categoria de Subsecretário de Estado e dia ao Chefe de Estado:

“Pela sua longa experiência, dedicação e lealdade é digno dessa prova de confiança o atual Diretor Geral, que conta mais de 60 anos de valiosos serviços à causa pública.”

Na pequena reforma da Secretaria, de 1905, ensaio para a maior que se realizou em 1913^(*), planejada, amadurecida e mesmo esboçada, em suas linhas mestras pelo Barão, a qual, se por ele executada, viria trazer surpresas e cruéis desenganos a tantos da Casa, Cabo Frio continuou Diretor Geral! Por quê?!... Negligência, propósito ou desinteresse de Rio Branco? Não creio!... Talvez, quem sabe, da parte deste, possível movimento instintivo, conservador, de não querer trocar o título de Diretor Geral –

(*) Reforma Lauro Müller.

galardão inerente, como imutável, à personalidade do Visconde, ao parecer criado expressamente para ele ou ele para o cargo!... Avento esta provável e razoável hipótese, pois na minha não pequena carreira, jamais encontrei, nas chancelarias que percorri, ninguém que, com tanta dignidade, até física, me impressionasse mais e mais me desse a idéia tão perfeita da conjunção do homem com o posto!

Aquele ser aquebrado que eu defrontava todas as manhãs ao dar ao venerável Diretor Geral os sacramentais “bons dias”, não passava, em verdade, de vaga sombra, vivente mais pelo espírito do que pelo corpo. Ao olhar com enleio para sua figura serena e grave, se sentada, sentia a piedade temerosa dos moços, ao vê-la, curvada e trôpega, locomovendo-se penosamente, numas idas e vindas de curtos passos...

“Porte ereto e alta estatura” assim disse dele o Barão no pequeno e lapidar discurso que pronunciou por ocasião da entrega ao Ministério, em 1903, do busto em bronze do seu exemplar Diretor Geral, palavras evocativas de um passado distante. E os mais antigos chefes da Casa, entre outras muitas lembranças do Visconde, ainda guardavam as dos seus gestos, algos frios, despóticos e sem apelos, com que fazia marchar aquela máquina administrativa, das suas preferências para com os amigos e indiferenças quase mortais para com os desafetos, predileções e fraquezas, ambas humanas, que não chegavam a abalar a unanimidade da opinião, dentro e fora daqueles muros, que o consagrava como homem de ação, como funcionário sem par, envelhecido e esmagado sob o peso de seus próprios méritos.

Sua morte comoveu o país inteiro e sua personalidade foi enaltecida devidamente. Para os Cariocas (também ele o era), amantes do seu lindo torrão natal, a gratidão, ainda maior, ao saberem, então, ter sido Cabo Frio quem redataria o Acordo diplomático em virtude do qual, nos meses tempestuosos da revolta de 93, a amada cidade seria declarada aberta, resguardando-a assim de possível bombardeamento, e ainda que, atendidos seus sábios conselhos, silenciados os canhões das fortalezas, os navios de guerra “Mindelo” e “Afonso de Albuquerque” puderam transpor a barra da Guanabara sem afrontas às suas bandeiras azuis e brancas, que amparavam vencidos...

O Império deu-lhe títulos e a Comenda da Rosa; a República, confiança e honrarias. Seu enterro saiu do Itamaraty, do átrio de entrada transformado em câmara ardente, para onde o corpo fora removido, pela manhã, de sua casa da rua do Riachuelo. Funerais sem pompas extraordinárias: protocolar, severo e condigno. General de divisão honorário, o Exército rendeu-lhe altas honras militares – armas apresentadas, descargas de fuzis e os tiros regulamentares, compassados, da artilharia, saudaram o descer à terra dos seus despojos mortais, que repousam no mesmo Campo Santo e bem perto, hoje, dos dois Rio Brancos, Pai e Filho. Veu negro baixara sobre o Itamaraty... Retirados depois os crepes, a Casa continuou subindo em glórias, conduzida pela mão mágica do seu preclaro timoneiro, isso sem esquecer o ausente e, bem ao contrário, incorporando-o ao panteão espiritual dos seus grandes e inesquecíveis servidores.

Capítulo XVI

A vida corre

Capítulo XVI
A vida corre

Não sei onde li há pouco que a “cronologia é, sem dúvida, a mais insípida das ciências”. Por isso mesmo, nestas lembranças esparsas vou descrevendo sem maiores preocupações de exatidão de datas o desenrolar daqueles anos ditosos, sem me esquecer, no entanto, que qualquer evocação do passado por mais singela e desprestigiada que seja, como a natureza, não pode dar saltos, segundo o conhecido aforismo de paternidade indecisa.

Tenho procurado, até aqui, seguir estas narrativas com relativa seqüência lógica, porém, como afirmei atrás, por falta absoluta de notas ilustrativas, à proporção que elas crescem, mais difíceis se tornam para mim continuá-las com precisão rigorosa. Daí umas tantas lacunas que poderão ser percebidas pelos meus antigos companheiros ou notadas pelos que estão em desacordo com a afirmação acima, do autor cujo nome já me olvidei. Mesmo assim vamos para adiante.

Após a morte de Cabo Frio, o Comendador Frederico Afonso de Carvalho, com várias interinidades na Diretoria Geral – a última de meses – pela longa enfermidade do Visconde, assumiu a chefia suprema da Secretaria, sem nenhuma formalidade especial. Então não havia *posses solenes*, com discursos e abraços. Patriarcas tempos!... Não que o Comendador não se sentisse eufórico ao empunhar o bastão de marechal, justo prêmio de tão dilatada

carreira, insígnia que, para desespero seu, somente se tornou efetiva três anos e tanto depois, quando eu já estava ao seu lado. Tenho bem presente sua exultante expressão fisionômica ao assinar o primeiro documento oficial, sem acrescentar o desesperante título de “Diretor Geral interino”, e nos ouvidos o terrível anátema que soltou a seguir.

Para dirigir nossa seção, transferido da 3^a, veio o bondoso Sr. José Alexandrino de Oliveira, antigo e respeitado lugar-tenente do Comendador, muito desconfiado da solidez da ala nova, tanto assim que foram colocadas, por debaixo da nossa sala, colunas de ferro, sustentáculos que acalmaram um pouco os temores do velho funcionário, arrastando cada vez mais a perna perra, amarelecendo assustadoramente, arfando com estrépito pelo esforço hercúleo de chegar todos os dias até seu posto de trabalho. Um dos muitos que, como afirmava antigo diplomata nosso, comparando-se à fina raça de cavalos de corrida quis morrer na pista.

Não foi longa sua estada entre nós! Uma manhã não apareceu, na outra soubemos apreensivos que estava passando mal, e dias depois morria serenamente afinal de tão árdua, ingrata e prolongada e honesta labuta, destas que só deixam rastros nos silêncios dos arquivos. Quem se recorda hoje no Itamaraty do Sr. Oliveira?!... Um punhado de viventes já do lado de fora dos seus muros, apartados para sempre de suas atividades, mas pela força do hábito, neles vivendo pelos pensamentos e pelas saudades, elos que constituem, sem que os antigos e os modernos dos seus componentes se dêem exata conta, a própria tradição da Casa.

Para substituí-lo, foi designado Artur Briggs. Achei-me, assim, de novo ao seu lado, e com que satisfação. Anos que guardo com zelos na memória. Enjaulados, pois todas as janelas dando para o passadiço já citado, tinham feias grades, defesas inexplicáveis, nem por isso o trabalho perdera os encantos dos espaçosos e confortáveis ambientes deixados. Apenas, de quando em quando, fugindo ao abafamento daqueles recintos celulares, vínhamos para fora, olhar os jardins, fumar ou palestrar com os vizinhos mais próximos. O corre-corre era instantâneo ao divisar-nos, ao longe, a figura afugentadora, de espantinho, do Comendador, nas suas constantes vindas para o nosso quarteirão, sacudindo as portas móveis das seções, nelas entrando qual furacão, esbravejando, por vezes, por questões de nonada, ou trazendo algum papel rabiscado momentos antes, para servir de base ao que ele queria fosse redigido em definitivo pelo seu braço direito de sempre. Conforme o caso, eram cochichos demorados, entrecortados por palavra menos protocolar do solicitante. Quando o Comendador se ausentava, o chefe Briggs começava a minutar, depois de ter lido e relido com atenção e paciência as anotações recebidas, não sem dizer antes, como tantas vezes ouvi: – Esse Frederico!...

Briggs tinha o jacto fácil. Sua pena corria ligeira sobre o papel e sua produção diária era abundante. Encontrava ainda tempo para corrigir o que fazíamos e ainda para preparar seus substanciosos livros *Cartas Rogatórias e Extradução*, cujas provas com ele revi depois. E ainda, disfarçadamente, para elaborar umas quadrinhas que ficaram célebres. De duas, recordo-me bem:

epitáfio do Comendador (os epitáfios andavam então em moda), que infelizmente não posso transcrever na íntegra:

*“Quando ele, pálido, inerte,
Na funda cova caiu;
Foi logo dizendo a um verme:
.....!”*

e outra, graciosa e oportuna, comentando a extrema delicadeza de Espanha, mandando-nos uma “cortina” para encobrir as... do Panamá!

A monotonia do expediente era assim bastante amenizada, sem falar nos pequenos incidentes que davam pábulos, em regra geral, a inocentes críticas e comentários, feitos agora atrás de vasto biombo colocado num canto da sala, refúgio para tomar o cafezinho, ou mate em xícaras maiores, com acompanhamento de biscoitos e sanduíches vindos de fora, pois o novel Diretor Geral, como uma das suas primeiras medidas, prolongara o serviço até 4 horas.

Outro motivo de distração eram os ofícios mandados pelas nossas missões, alguns “bem gozados” na fraseologia atual. Um deles, dando minuciosa conta da famosa entrevista de Cartagena entre os Soberanos Afonso XIII e Guilherme II, terminava assim: “Enfim, Senhor Ministro, não posso descrever essa solenidade adrede preparada!” Certo Encarregado de Negócios, em pequena República do Pacífico, incumbido de fazer chegar ao governo, junto ao qual estava interinamente acreditado, nossas

justas queixas ante a exagerada vacância de sua Legação no Brasil, dando conta dos seus passos e das explicações recebidas do titular das Relações Exteriores, entre as quais figurava a de falta de verba momentânea no orçamento do seu Ministério, assegurava ao Barão a pouca base dessa desculpa “por estar devidamente informado de que este governo acaba de subvencionar uma companhia de operetas!” Rio Branco responde deliciosamente, dizendo, entre outras coisas, que se não pode, em princípio, desprezar a palavra de um governo amigo, e que, ao ser verdadeiro o fato da subvenção citada, estar ele (Encarregado de Negócios) de parabéns, pois o posto era tido como de poucas distrações! Clássica, no gênero, a conhecidíssima resposta de saudoso Cônsul Geral ao ser transferido para longínqua paragem: “Chorando partirei para Yokohama...” e lhe valeu a disponibilidade.

Para nós, nenhuma satisfação mais intensa do que ver nossas minutas aprovadas sem correções pelo Barão. Raras voltavam sem acréscimos, pois em quase todos os documentos daquela época nunca faltou sua nota pessoal, sempre curiosa e justificável.

Os arquivos são tremendos! Quem redige, por força das circunstâncias, também para a posteridade, deve ter imenso cuidado e justa medida no escrever, porquanto para os olhos vindouros qualquer afirmação ou sentença não confirmada, possível ou razoável quando expressa, toma proporções de erros graves, falta de visão imperdoável ou se torna, o que é pior, em extremo ridícula, senão infantil. Melhor, muito melhor, portanto, nunca se apartar do severo estilo oficial, no qual Rio Branco foi mestre consumado, tão preciso e até formoso, sem arroubos literários ou impressões

peçoais pouco convincentes. Os arquivos, apesar de mudos, desandam a falar, indiscretos até, com o passar dos anos. Como tremo agora ao pensar no que de mim neles existe, conquanto crente de jamais ter deixado para os pesquisadores futuros pedacinhos como este em que certo Plenipotenciário, homem aliás de sobrados méritos, ao solicitar aumento da verba de casa, desejoso de mudar-se, sem tardança, da que encontrara como sede da Legação, por considerá-la inferior e indigna de nossa representação, além de ser em extremo úmida, confessava como argumento de peso: “Ainda ontem meu colega de França, vindo pagar-me minha primeira visita, mal sentou-se começou a espirrar!”

Tive um chefe no estrangeiro, socarrão como ele só, que, ao sentir-se por mim forçado a ouvir a leitura de algum ofício mais sério, se reclinava na cadeira, como adormecido, para dizer-me depois: – Luís, eu não entendi nada do que você leu!... Fingindo-se atontado, interrogava-me: – Onde é que assino?... porém que despertou da fingida modorra ao perceber música nova, toada estranha, que o fez exclamar com o olhar surpreso e inquisidor: – Não foi você que redigiu este ofício?!... Perante meu esclarecimento, ordenou-me em tom severo: – Diga a esse moço que isto não é nem nunca foi estilo oficial!...

O que vou descrevendo sucintamente neste capítulo está situado entre 1907 e 1909, triênio parecendo possuir asas, tão rápido passou! Eu crescia em anos e já não era mais o menino espantado da sua própria sorte ao ver-se colocado, encarreirado, comendo em prato, senão farto, ao menos garantido e vitaminado. Nenhuma ambição ainda de rumar para horizontes mais amplos,

por outros ambicionados com empenho, divisados como miragens perturbadoras. Sentia-me fixado definitivamente àquele remanso de paz e dignidade, para o qual entrara por golpe de magia, como deixei dito atrás. Orçamento sempre curto, boa pancada no coração ao saber, nos dias da tabela, que os pagadores do Tesouro estavam na Casa... Satisfação ao receber os parcos vencimentos, sem ofuscar-me à vista do vultoso amontoado de notas na minha frente, impressionado apenas pela agilidade e despreocupação do Faria, manejando a dinheirama, desfazendo os maços cintados vindos dos arcanos dos cofres públicos, de respeitáveis cifras, estalando os bilhetes novos entre seus dedos prestos, quais de hábil manipulador de baralhos! Curiosos momentos, por isso que, do mais alto ao menos graduado dos funcionários, cada um repetia o mesmo gesto e tinha a mesma fisionomia concentrada do mês anterior. Para a maioria, aquela entrada só fazia pensar nos prodígios de equilíbrio necessários para esticá-la pelos 30 dias vindouros...

Por tudo isso oh! Que tenebroso dia de Ano Novo foi aquele em que o Presidente Afonso Pena, seguramente por ponderáveis motivos, vetou a Lei do Congresso Nacional aumentando os vencimentos do pessoal das Secretarias de Estado! Com que desânimo, na manhã seguinte, comentamos o fato, troca de mútuos pêsames, ruir de tantas esperanças fagueiras, horas amargas e longas! Esse aumento veio mais tarde, e ainda tenho nos ouvidos o alvissareiro aviso telefônico do Paradedá, anunciando que a Câmara rejeitara o veto em questão. O Presidente Pena morrerá!... A vida e seus eternos mistérios...

E os dias passavam, quando não iguais, parecidos... Vejo agora os companheiros de então, sem poder dizer as mudanças que se processavam de quando em quando. Também me lembro do caro Tomás Lopes, chamado a serviço, batendo na máquina, nos instantes de lazeres, o manuscrito do seu triste e humano romance *A Vida*; e igualmente de Jerônimo de Avelar Figueira de Melo, recente 2º Secretário de Legação, trabalhando como um mouro, formal, de sobrecasaca, esguio e chupado, mas com aquela linha de elegância moral vinda do berço, enquanto nós envergávamos, por economia e conforto, uns casaquinhos leves, cor de canário, comprados por uma ninharia no *Carnaval de Veneza*, na rua do Ouvidor, cujo uso se tornou geral na Casa.

Surgem dois nomes novos. Em 1908 entram para o aprisco Rodrigo Heráclito Ribeiro, candidato fracassado, como eu, por falta de vaga, depois dos exames que juntos fizemos para a entrada na Escola Naval, e Sílvio Liberato Romero, lídimo herdeiro dos talentos paternos, que desperdiçou como nababo em todos os cargos da carreira, conquistados por méritos. Poucas vezes me foi dado encontrar organização intelectual mais perfeita e generosa e incrível resistência de trabalho em corpo tão frágil. Companheiro a quem me liguei desde cedo por sincera estima, dele guardo até hoje a mesma admiração dos verdes anos, sem me esquecer de suas inúmeras provas de apreço, a maior de todas quando passei para o Corpo Diplomático, em difícil começo de aclimação em terra estranha. Sabedor disto, Sílvio Romero, potentado no momento, propôs-me logo a volta para a Secretaria, fazendo-me, em nome do Ministro de Estado, a melhor das ofertas,

não aceita unicamente pelo temor de regressar aos pagos como um derrotado! O amor próprio e a mão invisível do meu bom destino não permitiram que eu me afastasse da nova rota em que me lançara e que, como todos os caminhos, têm seus abrolhos iniciais! Nem por isso menor minha gratidão ao velho amigo...

Nos corredores do Itamaraty, procurando com passos pausados e firmes as salas contíguas à Biblioteca, onde funcionavam os Tribunais Arbitrais Brasileiro-Peruano e Brasileiro-Boliviano, para os quais fora sucessivamente nomeado auxiliar, já nos acostumáramos a ver a figura de Hélió Lobo, mocidade radiante conquanto serena, bela cabeça de pensador precoce, voz melodiosa e clara, sorrindo mais do que rindo, armazenando com seguro critério vasto cabedal para o futuro, agora tornado presente, coroado de tantos e merecidos êxitos nas letras nacionais e em todos os cargos de sua agitada vida pública, exercidos sempre com superior elevação e devotamento à Pátria estremecida. Quando Hélió Lobo entrou para a Casa em 1910, não fez mais que ingressar em definitivo no seu quadro permanente, pois seu lugar estava, como acontece com a escolha de certos nomes para a Púrpura cardinalícia, muito no peito de todos nós, a começar no do Barão, para terminar no do que ora escreve estas linhas com suavíssima ternura.

Também auxiliar dos citados Tribunais, que como Hélió Lobo parecia da grei, era Pedro Leão Veloso, nomeado diretamente para o Corpo Diplomático igualmente em 1910, meu condiscípulo no Colégio Kopke (quando foi isso?!), ambos de calças curtas e blusas à marinheiro. Sentar-se nos mesmos bancos escolares, entre

outras vantagens traz a muito compensadora de a gente ver-se sempre como era no desabrochar da vida! O passar dos anos não marca vincos nos rostos nem faz perceber as transformações das demais prendas juvenis, que até certa idade só crescem para a harmonia do todo individual.

Ao ver Pedro Leão Veloso, o eterno Pedrito, como chefe supremo do Itamaraty, orgulhoso como colega e amigo de sua alta ascensão, sem surpresa pela sua inteligente segurança no manejo de tão árduos problemas criados pelo tormentoso momento mundial, dando aos seus compatriotas, de perto, a melhor prova do que, de longe, fizera em prol do bom renome do Brasil, não posso, por mais que queira, olhar com acatamento para o homem grave e respeitável de hoje, sem lembrar-me do menino e companheiro do Kopke! Oxalá que esse sentimento seja recíproco!...

Outro componente desses Tribunais era Oto Theiler, Secretário dos mesmos; andando sereno e espigado como até hoje, discreto de palavras e fino de maneiras, não sei a razão por que não passou para a Carreira, na qual teria sobressaído sem nenhum favor.

Nas missões no estrangeiro, o Barão, por essas alturas, enxertara uns tantos adidos honorários: Rodolfo de Siqueira Fritz, Carlos Taylor e Frederico de Castelo Branco Clark, os quais, na pilhéria de Abelardo Roças, sacavam todos os meses contra a Delegacia do Tesouro em Londres... £ 0.0.0. Para a Secretaria de Estado começavam a ser admitidos outros, sendo uns dos primeiros Lafayette de Carvalho e Silva, esse caríssimo Lafayette, que, como Hélio Lobo, para ela entrou em 1910 como 3º Oficial, por isso

que, em agosto do ano anterior, todos os amanuenses passaram a ter a denominação de 3º Oficiais, rótulo mais pomposo para idênticas funções e iguais vencimentos. Nunca me dei mal com o primitivo título, que nunca me fez nenhuma moça, por muitos, em compensação, julgado quase infamante...

Havia naqueles tempos um servente madraço, cachaceiro-mor e Dom Juan suburbano, que ao exceder-se nas doses ingeridas ou pilhado em falcatruas amorosas, não se pejava de denominar-se: Amanuense da portaria!

Capítulo XVII

Um baile no Itamaraty

Capítulo XVII

Um baile no Itamaraty

Rio Branco não custou a fazer do Itamaraty o mais requintado centro social do momento, pelo esplendor dos seus bailes, elegância das suas recepções e agrado dos seus banquetes, reuniões que, aos poucos, pela remodelação quase completa do velho palácio – revestido de novas alfaias e de tapetes Aubusson e orientais, de mobiliário severo e adequado – acomodado igualmente para os fins em vista, tornaram-se as melhores e mais afamadas do Rio. Ir-se aos bailes do Itamaraty, quando seus salões iluminados profusamente, floridos com sobriedade e gosto, estavam abertos como locais acolhedores para algumas horas de seguros encantos, dos mais promissores para o elemento feminino e de compensações certas para seus acompanhantes, era coisa muito séria e para a qual se quebravam lanças, desde o recurso às amizades protetoras aos empenhos políticos. Felizes aqueles que tinham seus nomes nas listas do Protocolo – os trezentos de Gideão de todos os tempos – tranquilos de receberem, sem esforço, os apetecidos convites. Estes tinham ares de serem também da Casa; nela locomoviam-se com desembaraço, conhecedores da sua topografia, escolhendo até com precisão, pouco depois de chegados, os mais cômodos sofás e as macias poltronas. Deixavam para os demais a liberdade dos movimentos curiosos, o atravancamento, o assalto aos bufetes, que sabiam abundantes e melhor servidos com o passar das primeiras

avalanches. Agiam como os mais úteis dos nossos auxiliares e animadores, pois o maior número de apresentações naquela turbamulta, corria por conta deles.

Tomo aqui como padrão descritivo um dos bailes do Itamaraty, lembrando-me do de encerramento das festividades do Congresso Pan-americano, realizado na noite de 27 de agosto de 1906. Aliás, todos os bailes do Itamaraty foram sempre idênticos, brilhantes sucessos que marcaram época. O Barão apenas introduzia em cada deles as inovações que a prática aconselhava. Cuidado constante de aperfeiçoamento, maior critério na seleção dos convites, preocupação de assentar, nas relações respectivas, os nomes dos chefes de família que tinham a dita de possuírem formosos rebentos que, pelos seus garbos e desenvoltura, houvessem impressionado os bons olhos julgadores do Barão, querendo, nesses casos, saber quem as apadrinhara ou as conduzira até sua presença. Se um dos nós, infalível chuva de perguntas: – Que fazia o Pai?!... De que estirpe era a Mãe?... Se de nossas relações pessoais ou apenas servíramos de intermediário a algum pedido amigo... E lá vinham comentários de observador perspicaz: – Ela é gordinha, mas deve ser leve como par!... O Sr. dançou com ela mais de três vezes!... Outras vezes, uma afirmação categórica: – Linda moça, em verdade!...

No tope da escadaria nobre (impecável na sua casaca folgada ou majestoso no seu fardão), como almirante no portaló de sua nave capitânia, Rio Branco recebia os convidados com aquele sorriso peculiar, que enchia seu largo rosto de uma expressão de simpatia conquistadora, tendo para cada um frases de nobre

acolhida. Desfile interminável. As damas subiam pelos nossos braços. No princípio da noite até o Comendador Frederico de Carvalho, Fernandes Pinheiro, Artur Briggs e Raimundo Pecegueiro, aguardavam no saguão de entrada as senhoras de mais alta graduação, economizando, porém, esforços. Em verdade o peso de tal galanteria – que nós, funcionários da Casa, considerávamos como ponto de honra, não cedendo essa prerrogativa a ninguém, dispensando polidamente os obsequiosos intrusos, seguramente desejosos dalguma deferência premeditada – exigia boas pernas, pernas moças! No dia seguinte os jornais diriam “as senhoras eram conduzidas pelos *empregados* da Secretaria”! Bolas!... Funcionários, isso sim! Constante o subir e descer das escadas, onde, aos pares, estavam postados fuzileiros navais, rígidos, como estátuas mavórticas. E o Barão olhando-nos sempre! A desforra ficava para mais tarde... Para tudo havia um limite; os retardatários que levassem suas próprias senhoras e filhas.

Em cima os salões regurgitavam. Na rua, multidão de curiosos olhava para os três de frente, fascinada e silenciosa, contentando-se com o espetáculo de ver imperfeitamente neles passar e repassar aquela aglomeração de vultos e de cores. No de baile, os pares já deslizavam na cadência de lânguidas valsas (a da *Viúva Alegre* em pleno furor), de polcas, dos modernos *fox-trot*. Carinhas alegres abrindo-se como flores noturnas, olhos cismadores começando a amortecer pelo embalo das harmonias ou pelo sussurro de palavras nascentes. As senhoras mais notórias pela distinção e beleza, ainda distantes, não contagiadas pelas melodias, passeavam, de braço dado a qualquer *chevalier galant*, em disfarçada

exibição dos seus predicados corpóreos e dos seus vestidos de Paris. Em pouco tudo amalgamado na mesma atração dos ritmos e dos balanceios. Animação, calor e aromas de perfumes caros e a seguir humanos.

Casais de enamorados procurando as sombras dos terraços laterais e, quando pronta a nova biblioteca, fugindo do bulício, encaminhando-se para ela pela extensa varanda da já falada ala construída para abrigar as seções da Secretaria, despejadas do corpo central do edifício. O truque amoroso não passou “política interna de costumes” e nas futuras reuniões, guardas-civis, enfatiados, mas atentos, vigiavam o recinto apartado, propício aos arrulhos e confidências, pois se os livros falam em compensação não ouvem! O Barão riu-se gostosamente quando lhe dissemos os despontamentos dos jovens pares, obrigados a voltar sobre seus passos, depois de fingirem admirar os milhares de volumes que dormiam perfilados nas modernas instalações de aço e as escadinhas de caracol nos quatro cantos da vasta sala, acesso às prateleiras superiores, depois de os cavalheiros terem dardejado olhares superiores e de fingida indiferença para os vigilantes ali postos, impassíveis e convictos afinal da razão de suas presenças moralizadoras.

Enquanto isso as horas voavam! Os colarinhos, de pontas dobradas no alto, e os peitilhos das camisas, começavam a perder a rigidez dos engomados brilhantes, sinal que as contradanças se sucediam sem interrupção. Nas salas de fumar, senhores discutiam política, trocavam impressões recentemente colhidas ou deliciavam-se com os ótimos havanos, cujas caixas se esvaziavam com

assombrosa rapidez. Ar de sonolência em muitos, que, de quando em quando, entre bocejos consultavam os relógios.

Os bufetes tomados de assalto. A voracidade humana não conhece o ridículo! Nessas ocasiões, mãos mimosas tornam-se garras em busca de uma empada ou de um croquete. Luta-se por uma fatia de peru, com bravuras de guerreiro indômito e os primeiros servidos têm atitudes de triunfadores. A sede é de... deserto! E todas as idades se parecem nesses atropelos de gula, iguais em toda parte.

Como contra-regra infalível, o Lebrão, ajudado pelo França, pelo Correia e por outros auxiliares competentes, discretamente fazia movimentar seu pessoal de serviço, que se apressava em cobrir os claros abertos nas compridas e aparatosas mesas de servir, com mastodônticas peças de metal para refrescos e castiçais de grandes e recurvos braços nos quais as velas se derretiam em grossas e gordurosas lágrimas. De baixo, da cozinha, subiam largas bandejas e travessas trazendo novos e quentes elementos de nutrição, reforços que desapareciam como por encanto. A fonte, porém, parecia inesgotável! O capitoso *champagne*, sorvido sem parcimônias, jorrando de todos os lados, produzia seus efeitos e levantava o ânimo dos mais tristes! Era a hora deliciosa dos risos vibrantes, nervosos e gritadinhos e das expansões mais ternas e convincentes. Divino vinho, eu te bendigo!... Teu álcool generoso sempre me foi inspirador, soltando-me a língua só para dizer coisas lindas, alegrando apenas minha mocidade sonhadora e pobre. Leviandades também felizes e discretas: beber na mesma taça e no lugar em que lábios

tentadores houvessem primeiro pousado oh! maravilha das maravilhas!... Duplo rubor das faces pecaminosas... Para alguns, tais gestos tornaram-se definitivos! *O tempora, o mores!*

Desço logo dessas alturas recordativas para dizer prosaicamente, como acabo de verificar na Confeitaria Colombo (dirigida hoje pelos filhos ou descendentes dos saudosos e probos comerciantes citados), que os bailes do Itamaraty, em média, não custavam mais de 14:000\$000! Uma fortuna então, justificando o estribilho dos Catões de sempre: “Dinheiro haja, Sr. Barão!”

Depois, lentamente, o debandar dos convivas, satisfeitos e repletos, uns de ilusões, outros de realidades práticas. Alguns, por certo, decepcionados n’alma ou mancando pelos calos. Assim é vida!... Final sempre de apoteose. O salão de baile permitindo agora as estonteantes valsas aproveitadas pelos mais exímios bailarinos. Nas portas dando para a galeria central, senhores impacientes aguardavam o fim dessas últimas refregas. Rio Branco procurado, recebendo agradecimentos, retribuindo cortesias. Era quase a melhor hora para nós de casa. Acendíamos os charutos – antes discretamente colhidos – comíamos e bebíamos devagar, com a consciência do dever cumprido. O próprio Barão vinha para o nosso lado ou íamos nós para o dele nalguma sala, fazendo círculo em torno à sua pessoa. Comentários, impressões, observações de sua parte, precisas e pitorescas; perguntas sobre isso ou sobre aquilo e depois contando qualquer anedota ou, como muitas vezes aconteceu, discorrendo sobre a... guerra do Paraguai! O cansaço e o sono desapareciam ouvindo sua palavra vívida e interessante, proveitosa sempre. Finalmente, a nossa despedida no patamar da

escadaria. Agradecimentos e felicitações pelo brilho da festa. E ele senhorialmente replicando:

– Eu é que agradeço aos senhores!... ajudaram-me muito...

Boas noites.

Não me esquecerei jamais de querido colega que, recordando-se ser certa madrugada já a do dia 28 de setembro, cumprimentava o Barão, com ênfase, pela passagem do aniversário da Lei do Ventre-Livre, tudo isso feito com curvaturas e saltinhos para aqui e para ali, interrompido por outros, voltando a insistir nas suas congratulações, junto aos primeiros degraus da escada. Por fim Rio Branco, comovido pela lembrança porém mais preocupado com risco que corria o amável funcionário, pálido mesmo, advertiu-o entre brando e áspero:

– Obrigado pela idéia!... mas por favor tome cuidado com a escada, pois estou vendo horripilado o Senhor rolar por aí abaixo!

Em todos os bailes do Itamaraty eu dançava como corupio. As lições aprendidas, no alvorecer da juventude, com a minha boa e dedicada amiga Isaura Gomes Neto, nos alegres e longínquos arrasta-pés domingueiros do *Colomy-Club*, aperfeiçoadas por um maior número de mestras no *Clube Vassourense* (benditas sejam todas elas), tornaram-me bailarino esperto e destemido. Com Eugeninha Gordilho, diletta prima, hoje senhora Francisco Soares de Gouveia, abri um baile no *Clube dos Diários*, rodopiando sem competidores, embalados ambos pela deliciosa cadência da valsa “Danúbio Azul”. Real e belo sucesso. Álvaro de Tefé, Secretário da Presidência da República, aplaudiu

o feito e perguntou-me muito seriamente se eu já entrara para a *carrière*. Felicitado, como anteriormente disse, por ter boa letra e com louvores pelas ágeis pernas, julguei-me, naquela ocasião, capaz de ir mesmo para diante... No resto, pouco elogiado, era eu o primeiro a confiar um pouco!

Num daqueles bailes, ao conduzir para o bufete um dos meus pares – saxe animado – recorde-me que, poeta sem nunca haver conseguido rimar dois versos, lhe propus tomar... esmeraldas líquidas! – Que é isso? Indagou a graciosa companheira. E eu, ovante, pedi ao garçom: – Dois *pipermint* com sifão...

Foi quando vi e ouvi de um senhor, entrado em anos, que nos olhava com simpatia, como revendo em nós algo que ele já possuía e usufruía e tão depressa findara, suspirar risonho:

– Ah! mocidade!... mocidade!

E por falar nesses saudosos bailes, lembro-me também que havendo solicitado do Barão, nas vésperas da realização de um deles, licença para expedir um convite ao célebre violinista húngaro Frank von Veczey, resplandescente de mocidade e arte, então arrebatando a platéia do Municipal, e de quem me fizera amigo, o Comendador Frederico de Carvalho saltou do lugar em que estava para dizer-me em tom de “carão”, espantado de minha audácia:

– Que é isto seu Luís?!... Convidar um rabequista?!... Que passa pela sua cabeça!...

O Barão interrompeu-o e sentenciou: – Faça o convite, Sr. Avelino. Voltando-se para o censor, foi-lhe dizendo naquela sua maneira informativa e esclarecedora:

– Trata-se de um grande artista e de um nobre moço com as melhores credenciais. Já tocou em várias cortes européias e é já detentor de algumas condecorações apreciáveis. Quero mesmo conhecê-lo...

Não fosse ele o Barão! Encontrando-se comigo no decorrer da festa, perguntou-me logo: – Onde se encontra seu amigo von Veczey? Não o vi ainda com o Sr.! Vá buscá-lo!... Com poucas palavras conquistou e encantou o apresentado, que só me dizia a seguir: – *Quelle majesté d’homme!*...

Para o mágico von Veczey passei a valer muito e jamais deixei de ter as melhores poltronas para seus estupendos concertos, num dos quais, ainda assistido das duras torrinhinhas, vi chorarem todos os componentes daquele afinado conjunto de cegos que, por muito tempo, alegrou as principais ruas do centro da cidade, ouvindo os sons arrebatadores, maguados e plangentes, do divinal violino de von Veczey na *Ave Maria* de Schubert.

Capítulo XVIII

O telegrama n.º 9

Capítulo XVIII
O telegrama n° 9

Não se iludam os que, até aqui, pacientemente me lêem. Não vou fazer revelações inéditas nem mesmo repisar fatos mais que sabidos sobre esse famoso telegrama n° 9, que no seu tempo estourou como uma bomba, abalando chancelarias e, sobretudo a opinião pública do país, enervada por série não pequena de sussurradas ocorrências internacionais, aproveitada por alguns dos nossos políticos para ataques dissimulados ao grande Ministro e por outros encarada como grave para a continuação da paz continental. Tudo isso é história antiga, sobejamente conhecida, tanto quanto o resultado final do incidente, jato de água fria que Rio Branco, sem hesitações nem tardança, lançou sobre a torpe intriga, afogando-a de vez: a publicação da chave telegráfica usada pelo Itamaraty e de provas irrespondíveis de sua autenticidade, que constituem o hoje já raro folheto “O telegrama n° 9, de 17 de junho de 1908, dirigido pelo Governo brasileiro à Legação do Brasil no Chile”.

Então para que toco neste ponto?! Pela simples razão de que aquele documento trouxe-me um dos maiores sustos que raspei nesta vida, destes que a gente sente o sangue fugir para lugares ignorados do próprio corpo! Quando se soube do caso na Secretaria e do reboiço motivado pelo fatídico telegrama, Zacarias de Góis Carvalho e eu trememos da cabeça aos pés: fôramos nós

seus cifradores! Ele, por certo, menos do que eu, por ter mais tarimba e maior confiança em si mesmo, conquanto começasse a puxar repetidamente para cima os duros bigodes, sinal seguro de intensa preocupação. Com que profundo e meticuloso cuidado, os dois, refizemos nosso trabalho de conferência, encontrado sem uma falha, erro ou omissão! Doce alívio!...

Agora vejo, depois de ter ainda lidado, na minha já distante atividade, com os nossos modernos códigos – volumosos, seguros e complicados – como era singela e ingênua a cifra dos longínquos tempos, escrita enigmática somente para aqueles que desconhecassem os rudimentos da difícil arte criptográfica. Essa ignorância era total nos forjicadores da suposta decifração do telegrama nº 9, como nos fazia ver, pouco depois, um tal senhor von Putten!

Quem era esse Sr. von Putten?!... Não sei bem até hoje! Lembro-me apenas que ele apareceu no Ministério, após o Barão ter tornado pública nossa cifra, explicando seu manejo, aliás, fácilimo. Conversando, meses atrás, com Lafayette de Carvalho e Silva, outro velho companheiro de fresca e fiel memória, tive a minha avivada ao saber que se tratava de um austríaco residente no Brasil havia longos anos. O certo é que o Sr. von Putten nos deixou a todos boquiabertos, ao demonstrar-nos a simplicidade primitiva daquilo que a Casa conservava como um dos seus maiores segredos, chave das suas recomendações para nossos agentes no estrangeiro. Qual nada!... Tudo linguagem clara para aquela estranha personagem, surgida só Deus sabe como! O Comendador Frederico, resmungando impropérios, depois de

verificar as habilidades apavorantes do homem, quis mostrá-lo ao Barão, e, com ele, lá fomos todos para o gabinete do Moniz de Aragão.

Rio Branco olhou, de começo, desconfiado para o apresentado, mas, como nós, aos poucos, foi ficando, dado a perícia do decifrador, perfeitamente atônito ante a nenhuma dificuldade da nossa cifra, conquanto querendo ainda complicá-la com inversões e mudanças continuadas da palavra mestra, sem que isso alterasse o bom humor do Sr. von Putten, ao afirmar ao Barão, na sua voz gutural, carregada de “rr”:

– Não adianta nada!... Tudo *brincadeira* de *crianças*, Excelência!!!

Quando o Sr. von Putten saiu, o Barão, como justificativa para nosso estado de espanto e seu próprio, disse-nos apenas:

– Também um sujeito com um nome destes!...

Aberta nossa cifra e comprovada sua ineficácia, o problema urgente era o de, às carreiras, arranjar-se uma nova. Mil sugestões foram aventadas. Funcionário cujo nome oculto, mesmo repousando em outras paragens, com a melhor boa vontade deste mundo, dias depois apresentava projeto de código, que o Barão, ao passar sobre ele os olhos, rejeitou *in limine*, entre decepcionado e sorridente:

– Ora esta!... isso não pode ser! Imaginem os Senhores que, depois de uns “a”, “à”, “aan”, a primeira palavra aproveitável é... abacate!

Mas como para quase tudo nesta vida há solução, não tardou muito que fosse concluído nosso primeiro código, obra na qual a maioria da Casa colaborou afanosamente e a Imprensa Nacional imprimiu com grandes cautelas. Apenas no pequeno volume – que meu chefe em Santiago e depois meu sogro, chamava por engraçadíssimo epíteto, infelizmente impossível de ser aqui reproduzido – havia sensível e imperdoável lacuna: faltava a palavra BRASIL!

Capítulo XIX

Velho tema

Capítulo XIX

Velho tema

Todos que me lêem, muito provavelmente, sempre ouviram falar nas rivalidades dos funcionários da Secretaria de Estado para com os membros dos Corpos diplomático e consular, ciumeira velha e compreensível até certo ponto, quezila mais aparente que real. Devo confessar, porém, que as mesmas nunca foram suficientes nem capazes de empanar o respeito mútuo, o apreço e a amizade, algumas profundas, entre o pessoal dos três quadros do Ministério, hoje amalgamados num único, talvez com indiscutíveis vantagens para o futuro da carreira, quando esse reajustamento, pelos anos, comece a dar todos os resultados previstos pelos seus adeptos e executores. No meu fraco entender, acredito, entretanto, que, ao menos num ponto, as coisas continuem como antes: Rivalidades existirão sempre! Há, como fator para isso, os afortunados de todas as épocas, e são esses, precisamente, os que provocam tais sentimentos, fundamentados na maioria das vezes, outras, apenas interpretados com deficiência ou deformidade de visão, por isso que o mérito pode andar de mãos dadas com a boa fortuna. E se atentar-nos no número considerável dos servidores do atual Itamaraty, é fácil prever-se a majestade da luta para sucessos mais rápidos na natural conquista de promoções, não limitadas, como antigamente, às dos respectivos setores.

Quando entrei para a Secretaria, o clima burocrático irradiava imperativamente sobre todos seus componentes, e com exceção de alguns, para confirmar a regra, ninguém pensaria em abandonar seu lugar, no qual se sentia bem instalado, pelos azares de uma vida, instável em princípio, com deveres bem diferentes dos conhecidos. Não creio em absoluto que se oferecessem um posto no estrangeiro ao Comendador Frederico de Carvalho, aos Srs. Fernandes Pinheiro ou Artur Briggs, para só falar nos mais velhos e graduados, qualquer deles aceitasse a prebenda. Então o primeiro deixaria suas comodidades e independências, suas noites repousantes após o prazer diário das horas de mando e a volta ao lar, naquela confortável e ligeira vitória de seus encantos, com parados na Casa Carvalho ou em outro armazém similar de comestíveis finos, donde saía cheio de embrulhos?!... E os dois últimos trocariam as vindas e idas, manhãs e tardes, nas pachorrentas barcas de Niterói, deleitosas travessias, por viagens em transatlânticos luxuosos, velozes e trepidantes?!... Jamais!... Nem os que se aproximavam do fim da jornada, prestes às chefias de seção, mostravam ânsias de deslocamento para outras plagas. Boa sementeira de legítimos “ronds-de-cuir” era a Secretaria! Quem nela caía só desejava medrar, crescer, no seu terreno acolhedor e propício para ambições limitadas... Nenhuma sombra, portanto, de positiva inveja dos que serviam no estrangeiro; quando muito, levantar indiferente de ombros aos deslumbramentos dos grandes postos, sem o esquecimento daqueles nos quais a vida não apresentava novidades.

Sem temor de erro, julgo ter sido mesmo Rio Branco o primeiro a pensar que daquele meio germinativo, com rebentos em crescimento e promessas à vista, poderia ele aproveitar alguns dos seus elementos para o serviço no exterior, transformando destarte a mentalidade dos moços que já trabalhavam na Casa e a dos recém-entrados, abrindo-lhes novos horizontes em benefício próprio e no da carreira diplomática, para a qual devotava cuidados especiais e queria, igualmente, rejuvenescê-la pelo ingresso de valores de todos os quadros do Ministério. Um precursor da atual fusão, sem tanta rigidez, como o foi de muitas outras inovações ora em prática.

Voltemos, entretanto, às faladas rivalidades... Os de fora, como *leit-motiv*, sempre queixosos dos supostos arrochos e picuinhas da 4ª seção (Contabilidade), não deixando passar, sem comentários ligeiramente irônicos, mínimo deslize das outras, defendendo-se, com argumentos longos e magoados, da mais leve advertência recebida, mas tudo isso com imenso cuidado e nenhuma acrimônia. Os de dentro, ou seja, os da Secretaria de Estado, ciosos das suas prerrogativas, como órgão principal e condutor de todas as atividades, sempre parcos, em verdade, em elogios ou aplausos, tão reconfortantes e tranquilizadores para os que agem de longe, em não raras ocasiões jogando cartadas difíceis, valendo-se de felizes oportunidades ou cumprindo, com clarividência, instruções algumas vezes dúbias ou confusas. Ainda neste ponto Rio Branco mostrava-se superior e humano; não regateava encômios nem poupava louvores àqueles que interpretavam com precisão suas recomendações (obras-primas de sobriedade e perceptibilidade),

ou, em informações oficiais e até pessoais, se apartavam da mediania do expediente vulgar. Era ele assim constante orientador e animador dos que elevavam o nível da profissão e com isso alterava também usos e costumes de longa data existentes. Seus famosos telegramas com vírgulas e pontos e parágrafos, muitos contendo na íntegra, sem falta de palavra, toda uma nota a ser passada, eram apenas ordens sem discussão, intangíveis e imutáveis.

Do meu falecido sogro, Ministro Luís Rodrigues de Lorena Ferreira – nome que se não apagará dos anais de nossa diplomacia pelos seus longos e relevantes serviços à causa pública e que sempre gozou da inteira confiança do Barão – ouvi, não poucas vezes, por certo, para ilustração minha, que, de uma feita e em momento grave, recebera um daqueles citados telegramas. Nota áspera, severa, a ser dirigida, sem perda de tempo, ao governo junto ao qual estava acreditado. E acrescentava que, conquanto percebendo a gravidade do documento, dissera sem vacilar ao secretário de sua missão: – *Sen... bata na máquina a nota!...* – Mas, Sr. Ministro, replicou o auxiliar, se V. Exa. mandar isso como está, prevejo o recebimento dos nossos passaportes!... – *Sen... não discuta ordens, sobretudo quando elas vêm do Barão!...* E olhe, faça também comunicação telegráfica para o Rio dizendo que passei a nota... E o Ministro Lorena, em cujos olhos havia ainda a chama viva dos seus tempos de chefe, concluía esfregando as mãos, num gesto de contentamento, como se o final do caso houvesse ocorrido na véspera: – Que pensa você que aconteceu?!... Nova mensagem do Barão, lacônica e imperativa: “Mande *na íntegra* cópia da nota que V. Exa. acaba de passar a esse governo”.

Sacramental o fecho dessa história: Meu sogro girando sobre si mesmo alçava os braços para o ar, arregalava os olhos, e, como assombrado ainda, terminava parecendo falar com a testemunha do caso:

– Hein!... *seu...*! Em que entaladela estaria eu agora se tivesse trocado uma única letra da nota do Barão?!...

O remate partia de mim: – Mas Ministro, e os passaportes?!... Que passaportes, que nada!... Aquilo foi água na fervura, dizia-me ele cofiando os bigodes.

Ponto nevrálgico, argumento lançado como irrespondível, quando as discussões se acirravam entre funcionários da Casa e colegas do serviço externo, constituía o pagamento em ouro a estes, cavalo de batalha de sempre sem solução. O mais curioso reconhecimento agora, era que militassem ponderáveis razões para ambas as partes! Para nós parecia incrível ganhar um simples 2º secretário de Legação, em férias no Brasil, o quádruplo ou mais que percebia o Diretor Geral, absurdo dos absurdos no nosso entender, para não fazer outras comparações arrasadoras ferindo fundo melindres íntimos. Os beneficiados pela conversão de suas preciosas libras em abundante quantidade de mil réis, rebatiam essas acusações fazendo-nos ver que quase todos eles moravam em hotéis caros, vivendo artificialmente seus dias, cheios de compromissos sociais e que se assim não fosse, jamais agüentariam aqui um mês, enquanto nós, sem representação obrigatória, melhor poderíamos conduzir e reger a vida cotidiana. Tal argumento, ao parecer profundamente capcioso, não nos convencia em

absoluto; emenda pior que o soneto, pois nossa pecúnia, por tão exígua, não admitia paralelos...

Somente com o correr dos anos, alguns, como eu, nas suas estadas aqui, pagas em ouro, tiveram o ensejo de dar-se conta da justeza de tais alegações. Com o presente regime, essa disparidade de vencimentos desapareceu, mas só Deus sabe com que linhas cada um agora se coze quando em estágio no Itamaraty.

Como em boa doutrina, de tudo a gente deve tirar proveitos, da sóbria elegância de uns tantos diplomatas patrícios, criteriosamente observada Zacarias de Góis e eu, corríamos para as *Duas Coroas*, na rua da Constituição, nosso “Pool” daqueles felizes tempos, onde explicávamos, pontificando, ao amigo Sr. Lima, sócio principal da respeitável firma Lima & Costa (que digno e bondoso homem era este Sr. Lima!), e ao cortador Araújo Brasil – tesoura inesquecível – as novidades dos cortes londrinos e dos padrões das fazendas. Encomenda de uma nova fatiota, na certa! E saíamos dali jubilosos, achando a existência doce e suportável, mesmo pagos em... papel!

Capítulo XX

Diplomatas e Cônsules

Capítulo XX
Diplomatas e Cônsules

O plácido ramerrão dos dias da Secretaria era igualmente agitado pela chegada e agrado das visitas periódicas dos Ministros Plenipotenciários, Residentes, Secretários de Legação. Cônsules Gerais e Cônsules, ora em férias regulamentares, ora de passagem, em trânsito, pelo Rio. Isso sem falar nos agradáveis convívios dos que aqui ficavam em curtos ou longos períodos, em comissões ou chamados a serviço.

Fui assim conhecendo grande parte do pessoal do nosso Corpo diplomático e consular, com visíveis simpatias por muitos, frieza ou indiferença com alguns, respeito para os altamente graduados e viva cordialidade para uns tantos, tornada em sincero querer e apreço com o passar dos anos.

Falar em todas essas figuras seria um desfilar de nomes sem conta. Para os curiosos, aí estão os relatórios... Apenas pelo seu feitio e peculiaridades, número não pequeno das mesmas está bem gravado na minha memória. A austeridade de Alberto Fialho, protocolar em extremo, abraçando os Chefes de seção, apertando com calor as mãos dos 1º Oficiais, menos expansivo para com os Segundos e quase frio para os Amanuenses!... Em contraste frisante, a bonomia de Francisco Régis de Oliveira, de aprovações constantes; o encanto de Bruno Gonçalves Chaves, sempre apressado, movendo-se agitado entre as largas abas de sua

sobrecasaca, mais parecendo duas negras velas de navio corsário; a tranqüilidade enganadora de Manuel de Oliveira Lima, comparável à de vulcão em repouso; a distinção de José Pereira da Costa Mota, lembrando-me, não sei porque. Eça de Queiroz; e a camaradagem estonteante de Alfredo de Moraes Gomes Ferreira, com seus cacoetes, alargando a todo o momento o colarinho, girando em seguida o rosto, espantando com a mão mosca imaginária, com seus contos verdes, escabrosos e como ilustrados por expressivo jogo fisionômico, muito apreciados pelo Comendador e por todos nós.

Cito também José Cordeiro do Rêgo Barros, tão fino de palavras e de maneiras, sem me esquecer, com arrepios, da minha grande cincada que o deixou perplexo, de olhos arregalados! Encontro fortuito num bonde, eu com meses de Ministério, ufano pela sua companhia e pela prova de deferência que me dispensava, falando-me e ouvindo-me como se tratasse de velho colega. Chegávamos ao termo da viagem, ladeando o Teatro Municipal, em final de construção. Pequeno diálogo:

– Belo monumento!... Acho imperdoável, entretanto, a pouca amplitude das *marquises*... sentenciou o impecável Plenipotenciário.

Muito embaraçado pelo reparo e sem saber ao certo (oh! meus 20 anos!) o que seriam as *marquises*, mesmo assim retorqui de pronto, traduzindo, como única demonstração de saber, a cabalística palavra francesa, resposta que tanto tinha de pernóstica como de ingênua:

– Tem V. Exa. toda razão!... Lamentável descuido! Mas quem sabe se no interior as marquesas não serão maiores?!...

O Embaixador Alfredo de Barros Moreira, que tive a desdita de enterrar em Bruxelas, “com todas as honras protocolares” conforme mandei dizer ao governo, conheci-o ainda Conselheiro de Legação, o mesmo acontecendo com José Manuel Cardoso de Oliveira e Augusto Cochrane de Alencar, este meu Embaixador em Washington e aquele meu Ministro em Santiago. Três excelentes chefes e três grandes amigos, dois há muito desaparecidos, mas sempre presentes nos meus pensamentos e saudades. Cardoso de Oliveira vive felizmente, aposentado e... nos seus aposentos, como preceitua meu irmão Silvino, envolto no querer dos entes que lhe são caros e no dos seus admiradores, que são todos quanto tiveram a fortuna de aproximar-se de tão digníssimo varão, conjunto de virtudes públicas e privadas. Como não me referir, ao escrever estas linhas, à nossa terna convivência em Santiago, do muito que com ele aprendi e daquelas disputadas partidas de gamão ou de manilha com o Comandante João Soares de Pina, adido naval, muitas vezes provocadas por mim para sacudir tristezas ou espantar boa dose de preguiça, que Cardoso de Oliveira era o primeiro a querer vê-las de longe!

Outros nomes ainda em plena ascensão, encontrados depois no ápice da carreira: Domício da Gama, o *enfant gaté* do Barão (de quem acabei sendo seu último 1º Secretário em Londres), mocidade só de esperanças incertas, meio-dia de notoriedade e sucessos, crepúsculo de torturas, ferido na alma e no corpo, com a visão só pela metade e, assim mesmo, escrevendo-me de Paris, onde procurava alívio para seus males, em doloroso tratamento: “Fui a Versailles ver do terraço o Castelo dourado

pelo sol poente. Mesmo visto por um só olho, era a Beleza”. *Sic transit gloria mundi!*

Raul Régis de Oliveira substituiu Domício da Gama na Corte de St. James e ao seu lado ainda servi um par de meses, antes de ser removido para Bruxelas. Como me custava, então, dar-lhe o título de *Embaixador* e as *Excelências* devidas, esforço só comparável ao feito mais tarde – quando eu era, igualmente. Embaixador e como ele aposentado – de voltar a chamá-lo de Raul! Idêntica dificuldade sinto hoje quando escrevo a Carlos Magalhães de Azeredo, que fechou com chave de ouro a série dos meus chefes da carreira diplomática, esse admirável Magalhães de Azeredo, para quem não tenho expressões suficientes e precisas de louvor e gratidão, por isso que ao divisá-lo por primeira vez ele já era o nosso insubstituível Embaixador junto à Santa Sé.

Tendo-me referido a todos meus chefes, cometeria falta sem perdão se não falasse de Antônio Augusto de Brienne Carneiro do Nascimento Feitosa, comprido e sonoro nome que seu digno possuidor acabou reduzindo-o a um único, assinando-se – Feitosa – e com *f* minúsculo! Conheci-o em Santiago do Chile, quando abandonou, por fim, a Bolívia, depois de longa permanência e relevantes serviços ao Brasil, posto em que chegara 1º Secretário e saíra Ministro Plenipotenciário, em caminho para a Dinamarca, casado não havia muito, mas parecendo unido na véspera, com a minha respeitável e bondosa amiga Embaixatriz Laura Chirveches de Feitosa. Datam dos dias encantadores de sua passagem por aquela capital, no *Grand Hotel*, a constante amizade que eu, a princípio, e depois com minha mulher, jamais deixamos de dedicar ao casal

amigo, hoje partido ao meio pela ausência definitiva do querido morto. Servimos juntos em missão especial no México, de final trágico pela morte fulminante do Comandante Marques de Azevedo, no salão nobre do Palácio do Governo, ao apagar das luzes das festividades comemorativas da *Consumación de la Independencia*, e mais tarde, anos passados, em Bruxelas, numa intimidade e afeto em que quase não se sentia (por não ser isso de nossa feição) a diferença de categorias.

Por sua baixa estatura, nervosismo, em agressividades de pardal irritado, no feliz dizer de um escritor francês, Manuel Carlos de Gonçalves Pereira, o “Pereirinha” para seus mais chegados, impressionava-me bastante. Outro de pequeno porte, mas grave, de poucas e medidas palavras, era Eduardo Félix Simões dos Santos Lisboa. Brasília Itiberé da Cunha, polido e de expressão algo sonhadora, por viver igualmente no mundo das notas, pianista de fama e delicado compositor. Henrique Carlos Ribeiro Lisboa, por ter sido oficial de marinha, tinha minhas maiores simpatias. Antônio da Fontoura Xavier, vate consagrado, especialista em triolés famosos... Com espanto vejo que citei quase todos os Plenipotenciários de então!

Agora é um turbilhão de fisionomias que repassa na minha mente, por milagre, com o frescor da mocidade. Os mais envelhecidos e até os mortos, ressurgem com os mesmos atributos galantes de 40 anos atrás. Oscar de Tefé von Hoonholtz, sempre *tiré à quatre épingles*, monóculo bem plantado, ágil de gestos, não esquentando lugar, como parecendo andar à cata de imediata solução para qualquer problema em vista. Luís Martins de Sousa Dantas,

esse extraordinário Sousa Dantas, chegado da Europa transferido para Buenos Aires (posto que na sua brilhante carreira marcou assinalada época), alvo de cobiçosos olhares, sobretudo femininos, num baile no Itamaraty em que conduziu, sem grande inclinação, arrastado e confuso *cotillon*. Revejo a doçura de Dario Barreto Galvão, a atraente placidez e as barbas cuidadas de Carlos Lemgruber Kropf; a elegância muito imitada, de Rinaldo de Lima e Silva e a esplêndida figura de Adalberto Guerra-Duval, deixando-me atontado, com a boca cheia d'água, pelas suas narrativas da Rússia, uma delas onde desempenhava papel saliente vasto tapete de pele de urso branco; a impecável correção de Luís de Lima e Silva e de Hipólito Alves de Araújo, este prestimoso auxiliar de Rio Branco em Berna, e aquele, impressionado pela palidez do Barão, observada por ele quando em trânsito pelo Rio: “Achei o *Barrão* muito *amarelo!*” A vivacidade espiritual de Félix Bocaiúva e a bondade de Epaminondas Leite Chermont. O desejo de alcançar a plenipotência, para *mourir en beauté*, de Alfredo de Almeida Brandão, e a compostura serena e fria de João Fausto de Aguiar.

E vêm depois os mais moços: Luís Guimarães Filho, mágico poeta das *Pedras Preciosas*, escritor de fino quilate; Gustavo de Viana Kelsch, como distanciado das vulgaridades humanas, vivendo nas suas teorias de arte; a robusta solidez do caro Alberto de Ipanema Moreira, trabalhador e viverdor ao mesmo tempo; Eduardo de Lima Ramos, retraído e devorador de livros... Mário de Belfort Ramos, muito brando, preocupado em extremo com os movimentos diplomáticos, sofrendo, certa vez, pequeno vexame por ter assegurado numa roda amiga, em toada misteriosa, que o

movimento sairia no dia seguinte, isso quando, em passado distante, os ouvidos policiais tudo escutavam. Armínio de Melo Franco, aprumado e seco de corpo, senhoril como todos os de sua estirpe. Por fim os nomeados após minha entrada para a Secretaria, uns já mencionados nestas reminiscências, outros que relembro agora: Carlos Martins Pereira e Sousa, nosso acatado Embaixador em Washington, companheiro ideal como ninguém; José de Paula Rodrigues Alves, o *Juquinha* tão apreciado em vida e tão lamentado ao morrer; Euzébio de Queirós Coutinho Matoso Câmara, velho e bom amigo dos bancos escolares do Colégio Abílio; Antônio José do Amaral Murtinho, o eterno *Nhonhô*, vigoroso aposentado de fazer inveja ao mais jovem Cônsul de 3ª classe; a figura inconfundível de Carlos Silva, malbaratador de sua própria inteligência e a fleuma, encobrendo alma super-sensível, de Luís Vilares Fragoso.

Não menos apreciado o aparecimento também, de quando em quando, dos representantes do Corpo consular, acolhidos por nós, igualmente, de braços abertos. João Antônio Rodrigues Martins, veterano Cônsul Geral em Gênova, almejando, na sua última estada do Rio, obter a transferência para o Corpo diplomático, justo e mais brilhante final para tão longa carreira, pretensão aliás apoiada, com entusiasmo, pela Secretaria inteira. Era ele velhinho delicioso, de barbicha branca, brando e de gestos galantes, muito tratado, de olhos vivos e expressivos. Seus anelos ruíram por terra!... Voltou desalentado para o posto, onde pouco durou, apenas com o consolo de nossa simpatia, manifestada num almoço que lhe oferecemos, no fim do qual ainda fomos

mimoseados por ele com delicada lembrança, cabendo-me lindo alfinete de bela turmalina verde, que hoje jaz no fundo das gélidas águas do Estreito de Magalhães, desprendido da gravata em infeliz gesto meu.

Manuel Jacinto Ferreira da Cunha, outro dos nossos preferidos. Formal no trajar e rebuscado no falar, sempre de sobrecasaca, que só chamava de redingote, perdendo por isso, em certa ocasião, grande número de convites por ter escrito no canto competente de cada um – redingote – em lugar de sobrecasaca, terminologia não aceita pelo Barão. Desde então ficou sendo para nós, em carinhoso apodo: O redingote! Outro muito de casa, na qual chegara a ser 1º Oficial, era Francisco Alves Vieira. Cônsul Geral em Londres, cearense de boa tẽmpera, alegre e brincalhão, morrendo, pode dizer-se por imprevisto acidente, já entrado em anos e com os mesmos cabelos negros de toda a vida, isso sem auxílio de tinturas renovadoras... Sully José de Sousa, nada criança, rosto de sedosa e rosada pele, garboso porte, muito bem vestido, usando polainas e luvas, dava-me a idéia de jovem ator em boa caracterização de coronel à paisana dos antigos *vaudevilles* franceses. Eduardo Drolhe Fasciotti, apoplético e maneiroso, nunca vindo de fora sem um carregamento de gravatinhas de laço feito, que distribuía como se fossem balas, tirando-as de um mesmo pacote. Dele guardo, principalmente, recordação em extremo curiosa e macabra – a de tê-lo enterrado três vezes! Sim senhores, três vezes... A primeira em Valparaíso, sepultamento oficial, com honras de Coronel, ao chegar seu corpo da Europa; mais tarde a transladação dos despojos para Santiago, com espera na Estação de

Mapocho, com coche fúnebre, coroas e acompanhamento não pequeno, em caminho do cemitério Católico. Mas o repouso para os restos terrenos da boa alma, não fora ainda definitivo! Lembrome nitidamente da cara de espanto do Ministro Lorena Ferreira ao receber, meses depois, a visita e o convite da Sra. Fasciotti, que era chilena, para a terceira cerimônia! O que foi depois meu venerável sogro, não pôde deixar de perguntar receoso à viúva: – Como é isso, minha senhora?!... Então o Cônsul Geral vai ser ainda removido?!... Para o jazigo de família, que só agora ficou concluído... O corpo estava em nicho provisório, esclareceu a afligida dama.

Dois outros mortos a quem muito quis: Dario Freire, funcionário de escol, espírito cintilante e mordaz, pena fluente de antigo jornalista, acirrada e impiedosa para seus inimigos, macia e de encantos raros quando manejada com afeto. Aluísio de Azevedo, o grande artista, foi uma das minhas admirações de mocidade. Conhecedor de toda sua obra, serei comovido as mãos ao ser-lhe apresentado. Minha geração (bem romântica era ela!) estava totalmente imbuída dos naturalistas, lendo Balzac, o Pai Balzac, com convicção e respeito, conquanto com esforço, devorando com entusiasmos Flaubert, os Goncourt e Zola, adorando Daudet o divino, e repetindo e imitando Eça de Queiroz, até no seu clássico monóculo! Compreensível, portanto, meu estado d'alma ao defrontar o autor do *Cortiço* e da *Casa de Pensão*. Rápida minha intimidade com Aluísio de Azevedo, talvez facilitada pelas estreitas relações de amizade de meu irmão Silvino com o mestre. O certo é que, em poucos dias mais, vivíamos tomando cafés e sorvetes no

Papagaio e na *Confeitaria Alvear*, em grandes prosas. Que orgulho o meu vendo-me ao seu lado nesses lugares públicos, convicto de que todos os olhos estavam voltados para nós... Com que rubor lhe disse escrever contos, que ele fez questão de conhecer logo, lendo-os com visível interesse e animando-me a produzir outros, por achar-me com fibra de escritor, nada extraordinário, no seu dizer, sendo eu filho de meu Pai. Quase caí na rua, dias depois, quando Aluísio me apresentou a um membro da Academia Brasileira de Letras, como *colega e confrade!*...

Augusto Sarmento Pereira Brandão, senhor de aspecto afidalgado, indo sem temores para o remoto e inóspito Consulado em Vila Bela e dando conta de não fácil encargo com inteiro agrado do Barão, foi depois amigo que muito prezei. Seu nome está ligado aos de sua mulher, a boníssima D. Lídia, hoje quase nonagenária – exemplar vida de amor e sacrifícios – e de suas filhas Alice e Bebê, conjunto acolhedor, cuja companhia gozamos no lar de *Queen's Gardens* em Londres, casa farta e sempre aberta a todos os brasileiros.

José Bazileu Neves Gonzaga Filho, o autor do “*A mais encantadora mulher*” e de outras melosas composições poéticas, fôlego longo que prudentemente não interrompíamos. Francisco José da Silveira Lôbo, que acredito ser hoje o decano dos aposentados do nosso Ministério, republicano histórico, amigo incondicional do Marechal Floriano, nos cativava não só pela garbosa aparência de um dos simbólicos mosqueteiros de Alexandre Dumas, como pelo agrado de sua exuberante personalidade. Henrique Martins

Pinheiro, Alcino dos Santos Silva, Bento Carvalho do Paço, Leonardo Olavo da Silva Castro, Álvaro Cunha, Hipólito Hermes de Vasconcelos, Mário de Azevedo, outras tantas figuras que repassam nestes instantes na minha mente, vendo-os agora tais quais eram, com suas sobejas qualidades, atitudes e tiques e pontos fracos, movendo-se como em vida na sombra dos meus pensamentos saudosos, clareados pela doce luz de um passado redivivo.

Há, felizmente, uns tantos que poderiam contar, como eu, novas histórias antiquadas! Francisco Garcia Pereira Leão, Sócrates Moglia, Domingos de Oliveira Alves, Jango Fischer, velha-guarda das melhores tradições de devotados servidores da Casa e do país. Todos erram silenciando, pois a língua dos aposentados, em regra geral humana e sem rancores, só se apraz em falar de coisas *d'outre tombe!*

Paro esta lista em que faltam tantos nomes e na qual os mortos formam a maioria, nada estranho por pensar como o mago Anatole France, que *“l’humanité se compose presque tout entière des morts, tant c’est peu que les vivants au regard de la multitude de ceux qui ont vécu!”*

Capítulo XXI

Na Diretoria Geral

Capítulo XXI
Na Diretoria Geral

Todas as circulares do Ministério, em princípio, eram feitas por Zacarias de Góis Carvalho e por processo que hoje não poderia explicar com precisão. Lembro-me, apenas, que ele, acolitado pelo João Ventura, as elaborava no compartimento térreo, da casa velha, anterior ao que onde atualmente aguarda definitiva colocação o original em mármore da estátua de Rio Branco, atravancado laboratório com uma prensa pré-histórica, cuja roda manjava, para frente e para atrás, o velho contínuo, com seu eterno pincenê pendente na ponta do nariz, passando também, de vez em quando, grosso rolo de tinta sobre as pedras matrizes daquelas obras de arte. Para tudo isso, o caro Zacarias, conforme a magnitude do trabalho, tinha que abandonar o serviço diário de auxiliar da Diretoria Geral. Por amiga indicação sua e benévola aquiescência do Comendador Frederico de Carvalho, comecei a substituí-lo nesses rápidos impedimentos. Mas lá veio uma circular tão grande (não me recordo qual o assunto da mesma), que permaneci mais de um mês ao lado do Comendador, por certo dando boa conta do recado, pois não mais voltei para a querida 2ª seção, ficando de vez adido à Diretoria Geral com a gratificação de 100\$000, considerável reforço mensal para meu orçamento, dádiva caída do céu.

Achei-me assim, de novo, diretamente debaixo da *férula* do Comendador, agora numa convivência de todos os instantes,

suportando suas pirronices, destemperos e momentâneas fúrias, porém muito abrigado pela sua sombra amiga e protetora, constante e fiel, adquirindo dia a dia toda sua ilimitada confiança, merecendo seu afeto, estendendo-se da vida pública à particular, pois acabei sendo um dos poucos íntimos do seu lar, passando horas a seu lado, quando ele preso ao leito por ataques de erisipela, ainda assim, se exaltava por mínima falha no expediente que eu lhe levava, tornando-se manso como um cordeiro mal surgia a figura severa e atraente de Dona Amália, sua dedicada esposa.

Bons tempos, em verdade!... Gratas horas aquelas, sempre variadas, sem a monotonia dos trabalhos nas seções, atendendo visitantes, prestando possíveis favores, amparando solicitações, e, força é confessar, sentindo o prestígio da aproximação com os deuses! Desde então, maior o contato com Rio Branco, muitas vezes ele próprio vindo à Diretoria Geral, atardando-se em palestra com o Comendador, perguntando a Zacarias ou a mim uma ou outra coisa, ou um de nós indo ao seu gabinete para receber ordens ou obter sua assinatura para algum documento de expedição urgente. Em outras ocasiões éramos chamados ou designados para desempenho dalguma comissão, umas tantas bem comuns: ir a bordo de navio de guerra estrangeiro, retribuir a visita do Comandante ao Barão. Telefonema ao Ministério da Marinha solicitando uma lancha. Passeio agradável e honroso... Não me esqueço do meu espanto e embaraço, ao desobrigar-me de uma dessas missões, quando o oficial de quarto me perguntou seriamente se eu, como representante do Ministro de Estado das Relações Exteriores

do Brasil, tinha ou não direito às salvas regulamentares?!... Solenemente afirmei que não...

Uma tarde, apanhado de surpresa, recebi a incumbência de representar o Barão num enterro de respeitável vulto da nossa antiga magistratura, creio mesmo que Conselheiro do Império. Apenas eu estava a pé!... Não havendo no momento nenhum carro disponível do Itamaraty, não sei porque cargas d'água o Comendador Frederico de Carvalho não quis, por nada, mandar buscar um de cocheira ou ceder-me sua vitória. Final desastroso para mim! Antes do saimento fúnebre, procurei escapulir-me, coisa que me não foi possível realizar porque, antes disso, já uma das pessoas enlutadas me havia designado para pegar nas alças do caixão. Nada a fazer!... Cumprida essa última homenagem, achei-me perdido no meio da rua, fingindo procurar invisível condução, esgueirando-me, a seguir, como malfeitor, cosido às paredes das casas próximas, até poder dobrar a primeira esquina. Como quem leva balde d'água fria na cabeça, assim fiquei eu ao ouvir do alto de umas sacadas, a exclamação composta de espevitados gritinhos femininos, afirmando uma realidade: "Aquele não tem carro!"... "Aquele não tem carro!"... No dia seguinte jurei ao Comendador jamais me submeter a semelhantes vexames. Não tardou muito para que o Barão, rindo-se francamente, me perguntasse interessado: – Então Sr. Avelino, como foi mesmo que as mochilas lhe disseram?!... E em voz de falsete, repetindo-me nas bochechas: – Aquele não tem carro!

Quando não convidado com antecedência, fui pegado, inúmeras vezes, para tapar algum buraco em almoços, arranjados

à última hora, quase sempre oferecidos a alguma personalidade estrangeira em trânsito pelo Rio. Frederico de Carvalho não admitia recusas, fracas sempre de minha parte, pois o apetite da mocidade aceitava bem essas duplicatas, tão diversas, em apresentação e sabor, dos meus almoços, engolidos à pressa, da Pensão Amaro, mesmo com tenros bifés, altos e sangrentos, dos melhores que tenho comido na minha vida! Nada de raro, depois de tais reuniões, muitas das quais com senhoras e moças, passeios curtos, acompanhando os visitantes, pelas ruas e praças principais da nossa doce cidade, ou maiores, volta pela Gávea, idas à Tijuca, se mais longa a estadia no porto do barco em que os mesmos viajavam. Se isso acontecia, o Comendador ficava passado, e no dia seguinte seu primeiro olhar para mim era atravessado, seguido de comentário irônico: – Você pela-se por essas escapadas, hein *sen* Luís!... Hoje, porém, descontaremos as horas perdidas!

De fato, para Zacarias e para mim, adeus àquelas saídas cedo! Frederico de Carvalho tinha a volúpia de encompridar o expediente. Das janelas da sala ocupada presentemente pelo Secretário Geral, quantas vezes sentíamos a tristeza do cair das tardes, aumentada pelo gradativo silêncio que se apossava da Casa pelo abandono paulatino dos seus componentes, fenômeno que só tornei a sentir – e mais impressionante ainda – quando Chefe de gabinete, pelo querer e bondade do meu eminente amigo José Carlos de Macedo Soares, olhando a luz morrente do dia e como percebendo o cabecear sonolento da grande castanheira e daquela velha e aprumada árvore de floração pouco cheirosa, cena de uma nostalgia dolente, vaga e indefinível! A entrada total da noite, acesas

as lâmpadas elétricas, esse estado emotivo desaparecia como por encanto!

Em compensação, quão risonhas as manhãs de outrora. Sempre alegre a chegada à Diretora Geral, eu por vezes alarmado com o volume da correspondência, montões de envelopes de todas as partes do mundo, a minha espera em cima da larga mesa central, que, depois de mudar o paletó e enfiar nos punhos da camisa outros de celulóide, começava a separar com cuidado e método costumeiro. Preferência para as notas das Missões estrangeiras, avisos dos Ministérios, ofícios das nossas Legações e Consulados. Com afiada tesoura, cortava os invólucros e, por ordem, ia-nos amontoando, após carimbá-los devidamente. Na carteira apropriada, de pernas altas, abria o livro respectivo, sentava-me no tamborete e toca a dar as entradas do dia... Enchi assim alguns desses livros, os melhores, sem temor de enganar-me, dos que temo em escrever, dos que atravessarão os anos, adormecidos na segurança dos arquivos da Casa.

Trabalho enfadonho, entretanto compensador, primícias de senhor feudal, sabendo de tudo quase em primeira mão! E se depois se verificava extravio de qualquer documento, meu livro servia de consulta, facilitada pela minha memória visual, sensível e fresca, localizando as procedências e datas dos mesmos, como os sons são gravados nas chapas virgens dos discos de vitrola.

Nunca fui auxiliar efetivo do caro Comendador! Ao apresentar-se, por fim, essa grata oportunidade pela promoção de Zacarias de Góis Carvalho a Diretor de seção, eu abandonei a Secretaria, passei para o Corpo diplomático, Deus é que sabe com que apertos no coração! Já contarei como isso se passou...

Capítulo XXII

Diplomatas estrangeiros

Capítulo XXII

Diplomatas estrangeiros

No meu primeiro estágio no Itamaraty, ao longo de oito anos, presenciei o desfilar de inúmeros Agentes diplomáticos estrangeiros, Chefes de missões, Secretários e Adidos, civis e militares, muitos que revejo com precisão, outros que se esvaem na minha mente, deles restando apenas traços diluídos e incertos. Como era natural, alguns daqueles altos representantes, principalmente os dos países latino-americanos, viviam mais no Itamaraty, uns até muito chegados ao Barão. Os europeus, quase todos residindo em Petrópolis, só de quando em quando desciam ao Rio, em geral nos dias de recepção de gala no Palácio do Catete ou de audiências do Ministro de Estado, sem falar nos banquetes e bailes oficiais. Nos últimos tempos, afastando-se Rio Branco, aos poucos, de sua casa de Westfália e começando a ser transferida para nossa cidade toda a vida social da época, as missões diplomáticas, por sua vez, mudavam-se para aqui, só subindo para Petrópolis nos verões, então ardentes e em nada semelhantes aos que hoje os cariocas sentem até saudades, pois os nascidos neste torrão inigualável preferem a canícula vibrante, os jorros de ouro do sol, a essas névoas, prenhes de umidade, que barram as belezas das montanhas, acinzentam as águas da Guanabara e espalham manto triste e lutuoso sobre o azul glorioso do seu céu...

Nossa posição e nossa pecúnia não permitiam também maiores aproximações com eles, relações que prudentemente evitávamos. Mesmo assim não escapávamos, uma vez por outra, dalguma atenção, impossível de ser rejeitada. Moços como nós, vários Secretários, por simpatia pessoal ou julgando ser isso dever de ofício ou de hipotéticas vantagens, convidavam-nos para almoços ou jantares em restaurantes caros. Era o diabo!... A retribuição constituía verdadeira sangria nas nossas parcas finanças.

O Barão von Maltzen, Secretário alemão, morto tantos anos depois, na sua própria terra, num desastre de avião quando Embaixador em Washington, com seus repetidos oferecimentos, tornou-se para mim legítimo pesadelo! Outros secretários havia que faziam finezas mais discretas e mais fáceis de serem pagas.

Como me lembro de uns tantos!... Da Argentina, Raymundo Parravicini e Germán Elizalde, dois *caballeros*, o primeiro, alto, esguio, nariz adunco de ave de rapina, e o segundo, de belos e nostálgicos olhos negros em rosto ovalado de finas linhas. Também Honório Leguizamón Pondal, colega após no Chile e no México, nunca esquecido, rosto glabro e pele baça de traços peculiares lembrando os de Dante, risonho sempre ao ser chamado de “*altíssimo poeta*”. Educado, inteligente e modesto, Carlos Gutierrez, da Bolívia. Do Chile, Dublé Urrutia, rapagão desempenado, cortejador do belo sexo e sobretudo de Hortência Rio Branco; Anselmo de la Cruz, tipo perfeito de levantino, de barbas negras e cerradas; Darío Ovalle Castillo, quase adolescente, o mais moço diplomata de então, muito amimado por isso mesmo e muito apreciado pelas suas atitudes de homem bem nascido. Anos

depois, no seu país, mais estreitas foram minhas relações com ele e não menos íntimas com seus encantadores irmãos Henrique e Augusto. Crisóforo Canseco, do México, onde mais tarde volvi a encontrá-lo, já fora da carreira, avelhantado e sem aquela impressionante pose antiga!

Elmano Vieira, do Uruguai, fazia parte da nossa roda. Com ele se passou pequeno episódio que merece ser recordado: Certa e longínqua tarde, perambulando despreocupado pela Avenida Central, fui chamado com grandes acenos por Carlos Silva, abancado em mesa de fora de antigo estabelecimento na esquina de 7 de setembro, no andar térreo do edifício do “O País”, para compartilhar de uma cervejinha. Bebidos os primeiros goles de nova garrafa, Carlos Silva perguntou-me naturalmente se eu tinha dinheiro para pagar as duas já abertas?... Confessei-lhe minha falta de fundos e senti a boca amarga!... Meu amigo não se perturbou! Tanto otimismo aumentou meu desassossego! Estava em brasas!... Mais eis que surge sorridente o caro Elmano Vieira. Vem para nosso lado, senta-se, esvazia, em longos sorvos, um, dois, três copos da loura e espumosa bebida, fala entusiasmado e comovido do recente tratado da Lagoa Mirim – no seu entender, o mais nobre tratado do Barão – e, por fim, fez questão de pagar toda a despesa. Respirei fundo... Carlos Silva, mal ele nos deixou, disse-me tranqüilamente:

– Aprenda a acreditar em Deus e no... Barão!... Também a Lagoa Mirim teria que nos trazer alguma compensação!

Muito me afeiçoei a Mário Dias Cruz, de Cuba, de quem já me referi em outras páginas de reminiscências. Abandonou cedo

a diplomacia, tornou-se um dos mais notáveis advogados de Havana, entrou depois na política, galgou posições e tem hoje seu nome cercado do apreço público de seus compatriotas. Em sua última carta, longa e afetuosa, escrita para o Peru, confessava-se desalentado ante a cruel perda da estremecida esposa, vivendo do consolo de ver o completo desabrochar para a vida do seu filho, encaminhado e seguindo virilmente os mesmos passos paternos.

Quando no porto de Callao e nas vésperas da inauguração da VIII Conferência Internacional Americana, vi descer do belo cruzador “25 de Mayo” o Chanceler argentino, Dr. José Maria Cantillo, ao saudá-lo como Embaixador do Brasil, não pude deixar de relembrar o moço e antigo Encarregado de Negócios, por poucos dias mais, ansioso, nervoso, temeroso de escapar-lhe a ocasião única de assinar com Rio Branco, o protocolo que pôs termo ao desagradável incidente conhecido como o “Caso das bandeiras”. O Ministro das Relações Exteriores do país amigo, aliás muito compenetrado nas suas altas funções, reconheceu-me logo e nosso abraço foi cordialíssimo. Seguramente, naqueles instantes, diversos seriam os nossos pensamentos, mas senti nos seus olhos como que um lampejo retrospectivo tombando sobre outra mocidade já distante!...

Como esquecer-me nesta breve relação de moços, de Carlos Papeyans de Morchoven, jovem Secretário da Bélgica, que se casou anos depois com uma filha do nosso antigo Plenipotenciário Francisco Vieira Monteiro. Na casa desse casal

amigo, em Bruxelas (ele então estimadíssimo Chefe do Protocolo) minha mulher e eu desfrutamos horas inesquecíveis, lar reunindo o encanto de duas raças naturalmente acolhedoras. Muito popular Ricardo Borghetti, Secretário de Itália, com duas Encarregadorias de Negócios nada curtas? Meão de idade, calvície vinda de longe, caráter jovial, grande jogador de tênis, gesticulava como um napolitano e se bem falava melhor ouvia...

*

* *

O Conde de Arco Valley, Ministro de S. M. o Imperador Alemão e Rei da Prússia, falecido repentinamente em Petrópolis, morte muito sentida, era um bom bávaro no físico e no temperamento, alegre, lhano, comunicativo. O Barão dispensava-lhe especiais atenções e o Comendador Frederico de Carvalho não ficava atrás em deferências à sua pessoa. Na Diretoria Geral ele entrava sempre com prazer, atardando-se em boas prosas. Comigo chegava mesmo a ser brincalhão! Batia-me nos ombros, aconselhando-me, caso passasse para a carreira, que procurasse servir em Berlim: – *Une très belle ville!... Et pour les jeunes personnes, fort agréable!...* Dizia-me isto, piscando brejeiramente um dos olhos. Certa vez, numa das suas descidas para almoçar no Itamaraty e resolvendo não regressar naquela tarde a Petrópolis, preso por qualquer imprevisto compromisso, estava aflito por passar um telegrama ao seu secretário, nesse sentido, sem saber como resolver no momento o problema. –

Facílmo, Sr. Ministro, disse-lhe... Faça Vossa Excelência a mensagem que eu a mandarei imediatamente por via oficial. Em grossa caligrafia e com repetidos agradecimentos, Arco Valley redigiu o que queria. Tomando-lhe das mãos o documento, meteu na máquina para pôr em baixo o sacramental. “É oficial. Secretaria de Estado das Relações Exteriores, tantos de tantos, etc., coisa feita em dois tempos e que arrancou exclamação admirativa de sua parte, por pensar estar eu datilografando o que houvera escrito: – *Comme vous connaissez l’allemand!*”

Sir William Haggard, K. C. M., C. B. (estas abreviaturas nos davam dores de cabeça!), com suas barbas grisalhas, abundantes e, ao parecer, mal cuidadas, por longos anos representou a Grã-Bretanha no Brasil. Era irmão do grande escritor do conhecidíssimo *King Solomon’s Mines*, livro deliciosamente traduzido por Eça de Queirós, *She*, etc. Outro barbado, baixinho, de olhar movediço e penetrante, o Ministro da Rússia, Pedro W. Maximow; antes dele aqui estivera em idênticas funções, o Conselheiro Maurício de Prozor, senhor de muita raça.

Havia também os impeticados, por natureza ou por considerarem que a *carreira* não dispensa umas tantas atitudes teatrais. Diplomatas dos monóculos sem grau... O Ministro de Itália, Barão Camillo Romano Avezzano, dava-me, talvez erradamente, essa impressão. Já o Barão von Riedl von Ridenau, da Áustria-Hungria, apenas ao envergar seu complicado e vistoso uniforme magiar, dos que têm dólman suplementar e que ele trazia com despreocupada elegância como dependurado a um só dos ombros.

Dos representantes europeus, ainda a citação doutro nome, cuja memória é tão cara a mim como ao Rio de Janeiro inteiro, que até bem pouco cercava sua fidalga pessoa, num exemplar e nobre envelhecer, de todo o carinho e merecidas reverências: O Conselheiro João de Oliveira de Sá Camelo Lampreia, Ministro de S. M. Fidelíssima. De Portugal, igualmente, conservo bem presentes as figuras do rotundo Conde Selir, último representante da monarquia lusa e as dos Drs. Antônio Luís Gomes e Bernardino Machado, primeiros da jovem República.

Lloyd Griscon, homem frio, distante, alto, magro, de comprido pescoço, foi o segundo Embaixador dos Estados Unidos de América entre nós, não guardando eu, em absoluto, nenhuma idéia do primeiro, Sir. David E. Thompson, e muito pouco do terceiro, Irving B. Dudley! Porém do quarto. Edwin V. Morgan, qual o brasileiro que dele ter-se-á esquecido?!... Quando Morgan chegou à nossa terra, para depois rolando o tempo, nela dormir seu grande sono, já era amigo de meu irmão Silvino, em trânsito por aqui, nomeado Plenipotenciário em Assunção.

Um dia Silvino me anuncia que, convidado por Morgan para jantar íntimo num dos nossos restaurantes centrais – motivo de melhor poder conversarem livremente – ficou em extremo sensibilizado com a extensão do mesmo à minha pessoa: – Traga também seu irmão, o jovem funcionário do Itamaraty, dissera-lhe Morgan. Unicamente eu não era mais tão jovem assim nem em idade nem na vida pública!

Meu irmão, com aquela bela voz de baixo-cantante, potente e sonora até hoje, pregou-me solene sermão, tendente a

provar-me a significação daquele gesto que muito honrava a ambos, pois, partindo de um Embaixador, mostrava não somente tocante prova de deferente amizade a ele, como traço feliz e hábil de verdadeiro diplomata. Continuou, como professor em cátedra, a fazer-me ver a grande, sensível diferença entre um Embaixador e um Ministro Plenipotenciário, acabando por afirmar-me que eu, 2º Oficial da Secretaria de Estado, podia acercar-me mais de um Plenipotenciário do que este de um Embaixador... Em verdade, então, os Embaixadores constituíam uma classe de aves raras! Assombrado, meu primeiro e instintivo impulso foi o de recusar o próximo quase *tête-à-tête* com tão complicada personagem. Silvino continuava falando:

– Veja bem, meu Luís, portanto, o valor do convite que lhe transmito com justo prazer! Agora, como conselho desnecessário, porém oportuno em todo caso, à mesa, seja discreto no falar!...

Se a coisa era assim, desde logo prometi para meus adentros que no jantar não abriria o bico a não ser para comer...

Edwin Morgan, força é dizer, ao chegar ao restaurante e ao apertar-me as mãos com aquele modo afetivo e franco, muito pessoal, acolhendo-me com tanto carinho, conquistou-me de pronto. O jantar começou e eu sem maiores preocupações, conquanto guardando silêncio absoluto. Morgan e Silvino entabularam conversa agradabilíssima para meus ouvidos, as recordações doutros postos espontando vivas. Eu mudo e envaidecido pelos olhares da assistência voltados para nossa mesa.

Minha vez chegou também. Morgan volveu-se para mim, perguntando-me por qualquer banalidade amável. Minha resposta foi polida, sorridente, porém monossilábica. A recomendação de Silvino soava-me nos tímpanos! Por excesso eu não pecaria!... Foi quando alguém se aproximou de nós, cerimonioso, para cumprimentar, cheio de mesuras, o anfitrião. Aí meu irmão, aproveitando o interregno, inclinou-se para meu lado, sussurrando apressado, enquanto seus olhos azuis cintilavam satisfeitos e acomodativos:

– Também não leve sua discrição a semelhantes extremos! Fale um pouco, pois, no fundo, os Embaixadores não deixam de ser... homens!

Por falar em Embaixadores!... E os Núncios de Sua Santidade?! Conheci três Excelências Reverendíssimas: Monsenhor Giulio Tonti, cujo nome está ligado à criação do nosso primeiro Cardeal Dom Joaquim Arcoverde e que foi também o primeiro Presidente dos Tribunais Arbitrais Brasileiro-Boliviano e Brasileiro-Peruano. De toda sua pessoa revejo apenas o brilho dos cristais de seus óculos! Vieram depois Monsenhores Alessandro Bavona e Giuseppe Aversa; estes sim, tenho-os bem presentes, recordando-me ainda, com um sorriso, da exclamação que dizem ter tido aquele, ao receber seus honorários como substituto de Monsenhor Tonti, na Presidência dos referidos Tribunais: – *Ma perchè tanto denaro?!...* Para o digníssimo e virtuoso prelado, por certo, a quantia pareceu-lhe não só imprevista como excessiva, e daí sua surpresa ante aquele legítimo *piatto di Cardinale*.

Dos Chefes de Missão sul-americanos retenho precisas lembranças de muitos. Manuel Gorostiaga, Ministro da Argentina, de cabeça e bigodes alvinitentes, tez rosada, manquejando um pouco. Ficou longos anos entre nós, deixando fácil sucessão, pois foi obreiro sincero das boas relações argentino-brasileiras. Júlio Fernandez e Lucas Ayarragaray, ocupantes após do mesmo cargo, seguiram trilha idêntica, e indeléveis as recordações de suas estadas na nossa terra. Do Chile já citei Anselmo Hevia Riquelme e agora chega a vez de referir-me a Dom Francisco Herboso, homem em extremo mundano, recebendo muito na sua Legação, sendo nisto eficazmente coadjuvado por sua esposa, Doña Maria, dama de tantas virtudes, e por sua sobrinha Raquel Echaurren, chama viva de mocidade, há muito senhora de Luís Fidel Yañez – meu querido Pepe – ilustre e encantador colega chileno em vários postos e fiel amigo de sempre. A Senhora de Yañez, poetisa de renome no seu país, hoje canta, em versos modernos e candentes, todos os segredos de sua alma em extremo feminina.

Com Cláudio Pinilla, um dos signatários do famoso Tratado de Petrópolis – esta obra-prima da diplomacia do Barão – cultivei as mais estreitas relações no Chile, onde ele continuava a representar com brilho a Bolívia, o mesmo acontecendo com Victor E. Sanjinés, seu sucessor ali como aqui. Rufino T. Dominguez, Ministro do Uruguai, que depois alcançou a Suprema Magistratura do seu nobre país, teve a fortuna de assinar com Rio Branco o Tratado da Lagoa Mirim e Rio Jaguarão, fidalgo, justo e desinteressado acordo do Brasil, modificando espetacularmente as tradicionais fronteiras com a nação vizinha, idéia que o Barão,

desde 1903, acariciava e trabalhava para pô-la em prática “com a sua habitual mestria e com um tato inexcedível” no feliz dizer do Embaixador A. G. de Araújo Jorge, na sua magnífica *Introdução às obras do Barão do Rio Branco*, empresa que nobilita os modernos dirigentes do Itamaraty. O Ministro Dominguez, um D’Annunzio baixo e moreno, pela calva e pela pequena e pontiaguda barbicha, era homem atencioso, porém bastante fechado e deveria ser pouco cômodo para seus subordinados. Foi substituído por Eduardo de Acevedo Diaz, senhor de elevado porte, de atitudes tribunícias, pomposo e lírico no falar e grande conversador.

Outro diplomata que gozou das simpatias do Barão, foi Hernán Velarde, Ministro do Peru, cujas missões no Brasil nem sempre correram fáceis e plácidas. Seu nome está ligado a uma série de atos internacionais de relevância, nos quais demonstrou todas as máximas qualidades de experimentado negociador. Era, de fato, possuidor de talento multiforme, prosador terso, poeta de largos e inspirados vôos, sendo infelizmente pouco conhecido entre nós sob esses aspectos. Revive hoje, conquanto de feição diversa, na figura sedutora do filho, Héctor Velarde, provecto engenheiro construtor e um dos mais curiosos espíritos com que me tenho deparado, escritor fluente e singelo na forma, ironista satírico de facetas imprevistas e de humor surpreendente e personalíssimo, tudo isso numa cara gorda, risonha, de criança tranqüila ou de inofensivo e pacífico gozador da vida!

Do Paraguai, entre seus representantes máximos, já me havendo referido ao grande Manuel Gondra, conservo ainda, se bem que vagamente, as fisionomias de Juan Silvano de Godói e

do Dr. Francisco C. Chaves, lembrando-me, entretanto, com clareza e saudades, da amizade com Ramón Lara Castro, um dos amigos que me levaram ao Cais Pharoux, quando embarquei para o Chile. Nota sentimental, para terminar este capítulo, sem dúvida monótono para muitos: Do casal Lara Castro aqui nasceu seu primogênito, cabendo-me participação no caso, pois, a pedido do mesmo casal, indiquei o Dr. Raimundo Bandeira, acatado especialista da época, para os delicados fins em vista. Felicíssimo sucesso!... Aquela criança, aquele carioquinha de ontem, deve andar agora pelos seus 33 anos, anos que quase dobraram os que eu tinha então!...

Capítulo XXIII

*A minha quase
primeira condecoração*

Capítulo XXIII

A minha quase primeira condecoração

Quando contemplo hoje, conforme o estado d'alma, com relativa melancolia ou simples prazer visual, as miniaturas das minhas condecorações – *chaînette* multicolor que jaz como coisa morta, entre outros pequenos objetos de arte, na vitrina da nossa sala de visitas – é com justificada vaidade que me recordo havê-las recebido sempre, apenas por ter tido a fortuna de servir em países amigos que conferem tais distinções aos diplomatas cuja permanência no posto não tenha sido de curta duração, ou bem pela delicada interferência de uns tantos agentes estrangeiros, em alguns casos, como discreta e agradável maneira de retribuir atenções e favores obtidos, quando não num movimento de simpatia pessoal. Outras ganhei também (e nisso não há nenhum desdouro), algo de cambulhada, pelos cargos que exerci na alta administração do Ministério e em ocasiões propícias para maior derrame dessa honrarias. Mas o certo é que, como venho de confessar, de quando em quando, todas elas avivam o passado e cada uma relembra momentos felizes e sensações de compreensível vaidade. A primeira, a do Chile, tanto vigor e mocidade e esperanças sem fim!... A última, a do Peru, os anos vividos, os cabelos brancos e o término da minha atividade funcional!... Só com elas poderia quase refazer a carreira! E se tudo isso não bastasse, quantas outras visões ainda: o repassar na mente de um sem número de fisionomias, algumas na

eternidade da História, desde a do grande Pontífice Pio XI, do Rei-soldado Alberto I da Bélgica, dos Presidentes Sanfuentes e Manuel Prado, de Chanceleres e de Embaixadores e Ministros Plenipotenciários, aos quais, direta ou indiretamente, devo tão altas mercês. A bela *chaînette*, no fundo, representa agora para mim unicamente um desfile de saudades e de reconhecimentos.

Ao olhá-la, atenta ou despreocupadamente, como disse antes, escapa-me sempre involuntário sorriso por senti-la desfalcada de uma que me foi anunciada como certa, quando era ainda Amanuense, e que nunca me veio às mãos: a do Duplo Dragão da China! *Excusez du peu!*...

Em fins de 1909 o Brasil recebeu a visita de uma Missão Especial da China, por nós acolhida com as devidas cortesias. Muita gente ainda se lembrará de ter visto três graves e silenciosas personagens, vestidas de magníficos balandras de sedas caras e vistosas, estupidamente bordadas, rabichos finos descendo pelas costas, movendo-se como sombras aparatosas pelas ruas da cidade, acompanhadas pela figura popular do Ministro Barros Moreira, no desempenho das atuais funções de Chefe do Cerimonial, cargo inexistente então no quadro da Secretaria de Estado, aproveitando-se para isso algum elemento do nosso Corpo diplomático, presente no Rio em férias esticadas ou aguardando qualquer designação, adidos ao gabinete do Ministro.

Para refrescar a memória sobre o caso que vou contar, procurei nos arquivos do Ministério dados referentes à mesma Missão. Ai de mim!... Fiquei tonto diante de tamanha perfeição! Você encontrará isso no Arquivo Histórico, disseram-se uns; no

Arquivo comum ou na Biblioteca, outros! Deparo-me com primeira pista, esta trazida pelo prestimoso e devotado colega e amigo Francisco d'Alamo Lousada, vasto índice de documentos, cheio de números, sub-números, datas, sinais cabalísticos, cipoal tremendo para os leigos ou aposentados e velhos servidores da Casa, habituados aos antigos maços, sem maior ordem e preocupação que a cronológica. Aquilo me confundia tremendamente. Mas qual!... Duas galantes moças confabulam, agitam-se, pedem-me somente que lhes diga, na lista apresentada quais os telegramas ou ofícios desejados. E chega um apanhado de papéis soltos, um volume encadernado e neles logo encontro o que queria, pouco em verdade, pois nunca soube ser rato de arquivos nem deles tenho vivido para o que vou rabiscando.

A Missão chinesa viera para agradecer nossa representação especial nas exéquias do seu último Imperador. Quem era ele, não sei! Nos documentos compulsados só se falava do... último Imperador! Levar avante o desejo, bem vago, de saber o nome da finada Majestade, não estava nos meus cálculos, além de temer, caso insistisse nesse propósito, esbarrar-me ante novas fichas, novos números, passar do Arquivo Histórico para o comum, desperdiçar inutilmente o precioso tempo das duas diligentes coleguinhas ou de outras. Contentem-se, pois, os leitores que não hajam saltado este capítulo, com os sonoros nomes dos componentes da dita Missão, exaustivo resultado das minhas recentes pesquisas. Eram eles três: Embaixador Liou-She-Sun; Secretário Ou-Ké-Tsáo (nome que o Carioca muito glosou) e Adido Liou-Nai-Fang. Isto já é alguma coisa!...

Na época em que a Missão por aqui passou eu deveria andar em cavalarias altas, pois dela guardo fracas lembranças, a não ser a do dia em que a mesma fez sua primeira e protocolar visita ao Barão. Vejo-a subindo as escadas do Itamaraty: o Embaixador, ladeado por Barros Moreira, na frente, ágil e de pequena estatura, sorrindo para o chão; atrás, o Secretário, homenzarrão impressionante, rosto impassível como modelado em marfim velho, de olhos fixos para o alto; seguindo os dois, com o intervalo de um degrau, o Adido, ao parecer, um adolescente, este olhando para todos os lados! Que lindas vestes e que ar senhorial tinham todos eles para trazê-las, em meios tão distintos, com tanta dignidade e elegância!

Que me lembre, não os vi mais, a não ser, de longe, na Avenida, ainda em rebolejo pelo espetáculo de sua passagem. Muito comentada na Secretaria, isso sim, as cores simbólicas das pedras (coral, jade e ametista) que ornavam seus gorros de cerimônia, para distinguir as respectivas graduações, signos mais complicados que as plumas brancas e pretas dos chapéus de gala dos nossos relegados uniformes.

Foi pois com legítima surpresa e justa admiração que recebi do caríssimo Comendador Frederico de Carvalho, quando a Missão já se fora embora, a assombrosa nova de que eu seria feito Cavaleiro do Duplo Dragão da China! Por que cargas d'água?!...

– Que me diz, Comendador?!...

– Sim senhor, Cavaleiro! Sua patente é ainda fraca. Zacarias será Oficial, e eu... Grande-Oficial! Para ilustrar-me, acrescentou:
– Isso é de praxe, depois dessas visitas...

Contou-me mais que a lista dos agraciados já estava feita, e que ele, à vista de saber que nela figuravam todos os componentes do gabinete do Barão, fez questão fechada que os nossos dois nomes fossem também incluídos. Com aquele olhar manhoso, perguntou-me:

– Esta será sua primeira condecoração, não é isso *seu* Luís?... Estes penduricalhos, digam o que quiserem, são de muito efeito! É preciso acabar com esta bobagem constitucional!... Mordeu e cuspiu para longe a ponta de um dos seus intragáveis charutos e, espichando-se na sua cadeira giratória, ainda me esclareceu:

– Parece que a venera é muito bonita!... O negócio vai tardar um pouco! Os necessários tramites serão feitos através da Legação da China em Paris... Mas o Sr. já se pode considerar um Cavaleiro do Duplo Dragão da China...

Os meses passam e nada de... condecorações! Zacarias e eu, de quando em quando, falamos no assunto, de passagem e com prudência. O Comendador, dado seu gênio atrabiliário, foi o primeiro a achar que, conquanto a China fosse nossa antípoda, nem por isso era explicável tanta tardança, ou, segundo expressiva frase que sempre repito ou escrevo pensando em Luís Martins de Sousa Dantas “a peça estava-se tornando imoral!”, sentença, certa vez ouvida por este último, de sisudo senhor português, ao levantar-se abruptamente e intimar imperioso suas duas filhas, rubras como pimentões, para segui-lo, isso num dos nossos teatros e em meio do segundo ato de libérrimo “vaudeville” francês, traduzido cruamente, quando no palco as cenas escabrosas já tinham alcançado seu máximo!

Mas lá um dia, ao entrar na Diretoria Geral, na mesa em que abria toda correspondência do Ministério (grande tábua em cima de três cavaletes), deparei surpreso com respeitável volume vindo da nossa Legação em Paris. Procurei sôfrego, entre os montões de envelopes chegados naquela manhã, se não havia outro envio de igual destino, e, ao encontrá-lo e abri-lo, li em primeira mão o ofício da referida missão, anunciando a remessa, em separado, das condecorações chinesas! Que baque no coração!...

Aparece, a seguir, Zacarias; agora somos dois os impacientes. Pouco tardou que ouvíssemos o distante tilintar de guizos e, logo após, o bater de patas ferradas ferindo os paralelepípedos da entrada lateral esquerda do Palácio, sons precursores da vitória do Comendador, que Jaime Madureira, o mais moço dos contínuos – bonito e alegre rapaz, querido por todos e morto prematuramente – ao ouvi-los, dizia sério: “Ouço passos de animal! É o Diretor Geral...” Se, por qualquer motivo, o Comendador não vinha assim conduzido, era fatal levar eu carões tremendos por conservar aberto o ponto.

O caro chefe, naquele dia, seguramente de excelente humor, percebeu logo, pelas nossas fisionomias risonhas, alguma boa nova:

- Por que estão vocês com cara de fogueteiros?!...
- As bichas chegaram!... Olhe o embrulho!...
- Que bichas?!... Que brincadeira é essa, *seu* Luís!...

Meio desconcertado, emendei a mão:

- Bem!... é como quem diz!... As condecorações da China!...

O querido Chefe exultou: – São elas mesmo?!... Eu não dizia a vocês! Chinês é gente de palavra...

Os três olhamos com reverência o pacote; depois elogiamos sua feitura, sua solidez, e por último o serviço postal que o trouxera até nós em tão perfeito estado...

Comecei a operação de abertura, isso de portas fechadas, primícias de gozo raro!... Retirada a capa principal de grossíssimo papelão, aparece outra mais fina, uma terceira de material alcatroado e finalmente série interminável de coberturas de papel de seda, de cores cada qual mais suave e bela, tudo sempre amarrado por fitas ou cordões de fio de ouro ou prata...

– Isso não acaba nunca e o volume está minguando! Foi a justa observação do Comendador. E estava mesmo, pois e que restava agora era uma caixa de proporções bem menores, bonita, como de charão, que arrancou um oh! admirativo de todos nós. Levantada com extremos cuidados a cobertura superior (pois ela se compunha de duas partes), camada espessa de papéis recortados, ainda encobria seu ansiado conteúdo! Afastados estes, tiro, por fim, invólucro mais comprido que largo. Entrego-o a Frederico de Carvalho, que nele lê com ênfase: “*Pour Son Excellence Mr. le Baron de Rio Branco, Ministre des Affaires Etrangères de la République des États Unis du Brésil*”, seguido de respeitosa afirmação: – É a Grã-Cruz do Barão!... Aparece outro, agora para o Ministro Barros Moreira. Mais papéis picados! Um terceiro para Raimundo Pecegueiro do Amaral; um quarto, um quinto, um sexto, para... Por estas alturas, o Comendador tinha mudado de cor três vezes! Estava fulo e a explosão ia ser tremenda! Eu ainda,

confiante num milagre, remexia a caixa, vasculhando-a por todos seus cantos. Afinal confessei desalentado!

– Não tem mais nada, Comendador!...

Frederico de Carvalho perdeu, de vez, as estribeiras! Seus olhos esbugalhados e congestos despendiam fagulhas de ódio e como se uma granada detonasse, desfazendo-se em estilhaços candentes, imprecações tenebrosas ressoaram pelo ambiente. Passado aquele despejar de insultos, só comparável aos dos estivadores das docas de Londres, ainda mal dominado, porém já refeito do choque recebido, ele nos ordenou tonitruante, decisão sem apelo:

– *Seu* Zacarias e *seu* Luís, guardem todos estes pacotes naquele consolo... Ninguém tem direito neste país de usar condecorações... É anticonstitucional!... É an-ti-cons-ti-tu-ci-o-nal!... Apanhou e trincou um dos terríveis mata-ratos, sem temor espalhados pela sua escrivaninha e, fixando-nos bem, contendo os restos da recente ira, deu-nos palavras de conforto:

– Eu não me importo com estas coisas, mas sinto a trapaça por vocês dois...

As condecorações passaram do consolo para o cofre grande, em baixo, de uso privativo do Diretor Geral. Não houve forças humanas que levassem o Comendador a mudar de atitude, até o triste dia em que ele, por indicação minha, foi buscar emocionado a Grã-Cruz pertencente ao Barão, que iria assim usá-la na... morte!

Escrevendo estas linhas, tenho tão presente a visita que minha mulher e eu, vindos do estrangeiro, fizemos ao casal

Frederico de Carvalho, na sua nova residência de Voluntários da Pátria esquina de General Dionísio. O Comendador, bastante alquebrado, trôpego de pernas, voz arrastada, recebeu-nos com imenso afeto, grato pelo nosso, queixando-se mais dos seus males físicos do que mesmo do abandono dos homens... Em pouco tempo a conversa tombou, entre ele e mim, para os anos distantes, agora saudosos para ambos. A memória era-lhe ainda fiel e em seguida suas palavras adquiriram o colorido rude e a vivacidade dos dias idos. Chamou-me, por fim, para mostrar-me a bela casa e, como antes eu parasse em frente à linha vitrina, o velho Chefe, apontando vistoso faixão amarelo, disse-me ufano, piscando o olho com malícia:

– É a Grã-Cruz da Espiga de Ouro da China!... Não recebi, você se recorda meu caro Luís (e aí grosso palavrão), o Duplo Dragão, mas ganhei esta e... cá por coisas!...

Foi esse nosso derradeiro encontro!... E o curioso é que, com o rolar dos tempos, eu acabei também sendo feito, com muita honra e maior gáudio, Grã-Cruz da Ordem do Jade...

Capítulo XXIV

Dois episódios inesquecíveis

Capítulo XXIV

Dois episódios inesquecíveis

Em outubro de 1909, Araújo Jorge lança com extraordinário sucesso a *Revista Americana*, opulenta publicação que marcou época nas letras nacionais e que foi, sem contestação, a primeira tribuna dos maiores espíritos do nosso continente, feliz início para o intercâmbio de idéias e de concepções de ordem prática, hoje em pleno desenvolvimento e já apresentando resultados concretos, graças aos serviços das “Cooperações Intelectuais”, instalados em todos ou quase todos os países americanos. A bela revista nasceu amparada e prestigiada pelo Barão, justamente interessado pela promissora iniciativa do seu apreciado auxiliar, programa muito dentro de seu feitio.

Para nós, moços do Itamaraty, com inclinações literárias, o aparecimento da *Revista Americana* foi saudado com entusiasmo, tanto mais quanto Araújo Jorge, gentilmente, se apressara em nos pedir originais para os futuros números. Em verdade, tínhamos como cenáculo para desafogo dos nossos mais diversos pendores, entre outros, o confortável e isolado apartamento de solteiro do caro Lucilo Bueno, nos fundos de sua acolhedora casa na rua Senador Dantas, onde agora se ergue o edifício *Coronel Bueno*. Ali nos reuníamos em alegres encontros noturnos. Dos mais assíduos, Héliio Lobo, Mário de Vasconcelos, Sidnei e Augusto Haddock Lobo e eu, o bastante para arder... Tróia! Religioso

silêncio quando algum de nós tirava do bolso, desassombradamente ou nervoso, manuscrito a ser lido e após comentado. Afora esses momentos de concentrações, a algazarra tornava-se infernal e gargalhadas dobradas varavam os ares, perturbando, às vezes, começo de amoroso idílio na *Pensão Richard*, de fundos contíguos ao local descrito. Pobres, porém, daqueles que ousassem aparecer às janelas vizinhas, em protestos agressivos!... Cantávamos em coro, em diapásão canalha, dois reles versinhos de final escabroso:

*“Boa noite, boa noite, general,
Durma bem, durma bem...”*

Tudo isso acabava por milagre, quando acontecia recebermos a visita do Coronel Benedito Bueno que, adorando o filho, tinha para nós desvelos quase paternais. Jamais me esqueço da fisionomia do saudoso Coronel, virtualmente seráfica, quando se encontrava em contato com as nossas discussões e debates ardentes!... Balançava a cabeça, batia compasso com o pé, sorrindo e fechando involuntariamente os olhos. A boníssima D. Lulu, mãe de Lucilo, nos regalava com vastos chás, acompanhados de bolinhos quentes e saborosos, feitos pelas suas prestimosas mãos. De quando em quando, em ocasiões propícias, o estouro de uma rolha de *champagne*, com tinir de taças e brindes acalorados... Como tudo isso vai longe!

Não foi sem temores, entretanto, que entreguei a Araújo Jorge meu conto “O Primo Liberato”, composição velha, mas retocada e acrescida com extremos cuidados. Aquilo agora era mais

sério e outros os olhos que a iriam ler, pois até então só me havia visto impresso nos dois pequenos jornais de Vassouras, e isso mesmo encoberto pelo pseudônimo de Carlos de Lara, que escolhi por lembrar-me de um lindo quadrinho, tão de meu agrado, da minha casa de Ferreira Viana – Recanto da Tijuca – de Gustavo Dall’Ara. Confesso que sempre tive segura visão para as boas telas.

E o “Primo Liberato” apareceu no 3º número da *Revista Americana*. Primeiras sensações, inesquecíveis, de pequeno sucesso! Críticas favoráveis dos jornais e felicitações dos meus colegas, sobretudo dos que desconheciam minhas inclinações para as letras, dizendo-me com carinho admirativo: – Sim senhor, *seu* escritor!... Napoleão Reys, que se considerava meu mestre na Casa, chamando-me, como sempre de *Avellinum cum fratibus*, aplaudiu-me ruidosamente. De tão saudoso colega e amigo recebi em Roma, ao publicar meu primogênito “Contos Fora de Tempo”, meiga e longa carta, totalmente escrita em latim, da data à assinatura – Neapolis De Regibus – da qual não me furto ao prazer de transcrever o período seguinte, que se prende aos tempos antigos:

“Memini quando in hac Officinâ introivisti sine quasi instructione et Ecce De Queirozio operas legere incepisti. Intra paucos menses scribebas cum stylo simili illo Lusitanici auctoris et progressum in litteraturâ nostrâ mirabilem faciebas! Et hodie auctor es!”

Heráclito Graça, afável e sentencioso, confessou-me também ter gostado do trabalho, sem perdoar-me grave erro pronominal, observação que me fez subir violentamente o sangue ao rosto, de tal forma que o mestre acrescentou de pronto: – Menino, poucos são, na nossa terra, os que não erram nisso de

pronomes! Já Gastão da Cunha, com aquela voz incisiva e cortante, assegurou-me haver apreciado imenso o trecho, que sua prodigiosa memória logo apreendera e que repetiu com entonações de artista: “Como horizonte, no alto, um pedaço azul de céu! Com certeza, em noites de vigílias, aquele quadrado de firmamento, com estrelas a faiscar, bastava para distraí-lo!”

Fiquei atordoadado!... Tantos elogios por tão pouca coisa! E as minhas minutas diárias, redatadas com zelos, minhas cópias a máquina, perfeitas e limpas, meu amado *Livro de Entradas*, sem emendas nem rasuras, sem nenhuma palavra de ânimo?... *È strano!... È strano!...* pensava como, na *Traviata*, a doce Violeta, ao sentir-me tocada pelo Amor!

Maior, por conseguinte, meu espanto, quando dias depois fui diretamente interpelado pelo Barão, em casual encontro num dos corredores da Casa:

– Sr. Avelino, o Sr. escreveu alguma coisa na *Revista Americana*?!... Pela forma da interrogação, percebi logo que ele, pelo menos, passara os olhos sobre meu modesto trabalho!

– Sim, Barão!... um conto!

– Sr. gosta então de escrever contos?!... Tem a quem puxar!... José Avelino era respeitável e elegante pena, se bem que de publicista! Ligeira pausa e a seguir pergunta imprevista para mim:

– Por que o Sr. não escreve sobre assuntos da nossa história?...

Sorri inocente, sem perceber o alcance da mesma:

– História?!... Não tenho competência para tanto, Sr. Ministro...

– É questão apenas de boa vontade e paciência!... E olhe que a pista é sedutora!...

Fui perfeitamente desastrado na réplica, ao afirmar-lhe que o tema aconselhado não entraria nunca nas minhas cogitações, por achá-lo não só árido e enfadonho, como por não possuir nenhuma qualidade e inclinação pelo gênero...

– Ah!... isso é diferente!... disse-me friamente o colosso, virando-me as costas.

Não me dei conta no momento do instante que acabara de viver! Qual a razão daquele conselho de Rio Branco, para quem apenas começara a manejar pena juvenil e pouco esperançosa?! Os anos correram, muitos, e como idéia fixa a cena distante e a insinuação: “Por que o Sr. não escreve...”

Somente hoje, ao começar a dar forma a estas páginas, há longos anos em germinação na cabeça, conclui que Rio Branco alimentou sempre, ardentemente, o desejo de conseguir alguém que fosse seu sucessor naquilo que ele mais prezava – seguir seus passos, terminar sua obra diletta de historiador pátrio, seu grande anelo, sua máxima ambição, isto por supor-se incompleto, falhado no seu preciso destino, que era o de poder narrar aos pósteros, com aquela verdade, exatidão e minúcias próprias, as glórias do nosso passado militar!

Esforço inútil, vã tentativa! De todos seus mais chegados auxiliares, dos que o cercaram e trabalharam anos a fio a seu lado, nenhum ouviu, compreendeu ou atendeu àqueles apelos disfarçados, porém profundos, ansiosos, quase implorativos! O Barão morreu sem ter descoberto, criado, esse herdeiro almejado; ele que formou,

sem sentir mesmo, uma plêiade de discípulos, alguns brilhando como astros de primeira grandeza nos firmamentos diplomáticos, outros como satélites de segunda ordem, todos fiéis às suas sábias lições e dignificantes exemplos de amor e devotamento ao Brasil e à Casa que, pelo nome, passou a ser eternamente sua.

Só assim explico que Rio Branco, em desespero de causa, até sobre mim volvesse os olhos!...

*

* *

Bem diferente o episódio que se segue. Outro aspecto, outra face do caráter do Barão, ríspido e assustador por instantes, rendendo-se facilmente ante a evidência da verdade.

Il faut que jeunesse se passe!... A minha decorreu movimentada!... Moço pobre, mesmo assim, a parte que me tocou nos verdes e descuidados dias da mocidade foi daquelas que só deixam doces rastros! Guardo as mais suaves lembranças dessa quadra perigosa da vida, cheia de ciladas e tropeços, que, por sorte minha, em nada prejudicou a ascensão retilínea do meu feliz destino, recordações incorporadas aos meus cabelos brancos, neves de inverno que caem em seu devido tempo, mas sem primaveras que as desfaçam depois...

Não vou reviver aqui esse passado, coisa que não vem ao caso. Apenas preparo de cenário para o desenlace final. Noitadas nos clubes de então: *Políticos*, *Boêmios*, *High-Life*... Neste último, certa noite, acerquei-me de certa francesa recém-

chegada. Nossa tática consistia em cortejar elementos novos, tatear terrenos não explorados, pois a prática nos ensinara que nessas andorinhas de arribação, umas havia de corações mais sensíveis. Não éramos meros aproveitadores!... Queríamos sempre acrescentar à realidade, dose de ideal, vendo em todas elas Margaridas Gautier!...

Melosamente aproximei-me da diva, mulher alta, de lindo e esbelto corpo, feições mimosas, olhos azuis brejeiros e luminosos. Percebia-se estar ela ali ainda desambientada, mas sua atitude, despreocupada e serena, divisava vitórias! Quando me falou, em voz cristalina, palavras cascadeantes e nada vulgares, quase perdi o pé! Aquilo era ave de largos vôos!... Continuei, entretanto, o cerco. Uma valsa, outra, um ensaio de maxixe... Meu par tinha a leveza de sílfide e dançava entreabrindo os lábios, que mais pareciam flor desabrochando. Toda entregue entre meus braços, eu sentia no meu rosto o roçar macio de seus cabelos fulvos, e de todo seu ser desprendia-se capitoso aroma. Comecei a suportar interrogatório sutil, de quem deseja saber a quantas andam... Isso era dos livros! O pescado era eu, sem dúvida!... Ela a pescadora...

Não tendo aceito convite para cear, sentamo-nos depois numa das mesas do jardim. Eu, agora, mais positivo no ataque e ela, pensativa, como em busca de uma resolução final. Comecei a antever triunfo rápido. Por fim ela levantou-se, dizendo-me ser hora de voltar para casa. Propus-lhe, fingindo indiferença, conduzi-la à pensão em que morava. Sua recusa foi formal: Tinha compromisso inadiável – *Avec un Vicomte!*...

Fiz-me de desentendido. Que Visconde?!... No Brasil não havia mais Viscondes!... Ela impetrou-se, assegurando-me com convicção: – Sim senhor, um Visconde!... alta personalidade conhecida de toda a gente! O Ministro das Relações Exteriores, *voyons!*

Aí mudei de atitude. O caso passou a interessar-me, conquanto visse logo tratar-se de alguma farsa de indivíduo inescrupuloso ou estúpido.

– Escute, minha cara: O Ministro a quem se refere você não é Visconde e sim Barão...

– Visconde ou Barão, que importa a mim?!...

– De fato! Continuei. Mas olhe aqui, não repita você essa bobagem a ninguém, pois cairia em ridículo! Tenho razões para garantir o que digo.

Ela despediu-se, parecendo contrariada, não sem me dizer antes:

– *Vicomte, Baron ou Ministre, pour moi cela m'est égale!...*

No dia seguinte, com santa ingenuidade, sem nenhuma sombra de malícia, honestamente, contei na seção o ocorrido comigo na véspera, admirando, exprobrando, haver alguém capaz de semelhante desplane! Infelizmente, deturpadas por certo, minhas palavras chegaram aos ouvidos do Barão, que no primeiro momento propício me interpelou bruscamente, de cara fechada e temerosa:

– Disseram-me que o Sr. espalhou pela casa inteira que eu ando metido com uma francesa...

– Perdão, Excelência!... Perdão!... respondi logo, suportando com coragem tão rude embate. Eu não disse tal coisa!... Apenas contei a um grupo de colegas que há umas tantas noites, no *High-Life*, certa pessoa me afirmara ter encontro com alguém, fazendo-se passar por Vossa Excelência! A ela própria fiz ver o absurdo disso e na seção – qualquer dos meus companheiros poderá ser testemunha – verberei a ousadia do autor de tão soez galhofa...

Tudo isso foi pronunciado com tal acento de verdade, que senti, de pronto, mudar, compor-se a fisionomia do Barão. Ainda assim ele continuou a increpar-me:

– O senhor compreende!... sou um velho, um homem forçado, pela idade e pelas responsabilidades, a defender-me dessas coisas! Melhor fora, portanto, que o senhor tivesse guardado isso só para si, sem divulgar tamanha inconsciência...

Reconheci meu erro, para a qual pedi mil desculpas, não sem observar, com firmeza, ter culpa também que lhe informara maldosamente do caso.

– Está bem!... Está bem!... Não falemos mais no assunto...

Mal voltei as costas e não dera ainda dez passos, não refeito do susto, eis que ouço de novo sua voz:

– Sr. Avelino?... Agora eu defrontava outro Barão, o de todos os instantes, belo, majestoso, risonho, olhar malicioso brilhando afetivo! A seguir, pergunta mais imprevista do mundo:

– Diga-me cá!... Era ao menos bonita a tal senhora?!... Isto tem certa importância!... o Sr. percebe o que quero dizer!...

Respondi sem vacilar: – Muito bonita mesmo, Sr. Barão!... E sorrimos, em conjunto, abertamente...

Capítulo XXV

Amigos da casa

Capítulo XXV
Amigos da casa

Desde cedo, habituei-me a ver no Itamaraty umas tantas personalidades que, por sua assiduidade e freqüência, passaram a ser por nós consideradas como integrantes da Casa. Algumas, de fato, nela ingressaram depois nos seus quadros, outras tornaram-se elementos indispensáveis para comissões técnicas ou como porta-vozes do Ministro de Estado, no Parlamento ou na imprensa. O número delas não era grande, porém menor, bem menor, escasso mesmo, o dos verdadeiros amigos do Barão, que, por motivo de sua longa ausência no estrangeiro, ao retornar ao Brasil para assumir a direção da pasta das Relações Exteriores, não mais encontrou suas velhas e fiéis amizades, vindas de longe, dos bancos acadêmicos, dos tempos de sua passagem pela Câmara dos Deputados e pelas redações dos jornais da Corte, sem falar naqueles companheiros de eleição das noites do *Alcazar* e das alegres ceiatas do *Hotel des Frères Provençaux*, grupo desfeito, aos poucos, pela morte! Daqueles restavam apenas, se não estou em erro, conquistados possivelmente em outros ambientes, o Barão de Alencar, Heráclito Graça, José Carlos Rodrigues e Coronel Tomás Bezzi. Do da folia, penso que somente vivia Eunápio Deiró...

Novos amigos, na legítima expressão do termo, dos que se permitiriam chamar-lhe Juca Paranhos, o Barão não os fez mais,

nem poderia fazê-los pois ao chegar aqui já havia alcançado uma maturidade e uma auréola de super-homem, não admitindo mais intimidades que unicamente a mocidade justifica e alicerça.

Daí tanta gente propalar até hoje, entre outros traços incompreendidos do caráter do excelso brasileiro, a passiva frialdade e medida distância que ele punha entre sua pessoa e a daqueles que desejariam com ela, maior, mais ostensiva aproximação. Até certo ponto Rio Branco sempre foi um grande retraído, encobrendo, por natural pudor, até seus magníficos dotes de coração bem formado, sob a aparência de egoísta e vivedor empedernido. Há ainda quem ignore que o Barão, sem fortuna pessoal e contando apenas com seus vencimentos de Cônsul, vendo as responsabilidades de chefe de família em crescendo, com o nascer de novos filhos, jamais deixou de amparar religiosamente sua veneranda Mãe e irmãos e muitos dos seus, necessitados alguns, outros pouco merecedores de tal apoio, recusado, assim mesmo, raras vezes...

Álvaro Lins, no seu soberbo estudo sobre a vida e obras de Rio Branco – monumento levantado com amor e sapiência à sua memória – livro recebido pela crítica, pelos estudiosos e pelo público em geral, com merecidos e entusiásticos aplausos, não deixou sem menção essa última e tocante qualidade do ilustre biografado, particular nunca assaz repetido e meu conhecido através das referências muitas vezes ouvidas de meu Pai, e corroboradas, pouco tempo faz, pelo próprio e valioso testemunho de minha prezadíssima amiga Hortência Rio Branco, filha mais moça do Barão, que hoje vive em honesta e dura penumbra, trabalhando, ensinando,

esfalfando-se para melhor poder suportar as contingências da vida atual, sempre com aquele ar de superior dignidade, herdado do Pai, que prende e seduz, e que encobre, no fundo, uma grande modéstia!

Pouco depois de entrar no Itamaraty, repito, nas suas salas e demais dependências, surgem as tais figuras que constituem o motivo deste capítulo. O já citado Heráclito Graça, Consultor Jurídico da Casa, conhecera-me menino e sempre me tributou real afeição. Com ele aprendi muitas particularidades do nosso idioma, não só ouvindo atento suas prolongadas discussões com Luís Leopoldo Fernandes Pinheiro, outro erudito na matéria, como por fim consultando diretamente o velho mestre, quando em dúvida maior sobre qualquer ponto gramatical. Vejo Heráclito Graça, andar, falar com um e com outro, cabeça levantada e boca semi-aberta, metido dentro de surrado e folgado fraque preto, tirando e limpando mecanicamente o pincenê de aros de ouro, preso por fita preta e gasta. Depois seu vulto desaparece de minha memória, num desses lapsos de névoas que não permitem precisões e tudo obscurecem! No mesmo cargo, que ilustrou por tantíssimos anos, só me recordo agora do grande Clóvis Bevilaqua, vindo de Recife, no físico e na brandura compassada de seus gestos, por vezes de autômato, tal qual se conservou até morrer, parecendo ter duas vidas distintas a olho nu, uma da banalidade humana, outra, imaterial, luminosa, apartada das coisas terrenas.

Gastão da Cunha apegou-se cedo ao Itamaraty e a Rio Branco. Na Câmara dos Deputados, em que brilhava pelas suas invejáveis qualidades de superior talento e de parlamentar

consumado, fala, discute e defende todos os atos do Itamaraty. Nomeado Árbitro dos Tribunais Arbitrais Brasileiro-Boliviano e Brasileiro-Peruano, fixa-se, por assim dizer, na Casa. Em 1907 entra para a carreira, nomeado Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário no Paraguai, profissão que honrou e dignificou, nela adaptando-se como se houvesse palmilhado todos seus postos.

Quantas lembranças guardo de Gastão da Cunha! Ele é de ontem e muitos são ainda os que conservam, como eu, os mais marcantes traços de sua fascinante individualidade, curiosa e atraente, ferina e cortante como lâmina de bisturi. De porte altivo, olhar agudo e penetrante, compunha-lhe o rosto barba em ponta, tão movediça como seus próprios olhos. Digo isto porque uma vez, dirigindo-me para o gabinete do Barão, dele saía Gastão da Cunha em extremo contrariado, pois, mal deparou comigo, disse-me como aviso, vendo eu tremer-lhe, igualmente, os olhos e o cavanhaque em riste:

– Você vai falar com o homem?!... Cuidado!... O bonzo está hoje de tripa cheia...

Perder a impecável linha, dizem (e vá por conta da *tradição oral* da Casa, por não ter sido testemunha do fato), ele só a perdeu, quando, de uma feita, grandemente interessado em rever suas sentenças dos citados Tribunais Arbitrais, impossíveis de serem achadas apesar de buscas exaustivas, desceu aos arquivos, onde, depois de novas e infrutuosas tentativas, coberto de suor e pó, acabou por dar tremenda canelada em compacto maço, jazendo isolado no assoalho, trazendo, a lápis vermelho, o dístico

pouco atraente de “Papéis sem importância”. O desalentado e irritadíssimo buscador, mesmo assim, teve uma inspiração: Mandou abrir o maço!... Nele estavam todas as sentenças...

Enéas Martins, outro deputado de não menores talentos que Gastão da Cunha, quando cheguei ao Itamaraty, fora pouco antes nomeado Ministro Residente em Missão Especial na Colômbia, porém somente em 1907 partiu para seu destino transitório, em categoria mais alta, levando como secretários Carlos Silva e Tancredo Soares de Souza. Em Bogotá consegue, em poucos meses, assinar o Tratado que quase pôs definitivo fim à nossa velha e intrincada pendência de limites. Volta vitorioso e é nomeado, em caráter efetivo, sucessivamente, nosso representante no Paraguai, no Peru, em Portugal, sem entretanto seguir para nenhum desses postos, sempre conservado em comissão no Rio, pisando firme o terreno no qual se movia. Nos trágicos e confusos dias que procederam a morte do Barão, dias de estupor para todos nós, assume ditatorialmente o mando da Casa! Frederico de Carvalho, seu Diretor Geral, vacila, fraqueja e vê-se suplantado, sem voz no capítulo, relegado a segundo plano. Não era o homem para o momento... *Tel brille au second rang qui s'eclipse au premier*, já dizia Voltaire!

Vem Lauro Müller para a pasta e cria-se para Enéas Martins o cargo de Subsecretário de Estado das Relações Exteriores, que lhe assenta como uma luva. Depois a política o envolve de novo nas suas malhas, sendo eleito Presidente do seu Estado natal. Há quem diga que o substituto de Rio Branco, fora o promotor dessa candidatura triunfante... Enéas parte,

acompanhado a bordo por uma multidão de admiradores, e retorna ao Rio sem findar o alto mandato e possivelmente recebido por diminuto número de amigos!... Eu estava longe daqui na época desse regresso triste e por isso não testemunhei a penumbra que envolveu o antigo parlamentar e Subsecretário de Estado, da qual ia emergindo quando morre, moço ainda, em plena robustez intelectual, isso no curto período em que estava à frente do Itamaraty o saudoso Domício da Gama.

Enéas Martins tem até hoje seu nome lembrado, por muitos, com gratidão. Mesmo para aqueles que lhe não devem favores especiais, como é o meu caso, manda a justiça que se proclame sua capacidade de homem de superior engenho e seus relevantes serviços à Casa.

Físico curioso de nortista, de traços peculiares, corpo atarracado, cabeça grande, cara larga, cabelos e bigodes negros e duros, rosto cheio de verrugas, mesmo assim impunha-se, tinha *panache*! Conta-se que no enterro de Rio Branco, um popular, destes que se destacam da turba pelos seus conhecimentos de beira de calçada, esclarecia, com ênfase, aos ouvintes em redor, as categorias dos diplomatas estrangeiros que, nos seus automóveis, iam desfilando devagar, num préstito penosamente organizado: – O Ministro da França!... O Embaixador Americano!... O Ministro da Argentina!... da Inglaterra!... Passa Enéas Martins, envergando imponente uniforme... Os ouvintes aguardam ansiosos mais uma indicação! O informante engasga-se ante aquela fisionomia para ele estranha, mas não perde o verbo: – O Ministro da China!...

Dizem que o assim crismado, virou-se e disse-lhe algo bastante desagradável!...

Treme-me a mão e sinto o espírito conturbado ao começar a escrever esta curta menção sobre Rodrigo Otávio Langgaard de Menezes, que, muito de direito, não poderia deixar de ser mencionado neste capítulo. Outro amigo do Barão e da Casa, prestando reais serviços tanto a um como à outra; ao primeiro, de ordem pessoal, e à segunda, como Subsecretário de Estado e delegado do Brasil em vários e importantes Congressos e Conferências internacionais.

Rodrigo Otávio no seu livro “Minhas Memórias dos Outros”, dedicou não poucas páginas, formosas e singelas, a Rio Branco e ao Itamaraty, para sempre compulsadas, pelos atuais e futuros estudiosos de um período da existência do grande brasileiro, como bom e fiel documentário. Por esta razão e em sinal de respeito ao que escreveu Rodrigo Otávio, aqui me limito a invocar apenas sua figura, fina e expressiva, bem nórdica, minha conhecida desde a meninice. Ele, no esplendor da mocidade, viu-me crescer, fazer-me gente, entrar e subir na carreira, como eu o vi elevar-se na vida, galgar as mais altas posições, tornar-se um nome acatado na Pátria e prestigiado no estrangeiro. Nunca me esquecerei que num gesto de muita amizade, Rodrigo Otávio assiste comovido minha posse de Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário de 1ª classe, solene pela bondade do Ministro de Estado, Dr. José Carlos de Macedo Soares, e toma a palavra para dizer, sentidamente, coisas amáveis, superiores aos meus méritos!... Depois, pela lei fatal que para alguns se apressa em chegar, envelhece bruscamente. Quando

voltei do Peru, ao visitá-lo em sua acolhedora casa, por certo, esse encontro foi triste para os dois: Eu verificando sua decadência manifesta, conquanto ainda iluminada pelos clarões de sua bela inteligência, como nos bons tempos, porém com hiatos penosos... Em compensação, através do seu olhar amigo, embaciado por lágrimas, por minha parte, como que sentia toda sua dúvida, todo seu espanto e assombro, ao ver também aquele moço de ontem, já aposentado, legalmente inútil, com sua missão cumprida, restando-lhe, como acontecia com ele, esperar da bondade Divina a tranqüilidade dos dias vindouros!... Dormindo o derradeiro sono, sua máscara, grave e serena, era daquelas que deixam nas retinas a impressão de que a Morte tem um selo especial para os bons...

Não fossem meus verdes anos e teria então olhado com outros olhos para a figura singular e expressiva de Euclides da Cunha, que ressurgue nestas reminiscências, apenas no seu aspecto terreno. Naqueles tempos, ao vê-lo constantemente ao nosso lado, muito chegado a Zacarias de Góis e a mim, falando tão somente de coisas simples, com discrição e suavidade, interessado pelo que fazíamos e dizíamos, e até, certa vez, consultando-nos sobre horrenda gravata verde que ostentava satisfeito e julgava de fino gosto, eu não aquilatava bem sua potência intelectual, conquanto já houvesse lido com assombro (e digerido, em verdade, apenas pela metade), as belezas sombrias e profundas do “Os Sertões”. A aproximação com os grandes homens traz a desvantagem de interpretá-los através de seu físico, de seus gestos, de suas expressões e palavras. Melhor não conhecê-los!... É quando conhecidos, só a maior distância – que afinal de contas é a Morte – consegue, ainda assim com o passar dos tempos, neutralizar, separar,

a impressão do humano, com que se conviveu, das manifestações, do valor das suas formidáveis criações. Unicamente hoje, ao ter em mãos um livro qualquer de Euclides, posso, mesmo assim com certa dificuldade, apartar a lembrança do morto do que vou lendo! O contraste é ainda violento... Não me parece possível que daquele ser franzino, de rosto brônzeo, macerado e de linhas rudes e marcadas, olhar em chamas, por vezes, quase sempre amortecido como por preocupações ocultas ou vagando em outras regiões, tímido, arisco e desconfiado, saíssem páginas de tanta grandeza, mais parecendo terem sido escritas por titã lendário!... Compreende-se facilmente a obra colossal de Balzac, mesmo a maciça de Zola, produto de duas sólidas constituições corpóreas!... Porém, em se tratando de Euclides, como do imenso Rui – este se bem que impressionante na sua pequena estatura – para os que revêm seus vultos, o espanto é justificável...

Quando a notícia da trágica morte de Euclides estourou como uma bomba no Itamaraty, abalando a todos, do Barão ao último dos seus servidores, não avaliei devidamente o apagar daquela poderosa luz espiritual, e sim, apenas, lamentei (como lamentam os moços!) a ausência definitiva do bom e carinhoso amigo quase diário!...

Olavo Bilac era outro que desfrutava das boas graças de Rio Branco e das simpatias da Casa, à qual serviu, com devotamento e brilho, em várias comissões no país e fora dele, culminando com a de Delegado do Brasil na 4ª Conferência Internacional Americana em Buenos Aires, onde seu verbo inflamado e canoro, fez sucesso. Minha admiração pelo poeta era sincera, e quando, em vésperas de partida para o desempenho de qualquer encargo no estrangeiro, com ele conversava num desvão de janela da Diretoria Geral, percebendo seu

visível interesse em saber o montante da ajuda de custo, em preparo no misterioso laboratório da 4ª seção, desatento às minhas palavras de moço com alguns ideais, nem mesmo assim isso conseguia diminuir meus enlevos pela sua pessoa, polida e insinuante, sem nenhuma característica, entretanto, de um alto e real cantor de tantas coisas lindas e arrebatadoras da nossa terra – da nossa língua “Última flor do Lácio, inculta e bela”, da nossa música “Flor amorosa de três raças tristes”, e de centenas de outros versos lapidares que até hoje andam repetidos e repisados, como os noturnos de Chopin, por intérpretes de todos os calibres.

Bilac só se transformava ao recitar suas próprias composições, ou outras que lhe fossem caras, ou ao falar em público nas suas inesquecíveis conferências e orações, ou ao dar, como bom profeta, em voz troante e convincente, o grito de alarme e apelo para que a nossa juventude, à sombra do Pendão nacional, encarasse com denodo e zelos seus sacrossantos deveres para com a Pátria! Fora dessas ocasiões era o homem corrente, boêmio por índole e sem excessos aparentes, trabalhador consciencioso, para quem o ganha-pão cotidiano não foi fácil nos seus começos.

Rosto acarneirado, olhos moventes e assustadiços, estrábicos mesmo através das grossas lentes do seu inseparável pincenê de míope, assim reví, no meu isolamento do México, em meados de dezembro de 1918, a figura do amado vate, ao saber, pelo telégrafo, de seu prematuro desaparecimento. Lembrei-me, igualmente, com saudades do meu já “velho Itamaraty, revendo nele a presença do extinto!... Lembrei-me dos títulos dos seus livros e mentalmente procurei recapitular seus mais populares sonetos. Simples, única e possí-

vel, homenagem ao morto!... Foi-me útil aquele momento de concentração: – Horas depois muitos jornalistas procuravam-me, ávidos de saber pormenores a respeito da vida e obras do poeta patricio emudecido. Falei, assim, a eles, comovido e com a memória refrescada. E o México, terra de artistas, soube lamentar, sentir, glorificar a perda de Bilac, de forma enternecedora e com uns tantos dados a mais sobre a sua personalidade.

Um vulto esguio se divisava, de quando em quando, passando pelas salas menores do Itamaraty, dando para os aposentos privados de Rio Branco. Era o Dr. Francisco Fajardo em visita periódica àquele por cuja saúde velava com cuidados extremos, ou ao ser chamado, à pressa, para debelar pequenas crises do ilustre cliente, pródromos todas elas, porém, da grave enfermidade sorrateiramente minando o organismo do gigante, rebelde, por índole, a qualquer conselho ou regime, não sabendo ou não querendo economizar-se, trabalhando sem tréguas, quase sem horas de repouso, como que prevendo ser curta a vida para a realização de sua obra ingente! Fora disto, ótimo paciente, jovial com seu dedicado médico, a quem tributava grande consideração e apreço, conquanto nem sempre obedecesse as prescrições, claudicando, lá uma vez por outra, no atinente às proibições de umas tantas iguarias, por ele tão apreciadas!... Desobediência compreensível!... Os decantados gozos materiais do Barão, aliás, foram sempre ou maldosamente exagerados ou aumentados por muito repetidos.

Francisco Fajardo foi, pouco tempo faz, lembrado de forma comovente pela pena elegante de Júlio Barbosa, num dos seus amenos escritos das sextas-feiras do *Jornal do Comércio*, ligei-

ros apanhados, recordando homens idos e coisas passadas, cheios de vida e cor local, que oxalá não deixem de ser enfeixados em volume, como almejam todos seus amigos e a legião de seus leitores. O artigo em questão vale por sucinta biografia do saudoso esculápio. Insistir, pois, no assunto, seria procurar estabelecer paralelo prejudicial para mim...

Já que falei em Júlio Barbosa (meu querido Julinho, amizade com o valor de um tesouro), outro freqüentador do Itamaraty, nos seus dias comuns e nos de gala, moço então como eu, merecendo toda a confiança e estima de Rio Branco, por ele chamado continuamente ao seu gabinete, vejo também movendo-se muito a gosto na Casa, o famoso e boníssimo Ernesto Sena, calvo, cara chupada, afônico e esguelhando-se como se possuísse garganta privilegiada! Ainda do *Jornal do Comércio*, recordo-me da presença, menos assídua, de José Carlos Rodrigues e da de Tobias Monteiro, aquele com suas barbas hirsutas e este com seus bigodes pretos, longos e arrogantes ^(*).

^(*) Sobejamente conhecidas eram as relações de Rio Branco com o *Jornal do Comércio*, suas idas freqüentes à redação, onde, à noite, se abancava como qualquer redator de plantão, para redigir uma Vária de seu interesse, rabiscar garatujas ou prostrar até tarde. No meu arquivo, pobre por culpa minha, ainda assim achei a minuta de irritada e deliciosa carta sua, por mim recopiada, endereçada ao Dr. José Carlos Rodrigues, que não me furto agora ao prazer de transcrever.

«Gabinete do Ministro das Relações Exteriores – Rio, 8 de Junho de 1907.

Meu caro Rodrigues.

Como você sabe, é raro o dia em que deixo de mandar notícias para o seu *Jornal*, quer eu esteja aqui, quer em Petrópolis. Hoje ha algumas

Nesta rápida relação de pessoas chegadas ao velho solar, não posso, igualmente, deixar de mencionar os nomes ilustres de José Cândido Guillobel, Gabriel Pereira de Sousa Botafogo e Antônio Alves Ferreira da Silva, chefes que foram respectivamente das nossas Comissões de Limites com a Bolívia, o Uruguai e o Peru.

O primeiro conheci-o a vida inteira, desde os tempos em que morava na rua Silveira Martins e eu brincava com seus filhos

nas Varias e nos Telegrammas. Sou, porém, obrigado a suspender a remessa de notícias desde que não posso ter a certeza de que não ha empregado na casa capaz de servir-se do meu nome e do dos nossos agentes no exterior sem expressa autorização minha. Um telegrama que mandei, – como milhares de outros que tenho mandado, – para aparecer na Seção dos telegramas com a nota Jornal do Commercio, foi hoje publicado nas Varias precedido destas palavras: o Sr. Barão do Rio-Branco recebeu da Legação do Brasil em Londres o seguinte telegrama:

Essa declaração, que um dos seus redatores tomou a liberdade de fazer, é da mais alta inconveniência e muito me contraria.

Espero que você advertirá ao seu numeroso pessoal que as notícias mandadas do meu Gabinete devem ser recusadas ou publicadas como da redação ou de correspondente do Jornal. Sem a garantia de que todos receberão essa ordem sua não poderei arriscar-me a ser de novo vítima de outra inconveniência como a de hoje.

Tive ontem noticias suas pelo Graça Aranha.

Creia-me sempre seu

Muito af.º amigo e obr.º colega

Rio-Branco.

A revisão continua a claudicar. Escrevo para o seu jornal em letra bastante inteligível, entretanto saem sempre erros. Hoje em uma Varia saíram três. Em dois lugares, em vez de Mauritshuis (Casa, huis, de Maurício,) saiu Maurits Luis, e o conhecido van Kampen saiu van Kasugen, nome um tanto parecido com Van Cassange.

Nelson e Sílvia, os maiores, por isso que Lourival e Renato apenas sabiam andar. O nobre Almirante, baixinho e rotundo, rosto claro e rosado, de poucas e incisivas palavras, infundia-me, desde então, grande respeito. Nunca consegui ver-lhe a cor dos olhos, ocultos sempre por pincenê de vidros pequenos, ovalados e de cor azul-ferrete. O Barão distinguia-o sobremaneira. Os dois se admiravam e queriam reciprocamente, porém, por semelhança de gênios e de educação, retraídos e pouco expansivos, não demonstravam, um para com o outro, ao menos em público, nenhuma intimidade maior.

O segundo vejo-o, ainda Coronel, apresentando-se ao Comendador Frederico de Carvalho, depois de haver feito o mesmo ao Ministro de Estado, cercado de seus auxiliares, fardados e armados, antes de partir para iniciar os trabalhos da demarcação da Lagoa Mirim. Todos aqueles galões e espadas, em conjunto, davam grave ar de solenidade à Diretoria Geral, quebrado inopinadamente pela entrada intempestiva de Eugênio Ferraz de Abreu, íntimo do Chefe da Comissão, com o qual tomou tamanha e absurda liberdade (muito comum naqueles tempos!) que produziu um frio e um mal estar difícil de ser reparado! O alvejado repeliu, à altura, o insulto de que fora vítima. Tenho presente a cara desconcertada do saudoso colega, escapulindo-se enfiado e temeroso das conseqüências do seu impensado e infeliz gesto! Elas foram tremendas!...

O General Botafogo, por último Marechal, era um belo tipo de militar, alto, seco de corpo, bigodes marciais, vibrante no falar, voz de comando. Não me posso lembrar se

naquela ocasião, Gastão Paranhos do Rio Branco, sobrinho dileto do Barão, já fazia ou não parte da dita comissão. Este querido Gastão, que deixou a marinha de guerra pela diplomacia, nasceu com a sina de envergar uniformes! Foi aluno do Colégio Militar, foi Aspirante, Oficial, Secretário de Legação, Ministro, e hoje ostenta com justiça e habitual garbo, o pesado fardão de Embaixador...

Eu que, com a graça de Deus, jamais fui torturado, nem de leve, pelo angustioso sentimento da inveja, devo confessar aqui, abertamente, que ficava absorto, de olho comprido e lânguido, ao ver, todos os sábados, chegar prazenteiro da Escola Naval, luzindo sua linda fardinha (outrora por mim tão sonhada), o jovem Aspirante Gastão do Branco!... Aquele inicial desejo de ser marinheiro ainda pulsava vivo no meu peito!

Com o Almirante Ferreira da Silva, mais cordiais foram minhas relações, perdurando, felizmente, até os dias que correm. Era ele, então, bem moço, Capitão de Corveta apenas e, como zeloso Ajudante da Comissão chefiada pelo Almirante Guillobel, vivia muito no Ministério, atento às providências finais a serem tomadas para o completo êxito da mesma. Aparência franzina, feixe de nervos com resistência de aço, movimentando inteligência lúcida e metódica. Homem de salão, finamente educado e culto, parte de sua vida passou no desconforto e perigos de paragens longínquas e inóspitas...

A esses três abnegados demarcadores e aos demais componentes de tão árduas tarefas, o Brasil muito deve. Eles e os

subseqüentes que, com igual proficiência e devotamento, em outros distantes setores da nossa imensa Pátria, aumentada pelo gênio quase divinatório de Rio Branco, através de mil e uma dificuldades, levantaram as balizas divisórias da nacionalidade, são nomes que deveriam figurar, de qualquer forma concreta e perdurável, na galeria dos mais meritórios servidores do Itamaraty.

Corre a pena, alonga-se este capítulo e na minha mente continuam a surgir, bem nítidos, outros vultos como que reclamando, de direito, também nele a inclusão de suas presenças...

David Campista, Carlos Peixoto e James Darcy, trio parlamentar brilhante, o chamado *Jardim da Infância*, merecia especial apreço de Rio Branco, que com arguto olho distinguia e avaliava, no seu justo valor, aquelas mentalidades jovens ainda, conceituadas e admiradas no momento, seguras esperanças para o futuro. Os revezes da política desfizeram depois a trindade unida... Cada qual segue novo rumo, todos, por certo, melancólicos da separação imposta pelos acontecimentos! David Campista, o mais ferido nos seus sentimentos de homem público, com o apoio sincero do grande Chanceler, entra para a carreira, é nomeado nosso Plenipotenciário na Dinamarca. Tinha todos os requisitos para a alta investidura, mas sua saúde não resiste ao dourado e frio exílio. Cerra os olhos longe da Pátria a que tanto amou, legando aos seus e à terra que o viu nascer nome puro e limpo. Carlos Peixoto baqueia cedo igualmente! Outra memória lembrada e respeitada.

Como me recordo agora de episódio distante!... Nas nossas pesquisas pelos antiquários de Londres, o caro Carlos

Martins descobre e compra alvoroçado (depois de discutir, como de praxe, o preço), bela e velha tela, retrato de moço fidalgo, guerreiro ou espadachim, rosto de boa carnção e melhores traços, emoldurado por barbicha pontiaguda e petulante, por achá-lo em extremo parecido (no que Antônio Camilo de Oliveira, Heitor Lira e eu estávamos de acordo) com seu velho amigo James Darcy, em verdade, até hoje, o mesmo moço de sempre, de corpo e espírito, figura de Rembrandt vestido à moderna.

Ia-me esquecendo, nesta relação, de mencionar o nome conhecidíssimo do respeitado e querido Professor Sá Viana, que vi lembrado, tantos anos depois, no Peru, onde deixara rastros marcantes de sua personalidade e de seus sinceros ideais de americanista convicto. Sá Viana foi, posteriormente 2º Consultor Jurídico do Ministério.

O Barão, como é voz geral, tinha para com os mais velhos do que ele deferências exemplares. Nunca me esqueço de uma visita ao Itamaraty do Barão Homem de Melo. Era de ver-se o cuidado com que Rio Branco cercava sua pessoa, cedendo-lhe o passo a cada instante, ouvindo-o com grande atenção e encaminhando a palestra com imenso tato e visível encanto do venerando ancião, rejuvenescido por aquele acolhimento tão cordial e reconfortador. Uma lição a mais que recebi do mestre sem par!

Também me recorde ainda de Afonso Arinos, que vi uma só vez, e de Max Fleuiss, a quem sempre dediquei justa admiração. Prosa fluente e instrutiva, já era então para mim um prazer ouvir o prestigioso Secretário Perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro dissertar sobre aspectos do nosso

passado. E para o fim o mais chegado de todos os amigos do Barão – Coronel Tomás Bezzi, artista de raça, que elegantemente não alardeava essa intimidade rara e honrosa! Somente com ele vi Rio Branco tomar liberdades bem fora do seu habitual feitio.

Galeria falha esta e composta na sua quase totalidade de mortos! É o mal de quem vivendo olha para trás, mas é, entretanto, consolo e dever falar continuamente dos que se foram, por ser o único e possível meio de fazer revivê-los, como bem disse Emílio Henriot, um dos novos acadêmicos franceses, no seu delicioso e comovente “Le livre de mon Père: *Les morts vivent, tant qu’il y a des vivants pour penser à eux...*”

Capítulo XXVI

Primeira promoção

Capítulo XXVI
Primeira promoção

Cinco anos menos quinze dias da minha entrada para o Itamaraty, fui promovido a 2º Oficial, por Decreto de 10 de maio de 1910, assinado por Nilo Peçanha e referendado pelo Barão. Só muito mais tarde, folheando um dos primeiros números do *Almanaque do Pessoal*, de recente organização (repositório de nomes e datas e demais apontamentos relativos a todos os funcionários do Ministério, que hoje, ao parecer, tem foros de breviário), verifiquei que a dita promoção fora por merecimento. Naqueles tempos, em tais atos não se mencionava que o acesso resultasse de méritos ou de antigüidade. Para maior certeza disso, acabo de, com justificável emoção, rever a coleção de Decretos e Portarias que possuo, desde a primeira de Rio Branco abrindo-me generosamente as portas para a vida pública e para a Casa, ao último que me aposentou. Creio não constituir vaidade exagerada transcrever aqui o honroso telegrama recebido do então titular da pasta das Relações Exteriores. Embaixador Osvaldo Aranha, ao anunciar-me o fim das minhas atividades profissionais. Esse documento ilustra um ponto que nem todos sabem:

“Do Rio, 10 de junho de 1940. – Havendo Vossa Excelência completado 35 anos de serviço, viu-se o Governo obrigado a aposentá-lo por Decreto de 5 do corrente, publicado no

“Diário Oficial” de 7. Ao apresentar-lhe os agradecimentos do Governo pelos bons e leais serviços prestados por Vossa Excelência durante sua longa carreira, desejo manifestar-lhe os meus sentimentos pessoais de estima e admiração.”

Percorrendo vagarosamente tão preciosa documentação, atardando o olhar sobre cada um desses papéis respeitáveis e imperativos, sentindo com isso a fuga galopante da vida, vendo-me moço e velho ao mesmo tempo, tive como conforto único o de comprovar a fidelidade de minha memória!... Nenhuma menção de merecimento no referido Decreto. Já no de promoção a 1º Secretário, datado de 24 de julho de 1918, lá estava a nota de antigüidade. Isso foi em Santiago, e não me esqueço do meu espanto ao receber do próprio Ministro Nilo Peçanha telegrama anunciador de tão grata nova. A plácida manilha daquela tarde, com o Ministro Cardoso de Oliveira e o Adido naval Soares de Pina, foi interrompida espetacularmente: exclamações congratulatórias, abraços bem batidos, a família do caro Chefe, da esposa às filhas, correndo toda para felicitar-me também. Comovidos momentos que se não esquecem!... No estrangeiro, o querer dos superiores e seus familiares e o dos colegas, compensa e têm sabor parecido ao afeto dos entes mais caros e distantes.

Pouco depois, notícias da terra, vindas através de vários e seguros condutos, empanaram algo minhas recentes alegrias. Três meses antes eu tivera, assinado e referendado, Decreto de promoção por... merecimento, inutilizado, a seguir, pela necessidade de prestigiar, de qualquer maneira, político eminente

que acabara de perder sua quase vitalícia cadeira de Senador! No meu lugar, um sobrinho dele, desafortunado moço, morto anos depois, poucos, se não me engano, na *milenária China*, segundo terminologia muito empregada por queridíssimo companheiro que também andou por aquele apartado posto, por ele visto e compreendido com inteligência e olhos curiosos de esteta. Para o Senador derrotado, a compensação, sem dúvida, foi nula! Para mim, porém, o pequeno atraso sofrido em galgar o novo degrau, custou-me três lustros no posto de 1º Secretário! Contrabalançando tanta demora, quão feliz foi essa quadra da minha carreira no exterior – curta temporada no México, como Encarregado de Negócios, vinda ao Brasil em férias após seis anos de ausência, união aqui com minha doce e amada companheira de existência, dezoito meses de *lua de mel* em Washington, as estadas prolongadas em Londres, Bruxelas e Roma, junto à Santa Sé, das quais guardo perenes e gratas lembranças...

Mas voltemos a 1910. Sussurros, ajuntamentos na Casa, os corredores fervendo, pela abertura de uma vaga de Diretor de Seção e duas de 1ºs Oficiais. Eu descuidado, confiando em Deus!... Como certas as promoções de Arino Ferreira Pinto, para a maior e as de Zacarias de Góis Carvalho e Napoleão Reys, para as subseqüentes. Segura, a indicação de Carlos Ferreira de Araújo para uma das de 2ºs Oficiais; dúvida quanto ao preenchimento da restante. Para esta, Frederico de Carvalho imprevisivelmente, deu-me a notícia da escolha do meu nome, de forma brusca, bem do seu feitio:

– O Sr. está 2º Oficial, com esta cara de menino desmamado!...

Ante minha surpresa, acrescentou: – E não foi coisa lá muito fácil!... O Barão queria promover o Araújo Jorge, por ser ele do seu gabinete... Mas eu protestei... O Luís é mais antigo e... é também meu Auxiliar!... E o Barão concordando por fim: – Está bem Sr. Frederico, está bem...

Por estas alturas, comovido, lembrava-me das palavras proféticas do Chefe Briggs, quando deixei a 1ª seção... Elas estavam sendo confirmadas. O caro Comendador procurava ocultar sua satisfação, falando sempre: – O Arino está Diretor de seção e o Zacarias e o Reys, 1^{os} Oficiais. Olhe, faça você mesmo o Decreto do último, guardando sobre tudo isso sigilo absoluto, pois ninguém sabe ainda desses arranjos... Segredo de polichinelo apenas, pensava eu!

Tão excitado me achava, que, ao fazer o Decreto recomendado, escrevi *Reyes* em vez de *Reys*, erro não notado pelo Comendador, que pouco depois voltava do Gabinete do Ministro, esbravejando: – O Sr. não deveria ser promovido!... Nem gravar sabe o nome de um colega seu!... O Barão foi quem me chamou a atenção, dizendo: – O Sr. Avelino deve estar perturbado com a notícia da promoção!... Quando os Decretos foram publicados e Napoleão Reys teve em mãos o seu, nele reconhecendo minha letra, ficou todo espinhado comigo, por não lhe haver soprado imediatamente a boa nova, não querendo ouvir nem aceitar os motivos que eu honestamente lhe dava, tolhido pelas ordens terminantes do Diretor Geral... Sempre fui um crente!... Entretanto o saudoso Napoleão argumentava com sobrada razão: – *Avellinum confratribus*, quem poderia

guardar melhor esse fato do que eu próprio?!... E teria dormido umas noites mais tranquilas!... Jurei-lhe, se me coubesse a fortuna de fazer novo Decreto de promoção sua, não ser mais tão fechado, afirmação que acalmou e fez sorrir o bom amigo. Naqueles tempos, porém, não era comum a mesma mão escrever dois atos semelhantes para o mesmo beneficiado. Jamais, que me lembre, nem ele nem outro qualquer colega teve documento oficial, desse gênero, com a minha letra... Coisa que só fiz uma vez na vida!

Fico agora cismando como se deram as vagas que produziram aquele pequeno movimento na Secretaria. A de Diretor de seção tenho remota idéia de haver sido aberta pela aposentadoria do Sr. José Antônio do Espinheiro e as duas de 1^{os} Oficiais, por tal fato e pelo falecimento recente de Ernesto Augusto Ferreira, que vejo inanimado, terrivelmente lívido e descarnado, uma das mais impressionantes máscaras de morto que meus olhos retêm, dessas que transfiguram para outra totalmente diversa e estranha, os traços fisionômicos de ser a quem se conheceu, quis ou amou. Ao contemplar o desventurado colega e amigo, dormindo assim, irreconhecível quase, o derradeiro sono, ao acompanhá-lo ainda à última morada, por uma dessas tardes paradisíacas do mês de maio do nosso Rio, nas quais a Vida parece esquecer-me da Morte, não me passava pela mente a mais ligeira possibilidade que aquele túmulo aberto fosse o caminho para minha próxima ascensão! Como compreendo agora a sentença de antigo colega de meu irmão Silvino, em Madrid, Secretário da Bélgica, Jules Lejeune, meu conhecido posteriormente no México, já Ministro, que lhe

afirmava, movendo as longas pernas em passadas largas de quem salta empecilhos: *“Mon cher collègue, dans notre carrière, nous emjambons toujours des tombeaux!”* Em verdade, naquelas priscas eras, a gente para subir na escala hierárquica contava, somente, com as vagas resultantes dos que se aposentavam voluntariamente, ou por enfermos, ou as abertas pela lei fatal, sem prazos marcados. Por qualquer outro motivo, eram raras. Atualmente o caso é diferente, há dispositivos de várias modalidades, favoráveis aos que estão por detrás. Agora, passa-se mesmo por cima dos vivos! O ritmo presente que move a humanidade é mais violento, mais veloz em tudo, e a paciência dos seres, bem menor! Talvez isso seja até um prêmio para os alvejados por tais preceitos. Questão de gênio e de aclimação, quando muito. Cá por mim, na minha inatividade, a mais séria preocupação que experimento é a do passar precipitado dos dias (correnteza perigosa que leva a gente para plagas ignotas), sempre cheios, repletos, quando não de encargos banais, do turbilhonar dos pensamentos, ora sem peias, película cinematográfica de longa metragem. Estou como aquela personagem do clássico “Dominique” de Eugênio Fromentin: *“D’ailleurs, depuis que je n’ai plus rien à faire, je puis dire que je n’ai plus de temps de rien.”*

Promovido, senti-me igual ao que era na véspera. Receoso, isso sim, pelas responsabilidades da nova investidura, prevendo, entretanto, a volúpia e as vantagens dos vencimentos acrescidos, totalizados em 700\$000, incluída a gratificação mensal, os já falados e benfazejos 100\$000. Foi a época das cavalarias altas no terreno das conquistas fáceis! 1910, a grande e primeira guerra mundial

ainda longe, 25 anos de idade, aquela pecúnia respeitável!... Como eram doces os dias! Alegria de viver, antes da revolução francesa, segundo Talleyrand. Por que o tempo não tem paradas intermitentes?!...

Para 3^{os} Oficiais entraram Otávio Fialho, que me não recorde se já era Adido à Secretaria, e por falta de dados seguros, creio Cassiano Machado Tavares Bastos, coleguinha predileto do 1º ano do antigo Internato do Ginásio Nacional, pela vida em fora um bloco só de inteligência, dignidade e bondade, outro que revejo sempre, apesar de meio século passado, com a mesma ingênua face da meninice e o mesmo afeto nunca quebrantado. Cassiano Tavares Bastos pouco ficou entre nós, pois com a criação do Ministério da Agricultura, para ali se passou como Diretor de seção. O salto era em demasia tentador para ser rejeitado. Assim se mudam os destinos! Ninguém melhor preparado do que ele para brilhante futuro no Itamaraty...

Otávio Fialho foi para frente, como era de esperar-se. Ao entrar no Ministério já tinha a mesma linha elegante que jamais o abandonou. Um dos *dandy* do momento, mas com muita coisa na cabeça. Colega impecável, de tantos méritos, meu companheiro de turma ao passar para o Corpo diplomático, por capricho da sorte, sempre em postos distantes. Hoje estamos ambos aposentados, ele com mais justificados ressentimentos da carreira... Não me esqueço da tarde na qual fomos receber juntos, no Banco do Brasil, nossa ajuda de custo, recém nomeados 2^{os} Secretários de Legação. A quantia nos parecia fabulosa, uns tantos contos de réis, que não passariam de seis, mais substanciosos e de maior valor aquisitivo

que os correspondentes em moeda atual. Com a bolada no bolso, cada um tomou rumo diferente, para nos encontrarmos pouco depois, por mero acaso, na casa *Mappin & Webb* onde eu entrara atrás de famosa bengala de junco, muito namorada, objeto quase inútil presentemente, guardado, porém, como relíquia cara. Meu Fialho comprava bela carteira de camurça cinzenta, flexível e nada volumosa, de grande voga. Fez-me adquirir uma igual, dizendo-me sentenciosamente:

– Meu caro Luís, nós diplomatas, temos imperiosa necessidade de boas carteiras!...

Capítulo XXVII

Visitantes ilustres

Capítulo XXVII
Visitantes ilustres

O moderno Itamaraty, fusão das três carreiras que compunham o antigo Ministério das Relações Exteriores, hoje amalgamados numa classe única, ampliado em todos os sentidos, com pessoal numeroso – quadro permanente, suplementar, de extranumerários contratados e mensalistas – mesmo assim procurou conservar as normas traçadas e deixadas pelo Barão, o qual, sem sonhar ainda em dirigi-lo, já aconselhava e se batia por uma remodelação de sua estrutura mofina e antiquada, reduzida e mal remunerada, sobretudo em se tratando da Secretaria de Estado. Assumindo a pasta, consegue para ela, em 1905, pequeno, quase ridículo, aumento de postos e de vencimentos, não desanimando, entretanto, nos seus esforços e propósitos de obter reforma de maior vulto. Foi, porém, com aquele pugilo de devotados servidores que o Barão do Rio Branco trabalhou até sua morte. Nos derradeiros anos de sua gloriosa gestão, aparecem os Adidos, não muitos, os atuais contratados, digamos assim, na totalidade entrando para a Casa apenas com o fito de passarem para o Corpo diplomático, pois a doce paz e estabilidade da Secretaria começava a ser considerada unicamente propícia aos legítimos burocratas, sem ideais maiores!

Tenho para mim a certeza de que o Barão pensasse numa fusão futura, não nos moldes radicais de como foi ela

feita, conservando na Secretaria alguns cargos e funções que considerava fundamentais. A reorganização de 1913, por ele projetada laboriosamente, e que, não fosse seu desaparecimento, transformaria bastante a fisionomia moral e material daquele Corpo, foi levada a efeito, em tempo oportuno, pelo hábil sucessor do grande morto e seguindo, de perto, a rotina tradicional; Lauro Müller conquistou, com isso, as definitivas simpatias de todos seus funcionários, muitos deles apreensivos com as anteriores notícias circulantes sobre seu processamento, que traria, em verdade e como disse antes, não pequenas surpresas e amargas decepções! As vagas foram tantas que três 3^{os} Oficiais passaram a 1^{os}. Imenso júbilo na Casa, compartilhado por mim sincera e melancolicamente, já fora da grei, abandonada porque assim era meu destino, por ter passado para o Corpo Diplomático.

Esse intróito, ao parecer deslocado num capítulo que nada tem que ver com isto, justifica-se todavia. Provar, apenas, que Rio Branco antevia todas as transformações impostas pela natural expansão do seu Ministério. Nenhuma novidade em matéria de serviço, de desenvolvimento de qualquer espécie, ora postos, com êxito, em prática, escapara à sua acuidade de patriota. Preparando-se para receber a visita ao Brasil do Rei de Portugal, D. Carlos, malograda tão tragicamente; convidando personalidades estrangeiras, incrementando a propaganda escrita a favor do nosso país, o Barão lançava os fundamentos do que agora se rotula de “Intercâmbio Cultural” e “Cooperação Intelectual”, organismos em pleno crescimento

e movidos com recursos outros. Então, as eternas vozes da oposição e da descrença, senão da *má fé córnea*, no expressivo dizer de Eça de Queirós, clamavam contra semelhantes gastos – sem atentar nos seus juros compensadores – e verberavam sem piedade seu animador! *Dinheiro haja, Senhor Barão!*... continuava o estribilho sáfaro!...

Entremos, porém, no assunto em vista. Tudo está tão longe e eu tão desprovido de dados seguros e tão sem pachorra de procurá-los, que temo tornar este capítulo mais descolorido e monótono que os anteriores, nos quais minha memória, melhor alertada e precisa, creio possa ter conseguido, ao menos, dar mais fiel impressão da vida do Itamaraty. Era eu também muito moço ainda para avaliar e gravar todos os esforços do Barão, atraindo para nosso país a corrente inicial de inteligências, seus cuidados em homenagear visitantes ilustres, seu afã em não perder nenhuma oportunidade para pôr em alto e fazer ressoar pelo mundo o nome do Brasil. Cada conquista ou triunfo nesse sentido, largo sorriso de satisfação estampava-se no seu rosto. Inesquecível sua indisfarçável alegria, seu *euforismo*, no batido dizer atual, isso nos áureos dias em que, na Conferência de Haya, o verbo martelante e a dialética convincente e pertinaz de Rui Barbosa – fidelíssimo intérprete do pensamento do nosso governo, ou seja, do próprio Rio Branco – dissolvia, de hora em hora, a indiferença e frieza que a princípio envolvera sua pessoa, difícil de sobressair, pelo físico, como a do Barão Marshall de Bieberstein, na aglomeração de tão vasto cenáculo e elevava

seu nome, e o de sua Pátria, às culminâncias da admiração universal.

Mesmo assim, volver os olhos para trás é, ao menos para mim, motivo de suave agrado, pois alguma coisa ficou daquele distante passar de tantos fatos testemunhados e de tantos conspícuos vultos divisados.

A anunciada vinda de D. Carlos, primeira testa coroada a visitar a América do Sul, em data afortunada, comemorativa do centenário da abertura dos nossos portos, estava sendo preparada pelo Barão com meticuloso desvelo. Ocasão propícia para reformas quase totais no Palácio Guanabara, designado para alojar o augusto hóspede, e não menores no Itamaraty, centro que seria das grandes festividades projetadas. Tudo em pura perda para os fins em vista!... História velha e também sabida.

Muito presente meu choque, ao ser despertado por bater ligeiro e insistente, ouvindo a voz abalada de minha Mãe, dizendo:

– Meu filho, meu filho, assassinaram D. Carlos e D. Luís!... Pouco depois, juntos, comentávamos compungidos o drama, ela com maiores recordações dos dois mortos e eu apenas com vaga e imprecisa idéia de ambos. Revi-me menino em Lisboa, com 7 anos, passeando com Idalina, ama de leite do meu querido e desventurado irmão Eduardo, chibante cabocla de seios fartos e bem colocados, olhada com gula pelas ruas e admirada com delírio pela criadagem do Hotel Universal... Íamos descendo a Avenida da Liberdade quando

rumor cadenciado de patas de cavalos despertou nossa atenção; ginete airoso e reforçado ladeava landô de capotas arriadas, no qual garbosa dama, de sombrinha de rendas aberta, procurava resguardar do sol as faces de duas crianças sentadas a seu lado. Homens parando e tirando os chapéus, mulheres alvoroçadas exclamando: El-Rei, a Rainha e os Príncipes!... Cena fugaz que meus olhos retêm com clareza por ter sido divisada em plena luz do dia, tão nítida quanto as sombrias vindas depois, quando me encerraram no Colégio de Campolide, *Bastilha* educacional e temerosa, como era aqui o antigo Caraça...

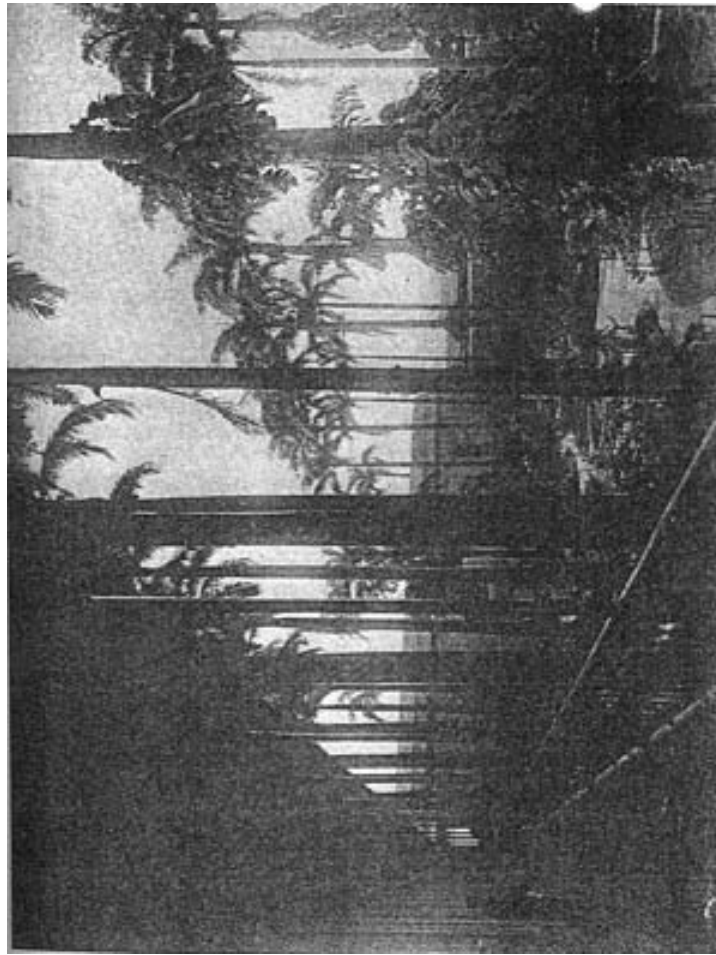
Como foi recebida no Itamaraty tal imprevista nova?!... Remota lembrança unicamente de comentário céptico, ouvido não sei de quem: Drama por drama, melhor fora que ele se passasse por lá do que por aqui!... Agora recordação bem presente ligada ao assunto: O alto e macabro negócio, por alguém realizado tempos depois, da exposição dos corpos do malfadado Soberano e inditoso herdeiro, reproduzidos com perfeição impressionante em cera, levando metade do Rio de Janeiro a desfilar por estreito e abafado corredor de um prédio da então Avenida Central, creio que no próprio ou nas vizinhanças do atual cinema Parisiense, perante aqueles falsos esquifes e falsa câmara ardente, com compunção e respeito e até lágrimas não poucas, a 1\$000 por cabeça!

Miss Robinson Wright autora do hoje esquecido “The New Brazil”, um dos primeiros livros, em língua inglesa,

editado com ajuda financeira do nosso Governo, era uma senhora madura, de cabelos brancos, epiderme fresca, porte ereto, busto volumoso, exagerado mesmo, ágil de movimentos, simpática em extremo e de fala estridente. Estou vendo o Comendador a seu lado, elegantemente derretido, conduzindo-a pela Casa inteira, interessado em satisfazer prestimoso, seus mínimos desejos. Meu saudoso Chefe como que remoçava nessas ocasiões, e ao voltar à Diretoria Geral, vinha lépido, porém congestionado, sofrendo as conseqüências, para ele sempre inebriantes, do *odore di femina*, perfume raro, igualmente, para todos nós, pois o Itamaraty de então, nos seus dias normais, tinha quase a clausura dos conventos, para os sexos opostos. Também eu olhava de olho comprido para os encantos ainda firmes de Miss Robinson Wright. Certa vez, estando Zacarias ausente no momento, por falta de língua, debruçado sobre meu *Livro de Entradas*, fingi torpemente não perceber a presença da escritora na nossa sala, enquanto aguardava a chegada de Frederico de Carvalho. Ela, por seguro, comentou essa minha estranha atitude, talvez elogiando-a ou criticando-a, pois, finda a visita, o caro Comendador, em tom de conselho, falou-me sentencioso:

– Seu Luís, nada se perde em ser galante com as damas e... às vezes, sem se esperar, ganha-se ?!... Que diabo?!... é impossível que você não saiba dizer ainda um risonho *How do you do!*...

Quando o “New Brazil” apareceu e à Secretaria chegou a primeira e numerosa remessa de exemplares, houve



Varanda, hoje demolida, da velha ala (ainda em pé) mandada construir pelo Barão. Nela aparecem o autor deste livro e o Embaixador Araújo Jorge, ambos ostentando nas mãos documentos oficiais..

distribuição deles entre o pessoal. Volume grosso, encadernado, de capa verde, em ótimo papel *couché*, cheio de ilustrações, uma das quais reproduzo neste, na qual apareço com Araújo Jorge, em pose arranjada, ambos com documentos de Estado nas mãos, na varanda já demolida da ala velha, em ponto de desaparecer também. O exemplar que me tocou, guardei-o por muitos anos, sem saber seu fim. José de Abreu Albano, filosoficamente, depois de folhear com displicência o regalo, findo o expediente, meteu-o debaixo do braço e, esperançado de vendê-lo por bom preço, foi ligeiro ao velho Martins, da rua General Câmara, oferecer-lhe alvoroçado a prenda, com sabor de *primeur*:

– Amigo Martins!... quanto me dá o Sr. por esta preciosidade?...

O experiente alfarrabista, sem hesitação, descorçoou o ofertante:

– Nem dez tostões, Sr. Dr.!... Isso, de agora em diante, é só pedir por boca ao Itamaraty!

No dia seguinte, Albano, ao contar sua desventura, assegurou-me não valer o “The New Brazil” um caracol e pesar como chumbo...

De 1905 a 1912, isto é, entre minha entrada para o Itamaraty e a morte do Barão, muitas foram as honrosas visitas de estadistas, políticos de vários credos, homens de ciência, literatos e artistas, que recebeu o Brasil, sempre largo em seu acolhimento. O número foi grande e conspícuo, e, falando em linguagem vulgar, para todos os gostos. Minha situação é

que era pequena para chegar até eles... Vi-os assim, admirando-os, só de longe, ou mais de perto, quando convidado para banquetes ou jantares maiores em sua honra, ou tapando buracos abertos à última hora, nos almoços arranjados à pressa. Situação cômoda, pois sempre gostei mais de ouvir do que de falar... Como eram agradáveis e fáceis, socialmente, os postos iniciais da carreira! Hoje os jovens Secretários procuram meter-se em funduras e sentem-se obrigados, aqui e no estrangeiro, a representações quase superiores às suas forças. Em verdade, nós, os moços de ontem, da passada geração, sem dispormos de tanta pecúnia, não vivíamos, igualmente, na época dos *cocktails* e dos jantares em pé, favoráveis a reuniões de maior número de convidados... com despesas menores.

Escrevendo estas linhas, repontam, em horizontes distantes, tantas daquelas fisionomias de passagem!... Clemenceau, que vejo proferindo suas conferências no Teatro Municipal, metido dentro de mal-ajambrada sobrecasaca, falando e andando de um extremo do palco ao outro, mãos atrás das costas ou braços erguidos em gestos de força, mãos de garras e gestos férreos depois, ao tornar-se o *Tigre* para salvar a França. Paul Doumer, de fim tão triste, imolado, quando Chefe de Estado, por bala traiçoeira, disparada pela estupidez e maldade humana, e que, ao sentir-se ferido, qual vítima imbele, exclamou apenas: *Tout de même!*... Jean Charcot indo para o polo Sul no famoso *Pourquoi-Pas? Something was wrong*, desilusão imprevista, quanto à descendência da esposa do explorador, que o próprio Rio Branco pensava ser uma e

era outra... Também o socialista Jean Jaurès e suas barbas, outro assassinado pela paixão política nos agitados e confusos dias da conflagração de 1914.

Ferri e Ferrero. Do primeiro, visão apagada. Do segundo, mais precisa. Noites de suas preleções no Palácio Monroe, Auditório seletivo e atento. Ele se referindo, numa delas, aos decantados esplendores da Roma em declínio, ao luxo desbragado, às orgias imperiais, às faustosas ceias durando toda a noite, à volúpia amolecida dos caracteres em corrosão, tudo para concluir pela relatividade das coisas e dos tempos, pois, para nós que ali estávamos, iluminados pela luz elétrica, dispondo dos confortos modernos da civilização, tais prazeres não seriam de molde a dar-nos hoje inveja!... Uma pontinha de vaidade, que ora confesso sem acanhamento: As conferências do reputado autor do “Grandeza e decadência de Roma” não aumentaram sensivelmente meus conhecimentos da época descrita, hauridos em muitas outras fontes celebradas. Eu já começara a ser um devorador de livros... A biblioteca do Itamaraty, minha primeira *Padaria Espiritual!*

E Anatole France?!... Ah!... este é outro caso!... De sua estada aqui em 1909, uma só impressão, mas indelével! Se fui às suas conferências no Municipal, não me lembro; se assisti sua recepção na nossa Academia de Letras, albergada ainda no velho Silogeu, célebre, sobretudo, pelo magistral discurso de Rui Barbosa, belo na forma e mais extraordinário ainda pela elegante e profunda crítica às obras do homenageado, também não me recordo! Mestre Anatole vive presente nas minhas

recordações unicamente no almoço íntimo que o Barão lhe ofereceu no Itamaraty, na antiga sala da 2ª seção, e tão somente ele, pois, por mais esforços que faça, a não ser a figura do anfitrião, outra não vejo, com clareza, a não ser a dele! Convidado, desta vez, formalmente, sentado no fim da mesa, fiquei todo o tempo, absorto, enlevado, preso apenas àquele rosto de traços peculiares, olhos pequenos, por vezes distantes, com lampejos intermitentes, nariz alongado, cabelos, bigodes e barbas brancos, esta mais crescida, mais ampliada que o tradicional cavanhaque das suas fotografias minhas conhecidas. Olhava para aquela fronte criadora, para aquela cabeça não vulgar, comprimida nas têmporas, procurando acompanhar seus balanceios, de um lado para outro, falando com os vizinhos da direita e da esquerda, através de sorrisos frios e comedidos, despontando de lábios finos. E é tudo quanto guardo do excelso autor de tantas jóias literárias, cedo lidas, mas somente hoje relidas com proveito e sempre renovados encantos.

Então, com a avidez da mocidade, já me deleitara com “Le Crime de Sylvestre Bonnard” e com “Balthazar”, essa primorosa coletânea de histórias, onde há a doce e mágica de *Abeille*. Não compreendo como essa encantadora legenda não tenha sido ainda aproveitada pelo gênio de Walt Disney, que dela faria obra mais bela e comovedora do que a estupenda *Branca de Neve*! “Le livre de mon ami”, “Thaïs”, “La Rôtisserie de la Reine Pédauque”, “Le lys rouge”, tudo já fora devorado com igual gula, precipitadamente! Mas a semente dos meus

juvenis entusiasmos ao clássico moderno e glória das letras francesas, ao estilista insigne, ao ironista sem par, ao pensador e sociólogo discutido porém admirado, essa germinou, cresceu, floriu no meu espírito e é revendo sua presença viva que, de quando em quando, procurando esquecer-me das vicissitudes dos dias correntes, me engolfo na leitura de suas páginas, algumas imperecedouras, para sentir, com o perfume da minha primavera ida, a tranqüilidade mística e consoladora das tardes outonais que hoje desfruto...

E mais visitantes passaram em tão largo período, diplomatas, políticos na sua maioria, uns indo para a Europa em missões novas ou após terem perdido posições de mando nos seus respectivos países, outros de lá regressando investidos de funções governamentais ou eleitos pelo voto popular. A Guanabara, periodicamente, movimentada pela passagem de personalidades prestigiosas, atardando-se aqui horas ou dias, hóspedes sempre bem vindos. As lanchas do Arsenal de Marinha requisitadas com freqüência pelo nosso Ministério, com o pedido de hastearem as bandeiras das nações dos representantes diplomáticos, ao irem a bordo em busca de ilustres compatriotas. Por causa disso, incidente desagradável com certo Encarregado de Negócios, moço de sangue quente e coração flechado por alguém muito chegada ao Barão, envolvido em dois tempos nas malhas de questão séria, troca de notas por ele encetada de maneira infeliz e violenta, luta em que tomba derrotado, tudo perdendo *fors l'honneur!*

Dois argentinos de nomes ressonantes: O General Júlio A. Roca e o Dr. Roque Sáenz Peña, aquele por duas

vezes Presidente da República, provado amigo nosso, este recém-eleito para a Suprema Magistratura da mesma Nação irmã, demonstrando igual sentimento antes de assumir o Poder; *Tudo nos une, nada nos separa!*... frase sintética de feliz e sã política continental, gravada em letras de ouro, logo ao ser pronunciada, nos corações brasileiros. Quem se não recorda dessas palavras memoráveis, ditas com ênfase e convicção por Sáenz Peña?! Antes do banquete a ele oferecido no Itamaraty e no qual foram elas proferidas, na azáfama dos últimos instantes, em que, listas em mãos, verificávamos a colocação dos lugares na mesa, havia na Casa, entre os presentes, atmosfera de novidade grande! Ar de satisfação geral: – Vamos ter, diziam os mais informados, declaração importantíssima. O Barão estava radiante. Vejo-o, abancado ainda a uma de suas entulhadas mesas de trabalho, em mangas de camisa, antes de envergar a casaca dependurada no espaldar de cadeira ao lado, dando os derradeiros retoques ao seu discurso de resposta, caso não o estivesse concluindo de escrever! Não sei dizer, com segurança, qual das duas hipóteses a verdadeira. Apenas sua fisionomia aberta, resplandecia, quando, levado por qualquer motivo, cheguei à sua presença naquela noite, tornada de legítimo sucesso para o Brasil, e para ele em particular.

Outro vulto do qual me recordo também: o do Secretário de Estado William Jennings Bryan, homem talvez um pouquinho mais alto que Rio Branco, espadaúdo, face larga, bonachona, de pastor protestante, gênero da de

Napoleão Reys, usando chapelão Panamá com sobrecasaca. Do conhecido democrata e idealista, do preconizador do bimetalismo, apenas esta impressão visual!...

Para terminar este capítulo, nota final nele se encaixando sem esforço. A inesquecível visita, em 1908, da esquadra americana, sob o comando em chefe do Almirante Evans. Quadros bem presentes: As possantes naves de guerra (quantas eram elas?!... 16 ou 20, creio), transpondo a barra em impressionante linha de fila, brancas e altaneiras, salvando sem cessar, envoltas nos fumos dos seus próprios canhões, tantos eram os tiros disparados! Depois o *poço* guarnecido como nunca o fora até então. Barcas da *Cantareira*, pejudadas de curiosos, logo fazendo viagens especiais em torno daquelas fortalezas móveis, amostra respeitável do poderio em crescendo norte-americano, em festiva presença nas nossas águas, talvez numa excursão que seria hoje considerada como de “boa vizinhança”. Se no mar o espetáculo era inédito, nas ruas, por vários dias, vivíamos de surpresa em surpresa, tal a curiosa avalanche da maruja, sadia, brincalhona e por vezes desabusada, desembarcando aos milhares e espalhando-se por todos os pontos da urbe.

O Itamaraty em faina maior, ajudando o Ministério da Marinha. Programa variado e extenso; reboliço costumeiro, tudo feito um pouco à última hora, mas tudo saindo bem! No andar térreo do Monroe, o primeiro banquete monstro a que assisti. Um deslumbramento, seguido de derradeiras e já perigosas libações nos “Boêmios”. Almoço nas Paineiras

(encantador local inaproveitado atualmente para idênticos fins não sei por quê) ao ar livre, debaixo de sombras frescas e generosas, do qual trouxemos, de cabeças quentes para a casa de Lucilo Bueno, ao cair da tarde, Oficial americano, baixinho e roliço, ligado a nós por simpatia fulminante. O querido colega, nos seus entusiasmos patrióticos só me dizia: – Luís amigo, quero que o nosso homem sinta o calor do lar brasileiro! Na sua agasalhadora morada, quando o jantar ia em meio, entre o pai risonho, tudo aceitando do filho amado, e a mãe. Dona Lulu, ainda não refeita do susto daquela invasão inesperada, além de duas primas solteironas de idade indefinida, nosso Oficial começa a choramingar, confessando, com lágrimas incontidas, sua legítima comoção a ver-se, tão apartado como estava dos mais caros afetos, como se entre eles se achasse! O sentimental marujo, no dizer dos franceses – *avait le vin triste!* Foi quase em prantos que o levamos ao Cais Pharoux, onde dois jovens marinheiros, reforçados, solenes e solícitos e como práticos no assunto, o meteram dentro de uma das lanchas de sua esquadra.

Da celebrada visita, final de apoteose. A bordo de um vapor do Lloyd, ancorado entre Villegaignon e os fortes da barra, assisti a partida da famosa esquadra, ribombar de canhões nunca então ouvido, saudando o Chefe de Estado do Brasil, presente em algum lugar no mar. Depois, quando ela já ia longe, levantamos ferro e saímos ao seu encalço; forçando a marcha, fomos alcançá-la em mar alto, a noite descendo rápida. Descrevendo linda curva, passamos pelas popas dos

últimos encouraçados, em perfeita formação quádrupla. Com apitos, rancos e repetidos, ia nosso adeus final. Das naus capitâneas, luzes piscavam em agradecimentos, enquanto outras, regulamentares, surgiam naquela floresta de mastros de aço, afastando-se, cada vez mais distante, de nossos olhos atônitos...

Capítulo XXVIII

Sinais sinistros

Capítulo XXVIII
Sinais sinistros

Certa manhã, bem cedo, acudindo a um dos muitos chamados telegráficos do Barão, cheguei à Secretaria para qualquer trabalho urgente e dirigi-me diretamente aos seus aposentos particulares. Encontrei-o trabalhando como sempre. Ao aproximar-me de sua mesa e ao ficar parado defronte dela, atendendo ao gesto de mão que me fez, notei logo o transtorno de sua fisionomia, cansada, macerada, amarelada, de traços vincados, rosto alongado e flácido. Impressão desagradável!...

Instantes depois ele levantava os olhos para mim, olhos sem a expressão habitual, e falou-me ligeiramente arfante:

– Bons dias, Sr. Avelino. Obrigado por ter vindo!... Temos muito que fazer...

– E Vossa Excelência como passou, Senhor Barão?

– Mal, esta noite foi terrível!...

– Fiz-me de desentendido, perguntando-lhe apenas se não dormira bem...

Vago e triste sorriso, em resposta. A seguir confissão maior:

– Não, Senhor Avelino!... coisa mais séria! Além do torpor e fraqueza das pernas, bem inchadas, sintomas diferentes dos meus males conhecidos: afrontação tremenda, dolorosa, tolhendo-me a respiração, como que me estrangulando, sufocando-me! Olhe,

assim: Com a mão colocada sobre o peito, ritos feio de boca, olhos moventes, esgazeados, o Barão reproduziu-me, com perfeição sinistra, os sofrimentos idos e sentidos. Depois disso, passou-me não pequeno número de folhas azuis já minutadas e continuou enchendo outras!

Mais tarde, entre colegas, contei o sucedido, procurando imitar os esgares vistos, alarmado ainda com a cena antes presenciada. Todos estavam concordes em que, de tempos para cá, o gigante andava combalido. Cada qual citava um fato, uma impressão pessoal colhida; uns, crentes apenas do seguimento de insidiosa enfermidade, curso normal da artério-esclerose apossando-se gradativamente daquele organismo robusto, de solidez até então invejável; outros, tudo atribuindo ao labutar incessante, sem interrupção e repouso, vida sedentária, agora quase de recluso; alguns, acrescentando a tudo isso as contrariedades envolvendo ultimamente sua pessoa, arredia, por índole, aos imperativos e manejos da política interna, em plena ebulição.

A possibilidade do lançamento de seu nome para a Presidência da República – candidatura preconizada por Rui Barbosa e ansiada pelo Brasil inteiro – seguramente tirou-lhe noites de sono! Ele era um provado patriota e estadista, sem dúvida, mas não se julgava capaz, fora da órbita de sua especialização, vasta e profunda, de arcar com as responsabilidades de um governante supremo. Tímido, no fundo, vaidoso do seu glorioso passado só de triunfos, por nada desejaria arriscar-se às críticas prováveis, aos ataques possíveis, às contrariedades de toda classe, até à prisão da sua personalidade independente e boêmia, às obrigações de tão

alta função. Também seu inveterado temor da palavra falada e escrita, as oposições inevitáveis no Parlamento ou a voz retumbante da Imprensa, dificilmente uníssonas. Ele conhecia, de sobra, o valor e o peso de ambas na opinião pública. Ferido no seu íntimo, talvez pesaroso do seu próprio gesto de recusa, mesmo assim não cedeu aos veementes apelos nesse sentido, alegando motivos que a Nação acatou num preito de veneração ao seu ídolo, mas que não a convenceu em absoluto. O grande brasileiro percebeu logo a onda de frio que cercou sua pessoa e sofreu com isso em amargo silêncio, quebrado, de quando em quando, às vezes extemporaneamente com qualquer de nós, em explicações justificativas de sua atitude.

A época em que situo este capítulo era de desassossego e preocupações intestinas. A candidatura militar dividira o país, abria dois campos em acesa luta. Rui, por fim, desfraldara a bandeira civilista e começara sua campanha memorável; dias agitados, meses correndo céleres e cheios de apreensões. A vitória de uma das duas correntes, oscilando como pratos de balança antes de marcar o peso exato. O verbo candente do paladino da democracia levanta por toda parte aplausos frenéticos, inflamando os ânimos dos seus partidários, mas, afinal, das urnas e das atas sai o nome do Marechal Hermes da Fonseca, que assume o Poder em sombria paz.

Rio Branco continua no Governo, depois de relutar um pouco, frouxamente. Sua presença à frente do Itamaraty constituía garantia indispensável ao novo Mandatário e acalma receios e infunde confianças novas... O Barão prossegue assim seu trabalho, já não pensa senão em ampliar sua obra, concluída para o Brasil, voltando suas vistas para as questões internacionais pendentes no

Continente, como mediador prestimoso e amigo fiel e valioso. Ainda conquista outros louros para sua rutilante coroa, não lhe faltando logo, entretanto, desilusões graves, que conturbam e amarguram seu ser moral e físico! A revolta da esquadra, ou melhor, dos *dread-noughts*, pouco depois, faz vacilar nos seus fundamentos o gigante, não acreditando, de pronto, na realidade do inesperado sucesso. O “Almirante negro”, os dias soturnos da rebelião, o sobressalto dos cariocas, a nacionalidade em alarme, a capitulação, pode dizer-se, da Autoridade, ressoam pelo mundo num desprestígio da nossa civilização e da sua ação construtora, paciente e tenaz, no Itamaraty. Viu desanimado o ruir fragoroso de tantos ideais e a visão macabra de possível luta fratricida, além da derrocada de outros sonhos!... Depois o estado de sítio, a intervenção em Estados, o caso do *Satélite*, e o bombardeio da Bahia!... Isto foi para ele o tiro de misericórdia!...

Quem de nós, daqueles tempos, não se lembra da súbita transformação corpórea do Barão?!... Emagrecido, misto de espanto, de incredulidade, de agonia até, cavara rugas profundas no rosto, de faces terrosas amolecidas, mais pendente a papada... Reluta ainda, quer ficar em paz com sua consciência de brasileiro, toma atitudes, mas para evitar males mais graves, mais profundos e talvez irreparáveis, submete-se aos “imponderáveis da política”, no dizer de Pinheiro Machado. Pouco durou, estava ferido de morte!...

Capítulo XXIX

Tomba o Gigante

Capítulo XXIX
Tomba o Gigante

Sobre o Itamaraty, a Morte abrija suas asas tenebrosas e pousara para cobrir de pesado luto a Casa ilustre, transformada pela vítima por ela elegida, em baluarte principal da honra e prestígio do Brasil, marco fraterno do idealismo Pan-americano, campo só de conquistas do direito, solar sem ambições desmedidas, dando mais do que recebendo.

Catástrofe nacional! A notícia da súbita enfermidade do Barão, considerada em extremo grave, enchendo de preocupações imediatas os primeiros facultativos que o atenderam, como que paralisou a vida da cidade. O telégrafo incumbiu-se, em seguida, de espalhar “*urbi et orbe*” a triste e sensacional nova. Para o Itamaraty todo o país voltou logo os olhos, entre pensamentos comovidos e preces ardentes pela salvação do seu precioso filho. Rápidos dias de expectativas, de ânsias, de transitórias esperanças, estas morrendo aos poucos, como morria o preclaro brasileiro, findar de gigante, espetacular, longo, qual o de deus mitológico, crido imortal!

Os primeiros instantes, quando nós funcionários da Secretaria, soubemos do dramático acontecimento, ao menos, para mim, estão toldados por névoas opacas que tornam imprecisas as lembranças do momento, sem poder, por isso, precisar pormenores, acrescentar fato novo, aos que correm mundo com visos de

autênticos. Não me recordo da hora, do lugar, do que estava fazendo o Barão, ao tombar desacordado para a caminhada final. Só os infindáveis dias de angústia, a seguir, estão gravados com mais clara nitidez, se bem embaralhados, confusos ainda assim.

Pudera!... Surda agitação reinante na Casa toda!... Encerrado entre as quatro paredes de sua sala, no meio da celebrada desordem, o titã alvejado, em luta acerba, perdia terreno. Fora delas, o Comendador Frederico de Carvalho, a princípio, numa autoridade precária, esforçava-se, titubeante, em manter o ritmo do trabalho diário, sentindo, porém, o atropelo, surgindo como maré montante, sua pessoa em cheque, alguém mandando e sendo obedecido, amparado por ordem oculta ou tentando golpe de audácia, bem calculado! O velho chefe, abatido, fraquejando, hesitante, ou deblaterando para o ar, sem tomar, entretanto, nenhuma atitude firme...

Enquanto isso, Rio Branco extinguia-se paulatinamente! Agonia calada, impenetrável... Minha primeira visão tremenda, nas sombras de tarde morrente: Ele sentado numa cadeira de balanço (reliquia hoje em poder do Embaixador Moniz de Aragão), estático, já com rigidez de estátua, olhando, sem ver, infinito vedado aos viventes! As que se seguiram foram mais humanas, comuns aos mortais, não menos dolorosas! O fim aproximando-se, vascas precursoras da morte, apossando-se daquele corpo, parecendo imenso, alçando-se quase do leito, em convulsões constantes, em estertores tétricos! O então moço e já ilustre e acatado professor Dr. Pinheiro Guimarães, para minorar sofrimentos talvez apenas aparentes, aplica sobre as narinas afiladas do venerando e

desesperançado enfermo tampões de algodão embebidos de clorofórmio. Reação em minutos, como de dormir tranqüilo em seguida. Depois suor abundante, orvalhando, por inteiro, o belo e suave semblante do condenado; novo arfar em crescendo, avolumando-se em sons rouquinhos, cada vez mais fortes... Outra crise!... Que coisa horrível!...

O expediente normal da Casa, virtualmente parado. Numa sala, porém, franqueada apenas para uns tantos, trabalhava-se febrilmente. A minha Diretoria Geral, moribunda também! Mas todo o pessoal a postos, cada qual desejando prestar serviços, tornar-se útil de qualquer maneira, as categorias niveladas. Nestas alturas os telefones tilintando sem cessar, apelos vindos de fora. Fiquei horas atendendo chamados. Vozes aflitas, contínuas, de homens, mulheres e até de crianças, vozes cultas, outras singelas, gaguejantes, implorativas: “Seria muito amável informando-me do estado de saúde do Senhor Barão do Rio Branco!...” “Pode dizer-me como vai o Barão?”... “E o Barão?” Respostas desanimadoras: Gravíssimo, infelizmente!... Do lado de lá do fio, ouvi não poucos – Oh! meu Deus!... Que desgraça!... Era o começo do soluçar de um povo! E isso se prolongava pelas noites em fora, pelas *Madrugadas Trágicas*, conforme uma descrita, emotiva e precisa, por Hélió Lobo, num dos números da edição vespertina do “Jornal do Comércio” daqueles tempos.

Eu não presenciei o falecimento do Barão, não vi o instante supremo no qual tão nobilíssimo coração cessou de bater, para sua alma entrar nas regiões serenas de paz desconhecida, mas eterna. As vigílias anteriores foram muitas e precisamente a que

precedeu o desenlace – ocorrido, como é sabido, às 9h10 do dia 10 de fevereiro de 1912 – já não me foi possível enfrentá-la: estava exausto! Vim para casa por volta das 4 horas. O moribundo parecia ter mais forças de resistência do que seus familiares e auxiliares, esgotados de vez! Pouco dormi. Telefonema de colega amigo anunciou-me logo a tremenda nova, o término daquela existência privilegiada, à qual eu tributava o respeito de todos os brasileiros e, dentro de meu coração, votava culto especial. Despertar infinitamente triste, em manhã radiosa. Impressão de sentir o solo pouco firme e menos firmes ainda os pensamentos mal coordenados, num primeiro preito de saudade ao extinto. Vesti-me atarantado, em dois tempos, de preto. Ao divisar o Itamaraty, choque compreensível. A Casa pareceu-me soturna, mergulhada em silêncio fúnebre, portas meio cerradas, como se a vida houvesse dela fugido também! No alto, o pavilhão nacional, a meia-haste, pendia murcho como sem querer virilmente balancear-se aos ventos.

Subi pela escada principal, isolado, sem encontrar viva alma! Sempre sozinho, cheguei, por fim, à sala onde o drama se desenrolara e estaquei surpreso ante o quadro deparado. Ainda no mesmo leito, pobre e singelo leito, amortalhado no seu vistoso uniforme, o Barão jazia inerte!... Barbeiro, atento, terminava de escanhoar sua serena face, como rejuvenescida, liberta dos últimos vestígios da longa agonia. O *figaro*, a seguir, esquentou comprido ferro de frisar, em vacilante chama de álcool de minúsculo e apropriado aparelho de metal. Girou-o antes no ar para obter temperatura exata e ao dar, com proficiência, forma desejada aos bigodes do morto, terminou tão pesado encargo, olhando-o

fixamente, demoradamente. Arrumou seus apetrechos, saiu cabisbaixo, arrastando-se como sem forças para o resto do dia, saudando os presentes. Só então abracei, enternecido, Raul do Rio Branco, Moniz de Aragão e Gastão Paranhos, para em seguida ajudá-los a colocar o corpo do Barão num caixão de 1ª classe, pois a urna de madeira, vinda para idêntico fim, não servira. Depois, os quatro, agachados, prendemos ao peito do defunto algumas das suas mais prezadas condecorações. Isso feito, beijei-lhe as mãos já frias.

Mais gente agora ao nosso lado. O Barão deixava pouco depois – como andam os mortos – sua amada cela de trabalho, em caminho da posteridade! Enquanto se preparava o salão nobre, em eça provisória, os sagrados despojos permaneceram, por algumas horas, na mesma sala em que meu Pai, onze anos atrás, fora acometido do segundo e fatal insulto apoplético... Sobradas razões tenho, portanto, para conservar bem presentes aqueles dois instantes únicos!

O primeiro velório foi penoso e longo. Éramos poucos cumprindo esse dever. Muitos dos mais chegados ao morto, em justo descanso; os mais velhos, economizando forças. Silêncio respeitoso, quebrado apenas pelas conversas em toada baixa, todas elas girando sobre fatos e episódios da vida do Barão, dali em diante pertencentes à História. Ranger característico de solas, de quando em quando, alguém chegando ou se afastando nas pontas dos pés.

O então Comandante Sousa e Silva, que merecera a estima e confiança de Rio Branco, muito abalado, em voz brusca, cortante, ligeiramente afônica, num desabafo nervoso, era quem mais

alimentava a palestra. Desvendar de revelações por mim ignoradas! Mesmo assim, alguns lutavam contra o começo de um sono irresistível, cabeceando. Outros levantavam-se, moviam-se, iam para dentro, voltavam como assustados das salas internas, mais lúgubres do que a iluminada pelas luzes dos círios mortuários e crepitantes...

Lembro-me da sentença de Hélió Lobo, ao contemplarmos, como já fizéramos repetidas vezes, a placidez olímpica da fisionomia do Barão, qual efígie modelada para os pósteros:

– Cabeça de medalha!...

Observação precisa!... Morto tão belo jamais vi, a não ser a doçura do rosto de minha Mãe adorada, dormindo seu grande sono!...

Na calada da noite alta, começamos a ouvir distintamente, de meia em meia hora, os tiros isolados, um por um, das fortalezas e navios de guerra, dobre de finados de goelas de aço, ecoando como gemidos surdos e prolongados de dor imensa!... Rio Branco recebia, assim, as primeiras honras fúnebres de Chefe de Estado.

Capítulo XXX

Novos dias

Capítulo XXX
Novos dias

Quando li, há tantos anos, quase de um fôlego e com entusiasmos de moço, os alentados volumes de Henri Houssaye, clássicos e incomparáveis estudos históricos da derrocada napoleônica, conquanto cheio de crescente emoção, por pouco abandonei o último, *La Terreur Blanche!* Como prosseguir, com o mesmo interesse, aquelas restantes páginas?! Toda a sofreguidão da leitura parara como por encanto!... Porque, julguei então, o celebrado autor não terminara o ciclo de tão grande vida e tão fascinante declínio no momento da segunda abdicação ou mesmo quando Napoleão galgara vencido os degraus da glória nos solitários e longínquos rochedos de Santa Helena?! Ainda assim fui para diante; e que final de mestre!...

Tudo isso me vem hoje à cabeça, ao pensar que, daqui para frente, nestas desprezíveis reminiscências, o único atrativo que poderiam elas oferecer, tenha cessado de vez! Mas sua continuação se justifica: Nunca me propus, repito, – nem coragem e forças teria para tanto – escrever apenas sobre Rio Branco, e sim narrar, singelamente, o começo saudoso de minha carreira, passado entre os caros e velhos muros do Itamaraty. Daí alguns capítulos ainda.

Manhã tórrida aquela na qual o corpo do Barão se apartou para sempre do Itamaraty, para descansar no mesmo túmulo onde repousavam, há 32 anos, os restos mortais do primeiro Rio

Branco. Apoteose impressionante e silenciosa de toda uma cidade, massa humana compacta, movente e fixa, só desrespeitando os rigorismos do protocolo oficial nas proximidades e dentro do cemitério de S. Francisco Xavier. Em lutuoso automóvel, com os faróis cobertos de grossos crepes, dos muitos postos à disposição do pessoal do Ministério, por algum tempo, empertigados e compungidos, seguimos o triste desfile, de lenta e difícil organização. Se bem me lembro éramos: Raul de Campos, Mário de Vasconcelos, Rodrigo Heráclito Ribeiro e eu. Para melhor presenciarmos o ato final do sepultamento, resolvemos deixar a interminável fila de carros, e cortando praças, ruas e travessas, chegamos com grande avanço ao Caju. Esforço perdido... A vasta necrópole transbordava de gente, outra aglomeração impávida, suportando, por horas, temperatura de forno. Nem nos aproximar pudemos do sepulcro aberto! De longe divisamos, apenas, depois de longa espera, a entrada do cortejo, sem nada dele vermos a não ser o movimento envolvente de duas multidões – a que chegava e a que esperava – choque tumultuoso como o da confluência de dois turvos e caudalosos rios! Desalentados rumamos para a cidade e fomos almoçar no *Heim*, encasacados e suarentos. Pela noite tive febre alta; apanhara resfriado forte ou gripe séria da mais legítima.

Só voltei à Secretaria três ou quatro dias depois. Lauro Müller já era o novo Ministro das Relações Exteriores. Encontrei o caríssimo Comendador, ele, com aquele rabo de olho muito incisivo e tão meu conhecido, deu um muxoxo de desdém:

- Todos os novos Ministros são sempre encantadores!... Olhe, menino, os mortos são esquecidos depressa!... O velho Chefe fervia por dentro...

Lauro Müller conseguiu facilmente firmar o pé na Casa. Homem em extremo inteligente, sutil, polido e maneiroso, conquanto frio, seus passos iniciais na pasta, pareciam não ser outros senão os de curvar-se, com elegância, ao peso da grande e árdua sucessão. Político traquejado, “raposa de espada à cinta” como o chamavam então, rapidamente transformado em diplomacia solerte, nenhuma pressa teve em mostrar seus reais méritos, dando tempo ao tempo. Mas foi logo sondando e conseguindo, após, a ida de Campos Sales à Argentina, como nosso Plenipotenciário, para “endulzar relaciones” no expressivo dizer da popularíssima revista ilustrada *Caras y Caretas*, de Buenos Aires, quando lá chegamos.

Do prezado colega Moacir Ribeiro Briggs, ao favorecer-me com um retrato do seu saudoso Pai (retrato que aparece neste livro), recebi também, por nímia gentileza, antiga fotografia estampada no *Fon-Fon*, que me encheu de saudades infindas, por nela ver-me, mesmo cortado ao meio, em risonha idade, entre superiores e companheiros mais velhos, estes desaparecidos na quase totalidade, e uma mocidade *hélas!* Ora, tal qual eu, com muitos anos de caminhada na vida! O recorte em questão reproduz o instante emotivo no qual cercávamos Lauro Müller, no momento inaugural do busto de Rio Branco, que o novel Chanceler se apressara em mandar colocar no salão nobre, como de deus tutelar da Casa, na perenidade do bronze. Encaixo aqui esse pequeno episódio recordativo, para fazer justiça a Lauro Müller de haver

assim implantado no Itamaraty, sem tardança, o culto do Barão, que todos seus sucessores têm conservado e engrandecido de mil maneiras, como os antigos nas suas moradas, alimentavam o fogo sagrado de seus altares.

A sala para a qual nos mudamos, em verdade no fim da casa, acréscimo recente, prolongamento lateral da biblioteca, nada tinha de triste. Arejada, clara e tranqüila, era quase recanto bucólico, perto das seções, mas... longe do gabinete do Ministro! Frederico de Carvalho, macambúzio, vaticinava ruínas, prevendo, para começar, a desorganização infalível das melhores tradições da Casa. Ele estava mesmo azedo, sem confiar na sabedoria popular, tornada em sentença: “De hora em hora Deus melhora”. Voltou mais tarde para sua antiga sala e como Subsecretário de Estado!... Zacarias de Carvalho, fleumático, trabalhando como sempre, e eu encantado com uma nova secretária vinda dos Estados Unidos, engenhoso e prático móvel, guardando no bojo as máquinas de escrever, que surgiam e desapareciam ao simples levantar da tampa central. E menos que fazer, igualmente!...

Apenas não me sentia muito em forma; a gripe, já falada, não deixara, de todo, o corpo, morrinhento e combalido. Tornei a faltar uns dias ao serviço, faltas *interpoladas*, bem entendido, menos censuráveis. Numa dessas ausências, o bom Zacarias mandou avisar-me haver chegado para mim carta urgente de São Paulo, a qual, pela letra do subscrito, dele muito conhecida, era indiscutivelmente do Dr. Campos Sales. O excelente colega, alvoroçado, alertava-me ainda: “Ela só pode prender-se à missão na Argentina!...” As *demarches* de Lauro



*Cerimônia de inauguração do salão nobre do Itamarati, do busto em bronze do Barão do Rio Branco.
(Reprodução de uma fotografia estampada na revista "Fon-Fon")*

Müller junto ao benemérito ex-Presidente da República, logo sabidas, passaram a ser o prato do dia do Ministério. Bati-me, pois, para o Itamaraty.

Grandíssima surpresa! Tão grande que mal podia decifrar as linhas da missiva recebida! Passei-a a Zacarias que a leu, devagar, com crescente alegria, abraçando-me, por fim, fraternalmente. Reproduzo aqui esse honradíssimo documento, com o mesmo abalo que resenti então:

“S. Paulo, 25 – Março – 1912. – Avelino. Desejo que você me acompanhe, como meu secretário particular, à Argentina. Caso seja isso possível você próprio se encarregará de comunicar a seus chefes e solicitar deles a necessária permissão. – Partirei daqui pelo noturno de 31 do corrente, devendo aí chegar a 1 seguinte. Minha demora na Argentina não será grande e caso você tenha necessidade de regressar antes de mim, não farei dúvida nisso. – Formulo, pois, o meu convite e conto com você. – Responda-me com a máxima brevidade. – Am.º aff.º (A) Campos Salles” ()*.

O Comendador, ao inteirar-se desse convite, encobrimo sua viva satisfação, disse-me a correr:

– Grossa pândega, muito de seu agrado, hein! seu Luís?!... Não perca tempo, vá logo ao Ministro e... vire depois diplomata!...

(*) Vide Apêndice Doc. nº 5 (Cópia fotostática).

Olhe, estou contente por você e por ver assim quebrada a castanha de uns tantos...

As portas do gabinete do Ministro não me foram abertas sem pequena cena cômica: Paula Fonseca, delas guardião zeloso, procurou desiludir-me da possibilidade de rápida entrevista com Lauro Müller, muito atarefado naqueles momentos, em conferência com colega seu e outras audiências diplomáticas marcadas. Velho truque de todos os oficiais de Gabinete...

– Está bem, retruquei, mas hoje eu falarei com Sua Ex^a. de qualquer maneira!... Tenho uma carta de Campos Sales...

Paula Fonseca mal ouviu o nome de Campos Sales, interrompeu-me:

– Homem!... quem sabe se o Senhor Ministro já não está livre?!...

Pouco tardou em voltar, prazenteiro, como quem só tem palpites certos:

– Entre, Luís, o Ministro está sozinho!

Sem nenhum comentário prévio, mostrei a Lauro Müller a carta de Campos Sales. Ele leu-a com atenção, sorriu para mim e depois, num deslize muito compreensível de político habituado a não confiar na sinceridade de todas as palavras escritas, inquireu-me com curiosidade:

– Como o Senhor cavou esta carta?!...

Quase pulei de cadeira!... Lauro percebeu, de pronto, a rata que lhe escapara e, ante meu espontâneo protesto: “Parece-me, Senhor Ministro, que uma carta desse teor não se cava”, emendou galantemente a mão:

– Claro, sem dúvida!... Mas... não felicito o Presidente pela sua escolha, se bem que ela seja gratíssima a esta casa. Fale ao Dr. Enéas Martins para os efeitos do expediente necessário. Minhas vivas felicitações pela alta distinção que acaba de ser alvo e responda, sem delonga, ao Dr. Campos Sales, afirmando-lhe nosso prazer em acatar seu feliz pedido.

Enéas Martins, entre outras recomendações sibiladas, aconselhou-me mandar fazer enxoval condigno, assegurando-me ajuda de custo suficiente para tudo.

E como final de tarde, o espanto relativo do Sr. Lima, das *Duas Coroas*, quando eu, marcando prazo impreterível, encomendei soberbamente e de um jato: casaca, smoking, sobrecasaca e fraque!

O Costa e o Araújo Brasil ficaram confusos, este parando o manejo da imensa tesoura de cortador. Eu era freguês conceituado, mas de pagamento em prestações discretas. Sem mesmo tirar do canto da boca a ponta apagada do cigarro inseparável, o Sr. Lima murmurou apenas, já separando as peças de fazenda apropriadas:

– O Sr. *Dr.* vai casar?!...

– Não, amigo Lima!... vou à Argentina!...

Capítulo XXXI

Secretario particular

Capítulo XXXI
Secretário particular

Para os que estão lembrados dos começos destas páginas, o convite de Campos Sales para acompanhá-lo à Argentina, explica-se facilmente. Seu querer por mim nunca sofreu solução de continuidade. Depois do falecimento de meu Pai, sempre que apelei para sua amizade ela jamais me faltou, tentativas, em geral, de qualquer modesta e incipiente colocação. E, coisa curiosa, quando ele, a meu pedido, escreveu ao seu velho amigo Pereira Sodré, Cônsul Geral em Buenos Aires, para propor meu nome ao Ministério como Auxiliar de Consulado, tal pretensão foi contrariada pelo próprio Rio Branco, por certo, como ficou provado, com outras idéias a meu respeito!

Num naufrágio de menino pobre, que duas grandes tábuas de salvação, herança das mais preciosas! Rio Branco e Campos Sales!... Aquele, abrindo-me as portas do Itamaraty; este, fazendo-me transpor outras mais largas, forçando-me quase a passar para a *Carreira*, no entender dele, de horizontes mais amplos e mais brilhantes. Devo, porém ilustrar aqui, que o magnânimo gesto do primeiro fora feito, principalmente, em memória do amigo ido, pois para o Barão eu viveria apenas nas vagas lembranças, bem distanciadas, de ente pequenino a quem chamava de *cadete*, enquanto que o segundo, se bem com os pensamentos em meu Pai, professava pela minha pessoa sincero afeto. Conhecera-me ao assumir a

presidência da República, brincando como criança ainda ou folgando nos primeiros ímpetos da adolescência com seu dileto filho Paulo, toda sua esperança e enlevo depois da morte do primogênito – luto perene nos corações do casal exemplar -, compartilhando da intimidade de sua família, almoçando e jantando, com frequência em Palácio, indo passar temporadas em Petrópolis, na antiga mansão do Visconde de Silva, provocando-me, à mesa, com perguntas fingidamente sérias e complicadas, para gozar das minhas respostas hesitantes e disparatadas, ou rindo-se a bom rir ao pregar-me qualquer peça, previamente combinada: Mandar servir-me, em primeiro lugar, o assado final, logo recusado pelos demais!... Diante da minha vermelhidão, dizia-me, passando a mão pelo cavanhaque, antes da gargalhada coletiva: – Ó... seu comilão!... você vai fazer o Presidente da República esperar pela sobremesa?!... Onde já se viu isto?!...

Doces e suaves tempos!... Ao compor este pequeno prelúdio, surge na minha mente conturbada a lembrança do grupo dos companheiros de então, alguns vivendo só nas saudades, orvalho que cai sobre o passado para reflorir afetos idos e ilusões perdidas. Mortos, o queridíssimo Paulo, o angélico Carlos Noronha Santos (fidus Achates), o José Cota, o Alexandre Valentim Magalhães. Perdidos de vista, outros: Antônio Campineiro, Valentim Magalhães Filho e Antônio de Carvalho. Sempre presentes, mau grado a dispersão da própria vida, uns tantos que para meus olhos conservam os traços da idade de ouro: Joaquim José Bernardes Sobrinho, João Neiva (o Chefe Neiva para o Telégrafo Nacional inteiro). Hildegardo

de Carvalho, que agora, para regozijo meu, a filatelia nos reuniu novamente.

Ai de mim, pobre pigmeu com vontade de ser um Chateaubriand, mesmo do Largo do Machado!...

Quando Campos Sales recebeu o convite de Lauro Müller para ir à Argentina, transmitido por Graça Aranha, seu primeiro gesto foi de formal recusa; sentia-se alquebrado para a empreitada e como me disse depois, por achar que só se lembravam de sua pessoa para tapar buracos, abertos por outros. O emissário do Governo, aliás persistente e persuasivo, já estava desanimado, quando o grande brasileiro, por fim, aceitou a missão. Vitória!... Outra confissão ouvida de seus lábios: Cederá sim mas a rogos de D. Aninha, sua nobilíssima mulher e discretíssima conselheira, que o chamara à razão admirando-se de querer ele esquivar-se, sem pretexto plausível, a prestar mais um serviço relevante ao país.

Agora um ponto que me diz respeito: Campos Sales, inicialmente, convidara Tobias Monteiro para acompanhá-lo a Buenos Aires. Criatura de amizades arraigadas e de gratidões profundas, não poderia esquecer-se dos valiosos serviços do seu dedicado e ilustre companheiro na viagem à Europa, como Presidente eleito. Antes as escusas de Tobias Monteiro, ficou indeciso em escolher novo nome para funções tão íntimas. Foi quando Paulo, de quem soube mais tarde este particular, com fiel carinho, aventou o meu, aceito com alegre exclamação:

– Você acertou, meu filho!... O Avelino é o meu homem!... E eu que não pensei logo nele?!...

Minha resposta a Campos Sales, sem temor de engano, deu-lhe prazer; telegrafou-me para ir buscá-lo a São Paulo, a fim de “conversarmos sobre a nossa missão”, bondoso eufemismo que tive o cuidado de guardar só para mim. Num dos meus contos narrei essa viagem, feita em carro da administração e na companhia de Luís Carlos da Fonseca, representando a diretoria da Estrada de Ferro Central. Começo de confortos desconhecidos...

Aqui no Rio, Campos Sales teve apartamento reservado no Hotel dos Estrangeiros, com sala de jantar, em baixo, privativa. Como esquecer-me de recomendação de alguém, personalidade bem importante, aconselhando-me com palmadinhas nas costas e piscar de olhos significativo, para trazer o maior número de amigos para almoçar e jantar com o *Presidente!* Até aí nada de mais, o final, porém, chocou-me em extremo: “Não se esqueça de que as despesas correm por conta do Governo! E você aproveite também!...”. E minha Mãe recusando ferrenhamente, dias após na cidade, entrar comigo no automóvel às minhas ordens!... Duas interpretações distintas!...

No dia seguinte fomos ao Itamaraty. Em caminho, gracejando, disse a Campos Sales que, tendo ele entrado para o rol dos funcionários públicos, seria obrigado a contribuir para o montepio dos servidores do Estado. O nobre ancião, ao ouvir isso, agarrou-me com força o braço direito, arregalou os olhos, falou ansioso:

– Que história é essa de montepio?! Você está certo disso, seu Avelino?!... Depois de pequena pausa, como quem suspira, acrescentou: – E eu que não queria aceitar a prebenda!...

Tal era a satisfação estampada em seu bondoso e enérgico rosto, que prometi para acalmar qualquer dúvida:

– Quando terminar a conferência com o Ministro de Estado, pedirei ao Raul Campos, Chefe da Contabilidade, para falar com o Senhor a esse respeito.

– Não me esteja você pondo caraminholas na cabeça!... É coisa muito séria isso de poder deixar eu aos meus, no fim da vida, uma pensão, mesmo pequenina!...

A audiência com Lauro Müller foi afetuosa e rápida. Nos dois homens públicos notava-se o apreço e querer recíprocos. O mais moço, diferente quase submisso, no bom sentido, ao mais idoso: Quem foi rei nunca perde a majestade! Mas o Ministro das Relações Exteriores precisava dar instruções ao novo Plenipotenciário, e deu-as da forma mais imprevista e fina. Principiou por lembrar-lhe as mudanças das situações; agora era ele o superior hierárquico, obrigado a falar em primeiro lugar, em transmitir ordens... Aí Campos Sales mexeu-se no sofá, cofiou o cavanhaque, fechou um tanto a cara:

– Pois venham logo essas instruções, *sen* Lauro!

Antegozando o sucesso, sorrindo placidamente, o Chanceler passou a mão também pela ponta de barbicha e falou devagar, destacando as sílabas:

– O Governo brasileiro espera e confia que Vossa Excelência passeie diariamente pela *Calle Florida!*...

Bela lição para minha mocidade!

Ao deixarmos o Gabinete, Campos Sales não se esqueceu de perguntar-me:

– E seu amigo da Contabilidade?!...

Mandei chamar o querido Raul de Campos, que em dois tempos, com precisão matemática, citando leis, artigos e parágrafos, dando totais de todas as hipóteses do caso, pagamento total ou parcial da jóia, montante das contribuições mensais, cifras terminadas sempre em 333 réis, entusiasmou o ouvinte atento:

– Então eu posso pagar a jóia do montepio de uma só vez?

– Pode, de acordo com o disposto no artigo..., descontando no primeiro saque a fazer de Buenos Aires, que eu mesmo terei a honra e o prazer de preparar para Vossa Excelência.

– Oh! Senhor!... Creia-me, Dr. Campos, que estou muito penhorado por tudo...

Ao sairmos, Campos Sales afirmou-me estar satisfeitíssimo: – *Seu Avelino*, grande dia... e aquele seu colega dos 333 réis, é além de moço muito simpático, uma verdadeira capacidade! Nunca vi coisa igual!...

Foi esse montepio, de 300\$000 mensais que, um ano e meses depois, coube à viúva e duas filhas solteiras! A célebre fazenda do *Banharão*, considerada como valendo mundos e fundos, fora anteriormente vendida por 110 contos, e se dinheiro ele tivesse em algum Banco, inclino-me a crer que tal depósito não passasse muito da ajuda de custo de regresso de seu recente e único cargo administrativo, soma inesperada, como caída do céu! Ao receber minha carta anunciadora da boa nova e na qual lhe mandava os competentes documentos para o saque a ser feito contra a Delegacia do Tesouro em Londres, respondeu-me encantando e brincalhão:

“Não é preciso que eu lhe diga o prazer que me causou sua carta de 25. A gratíssima surpresa que você deve ter previsto que ela me causaria, bastará para justificar o meu contentamento. Realmente não esperava por isto. – Armado das *credenciais* fui ao Banco (Comércio e Indústria) e tudo se fez sem a mínima dificuldade e rapidamente. Devolvo, assinado, o documento nº 4, conforme sua recomendação.”

Pequeno, ínfimo, patrimônio material que o restaurador das nossas finanças e do nosso crédito no estrangeiro legou aos seus herdeiros! Como exemplo e recompensa maior, quão grande o moral, ora não pertencendo somente àqueles que trazem, com justo orgulho, seu nome impoluto e aureolado, e sim também ao Brasil inteiro e reconhecido...

Por estas alturas comecei a guardar, sem método nem esforço, recortes de jornais e revistas, sobretudo reproduções fotográficas, que me dissessem respeito, pregando-os num livro em branco, pomposamente intitulado “Minha carreira ilustrada”, espelho hoje de várias faces, onde me revejo com a petulância de moço, a decisão de homem feito e a sisudez de maduro, e por ter parado a tempo a colheita, sem desencantos maiores da minha própria pessoa física. Se me valesse agora desse documentário, poderia encher grande número de páginas para aumentar este livro ; com isso fugiria, porém, ao plano dessas reminiscências, escritas para falar mais dos outros que de mim mesmo. Entretanto,

como compulsasse agora aquela coleção, não posso encobrir o saudoso olhar que deitei sobre a primeira das suas fotografias, a do banquete oferecido a Campos Sales, nas vésperas de partirmos para Buenos Aires, pelo Ministro argentino Dr. Júlio Fernandez, jantar de convivas mortos, tão reduzido são os vivos que nele participaram. Lá estou, sem ser na cabeceira da mesa, dirigindo-me ou respondendo a alguém, com expressão de intensa felicidade.

As funções de Secretário particular pareciam-me e foram, em verdade, só de prazeres. Equilibrado, por índole, elas não me viraram a cabeça ; desde cedo, jamais me perturbou o bafejo embriagador que emana, insidioso e deletério, dos momentos afortunados. Por isso nunca tive desmedidas ilusões ao assumir qualquer cargo de evidência, ou desgostos e queixas ao ser apeado deles. Do inicial ao último da carreira, em períodos normais ou de fastígio, subi a montanha sem ouvir as vozes agressivas ou laudatórias das pedras do caminho, e alcancei o cimo e o *pássaro azul* da lenda, representado nos dias de paz da aposentadoria, a qual, invalidando-me para a profissão, me permitiu, em parte, rememorar e cultuar seu passado.

Campos Sales também não foi um Chefe e sim paterno amigo, convicto, desde o princípio das minhas atitudes ao seu lado, de ter feito mesmo acertada escolha! Devo ao Itamaraty tão feliz sucesso; na boa escola aprendera o bastante para poder, sem dificuldade, alcançar logo tão alta confiança. Ao facilitar-lhe pequenos desejos ou esclarecer-lhe algum ponto duvidoso, ele, como desconhecendo o menino doutroira, mostrava deleitado:

– *Seu Avelino*, você é um bicho!...

Pequeno exemplo. Entre as visitas que mais o alegraram e comoveram durante a curta estada no Hotel dos Estrangeiros, foi a de Honório Anacleto da Silva, antigo e dedicado serventuário do Catete, transferido para o Ministério da Fazenda no término de sua presidência. Quando ele saiu, Campos Sales disse-me, como quem exprime, sem esperanças, um desejo: Que bom seria se pudéssemos levá-lo conosco!... Honório, à vista do acolhimento, no dia seguinte estava de novo ao nosso lado, oferecendo-se para tudo. Perguntei-lhe se ele não gostaria de dar um passeio a Buenos Aires e, ante resposta afirmativa, quais os passos necessários a dar para isso. “O melhor, melhor mesmo, respondeu-me na sua linguagem chã mas vivaz, é o senhor dirigir-se diretamente ao meu Ministro. Pegar o boi pelo chifre, acrescentou.” Com destemida empáfia, fui procurar o Dr. Francisco Sales, detentor então daquela pasta. Expondo o caso, levando-o para o lado sentimental, consegui facilmente o que queria, além de recado assaz expressivo para quem entrara no assunto como Pilatos no Credo: “Rogo-lhe o favor de dizer ao eminente Dr. Campos Sales, ter sido para mim motivo de especial satisfação, poder servi-lo em tão mínimo desejo.” Foi aí que fui mimoseado com o cognome acima. O bravo Honório está vivo, forte e aposentado como eu, feliz no seu modesto lar da rua das Safiras, no qual, estou certo, reverenciará, com igual carinho ao meu, a memória respeitável do amigo comum.

A partida aproximava-se. Durante os derradeiros dias, despedidas oficiais, eu recebendo as sobras das atenções tributadas ao viajante ilustre. Estréia da sobrecasaca. Estava altamente *excited* por tudo isso e mais por prever tantos feitiços novos pela frente!

Honório, em função, arrumando também as minhas malas. Campos Sales, já profundamente saudoso dos seus, como recomendação única, insistia comigo não descuidar de obter umas tantas meias libras, em ouro, indispensáveis para as gorjetas de bordo!...

Quem na vida não terá reservado, por sete anos, coice vingativo semelhante àquele da pacífica e estimada mula do Papa, descrito por Alfonse Daudet, nas inimitáveis *Lettres de mon Moulin*. Vem ao caso contar um que guardei por mais tempo ainda. Como ficou dito, ao pretender o modesto lugarzinho de Auxiliar de Consulado em Buenos Aires, bati, precipitadamente, com a língua nos dentes em casa amiga, dando o resultado como infalível e próximo. Esquecido do fracasso, muitos meses depois fui em visita à mesma família, a fim de despedir-me de todos, pois estava de mudança para Vassouras! Verdadeiro alarido debochativo desabou sobre minha pobre pessoa:

– Para Vassouras?!... Esta é boa!... E nós pensando que você nos viesse anunciar sua ida para Buenos Aires!... Que diferença, meu caro!... Para Vassouras! Ha, ha, ha!...

Aquilo me doeu bastante. Engoli em seco a zombaria injusta e impiedosa, conservada como afronta a ser devolvida. E que coice!... Com a cara mais fingida do mundo, antes de partir, desta vez, para Buenos Aires mesmo, lá voltei e, entre sorrisos amarelos dos circunstantes, pude dizer brandamente:

– Agora, meu povo, as despedidas não são para Vassouras, e sim para Buenos Aires, como Secretário particular do Dr. Campos Sales e... *Attaché* à nossa Legação!...

Capítulo XXXII

Rumo ao Sul

Capítulo XXXII
Rumo ao Sul

O “*König Wilhelm II*” era considerado, na época, um dos mais confortáveis barcos da Hamburg Sudamerikanische, etc., etc.; com vagas lembranças dos transatlânticos nos quais viajara em criança – o *Portugal*, da Messageries Maritimes, e o *Magdalena*, da Royal Mail – o navio pareceu-me soberbo. Mais surpreendente ainda, o rijo formalismo com que fomos recebidos a bordo, seguido de cabais explicações do Comandante e 1º Comissário, que, em nome da Companhia, lamentavam, em fluente espanhol, a falta de reserva de apartamentos de luxo para nós, isso pelo fato de não terem chegado com a devida antecedência a Hamburgo, as ordens do Governo brasileiro. Os dois potentados se desmanchavam em escusas, com repetidos bater rítmico de calcanhares. Para Campos Sales deram uma série de camarotes, e para mim, dois magníficos, com imenso banheiro. Senti-me alojado qual príncipe herdeiro, só deplorando os curtos dias de travessia. Coisa séria, esta, de viajar com um ex-Chefe de Estado...

Primeiro jantar, Bela e repleta sala, feérica para meus olhos. Na mesa central do Comandante, Campos Sales, à direita dele, preparava-se, como bom marinheiro, para apreciar, com sobriedade, alguns dos pratos do opulento *menu*. Eu, em frente, lugares a baixo, muito compenetrado, vizinho de senhora alemã de alvíssima gordura, que me dirigiu, pouco depois, a palavra, para afirmar-me guturalmente:

– *Très sympathique, Mr. le Président!...*

Vi Campos Sales recusar qualquer oferecimento, feito com instância, por impressionante *Maître d'hôtel*, agalado como um General, o qual, por indicação sua, não se demorou em propor-me a aceitação dos melhores vinhos do Reno, o afamado e capitoso *Liebfraumilch* ou os fragrantes e menos populares *Riedesheim Keller e Oppenheimer Goldberg*. Tremi pensando nos preços daquelas delícias líquidas, mas aceitei, sem pestanejar, o primeiro, sugestivo pelo seu significado. Os outros vieram a seu tempo. A sopa passara bem, porém a tentadora posta coralina de salmão assado com salada de pepinos, parecia mover-se no prato, pois começara a observar, com temores, o cabecear compassado do *König Wilhelm II* e a sentir-me invadido por mal estranho. Suores característicos, tudo bailando para meus olhos turvos; aquilo era enjôo mesmo! Prevendo desastre maior, não tive cerimônias: levantei-me apressado e vim para os tombadilhos, já com engulhos. Respirei aliviado e me estirei numa espreguiçadeira, danado da vida! Que fiasco!... Foi quando ouvi voz cantante e divina, em puríssimo francês, aconselhando-me:

– Se o Sr. tomasse um sorvete, seria bem bom!...

Essas palavras curaram-me como por encanto! Vinham de perto, de esplêndida criatura, alta, forte e esbelta, cabelos abundantes puxando para o ruivo metálico, rosto ovalado e ligeiramente sardento. *Flirt* encetado, como mandam os livros, e gastos improfícuos depois, quando ela por aqui passou, mais tarde, de retorno à Europa. Gilberto Amado, ao ver-me, então, ao seu lado na Avenida, achou meio de chegar às falas comigo, para

interrogar-me sôfrego: – Onde desencantou você tão formidável Walkyria?!... *Une femme passa...* e nada mais!

Campos Sales passeava, agora, fazendo o quilo, firme de pernas, cabeça coberta por boné de fazenda preta e pala larga. Não tardei em vir para seu lado, refeito de todo. Mofou a valer do meu feio, todavia menor que o do Honório, *homem ao mar*, no seu entender. Fora vê-lo no camarote, no qual, desde que levantáramos âncoras, jazia gemente, sem movimentos, imprestável! Olhares de curiosa simpatia acompanhavam nossos passos e Campos Sales seguindo os meus e atentando para o garboso porte da pessoa com quem há pouco falara, ora nos enfrentando com discreto sorriso, disse-me deslumbrado e malicioso: – Que senhora bonita e... grande!... muito grande mesmo para você *seu* Avelino!

Primeira noite de bordo.

Que grande força de atração e respeito irradiava a figura de Campos Sales! Apenas um dia de navegação e ele era a personagem central de bordo, cercada de atenções da maioria dos passageiros, mormente dos argentinos, mais solícitos numa aproximação de todos os instantes. Encantadora jovem, fresca qual rosada rosa recém-aberta, esta, então, parecia tomada de amores pelo nosso Plenipotenciário; já colhera seu autógrafo, logo mostrado com vanglória a toda gente; já o procurava sem nenhum acanhamento, para ouvi-lo ou, como dizia entre lindo sorriso, “*para hacer S. Ex. platicar en castellano*”. Eu que sempre estava, com imenso agrado, acompanhando Campos Sales, nas vazias horas das manhãs e das tardes, quando ela vinha para nossas cadeiras, levantava-me

logo: – Agora o senhor vai ficar com sua namorada!... Ele aceitava a liberdade, não sem me observar: – Bem, porém não se perca por muito tempo, pois Secretário particular é coisa assim como ajudante de ordens! Uma noite, ao assistirmos empenhados, no salão, animada partida de damas com rapaz que a comia com os olhos, ela, no meio do jogo, ao perceber seu contendor tentar enganá-la, ergueu para o ar dedinho espetado e repetiu três vezes: “*No me haga Ud. trampa!*...” Campos Sales, quando voltamos ao tombadilho, morria de rir: – Que palavra tão feia e pouco sonora em boca tão mimosa?!...

Nos rápidos dias de viagem, quantos episódios íntimos e políticos, cada qual mais interessante, ouvi de Campos Sales, recordações longínquas de sua vida exemplar, outras mais próximas, da sua presidência, da sua sucessão, guardadas com zelos por mim, mas que não vêm aqui ao caso. Uma delas, entretanto, essa sim, ajusta-se perfeitamente nestas páginas. Perguntando-lhe se poderia ilustrar-me sobre a razão pela qual não fora avante o projeto, subscrito por meu Pai e grande número de Deputados, concedendo a Rio Branco a doação de mil contos, Campos Sales respondeu-me sem hesitação:

– Ora essa, como não!... Ao ter conhecimento do projeto encabeçado por seu Pai, convoquei-o a Palácio para dizer-lhe: “Escute uma coisa, *sen* José Avelino: compreendo e aplaudo suas intenções, mas ninguém melhor do que você, sabe que dinheiro em mão de Rio Branco é espada em mão de caboclo! É preciso a gente pensar também na família dele, e, por isso, vamos arranjar fórmula capaz de solucionar satisfatoriamente o caso para ambos”.

E assim foi feito: 300 contos em apólices da dívida pública e a pensão mensal de 2 contos, transmissível aos herdeiros, como já propusera aliás Serzedelo Correia. Constou-me que Rio Branco se queixou logo, em cartas a diversos amigos, da exigüidade sonante da quantia recebida, mal dando para pagar velhas dívidas!... Tenho, porém, a consciência tranqüila, pois a pensão anual aí está favorecendo os filhos!...

Oh! se me lembro do dia em que saindo do meu quartinho de dormir, no porão habitável da casa de Ferreira Viana, contíguo à biblioteca e escritório de Papai, este me mostrou, radiante, o projeto ao Legislativo, que acabara de redatar em folha de papel almaço, pelo qual a Nação, reconhecida, outorgando ao Barão o título de *benemérito brasileiro*, incorporava-o à carreira diplomática no posto de Enviado. Extraordinário e Ministro Plenipotenciário e recompensava-o com mil contos. Ao ler aquele documento, como vivo pela frescura da tinta, ainda estremunhado e sem compreender bem todo seu alcance, apenas a grande cifra despertou minha atenção. Soltei brado infeliz: – Hum! (o *puxa* de hoje!), que dinheirama! Meu Pai ficou uma fera!... Saí do seu lado ventando e o café daquela manhã foi amargo...

Campos Sales gostou bastante dessa confidência, anteriormente apreciada igualmente pelo Barão, que, ao ouvi-la, me disse como confirmando o final da narrativa: – Seu Pai, Sr. Avelino, quando se zangava, perdia mesmo as estribeiras!

O já citado 1º Comissário de bordo, afável e sangüíneo obeso, era para mim de uma cortesia assustadora! Não podia passar

ao seu lado sem ser convidado, com insistência e aos chamados de “Señor Secretario, Señor Secretario”, para ingerir com ele, conforme as horas, canecões vidrados e transbordantes de loura e inigualável cerveja ou toda classe de licores e *cocktails* deste mundo, sem falar nos finíssimos vinhos que me mandava servir à mesa, com recomendações e avisos de ser cada um melhor e mais raro. Aquilo se tornava doce tormento, pois, se por um lado, nunca bebera tão farta e saborosamente, pelo outro só imaginava, com calafrios, a magnitude da conta a pagar, no desfalque das libras, não muitas, sobradas da ajuda de custo. O sujeito parecia mesmo adivinhar meus passos, esbarrando-se comigo a todo momento, repetindo os oferecimentos, transformado, por fim, aos meus olhos, no real semblante de Sileno, galhofeiro e tentador. Mau e prematuro juízo o meu! Ao descermos em Buenos Aires e ao querer liquidar as despesas do *bar*, ele, teso e solene, afirmou-me não dever eu nem um centavo, pedindo-me ainda, como favor especial, aceitar essa insignificante gentileza da Companhia, tão abaixo da alta honra por ela recebida dada a nossa preferência. E que desembarque!... Navio embandeirado em arco, a charanga marcialmente tocando marchas festivas, finalizadas com o nosso hino e o argentino. Comandante e Oficiais em 1º uniforme, aquele gratíssimo a Campos Sales pelas belas palavras lançadas no seu livro de autógrafos.

Na viagem de regresso, no holandês *Frisia*, para matar saudades recentes e seguro da amabilidade das Companhias de Navegação e dos seus Comissários, enterrei-me, sem medida, em álcoois caros e... paguei, ao chegar aqui, horripilante nota que me pôs os cabelos em pé!

Capítulo XXXIII

Saudosa missão

Capítulo XXXIII
Saudosa missão

O título deste capítulo não é meu e sim de Campos Sales. Foi ele mesmo que assim crismou nossa missão na Argentina, ao escrever-me inquieto, tempos após, pelos rumores de certas dificuldades concernentes ao meu ingresso na carreira:

“Continuo a estar muito preocupado com a *sua* situação. Será para mim uma enorme decepção a sua preterição, e isso só bastará para turvar o bom céu da nossa saudosa missão em Buenos Aires”.

Se o próprio Campos Sales conservou *gratas recordações dos três curtos meses passados em Buenos Aires, que direi eu deles?!... Dias céleres, gravados como os melhores da minha mocidade, toldados apenas por questões íntimas, para o prazer não ser integral. Daignez, Seigneur, oublier les égarements de ma jeunesse et mes ignorances... lá está nos Salmos! Hoje bendigo todos meus honestos atropelos sentimentais dos anos de juventude! Era a mão de Deus conduzindo-me, com bondade, por linhas aparentemente tortas, para o caminho plano e seguro que me estava reservado trilhar em seguida.*

Sucessão de encantos, os mais diversos, distantes, mas bem presentes. Desde que pisamos o solo portenho, comecei a

sentir quanta razão sobrava a Lauro Müller, enviando ao país antigo aquele pioneiro moderno de uma leal amizade entre os dois povos irmãos, amizade então quase centenária, que, segundo ouvi na nossa Legação, em noite de banquete, de nobre estadista argentino. Ministro de Estado na época, tem tido, uma vez por outra, atritos e arrufos, mais aparentes que reais, sem jamais sofrer solução de continuidade. Campos Sales desceu as escadas de bordo sob cálida salva de palmas, acolhido com o mesmo espontâneo carinho, guardadas as proporções, de quando, como Chefe de Estado, desembarcou do nosso glorioso encouraçado Riachuelo.

Ainda do alto do passadiço de comando do König Wilhelm II, tenho nos ouvidos a expressão de contentamento do meu bondoso e grande amigo, ao localizar, entre a multidão que nos aguardava nos galpões da Dársena Norte, a *figura*, igualmente veneranda, do General Júlio Roca:

– *Olhe, seu Avelino*, o Roca!... o de cavanhaque branco como o meu e de chapéu castor arredondado!... O homem ainda está duro!...

Eu via outros conhecidos, *encartolados*: Luís de Sousa Dantas, Frederico de Castelo Branco Clark e Aluísio de Azevedo. Lenços brancos davam-nos as primeiras boas-vindas; nosso belo navio aproximava-se vagarosamente do Cais, em perfeita manobra, saudando a terra com apitos secos e cortantes. Dentro em pouco, ainda nos tombadilhos, os primeiros cumprimentos oficiais e o abraço, à brasileira, trocado pelos dois antigos governantes supremos. Enquanto isso, eu me

mantinha em atitude de discreta reserva. Campos Sales, no meio da natural balbúrdia, não se esquecia, porém, da minha pessoa. Apresentou-me ao seu velho e ilustre amigo, dizendo:

– Este é o Luís Avelino, meu caro Secretário particular...

E o General Roca, chamando para seu lado desempenado moço, tão compenetrado quanto eu, fez idêntica coisa:

– Pues este es mi amigo y Secretario D. Dionisio Schoo Lastra!... Voltando-se para mim, acrescentou: – Como colegas, *que sean* Uds. buenos compañeros...

E fomos mesmo. A última vez que nos vimos, casados ambos, foi em Londres, num *alegre almoço em nossa casa de Lancaster Street*. *Dionisio Schoo* Lastra desposou uma filha do Sr. Devoto, o pobre, assim conhecido, por isso que sua apreciável fortuna ficava muito aquém da imensa do seu outro irmão. Não me lembro do prenome do Sr. Devoto, recordando-me perfeitamente do seu físico e dos seus cabelos, bigodes e mosquinha, cuidadosamente conservados sempre negros! Na esplêndida residência dele, o Presidente do Brasil recebera régia hospedagem. Nada de estranho, portanto, cerrar Campos Sales as mãos daquele outro velho amigo com visível emoção.

Não há rapaz imaginativo que não haja composto, pelo menos, um livro na cabeça! Eu, ao chegar como embriagado de Buenos Aires, pensava ter um pronto, não pequeno, já em provas, narrativa fiel e apressada dos cenários vistos e fatos presenciados, por vez primeira, fora dos habituais ambientes

do Itamaraty, relação também de uma vida nova para mim, cheia de surpresas e bem-estar material de nível superior ao acostumado. Tudo me facilitava a empresa: matéria fresca, nomes e frases, na ponta da língua, de tantos vultos eminentes; amontoado de episódios os mais diversos, tornando-se difícil, unicamente, a escolha dos mesmos; portanto, era só meter mãos à obra!... Apenas foi o que não fiz... O livro morreu no nascedouro e aos poucos foi-se apagando na mente a precisão de tantas coisas julgadas indestrutíveis. Notas escritas, nenhuma; documentação quase nula! Salva-me a memória – sempre um mealheiro de lembranças – e é dela que ora me valho principalmente. Como me custa hoje, entretanto, recompor, mesmo em síntese, todas as sensações de deslumbramento experimentadas, das primeiras às últimas, além de sentir pairar sobre as mesmas, o véu e o temor de incorrer nalgum deslize imperdoável. Uma vantagem, porém, com isso: não fazendo o volume sonhado nem sequer rascunhado, escrevo estas passagens sem pretensões maiores, mais valiosas pelo sabor de sua espontaneidade.

No primeiro dia da nossa chegada, Luís de Sousa Dantas nos levou a almoçar em afamado restaurante da Calle Florida, num 1º andar, estabelecimento que me pareceu magnífico pelas suas finas iguarias e luxuosa, conquanto sóbria, instalação, bem diferente do mau gosto e pobreza de serviço da nossa Rôtisserie Sportman, o melhor que *possuíamos* no gênero. Sousa Dantas, ali, como em toda parte, conforme fui vendo aos poucos, tinha brado de armas, como insigne captor de homens.

Depois daquele pequeno banquete já havia conquistado *Campos Sales*, rendido à sua inata sedução. Quando voltamos à Legação, este me confessou isso mesmo, com outros acréscimos:

– Esse Dr. Dantas é, de fato, um moço encantador!... Ele nos vai facilitar, em extremo, nossa missão... E gostei muito também do Dr. Clark, algo formalista, parecendo-me ponderado como um velho! Os dois são seus amigos, pelo que vi. Ora ainda bem!... vamos viver em família. Para ser franco estou comovido com o recebimento de todos os nossos funcionários e dos membros da colônia...

Em verdade, durante sua permanência em Buenos Aires, jamais faltou a Campos Sales o carinho dos brasileiros, dos mais graduados aos de menor situação social, justo preito de respeito e admiração à sua pessoa. Em todos também só deixou amigos.

Na mesma noite “cai no mundo largo”, segundo expressão predileta do Honório, quando Campos Sales me procurava depois do jantar, desalentado, a seguir, de minha companhia nos longos e frios serões, tão necessária, reconheço agora, no seu isolamento, antes da vinda de D. Aninha. Em compensação, ele, sem saber das horas avançadas da minha volta a casa, bem cedo, para tomarmos o café da manhã, estava batendo à porta do meu quarto, chamando-me ingenuamente:

– Levante-se, seu preguiçoso!... Vamos trabalhar!...

Virtualmente, nos primeiros tempos de Buenos Aires, eu morria de sono, dormindo em pé durante o dia, tirando cochilos nos sofás da chancelaria. Esse tormento só cessou com

a chegada de D. Aninha, a qual, com sensível faro feminino, não mais permitiu aqueles despertar insólitos. No dia em que me levantei da cama e vi, com assombro, já passar das 11 horas, descendo, com cara repousada, para o almoço, encontrei Campos Sales com a dele fingidamente fechada. Ao beijar as mãos da minha salvadora, ela me inquiriu, com disfarce, em toada macia e igual:

– Você dormiu bem, Avelino?!... Ante minha resposta alegre, como agradecida, Campos Sales resmungou:

– Eu já disse à Aninha que ela veio estragar minha disciplina...

“Meu mundo largo”, na metrópole platina, de vida noturna mais intensa que a nossa, mesmo assim não era lá muito grande: umas tantas ruas, uns tantos cafés-concerto, os prediletos Royal e Scala, teatros e cabarés, perímetro suficiente para minhas tendências e posses, estas aumentadas pela generosidade de Campos Sales, que, de quando em quando, me enchia os bolsos de nota gorda de pesos, ao verme sair para *retribuir finezas* dos meus novos amigos argentinos. Como sempre protestasse em tais ocasiões, ele me dizia, procurando provar suas dádivas:

– Cabe-me pagar essas atenções... Não fosse você meu Secretário particular e eu queria ver se você seria festejado assim!...

Daqueles amigos de 34 anos (quanto tempo Deus meu!), conservo alguns nomes nunca apartados das saudades de quadra tão feliz, uns encontrados em pontos distantes deste mundo vário, outros com os quais jamais tornei a avistar-me: o já citado Dionísio Schoo Lastra; Adolfo J. de Urquiza, diplomata em embrião, depois colega em Santiago, dos mais queridos; Ricardo Zawerthal,

com quem me deparei na Bélgica, para onde fora como Cônsul em Antuérpia; e Máximo Benguria, Augustin Silvani Gomez, Adolfo N. Calvo, Dr. Ricardo Argerich, Enrique Fernando Gutman, cada um revisto nestes instantes na mente, em lugares e círculos dessemelhantes.

A apresentação de credenciais do novo Ministro do Brasil foi, além de pomposa, festiva. Cerimonial impecável, dirigido pelo Introdutor de Ministros, dando ordens à escolta militar acompanhante, com gestos de General. Nas principais artérias centrais, grande massa popular saudou o cortejo com generoso entusiasmo e das sacadas, apinhadas, senhoras e moças batiam frenéticas palmas, aos gritos de – Viva Campos Sales! Três as carroças de gala; na última, landô mais modesto, vinha eu um pouco apertado, por sermos cinco os ocupantes. Nosso competentíssimo Cônsul Geral, Dr. Alberto Baez Conrado, e Aluísio de Azevedo, Adido comercial, acreditados, como eram, Adidos à nossa Legação, ambos gordotes, nos seus ajustados e gastos uniformes de Capitães de Mar e Guerra (sem a volta, é claro), de patente, mesmo honorária, superior à do Comandante Artur Melo, Adido naval, ocupavam, por isso, confortavelmente, os assentos de honra. Nos fronteiros, estávamos o Comandante Melo, Clark e eu, conjunto, por sorte, de magricelas. Como me esquecer da discreta observação feita pelo verdadeiro oficial de marinha, em tom de pilhéria, mas contendo viso de reprovação militar, às continências apressadas, feitas ora com a mão direita, ora com a esquerda, do querido Aluísio, que embatucou com a advertência.

Em frente e nas adjacências da Casa Rosada, muita tropa de escol para render as honras protocolares. Pela primeira vez senti o arrepio patriótico, sempre experimentado depois, ao escutar em terra estranha, os acordes vibrantes e marciais do nosso Hino Nacional. *Durante* o desenrolar da solene cerimônia em Palácio, não tirei os olhos do vulto de Campos Sales, comovendo-se ao vê-lo pronunciar, com segurança, seu magnífico discurso de praxe e ouvir atento a bela resposta do Presidente Saenz Peña, atitudes de alta compostura, de quem fora igualmente Chefe de Estado.

Daí para adiante, quantas outras funções oficiais assisti, com aprumo maior confesso, por ter a mirífica ilusão de julgar-me metido dentro de pesado fardão, isso porque Sousa Dantas me presenteara com três pequenos botões dourados com as armas da República, para usar, como abotoadura, no colete branco... da minha casaca civil!

Algumas dessas solenidades e episódios conexos: O claro tinir da quebra do meu monóculo (sem grau, bem entendido), espatifando-se em mil pedaços nas lajes de mármore da escadaria nobre do Teatro Colón, em récita de gala, desprendido da órbita ao fixar embevecido qualquer autêntica beldade! Não me perturbei, entretanto; tinha outro de reserva, que encravei no olho, elegante e despreocupadamente... O Te-Deum, o *desfile militar* de 25 de maio, e as carreiras oficiais, no dia seguinte, no afamado Prado de Palermo, nas quais o Presidente da Nação argentina, como já fizera na véspera, na parada, chamara o Plenipotenciário brasileiro *para* seu lado, distinção causadora dos clássicos e eternos “ciúmes diplomáticos”.

Naquela segunda ocasião, ao assistir, entusiasmado e em meio de gente moça, o desenrolar de páreo apostado, um ajudante de ordens veio dizer-me que el Señor Ministro del Brasil estava me procurando com urgência. Desci dos bancos altos da tribuna especial onde me encontrava, para com dificuldade aproximar-me de quem me necessitava. Que seria?!... Nada de mais!... Apenas meu *bondoso amigo* queria apresentar-me ao Chefe de Estado, com palavras mais significativas, e, ao fazê-lo, percebia eu quão sincera era sua satisfação com isso. O ilustre Mandatário acolheu-me com extrema benevolência e me augurou sucessos na vida, felizmente realizados:

– Es Ud. muy joven!... Mis felicitaciones por merecer, mismo así, todo el aprecio y confianza de tan alto personaje... Sin ser profeta, aseguro que Ud. triunfara, sin esfuerzo, en su bella carrera!...

Também a abertura do Congresso, *momento em que revejo a entrada ostentosa de Sáenz Peña, apoiado com elegante despreocupação no seu simbólico bastón de mando e creio escutar o estrondoso aplauso partido dos Congressistas e do seletto público das galerias* quando ele terminou de ler, com entoação enfática, o trecho da Mensagem referente à presença em Buenos Aires do *esclarecido* cidadão que representava o Brasil. Ainda o grande baile oferecido a Campos Sales, na Casa Rosada, em cujos salões o acúmulo de convidados, prejudicando a suntuosidade prevista, alcançara tais proporções, que neles quase se não andava e sim, quando muito, todos se arrastavam, repetição das mesmas dificuldades *afrontadas, pouco* antes, na vasta praça, dada a quantidade de carros e automóveis, movimentando-se passo a passo, num péssimo serviço de ordem, para chegarmos, com sensível atraso, à porta

principal de entrada, onde nos esperava, já aflitos, luzida comissão. Entre seus componentes, divisei cara muito minha conhecida, esplêndido oficial, rapagão moreno, de alto porte, mais inteiriçado ainda, dentro de reluzente couraça de seu espetacular e lindo uniforme. Não subíramos quatro degraus e ele estava ao meu lado para dizer-me, em toada discreta e picante sorriso:

– Nosotro no necesitamos de presentación!... Verdad!... somos viejos amigos de Baldomero's...

Sim senhor, de Baldomero's mesmo!... a boite mais em voga, na qual tantas vezes nos encontramos... *chacun avec sa chacune!*

“Ocupávamos ambos a suprema magistratura, em nossos respectivos países, quando me coube a fortuna de trocar convosco as primeiras saudações...” Assim começava o excelente discurso, perfeito na forma e no fundo, elaborado com mestria de consumado diplomata, com o qual Campos Sales despedia o General Roca, em grandioso banquete no salão “Império” do Jockey Club, nas vésperas da partida deste para o Brasil, a fim de desempenhar funções idênticas às suas, a maior e mais grata retribuição que a Argentina poderia dar-nos no momento. Dois encanecidos dos seus mais notáveis filhos, em idade avançada, ali se encontravam frente a frente, convictos os dois, possivelmente, de estarem prestando às suas Pátrias, talvez, os derradeiros serviços, num ideal contínuo de incansáveis soldados da concórdia continental.

Que banquete!... Vastíssima mesa circular, com flores caras em profusão, rodeada de todos os membros do Governo. Chefes das missões diplomáticas americanas, autoridades e

políticos de ressaltos, altas patentes militares, homens de pensamento e o que havia de mais representativo na sociedade, brilhante conjunto nem sempre fácil de ser reunido. Meus entusiasmos, em aumento desde que nos sentamos, culminaram ao ver, na discreta penumbra feita de propósito, a entrada dos criados, portadores de avantajadas bandejas com peças de gelo, ao centro, iluminadas internamente. Uma novidade para meus olhos, já cheios de tantas outras... Ótimo o caviar, sem dúvida!...

Formalizei-me, porém, e o coração batia forte, quando Campos Sales se levantou para pronunciar aquelas palavras de saudação, escritas pela manhã, de um jato, que eu, com carinho e cuidado, passara logo a máquina, em grosso e bom papel de largo formato da Legação, o mesmo que ele teve em suas mãos, hoje guardado por mim como relíquia preciosa^(*). Minha comoção somente desapareceu ao ouvi-lo pronunciar, em voz mais vibrante ainda, as últimas palavras da bela peça oratória: “Senhor General – Ides continuar a vossa missão. Eu vos saúdo como apóstolo da paz – infatigável servidor da fraternidade americana”.

O estrepitar prolongado das palmas entrou-me pelo peito a dentro, como se a mim tocassem algumas delas, por haver, mesmo mecanicamente, contribuído para tão merecido sucesso.

^(*) Vide Apêndice Doc. n. 6 (Cópia fotográfica).

A vinda do General Roca para aqui tem ponto ignorado por muitos, historiazinha de um pormenor, do qual tive a fortuna de ser testemunha. Não me recordo porque o Dr. Júlio Fernandez deixou seu posto no Rio, se trasladado a outro ou por havê-lo renunciado pura e simplesmente. Aberta a vaga, nosso Governo telegrafou a Campos Sales insinuando-lhe o quanto seria agradável ao Povo brasileiro, poder receber o ex-Chefe de Estado argentino, agora como Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário, ou fosse tornar efetiva uma reciprocidade de antemão almejada, fecunda em tudo para as nossas mútuas relações de apreço e amizade. Não sei como os primeiros passos para esse desiderato se processaram, mas presente a visita que fizemos ao General Roca – Campos Sales, Dantas e eu – na sua senhorial mansão da Calle San Martin 555. Recebidos com aparente cerimônia (o instante exigia isso), depois dos primeiros cumprimentos e frases de circunstância, Campos Sales não perdeu tempo e foi logo dizendo para o que viera. Roca, silencioso, *escutando aquelas palavras* de solicitação, por certo esperadas, olhava-o através de sua mirada expressiva e algo manhosa. Afinal falou:

– Pero, mi noble amigo, yo soy un viejo!... Como moverme aún una vez más?!...

Num argumento irrespondível, Campos Sales alçou-se do sofá, como *impelido por secreta mola, replicando rápido*:

– *Por acaso, Senhor General*, serei eu um moço?!... E estou aqui!...

Roca despregou aí as mãos, até então pousadas sobre os joelhos, erguendo-as para o ar, em atitude de quem se dá por vencido.

No banquete oferecido na Legação aos altos poderes da Nação amiga, dias antes do nosso regresso, brilhante fecho de suas atividades, pode dizer-se, Campos Sales, no brinde de honra, ao confessar seu desvanecimento por ter voltado a Buenos Aires, sem esquecer os dias idos e mais grato ainda pela renovação de análogo acolhimento, de novo, tributado à sua pessoa, dizia-se plenamente recompensado ao verificar o êxito de sua missão, proclamado não por ele, mas sim por duas eminentes vozes argentinas – a do ilustre Chanceler Ernesto Bosch comparando-a tão valiosa quanto a firma de feliz Tratado, logo ratificado, segundo preclaro Senador, com a presença no Brasil do General Roca.

E aqui na terra, sobre esse particular, o Presidente da República, Marechal Hermes da Fonseca, em Mensagem ao Congresso Nacional, também consignou, com precisão, os resultados obtidos pelos nobres Plenipotenciários de um ideal comum aos dois Povos amigos: “Essas duas missões já findaram, mas os seus efeitos ainda perduram e hão de perdurar na obra de aproximação então realizada”. A mim me foi dado ver esses resultados, mas Roca e Campos Sales pouco mais viveram...

Voltemos, entretanto, ao banquete. Nele revejo claramente as fisionomias de alguns dos componentes daquela mesa, só de altos expoentes: Vice-Presidente Victorino de La

Plaza, de majestade algo obesa; Ernesto Bosch, pequeno e elegante, tipo de espadachim fino; Indalecio Gomez, Ministro do Interior, creio, de aparência ascética, uma das mais representativas e acatadas figuras do gabinete; Ramos Mexia, detentor da pasta das Obras-Públicas, franzino, de barbicha em ponta, grande conversador; Rosas (falta-me o nome de batismo), Ministro da Fazenda, cara de cônego nédio, falador exuberante; Almirante Saenz Valiente, Ministro da Marinha, boa figura de marinheiro antigo... Os vultos dos outros convivas estão apagados na minha mente. Reunião de cãs e de barbas alvinhentas, como minha juventude se exultou de achar-se em tão ilustre companhia!

Por falar nessa festa e para terminar este capítulo, recordo-me do primeiro jantar, se não me equivoco, em honra do Intendente da capital, Dr. Anchorena (que encanto de homem!), outros membros do Conselho Municipal e seus pares cariocas em visita oficial a Buenos Aires, delegação chefiada, com grande desenvoltura e proveitos para nós, pelo saudoso Coronel Leite Ribeiro. *La Prensa* chegou mesmo a afirmar, comentando tal visita, que os vários atos praticados por Lauro Müller, desde que assumira o cargo de Ministro das Relações Exteriores, demonstravam uma orientação diplomática e uma política de cordialidade. Ora ainda bem!...

Ao apelarmos, então, para conhecida casa de flores, a fim de encarregar-se ela da ornamentação da Legação, representante em extremo zumbaieiro e olho experimentado, foi logo vendo o possível arranjo de cada salão: – Aqui vistosa

corbelha; rosas nos vasos, *bellisimas rosas, por cierto!*... Ali, tufo de palmeiras. Acolá, *helechos, soberbios helechos, nuestra especialidad!*

Campos Sales me perguntou depois, intrigado: – Você, que já troca a língua, sabe o que são *helechos!*... Respondi-lhe pela negativa. O curioso do caso foi vê-lo, todo o dia, preocupado com a tal história dos soberbos *helechos* prometidos. E na manhã seguinte com que satisfação ele me ilustrou:

– Pois *helechos, seu Avelino*, não passam de avencas!... Elas já estão em baixo e são, de fato, maravilhosas...

Capítulo XXXIV

Saudosa missão

(continuação)

Capítulo XXXIV
Saudosa missão
(continuação)

Quantas coisas deixo de contar de inúmeras outras atenções sociais e populares tributadas a Campos Sales. Insistir, porém, nessa tecla seria alongar, em demasia talvez, assunto fútil ao parecer de muitos, conceito errôneo, abalanço-me a dizer, dado o caráter excepcional e eminentemente representativo de sua própria missão, sem mistérios no bojo e, por isso mesmo, só podendo desenvolver-se entre recepções, agasalhos, passeios e retribuições devidas.

Falemos, portanto, um pouco do nosso viver íntimo na Legação da *Calle Juncal*, patriarcal e cheio de encantos desde o primeiro dia que nela entramos. Campos Sales, conquistado sem esforço por Dantas e Clark, a ambos conquistara igualmente. Até Hemetério e Giuseppe, este imponente porteiro, italiano socado e gesticulador, e aquele, contínuo da Chancelaria, espanhol franzino, ágil, vivo como azougue, moviam-se prestos e felizes, passado o receio sempre produzido no pessoal inferior pela mudança de Chefe. E a vinda, em seguida, de D. Aninha, ardentemente esperada pelo seu velho e amante companheiro de existência, veio completar, com sua presença de fada benfazeja e terna, o recém-aberto seio de Abraão.

Sousa Dantas confessou-me depois que ele e Clark, ao saberem da decisão de Campos Sales de trazer consigo um Secretário

particular, ficaram, a princípio, aborrecidos e preocupados com a nova, sentimento logo desfeito e tornado em satisfação, ao terem a certeza da escolha do meu nome para o dito cargo, no estrangeiro sempre delicado e causador de desconfianças. Escrevo isto, tão só para agradecer de público, o carinhoso acolhimento que os dois me dispensaram então, transformado em afeto constante e duradouro.

Nas horas regulares do expediente, nas quais nunca meus préstimos foram solicitados, por acharem suficientes minhas atividades privadas, Campos Sales descia para prostrar nas salas da Chancelaria, e quando havia mala para o Ministério (fato freqüente), assinava o monte de ofícios, louvando a qualidade e quantidade dos mesmos. Eu tinha a impressão de um trabalho feito às avessas, habituado como estava a ver ofícios chegando e não saindo...

Perdida a natural cerimônia dos primeiros tempos e seguros, cada vez mais, do recebimento cordial que os esperava, pelas tardes, de quando em quando, o Cônsul Geral, os mais graduados funcionários do Consulado Geral e membros da colônia, vinham tomar o sacramental cafezinho, atardando-se depois em longas palestras com Campos Sales, no aconchego de lar bem brasileiro. Foi numa dessas ocasiões que o caro Aluísio de Azevedo, já de casa, dado nosso querer recíproco, misantropo com repentes de alegria, sem que a conversa viesse ao caso, lembrou-se de criticar jocosamente nossa mania de dar apelidos aos homens públicos:

– Vejam os Presidentes: Prudente de Moraes tinha o de *Biriba!*...

Sentindo ter entrado em via errada, ainda assim prosseguiu, empalidecendo:

– Rodrigues Alves, *Peru!*... Afonso Pena, *Tico-Tico!*...

Campos Sales interrompeu-o, bonachão:

– Mas *sen* Aluísio, o senhor está falseando a história, pois se esquece que fui também Presidente da República antes dos dois últimos!... E como era mesmo meu apodo?!...

Gostosa gargalhada geral. Momentos após Aluísio pedia-me por tudo para afirmar a Campos Sales sua nenhuma segunda intenção ao puxar assunto tão infeliz:

– *Sen* Luís Avelino, estou ficando velho e *gagá!*... Que cabeça a minha! Não me lembrar que chamavam o homem de *Pavão!*

Agora um episódio correlativo, simples na sua ingenuidade, mas ganhando relevo pela sua autenticidade. Num domingo de dia claro e temperatura amena, Campos Sales e eu fomos visitar o Jardim Zoológico. Deleitoso passeio. Sua varonil e atraente figura despertava, como em qualquer outro lugar, a curiosidade pública. Grandes tiradas de chapéus e muitas senhoras apontando aos filhos o vulto do visitante inesperado. Andamos bastante e paramos em recanto mais isolado, ante largo e gramado espaço, onde enorme pavão, imóvel, de cauda aberta, parecia repuxo sobrenatural de cores esplendorosas.

– Bela ave, em verdade!... sentenciou Campos Sales, embevecido. Em seguida me perguntou: Sabe você da anedota que

corre por minha conta, passada com o General, Embaixador em Missão Especial de... para as comemorações do 4º Centenário do nosso descobrimento?!

Farto de sabê-la estava eu. Entretanto para ouvi-la contada pelo próprio alvejado da inventiva popular, confessei-lhe ignorá-la por completo.

– Homessa!... a história andou pelo Brasil inteiro!... Pois dizem que o General ... quando foi cumprimentar-me no Catete, eu o pilotei pelo Palácio e ao dar por finda a visita, ele me inquiriu admirado: Ora muito bem, Senhor Presidente, mas Vossa Excelência não me mostrou ainda o que aqui há de mais interessante – o decantado *Pavão*!

Eu mal sustinha o riso, aguardando ansioso o desfecho final, riso incontido ao ver o austero amigo, arregalando os olhos para os lados, a fim de certificar-se de estarmos sem testemunhas, levantar, mesmo assim cauteloso, a aba esquerda do fraque e, contrafeito conquanto risonho, fazer com a mão direita, enérgica apresentação das armas de São Francisco!...

– O *Pavão* está aqui, Senhor General!... afirmam que eu respondera...

Olhando para minha cara, como percebendo nela ar de embuste, já arrependido de sua expansão jovial, ainda me perguntou:

– Mas você não conhecia mesmo a anedota?!... Para seu sossego, volvi a assegurar-lhe, seriamente, que não.

Cacetadas e pequenas contrariedades também as houve, tocando a cada um seu quinhão. Como me pareceu interminável a

tournée protocolar ao Corpo diplomático, bocado duro de roer. Porém isso estava dentro das minhas atribuições de Secretário particular e igualmente por ser Adido à Legação. Fiquei estrompado de descer e subir do carro e de dobrar tantos cartões de visita! Maior, bem maior, dias depois, a contrariedade do caro Dantas, por insidioso *suelto*, aparecido num dos grandes diários da terra, prendendo-se à cortesia tão corriqueira. Campos Sales, devorador matinal de jornais, mal o leu, despertou-me para informar-me de olho acesso:

– Seu Avelino, levei a primeira fubeca hoje, por causa de nossa famigerada *tournée!*... Abanando a cabeça, como me absolvendo de teimosice recente, acrescentou: você tinha mesmo razão!...

Mofina das puras, na qual se propalava a estranheza reinante no Corpo diplomático estrangeiro, pelo fato de “ilustre representante de um país amigo e vizinho” ter visitado seus pares, deixando *tarjetas* sem especificação do seu alto cargo. Seguiam-se comentários bordados por mão de mestre... Não tardou muito para que Sousa Dantas surgisse ao nosso lado, furioso e explicativo, com informes precisos sobre o autor da mesma e anúncio categórico de réplica arrasadora, estampada, na manhã seguinte, no *El Diario*, descalçadeira tremenda no Sr. Estanislau Zeballos... *Lui, toujours lui!*

De vez em quando, daí para diante (estou longe de saber se a inspiração provinha da mesma fonte), lá apareceram outros ataques a nós, encobertos ou claros. Num deles se dizia que “enquanto o Brasil nos manda Campos Sales, arma-se, encomenda

o terceiro *dreadnought* e cruzadores fluviais, constrói monitores e cogita elevar para 200 mil homens o efetivo de seu exército!” No Paraguai, convulsionado até então, extinguíam-se, felizmente, as chamadas dolorosas de grave contenda civil. Ainda bem! Dores de cabeça a menos para Campos Sales, aliás evitadas por ele ao chegarmos, falando a esse respeito com prudência e elevação aos jornalistas, e claro, depois, ao Itamaraty. E como se tudo isso não bastasse, até a importação da nossa erva-mate levantou celeuma grande, questão acirrada por vozes sempre envenenadas. Lembrome de ouvir falar em mate puro, com caúna misturada ou com caúna pura e da troca não pequena de telegramas para aqui a esse respeito. Mas todas essas nuvens não deram nunca para escurecer o céu azul em que vivíamos e delas só há constância na paz silenciosa dos arquivos, com os quais eu não me meto. Quem quiser que os compulse.

✱

✱ ✱

Campos Sales não se economizava em cumprir com suas obrigações, assistindo sempre com humor igual a todas as *corvées* da carreira, como se dela fosse velho profissional. Apenas não tardou em suspirar fundo pelo fim da missão. Suas horas mais infáveis eram aquelas passadas em casa, sentado comodamente junto de D. Aninha, em conversas sem fim ou em silêncios longos nos quais os dois pareciam dar voluntário descanso às suas íntimas confidências. Gostava das saídas comigo, pelas manhãs ou tardes,

andando devagar pelas ruas, parando diante das vitrinas das lojas, já pensando nos presentes a levar aos entes caros, sobretudo aos netinhos adorados, filhos de “sua pobre Sofia”. Nesses instantes, para desviá-lo de tão tristes pensamentos, chamava-lhe a atenção que sua pessoa despertava nos passantes, repetindo o estribilho ouvido mesmo sem cessar: *Mira Campos Sales!... Mira Campos Sales!...* Se eram moças as que assim se manifestavam, ele me dizia risonho:

– É pena, *seu Avelino*, que elas não saibam o nome de você!...

Como foram precisas as instruções de Lauro Müller!...

Uma das impressões singulares de minha carreira, devo-a ao olfato, de pronto o sentido avivado por excelência ao pisar terras estranhas, mais que os próprios olhos, estes só se acostumando e vendo aos poucos os novos ambientes. Tive colega sul-americano catalogador de postos pelos seus pratos regionais: *Estupendo el Mexico!... Que pavo de guajolote!... Para cangrejos con arroz, Cuba!... Y el cebiche peruano?!... Buena la cazuela chilena!... Pero para pucheros y perdices en escabeche, solo la Argentina!...* Concentrava-se e concluía num suspiro: “Mi mejor puesto!” Pois eu estou quase como aquele antigo companheiro – diferencio os meus, até hoje, pelos cheiros iniciais ressentidos, indo do odor de mofo, couros trabalhados ou madeiras ricas, à fragrância de violetas, lilases, ao aroma acre dos *fogs* e do pó dos séculos. Guardo nas narinas o perfume sutil das flores que alegravam a casa da *Calle Juncal*, na manhã da nossa chegada, o qual ficou como padrão.

Nossa Legação era apenas ótima residência de aluguel, *petit hôtel* de bom estilo francês, servindo, entretanto, quando muito, para acomodar largamente pequena família abastada. Em verdade, naqueles tempos, as representações diplomáticas não exigiam as instalações suntuosas de agora, e a que tínhamos não destoava, salvo raras exceções, das demais. Para mim, vivendo feliz e folgado em modesto e desgracioso sobradinho do Catete, ela me deu a sensação de vasta e magnificante. Tomei posse do aposento de Clark, ao lado do bem maior de Dantas, reservado para Campos Sales, desalojados assim os dois de seus confortos, transferidos para quartos minúsculos e caros do *Majestic Hotel*. Entrou-me a idéia de ser o causador desse custoso desarranjo para ambos. Dantas, mais boêmio, pouco se incomodou com a mudança, mas Clark sentiu-se, quero crer, angustiado com a sacudidela. Isso me serviu de exemplo para o futuro. No Chile, mesmo prevendo Encarregadoria de Negócios longa, ainda assim não abandonei meu já velho pouso no *Grand Hotel* (amadas paredes entre as quais sonhei cinco anos), para desfrutar provisória largueza no casarão da *Plaza Brasil*, sede da nossa Legação que achei prudente conservar para o novo Ministro, cheia para mim de suavíssimas lembranças. Coisas de meu feitio: *Je meurs où je m'attache!*

A mais imperecedoura recordação do meu quarto de Buenos Aires (mal aproveitado, não trepido em dizer), a não ser a da passagem de garboso batalhão do Exército pela nossa rua, cujo Comandante, ao ver Campos Sales na sacada, ordenara o toque de “apresentar armas”, ele mesmo erguendo e baixando lentamente a espada em continência, momento em

que fiquei pensando se algum dia eu teria ocasião de receber honras iguais, foi a de despertar inédito, arrancando-me de modorra na qual tombara “como corpo morto”, mesmo sabendo ser curto o tempo para a mais ligeira sesta. Isso sucedeu pouco depois de nossa chegada, ou seja, nos dias em que, como anteriormente disse, vivia dormindo em pé. Esperávamos pelo General Roca para irmos assistir, em campo militar, manobras, torneio ou coisa equivalente, de aviões, espetáculo não comum na época. Dominado por invencível sono, deixei os outros em baixo, subi sorrateiro e estirei-me na cama, apenas tirando o paletó. Nem um minuto pareceu haver passado, quando senti estremeção violenta e vi, em visão confusa as fisionomias de Roca e Campos Sales presenciando, como interessados, minha decadência física:

– Vamos, seu preguiçoso, levante-se! Disse o segundo ainda agarrado às grades do leito, enquanto o primeiro me desculpava: *La noche de ayer fué de sabado!...*

Pela tarde, meio trombudo, perguntei a Campos Sales porque fizera aquilo comigo e ele sorridente, encantado da peça pregada:

– Para desmoralizar você!...

Que aprazível dia de campo gozamos na estância do Sr. Leonardo Pereira, no caminho de *Mar del Plata*, 50 minutos quando muito de trem, belíssima e rica propriedade, tratada como um jardim, com pradarias em suaves declives, unidas e lisas, parecendo largas pinceladas verdes feitas na terra, por hábil mão de moderno e consumado cenógrafo. Grupos de árvores formavam, aqui e ali,

bosques em miniatura, aumentando a impressão de legítimo arranjo teatral.

Chegamos cedo àquele recanto de paraíso, em pequena comitiva: Roca e seu inseparável e devotado amigo Coronel Gramajo, velho capengante com alma e alegria de criança, meu *colega* Schoo Lastra e duas ou três outras pessoas mais. Recebimento cordialíssimo por parte do anfitrião, já nosso conhecido, moço ainda, fornido de boas enxúndias, “*lo mejor como familia*”, fidalgamente franqueando, sem restrições, aos hóspedes bem-vindos, casa e domínios. Campos Sales estava nas suas sete quintas! A novidade do trajeto, o ar balsâmico da manhã, e, em pouco, o espetáculo apresentado, rejuvenescera-o. Tornou-o palreiro e de olho aguçado emitia, a todo instante, conceitos e apreciações justas e laudatórias, ante o desfilar de animais de escol, exibição de espécimes das mais limpas e consideradas raças, conduzidos por batalhão de tratadores: touros negros e nédios, de aspas curtas e temerosas, passavam escarvando o solo; bois cambraias ou malhados, rotundos e majestáticos, pareciam dignos de serem aceitos como a encarnação da potestade egípcia; vacas de aparência maternal balançavam com orgulho os ubres fartos e generosos; cavalos de impressionante beleza, nervosos, quais corcéis de guerra, uns altos e fortes, outros esguios, de crinas fartas, curvatura elegante de pescoço, estes de sangue quase puro, relinchavam vitoriosos e tomavam atitudes statuárias quando parados à nossa frente; carneiros roliços, como asfixiados no seu próprio pelo, dir-se-iam gigantescos novelos de lã impulsados por força mecânica!... Eu via aquela parada, mesmo sem entender muito do riscado, altamente

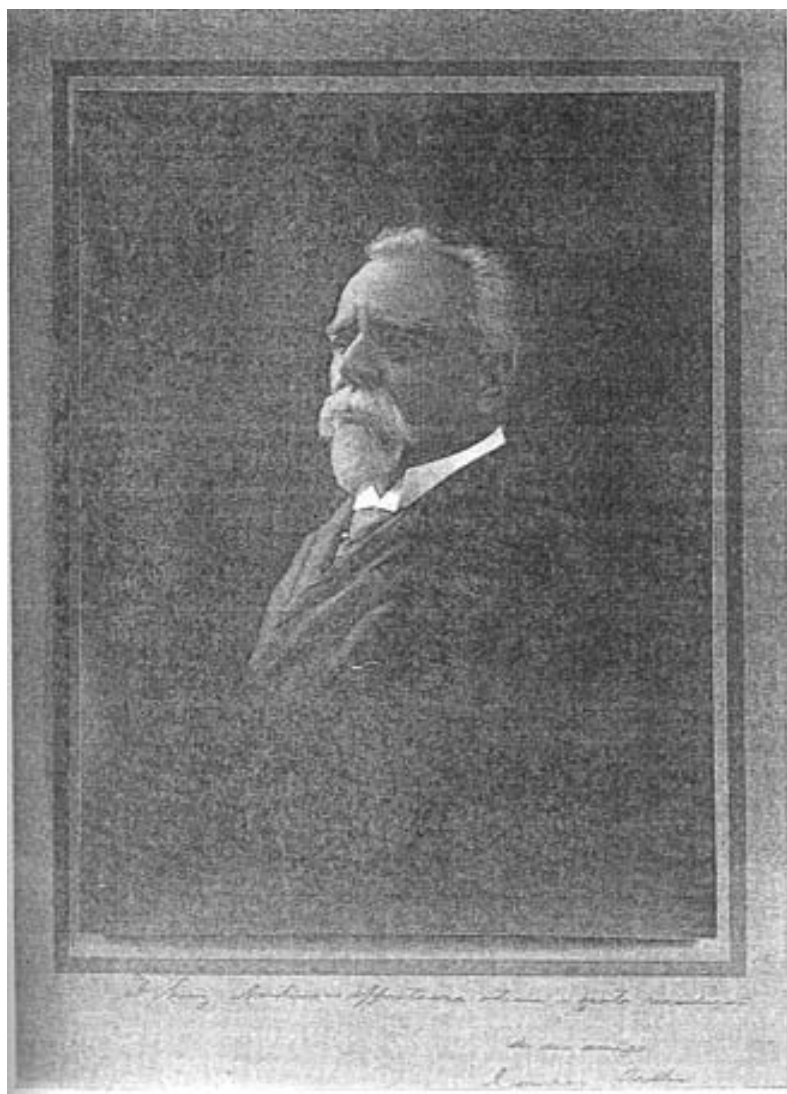
interessado e fundamente impressionado pelo valor absurdo de cada exemplar “*de muchos miles de nacionales*”, no dizer informativo de Schoo Lastra. Uma fortuna em movimento... Todos exultavam e trocavam opiniões. A mim, ainda por cima, entrara-me violenta fome, canibalesca, à vista de tantas carnes finas.

O almoço, a seguir, de *empanadas criollas*, *puchero* e *churrasco*, além “*otras cositas más*”, deixou-me arrasado de tal forma que, para o fim, julgava horripilado ter comido, pelo menos, um quarto de um daqueles imensos bois antes vistos. Na hora da sobremesa, já não articulava duas palavras e na dos licores, estava paralisado! Com enorme charuto pendente dos lábios moles e olhar mortiço, assim aparecia em grupo apanhado depois do pantagruélico repasto, precioso documento fotográfico, infelizmente perdido por incúria não somente minha. Silvino ao vê-lo, certa vez, condenou-me logo:

– Você está com cara de grandemente bebido!... Repliquei-lhe, então, com sinceridade: Bebido ou *comido*, não posso diferenciar até hoje!...

Nunca meses correram tão velozes com os três passados em Buenos Aires. Quando dei conta de mim, vi-me metido a bordo do *Frisia*, de regresso aos penates, coração apertado por saudades novas. Dos derradeiros dias duas recordações ainda bem gravadas, terna a primeira, triste e inopinada a segunda.

Por mandado de Campos Sales e sob sigilo, comprei presentes para Dantas e Clark – relógio Patek Philippe e par de abotoaduras de punho – em conhecida ourivesaria da *Calle Florida*



Manoel Ferraz de Campos Salles

esquina de *Cangallo*. Aprovada a escolha, assisti enlevado à entrega dos mimos aos seus destinatários, comovidos ambos com a lembrança inesperada e mais ainda com o retrato do ofertante, autografado por dedicatória carinhosa. Ao presenteá-los e ao observar o agrado dos dois pelas dádivas recebidas, Campos Sales afirmou:

– Isto é gosto do Avelino, que sabe além do mais guardar segredos!... Voltando-se para mim, disse-me: Agora vamos lá em cima... E diante de D. Aninha (sorrindo tranqüila), tirou do bolso pacote bem feito, concitando-me a abri-lo ali mesmo. Era outro Patek Philippe (o que anda marcando os minutos de minha vida), escolhido por ele próprio e na mesma loja na qual adquirira eu os dois regalos encomendados! Pronto também seu retrato a mim dedicado, reproduzido neste livro, onde, por lamentável descuido, não figura a data – 28 de junho de 1912, ou seja, um ano antes, dia por dia, em que fechou para sempre os olhos...

Diante de minha evidente emoção, ele me assegurou em voz algo tremida: – Eu não poderia esquecer-me de você, meu filho!...

Minha mãe (repousando no seio do Senhor, assim imploro e creio), vivesse onde vivesse, merecia sempre o apreço e respeito de todos que a cercavam; suas reais qualidades de inteligência e caráter justificavam tais deferências rendidas à sua pessoa. De aproximação difícil, tornava-se fiel amiga ao capacitar-se dos sentimentos daqueles com quem se abria. Na saudosa e tantas vezes citada *Pensão Amaro*. Mamãe dedicou justo querer a D. Cecília Pereira da Cunha, então venturosa esposa e mãe feliz de três filhos: Marieta, Michita e Mário. Marieta desabrochava com louçania para

a vida; corpinho esbelto, tomando formas, sem traços totalmente definidos, possuía, como prenda maior, olhos negros, grandes e luminosos, evidenciando a palidez terrosa de seu rosto, cheio e um tanto alongado. Houve namoro entre nós, idílio casto, pré-histórico, troca de furtivos bilhetes e de olhares, dizendo mais que as palavras, de quando em quando, sussurradas à pressa. Antes mesmo de minha entrada para o Ministério, D. Cecília enviuvara e abandonara a Pensão. Anos passam, muitos! Creio que Mamãe manteve, por bastante tempo, correspondência assídua com a boa amiga, inconsolável sempre pela perda do marido. Sua família tinha ramificações no Uruguai e na Argentina, penso. Deste último país, eram as notícias mais recentes.

Ao chegar a Buenos Aires, apesar de tantas recomendações de Mamãe, descuidei-me de procurar logo D. Cecília. Foi preciso a insistência de José Spinelli – prestativo ser, salvação dos brasileiros, guia vivo da cidade, conhecendo todos os patrícios – para decidir-lhe, enfim, a cumprir com esse dever. Penosa visita!... Minha presença só serviu para reviver época e quadros de distante felicidade, perdida sem remissão, reabrindo feridas adormentadas em coração dolorido. Não vi Mário; Michita era toda uma mulher e... bonita. Não me reconheceu mais! E Marieta?... Acamada por ligeira enfermidade, lamentava, como me mandou dizer, aquele contratempo, esperando, ansiosa, nova visita minha, prometida de coração por mim, como infalível, porém sempre adiada. Nas vésperas de embarcar, o Spinelli, angustiado, me telefona para informar-me... do falecimento súbito de Marieta!

Mais pálida, se possível, os grandes olhos cerrados para a eternidade, assim tornei a contemplar a doce face doutrora, na augusta serenidade da Morte! Carreguei-lhe o caixão com profunda mágoa e cuidados infindos na descida de estreita e perigosa escada de caracol... Cedo comecei a enterrar ilusões e afetos!

Ao chegar aqui, minha Mãe não tardou em receber comovida carta de sua desditosa amiga, na qual se confessava em extremo grata pela maneira “com que Luís, seu *ilustre* (o grifo é meu) e bom filho, para quem não tenho expressões de agradecimento”, soubera acompanhá-la no novo, severo e cruel lance por que vinha de passar.

Custa pouco, muitas vezes, ser bom na vida!...

Capítulo XXXV

Retorno à casa

Capítulo XXXV
Retorno à casa

Singro, em sentido inverso as águas anteriormente navegadas. Tenho a impressão desconcertante de que essa volta não apresenta os mesmos característicos triunfais da ida!... Viajamos quase como particulares. Barco pequeno e burguês, sem Comissário amável e obsequioso (mas estrito nas contas!), com poucos passageiros, parecendo atacados de sonolência mórbida. Campos Sales e D. Aninha, sempre juntos, continuam sobre as vagas a serena e infindável troca de confidências. Eu sinto-me qual alma penada nos tombadilhos desertos.

Salva-me a companhia do Ministro Luís Rodrigues de Lorena Ferreira, vindo do Paraguai, com quem já me ligara dias antes, em Buenos Aires, de respeitoso afeto.

Narra-me ele, em pormenores curiosos, o desassossego e as peripécias de sua curta, porém, movimentada missão, meses revolucionários, tiroteios e ameaças de bombardeios na capital, combates no interior do país, deposição e reposição do Presidente da República e asilados às centenas, ora de um bando ora doutro, os eternos e consabidos quadros das contendas civis. Repete, a cada instante, os nomes mais em evidência do recente drama, dos quais ainda me recordo de alguns: Liberato Rojas, Cecílio Baez, Pedro Peña, Manuel Gondra, Eduardo Scherer e Coronel Albino Jara (este tipo de herói de legenda), e conta-me, com vivacidade,

suas atitudes e resoluções e providências, muitas de urgência sob sua inteira responsabilidade, felizmente, afirmava com satisfação e suspiros de desafogo, “sempre aprovadas sem discrepância pelo Barão e a seguir por Lauro Müller”. Nessas alturas soltava para o ar a fumaça não tragada do inseparável cigarrinho. Comecei daí a gostar daquele homem de pequeno porte e figura de fidalgo sem jactância, portador de nome ilustre, cativador sem dobrez. Estávamos amigos no fim da viagem, eu já almejando tê-lo, algum dia, como Chefe (que o foi não tardou muito), para, anos correndo, ser também meu sogro!

O *Frisia* aportou ao Rio em Belíssima tarde de julho, verdadeira apoteose de sol e cores. No cais, onde banda de música da Polícia, tocando dobrados e marchas alegrava o ambiente, havia bastante gente de alto coturno, representantes de autoridades, políticos velhos e moços, estes talvez levados até ali à cata de novidades num começo de falatório de sucessão presidencial e para homenagear uma possibilidade. Vimos, de novo, em terra, a figura do General Roca. Campos Sales e ele trocaram outros abraços, quase os derradeiros... Lauro Müller, formal mas sincero, reiterava, ao que chegava, os agradecimentos, em nome do Governo, felicitando-o, igualmente, pelos resultados da missão. No que me tocava, senti, por vez primeira, a sensação do retorno à Pátria, a de estreitar os meus e amigos, e a valia do terno beijo de minha Mãe, de sabor bem diferente daqueles, molhados de lágrimas refreadas a custo, recebidos como bênçãos, nas posteriores e melancólicas partidas para o estrangeiro, nas quais, por último, sempre me assaltava o temor de não tornar a rever

tão idolatrado ente, dor das mais cruentas, poupada por bondade Divina.

Lauro Müller presenciou, algo surpreso, a maneira paternal com que Campos Sales se despediu de mim, ao seguir, isso dias depois, para São Paulo. Como era costume naqueles tempos e como prova de maior afeto, acompanhava-se o que partia até a estação de Cascadura. Ali foi o nosso comovido e apressado adeus após tão prolongada convivência diária. Ao descermos do trem, Lauro Müller não pôde deixar de dizer-me, aliás com frases em extremo felizes e honrosas para minha pessoa, toda sua admiração e prazer ao ver-me tão elogiado e querido por tão grande amigo... Ainda lhe estava reservado sentir a força dessa amizade!

Regressei à cidade de bonde e na companhia de Carlos Noronha Santos, outro a quem Campos Sales muito queria também. O longo e tardo trajeto de volta foi suficiente para deslumbrar aquele excelente e inesquecível amigo de meninice, com as mirabolantes e minuciosas descrições de minhas recentes façanhas, fantasiadas, em parte, pelo poder ardente e aumentativo da mocidade. E o bondoso Carlos ouvia-as pacificamente, sem a mínima sombra de cobiça, satisfeito apenas de que tantas venturas tivessem recaído sobre mim.

Como de meu dever, escrevi a Campos Sales, sem delonga, reconhecida carta pelo muito que dele acabara de merecer. Acredito ter redigido semelhante missiva somente com o coração, pois a mesma foi logo acusada com palavras de bondade, das quais me orgulho até hoje: “Recebemos com muito

prazer a sua carta. Agradecimentos é que você não nos deve. Houve uma farta permuta de serviços e de afetos e você não ficou em *déficit*".

Mesmo correndo o risco de não ser acreditado, asseguro ter renegado o trabalho na Secretaria com viva alegria e energias retemperadas. Quase como quem retoma um trono, sentei-me no tamborete alto para dar entradas; dedilhei, com afagos voluptuosos, as teclas da minha máquina de escrever, qual pianista ao tirar acordes de prezado instrumento recuperado; corri as seções abraçando Chefes e colegas com ímpetos amorosos! Aos que me pediam novas de fora, eu implorava notícias da Casa, em plena ebulição na expectativa da grande reforma em vista. Meu transitório afastamento, a poderosa proteção pairando sobre mim (fortuna despertando friezas *hélas!* assaz perceptíveis em alguns), a crença, mais imaginativa que real, de não tardar em transferir-me de galho – vaga a mais, portanto, a acrescentar às muitas em vista – fizeram-me perceber com tristeza, mesmo através das manifestações de apreço, ser eu considerado virtualmente carta fora do baralho!... Que injustiça!... Ainda não me havia decidido, até então, a responder afirmativamente a Campos Sales às suas ofertas, bem claras, de fazer-me passar para o Corpo diplomático. Estava muito apegado àqueles muros e o desconhecido, em maior escala, atemorizava-me, e o apartamento definitivo do meio feliz, desconcertava-me. Foi, entretanto, aquela suposta ou autêntica impressão ressentida que me levou, mesmo com certa resistência, a alargar, aos poucos, a rota das minhas aspirações. Qualquer coisa de verdadeiro existia, de fato, pois o próprio Frederico de

Carvalho, tão meu amigo, de quando em quando, ao subir-lhe a mostarda ao nariz, chamava-me, em tom depreciativo, de: – *seu diplomata!*...

Em compensação, outros companheiros, como sentindo começo antecipado de saudades por minha pessoa, acenavam-me com as vantagens de primeiro aproveitar eu da promoção inevitável na próxima remodelação dos quadros, para depois abrir vôo em situação de maior equivalência na carreira. Estas vozes eram as certas, mas nem sempre dois proveitos cabem num saco. Como se verá adiante, não durou muito a “poderosa proteção pairando sobre mim”, apenas alcançando para encaminhar-me em novos trilhos, última prova de um querer sincero.

Tudo isso, por fim, me desequilibrou um tanto. Comecei a sentir nostalgias estranhas e ânsias de horizontes outros. O vírus da carreira entrara-me de vez no espírito e já agora os dias da Diretoria Geral me pesavam e a sala dos fundos parecia-me mesmo no fim do mundo! Madraceava pelos corredores e nessas ocasiões o Comendador não me achando no posto, gritava como um possesso, aplicando o diminutivo: – Onde anda este m....?!, brado logo compreendido pelos Contínuos, correndo assustados à minha procura: – Onde está o Sr. Luís Avelino?!... Mas bem no íntimo mordia-me alguma coisa não fácil de explicar, que me desorientava e tirava o gosto do antigo trabalho e de tudo! E todos pensando que eu exultava!... Por tantas razões contraditórias, da vaidade despertada à convicção de poder ser mesmo diplomata, fui-me despegando de tão velhos hábitos e afetos vários, e criando entusiasmos pelo ignoto e suas

seduções aparentes. Outro motivo ainda: julgava-me um veterano com direitos adquiridos... Não olhava para meus superiores, firmes e inamovíveis esteios da Casa, e sim, unicamente, para a plêiade de moços chegando com mentalidade diferente e ambições mais altas. O Itamaraty começava a ser o trampolim para o serviço no exterior...

Quem faz memórias é um nunca acabar de fatos a narrar. Só mesmo volumes! O leitor exige seguimento lógico dos menores episódios da vida descrita, pois as falhas notadas dão-lhe a idéia de unicamente a metade do que está escrito ser verdadeiro, além de descontar aquilo de *“ce qu'on dit de soi est toujours poésie”*, segundo Renan. Esta asserção vem-me à mente, conquanto não esteja contando minha vida inteira e sim rememorando parte dela. Por isso julgo não poder deixar de preencher um hiato, por seguro, notado por muitos se não esclarecido a tempo. Daudet, no seu imortal *Sapho*, escreveu páginas lapidares só sentidas profundamente por aqueles que se viram envolvidos em situações congêneres. Eu tinha, então, problema igual e daí a explicação, mais franca, de tantas outras hesitações de passar para a carreira, motivo ora confessado sem pejo, isso por que quem assim me prendia – por mim nunca abandonada mesmo do estrangeiro – morreu nos meus braços antes do meu casamento e hoje dorme em merecida paz no cemitério de São João Batista, em túmulo só seu e reverenciado pela mais doce das criaturas, que é minha mulher amada!

Tal caso, público e notório na época, chegou muito posteriormente aos ouvidos do Barão, que, certa vez, me

interpelou a sós na Diretoria Geral sobre ele, quase com agressividade:

– Disseram-me que o Sr. abandonou sua Mãe para meter-se com uma viúva portuguesa?!...

Não procurei negar a veracidade da notícia, apenas dizendo-lhe seriamente:

– Sr. Barão, o informante de Vossa Excelência está atrasado de dois anos!... Ao ouvir isso, sua fisionomia contraiu-se e senti nas palavras ditas a seguir o valor de inestimável conselho: – Estas ligações são em extremo perigosas na mocidade, Sr. Avelino!... E afastou-se do meu lado com um olhar que jamais esquecerei...

Os meses que Dionísio Schoo Lastra aqui passou como Secretário particular do General Roca, foram, para mim, incômodos e tormentosos. Minha bolsa, sempre curta de meios, não permitia larguezas maiores com o amável companheiro de Buenos Aires, o qual, sem alardes ou exageros, me cumulara de constantes gentilezas, oferecendo-me bons jantares, levando-me a teatros, proporcionando-me passeios, um, sobretudo, que me não posso esquecer: excursão, de muitas horas, em hiate de amigos seus, com a bandeira brasileira flamejando no tope do mastro, sempre saudada pelas embarcações encontradas no caminho. Saímos do *Tigre* e cortando águas mansas, canais civilizados e varadouros agrestes e sombrios, alcançamos o rio Paraná. Para solenizar o feito, fui convidado a disparar o canhãozinho de proa, cujo estampido por pouco me arrebenta os tímpanos...

Mocidade sem dinheiro parece-se muito com velhice opulenta! Há, para ambas, gozos inacessíveis. No caso vertente, a Caixa Beneficente da Secretaria tirou-me, em parte, de apuros, e não fosse ela eu teria feito papel feio. Levei, portanto, o meu homem, com outros amigos admirados da minha opulência, à *Rotisserie* e à *Brahma*, aos nossos mesquinhos *Recreio* e *Apolo*, e, como prato de resistência, aos clubes prediletos, os mais baratos lugares, no fim das contas, pois neles havia a possibilidade, lá por coisas, do festejado apartar-se de nós, pedindo ainda desculpas.

Estampo esta pequena nota recordativa por isso que ela tem seu fundamento neste capítulo, onde já se leu quão grande a vacilação minha em abandonar a pacatez da vida costumeira, pela incerteza do mundo largo, cheio de compromissos mais sérios, imaginava eu, a cada passo, e sem Caixas Beneficentes à mão!

Tudo quanto aprendera na Casa servira-me de muito para o exterior, e agora só parecia que eu, após três meses de ausência, viera possuidor de novo cabedal de civilidades, tornando-me especialista em receber personalidades estrangeiras, sobretudo se fossem elas argentinas. Idas consecutivas a bordo e à Central do Brasil, portador de boas-vindas e votos de feliz regresso, tal qual hoje os Chefes do Cerimonial e Introdutores diplomáticos nas suas protocolares e cansativas atribuições, com levantadas cedo, sem, contudo, as madrugadas das atuais partidas de aviões. Viagens a São Paulo para conduzir para aqui hóspedes ilustres. Agradáveis prebendas, essas! Carro especial, comestíveis apreciáveis e uns

cobrinhos suplementares, sempre bem vindos. Como melhor recordação, a visita do prestigioso Senador Manuel Lainez, que me proporcionou dias de férias completas, além do encanto de sua cativante pessoa e das dos membros da comitiva, do mais velho ao mais moço, Carlos Peralta Alvear, cujo sonoro nome tenho nos ouvidos.

Estava um pelintra, no dizer do caro Comendador. Indumentária apurada de dia e *smoking* pelas noites. Mas só Deus sabe o quanto tudo isso me custava! Cara alegre e coração minguido... Não sei se agora os que ingressam na carreira experimentam iguais sensações! Em alguns é bem possível; na maioria, com certeza, não, pois os tempos correntes são menos propícios a tais sentimentalismos e as distâncias da terra estão reduzidas, ou como dizia um caboclo nordestino ao verificar boquiaberto a rapidez das viagens aéreas – o mundo está *encuendo!*... Antigamente partir era sempre uma grande separação.

A Secretaria ia-se enchendo gradativamente. Nos últimos anos que nela passei, já não éramos aquele punhado de funcionários trabalhando isolados, cada qual na sua seção. A colméia crescera e o Itamaraty convertera-se em ambição sonhada e anelada por uma geração de moços. Da minha turma de Amanuenses de 1905, Lucilo Bueno, o primeiro a desertar, parte em 1910 para Caracas, nomeado Secretário de Legação, depois de casar-se. Amor fulminante nascido nas alturas poéticas de Teresópolis. Relembro os dois, Lucilo e Irene, com grande saudade, vinda da mocidade distante e conservada fiel através dos

tempos e da própria morte do casal amigo. No longínquo 1908, José Joaquim Moniz de Aragão, que hoje tem seu nome acrescido, com justa razão, do materno Lima e Silva, entra como Adido para encetar a brilhante carreira de todos conhecida; para ele, entretanto, estou convencido disso, nenhuma quadra ou posto de maior fastígio do que aquele passado ao lado do Barão.

Em 1911 vejo chegar Fernando de Sousa Dantas, nomeado diretamente para o Corpo diplomático e Aires da Maia Monteiro, Teodoro Figueira de Almeida e Rodolfo de Siqueira para 3^{os} Oficiais. Como Adido à Secretaria surge Mateus de Albuquerque, vindo de Pernambuco, já de reputação literária firmada, burilador pela vida fora de finas e aprimoradas páginas de belo labor. A ele como a tantos outros da carreira se poderia aplicar o que de mim disse mestre João Ribeiro, em generosa crítica ao meu primeiro livro “Contos Fora de Tempo”: diplomata escritor que sabe aproveitar as suas horas vagas ainda no serviço da pátria que sempre o é o das letras.

No ano seguinte outros Adidos: Antônio de São Clemente, Samuel de Sousa Leão Gracie, Fernando de Azevedo Milanez e Carlos Alberto Moniz Gordilho, este meu primo e leal amigo, a quem tive o prazer de apresentar à Secretaria inteira, atualmente nosso Embaixador na Colômbia, exercendo seu elevado cargo com a mesma dignidade, proficiência e dedicação à causa pública, demonstradas desde o dia em que cruzou os umbrais do Itamaraty. Samuel Gracie dirige nestes momentos os destinos da Casa, em honrosa substituição do titular efetivo, e ao vê-lo no desempenho de tão altas funções, não posso deixar de recordar-me

do rapazola de ontem, que pouco depois de nomeado para o posto inicial da Secretaria, passou a ser o Auxiliar devotado de Artur Briggs, cujos exemplos sem par de competência profissional, disciplina e amor ao trabalho e ao Itamaraty, foram sempre seguidos pelo seu discípulo dileto.

Destinos vários de todos esses caros colegas! Fernando de Sousa Dantas, como eu, não arruína o fígado por achar-se aposentado; aposentados também outros e por leis diversas... Separados do convívio, exonerados a pedido pouco depois, Teodoro Figueira de Almeida e Fernando Milanez. Do primeiro perdi totalmente a pista, mas do segundo igual é o querer que por ele nutro, desde os tempos descuidados e ditosos da rua Capitão Salomão, aos dias correntes, nos quais no seu prestigioso e movimentado Cartório, não consigo pagar nem um reconhecimento de firma.

Ao escrever sucessos, casos comigo passados, tenho a deliciosa impressão de remoar! Quando, porém, começo a citar nomes, admiro-me, com espanto e respeito, da longa estrada percorrida, pois sinto o fardo pesado dos anos pela ausência paulatina de afetos desaparecidos para sempre! Felizmente estas páginas vão-se aproximando do fim! Tais sensações, da falsa à verdadeira, melhor moram, afinal, no silêncio dos pensamentos não estampados...

Capítulo XXXVI

A vida muda de rumo

Capítulo XXXVI
A vida muda de rumo

Meu último ano de Secretaria. Empurrado pela força dos acontecimentos, como se viu nas páginas precedentes, candidatei-me à passagem para o Corpo diplomático, favas contadas no pensar de todos, dado a potência do padrinho, logo se empenhando a fundo nesse sentido. Entretanto, por misteriosas circunstâncias, nunca por mim sabidas, na escolha dos futuros Secretários de Legação, houve qualquer estorvo, jogo de interesses, influência política superior, apartando meu nome da lista dos eleitos, anulando assim de começo um pedido que, partindo de quem partia, jamais poderia deixar de ser tomado em consideração!

A princípio não dei maior importância a tais rumores adversos, conquanto deles dando conhecimento a Campos Sales, o qual, como ficou dito, se manifestou seriamente preocupado com o caso. Correndo os meses, fui informado confidencialmente por Lafayette de Carvalho e Silva, Auxiliar do Gabinete do Ministro de Estado, num gesto muito amistoso, de existir, de fato, algo entrando minha nomeação e aconselhando-me a tomar, em tempo oportuno, as providências para eliminar o golpe em preparo nas sombras de imponderáveis.

Mesmo compreendendo o absurdo dessas dificuldades, mais vexantes para meu magnânimo e venerando protetor do que para mim próprio, já indeciso de vez ante elas, teria fraquejado

lamentavelmente e até aceitado a feia derrota com quase prazer, não fosse a enérgica resolução de meu irmão Silvino, em trânsito aqui naquela ocasião, que ao saber do aviso amigo telegrafou em teor preciso a Campos Sales, pondo-o ao corrente de tudo. Nunca me foi possível, igualmente, conhecer o texto do telegrama que meu grande amigo passou a Lauro Müller referente ao caso; alguém me informou ter sido o mesmo áspero e violento em extremo, com se poderá, aliás, avaliar das palavras recebidas, sem demora, de São Paulo, contidas em cartãozinho precioso, não datado, mas trazendo no envelope o carimbo do Correio dali de 24 de março de 1913:

“Recebi telegrama do Silvino e telegrafei hoje em termos bem expressivos. O seu naufrágio me causaria os maiores desgostos e abalariam mesmo as minhas relações com o homem. Saudades a você e ao Silvino”⁽⁶⁾.

Faço pela justiça não julgando terem partido de Lauro Müller os obstáculos surgidos no decorrer de minha nomeação para o estrangeiro. Nem ele seria capaz de negar a Campos Sales tão simples pedido, nem eu incorrera nunca no seu desagrado, cedo recebendo, ao contrário, só manifestações de apreço e amizade, perdurando por longos anos. Injunções outras, sem dúvida, às quais, quando muito, o Chanceler parecia ceder.

⁽⁶⁾ Vide Apêndice Doc. nº 7 (Cópia fotostática).

Vigoroso o aperto de mão a bordo do encouraçado *Minas Gerais*, na tarde do seu embarque para os Estados Unidos da América, em atrasada retribuição à visita do Secretário de Estado Elihu Root ao Brasil, quando da 3ª Conferência Internacional Americana. Já deixara meu Decreto assinado, mas mesmo assim deu-me a boa nova com palavras veladas de charada fácil: “Diga ao seu grande amigo que seus desejos estão satisfeitos”.

Afáveis sorrisos dos companheiros e pessoas presentes e um maior de Alberto de Ipanema Moreira – partindo agregado à comitiva ministerial – como demonstrando saber dos demais atos prontos numa gaveta de qualquer secretária do Itamaraty, para serem publicados no dia seguinte e desbordar entusiasmos na Casa. Olhei para o excelente amigo e disse-lhe com espontaneidade: – Com que então colega, hein?!... O caro Alberto, muito *carrière*, esperançado de próxima promoção a 1º Secretário, em gesto fisionômico por mim bem fixado, sorriu superiormente! Emendei a mão, colocando-me no meu lugar: – Perdão, *meu caro Chefe!*... Até Lauro Müller, difícil no rir, achou graça na minha imediata correção.

De alma encolhida e olhos aguados, mas de cara sorridente, compartilhei da alegria geral, ao ser conhecida e dada à publicidade a reorganização da Secretaria de Estado, dentro dos novos planos orçamentários. Movimento respeitável de promoções e nomeações, monte de Decretos e Portarias, fazendo, com as exceções atingindo os menos afortunados de sempre, a felicidade da coletividade e a dos que nela penetravam pela porta larga e sem batentes das reformas, generosa via muito minha conhecida. Do

começo do ano até a data desses atos, todos de 16 de maio de 1913, revendo o relatório respectivo da época, como sentindo com isso a renovação de palpitantes sensações experimentadas, vejo as promoções de tantos nomes caros, do de Manuel Raimundo de Meneses logrando o 1º Oficialato, no qual estacionaria, aos dos de Mário de Barros e Vasconcelos, Benjamim Borges Ribeiro da Costa (beirando o fim de sua vida!), Mateus de Albuquerque, Antônio de S. Clemente e Fernando de Azevedo Milanez, integrando-se na classe de 3^{os} Oficiais, logo 2^{os}, meses depois, por efeito da citada recomposição! Na lista que me olhos percorrem, aparece um nome – Raul de Sousa Carvalho – nomeado 3º Oficial em 20 de setembro de 1912 e falecido em 20 do mês seguinte! Na história do Papado há não poucos exemplos de Soberanos Pontífices reinando apenas 30 dias e até menos, mas na classe dos *Amanuenses*, sobretudo no nosso Ministério, creio ser único o caso. E o que mais me aflige é não conservar nenhuma lembrança do rapidíssimo e infortunado colega, sombra na minha memória, como sombra apenas constando de um velho relatório...

Na reforma em questão criaram-se duas Diretorias Gerais, a dos Negócios Políticos e Diplomáticos, entregue a Frederico Afonso de Carvalho (em ressurreição evidente), e a dos Negócios Econômicos e Consulares, para a qual foi nomeado o mais antigo dos Chefes de seção, o circunspecto e abalizado Luís Leopoldo Fernandes Pinheiro. O caríssimo Comendador, pouco depois, era elevado às culminâncias de Subsecretário de Estado, quando dele se afastou Francisco Régis de Oliveira, para ser nosso primeiro Embaixador *em comissão* em Portugal, categoria caída, a

seguir, em desuso e hoje constituindo o máximo destino dos Plenipotenciários, aposentados com as honras do cargo e proventos unicamente da classe *N*!

Antônio Jansen do Paço torna-se Bibliotecário efetivo, firma o pé na Casa, antes de ser Diretor de Seção, cargos onde deixou tantos traços de sua curiosa e superior personalidade. Como 2º Oficial, vindo de fora, entra o Dr. João Coelho Gomes Ribeiro, com ilustre passado de magistrado, homem já maduro, baixinho, de aspecto grave, aquisição que teria sido muito do agrado de Cabo Frio. Quase nulas minhas relações e lembranças de tão respeitável colega, com o tempo acatado e apreciado pelos remanescentes.

Acredito – e fico um tanto em dúvida por notar certa discordância entre os relatórios compulsados – que haja então voltado para a Secretaria no posto de 2º Oficial, Manuel Coelho Rodrigues (o Coelhote), Amanuense de 1896 até 1899, quando se demitiu. A Casa readquiriu assim antigo elemento de valia, daí por diante inteiramente a ela devotado, subindo rápido na escala e acabando por ser um dos seus mandões respeitáveis, com certos pontos de semelhança, na sua maneira de agir no trabalho, algo rebarbativa, com o Comendador Frederico de Carvalho e Raul de Campos, dos quais, aliás, foi sincero amigo. Os que mais gritam nem sempre são os mais persuasivos... Coelho Rodrigues, sobre os dois, levava a grande vantagem do seu preparo jurídico.

Na reforma, o caso mais sensacional foi o das promoções de Rodrigo Heráclito Ribeiro, Sílvio Romero Filho e Hélio Lobo, saltando do posto inicial aos de 1ºs Oficiais. Bela

arrancada!... Nela não faltou também o elemento moço. Além de sete outros, Francisco Pessoa de Queiroz, Gustavo de Souza Bandeira, Adolpho Konder, seiva revigorante na estrutura dos quadros, ardente rapaziada cheia de entusiasmos e aspirações, uns com alguma tarimba, por anos e meses de aprendizagem como Adidos, outros deslumbrados com a boa fortuna. De dois deles já falei; dois outros alcançaram, relativamente cedo, o bastão de Marechal: Carlos Celso de Ouro Preto, inteligência invulgar, o eterno e jovialíssimo Carlinhos, e Luís Pereira Ferreira de Faro Júnior, desde logo mostrando sua capacidade funcional, impondo-se num meritório crescendo. Dessa turma, também o querido Labieno Salgado dos Santos, bom como o pão, transpondo a montanha mais devagar, porém muito aprumado e com ideais mais alevantados. Alguns desviaram de rumo e tomaram estradas diferentes... E há ainda a citar os mortos! Torquato Moreira Júnior, ceifado na epidemia da gripe espanhola, e Paulo de Godói, outra cerebração privilegiada, espírito cintilante e mordaz, carinha fina e macilenta de santo ciliciado, coração que cessou de bater para encher outros de inextinguíveis saudades. Pobre Paulo, flor cedo fanada, eu te revejo abraçando-me e dizendo-me adeus a bordo do *Orcoma*, na tarde luminosa, mas para mim triste, de minha partida para o Chile: – Procure bem nas gavetinhas do camarote alguma coisa que deixei para ti!... Até agora guardo o achado! Num terço de cartão de entrada para qualquer concerto, ele escrevera: *Que Madame La chance te acompanhe!* Obrigado, amigo ausente, por aqueles teus votos, felizmente realizados...



Ao alto o Senhor Carlos Taylor, tendo à direita o Sr. Paulo Coelho de Almeida e à esquerda o Sr. Luís Avelino Gurgel do Amaral; ao centro, o Sr. Fernando de Lara Palmeiro, ladeado pelos Srs. Mário de Pimentel Brandão e Otávio Fialho. Em baixo, o Sr. Lourival de Guillobel. (Reprodução de um cliché de "A Noite", de 23 de maio de 1913).

Lourival de Guillobel só foi posteriormente nomeado 2º Secretário e no seu lugar deveria figurar o retrato de João Leopoldo Modesto Leal. (N. A.)

Depois de minha partida para o estrangeiro, entram como Praticantes, cargo novo na Casa, Henrique Pinheiro de Vasconcelos, Milton César Weguelin Vieira e Luís Carlos de Andrade Filho, Adidos de poucos meses, bastantes, porém, para querê-los bem e recordá-los agora, com a velha amizade, nestes instantes.

Na hora da posse de toda aquela gente, que me fez recordar a manhã da minha assustada entrada no Itamaraty, o bater de abraços trocados soavam como o rumor estrepitoso de castanholas bem manejadas! Também recebi inúmeros pela passagem para a Carreira. Uma frase, porém, do Comendador, terminado o ato, gelou-me por completo: – O Sr. poderia estar hoje 1º Oficial desta Casa!... Senti-me com ela diminuído e perplexo, acreditando abandonar o certo pelo duvidoso, colocação alta por outra no fim da escala. Então não havia equivalências e os meus oito anos de Secretaria só serviriam para a distante aposentadoria, contados como foram religiosamente em chegando o momento oportuno, aliás por mim lembrado ao Ministério, sem acrimônia nem sentido oculto. A poderoso e boníssimo amigo, não mais deste mundo mas cuja memória conservo presente, que me escrevera fazendo-me ver, em transparentes palavras, a imperiosa necessidade de solicitar empenhos (e o dele seria valiosíssimo) para evitar próxima surpresa, respondi dizendo-lhe: “Não peço nada, pois não me conformaria e aqui ficar como *Embaixador escorado!*”

Da minha turma de Secretários, os mais modernos depois das nomeações de Lafayette de Carvalho e Silva e Alfredo Felipe

da Luz, fizeram parte Otávio Fialho, Carlos Taylor, Paulo Coelho de Almeida, Mário de Pimentel Brandão, Fernando de Lara Palmeiro e João Leopoldo Modesto Leal, todos seguindo após para seus destinos, começo de dispersão definitiva, pois, que me recorde, nenhum de nós jamais serviu com outro num mesmo posto. Sorte diversas as nossas!... Alguns já aposentados e não na mesma categoria; um recentemente redivivo para a atividade; outro, ex-Ministro de Estado, continuando trajetória brilhante, agora nos representa junto à União Soviética e um também em exercício em Legação longínqua; e dois mortos, para a lista ter a nota macabra inevitável...

Perdoem-me o pequeno balanço do meu *curriculum vitae* funcional que me atrevo a dar agora, ao alcançar este ponto. Como Secretário, animo-me a dizer, pelas muitas informações de prezadíssimos Chefes, fáceis de serem verificadas nos arquivos, fui disciplinado e eficiente. Ministro, nas duas classes respectivas, de 2ª e de 1ª, ou nas letras *M* e *N*, como ora são elas designadas, símbolos fazendo a confusão dos velhos servidores, servi tão somente na Secretaria de Estado durante cinco anos, mais de três à frente do Gabinete do ilustre Ministro Dr. José Carlos de Macedo Soares, prestigiado benevolamente por ele, cercado de um grupo de devotados colegas e amparado pelo halo de carinho de todos seus componentes, dos mais graduados aos mais modestos. Seria ingratidão não relembrar aqui a singela mas comovente manifestação que recebi da Casa inteira, ao completar 30 anos de nela haver ingressado. Penso, assim, ter desempenhado as funções de minha segunda etapa no Itamaraty, ao menos, com o mesmo devotamento

dos tempos idos e distantes. Agora quanto à única chefia no estrangeiro, na saudosa e nunca esquecida Lima, onde me coube a honra e a fortuna de representar o Brasil no mais elevado degrau da carreira (infelizmente por dois anos apenas!), calo-me prudentemente, tendo, entretanto, a consciência tranqüila e a segurança de que minha mulher e eu procuramos e conseguimos – permitam a imodéstia – ligar nossos nomes à lista bastante grande de ilustres predecessores, cujas lembranças são custodiadas com saudoso afeto pelo nobre e varonil Povo peruano.

Levado pela força do hábito, custei a desprender-me da Diretoria Geral. Dias seguidos por lá aparecia nas horas regulamentares, sentindo-me no ar sem os antigos encargos e observando estupefato tudo continuar marchando como antes! O Comendador, para dizer-me alguma coisa, perguntava-me, repetidamente, em voz seca, na qual se notava ligeiro tremor: – Para quando a viagem, *seu* Luís?! E eu respondendo-lhe sem convicção: – Depois que o Sr. me arranje um bom posto!... Este não tardou em chegar e tive a designação, como tanto queria, para o Chile, guiado por estrela propícia. Assim, aos poucos, fui-me convencendo não ter mais a obrigação de *assinar o ponto* e estar mesmo apartado daquela Casa, que, sem repudiar-me, já me olhava quase como intruso! Para nela reintegrar-me de novo, amalgamado no seu quadro único, foram precisos longos 20 anos, tempo bastante para modificá-la fundamentalmente em todos seus aspectos, se bem ainda encontrasse, em pleno exercício, uns tantos companheiros da velha guarda. Como o passado, enquanto há vida, não limita períodos, ainda hoje, nas espaçadas idas ao Ministério,

para receber os proventos de inativo na Caixa Beneficente, ora Associação dos Funcionários do Ministério das Relações Exteriores, quando subo às antigas salas da casa central, assalta-me a idéia de poder esbarrar-me com o Barão ou com o Comendador e ser por eles chamado como nos tempos pretéritos!... O Itamaraty continua a ser para mim uma mansão de miragens...

O recebimento da ajuda de custo – quantia substancial como surgindo de cornucópia mágica de um guichê do Banco do Brasil – espantou de vez os últimos apegos ao cepo. Vida e preocupações outras e gozos variados pela maior liberdade e pecúnia... Encomendei a fardinha da Adido (mais elegante e mais barata), na *Alfaiataria Brandão*, no 1º andar do prédio atualmente ocupado pela *A Capital* por 650\$000!... O chapéu armado de plumas pretas, obtive-o na estimada firma *Soares & Maia*, e, por falta no mercado dos que se fechavam, contentei-me com cantimplora rígida e alta, verdadeiro e incômodo trambolho ornamental daí por diante, do qual só me libertei muito mais tarde, ao trocá-lo por outro mais discreto e prático. Sem me esquecer dos amigos *Lima & Costa*, fiz questão de possuir uma das peças do uniforme cortada pelas hábeis mãos do Araújo Brasil e delas saiu um capitão militar condigno de Oficial prussiano.

Enquanto isso, novas e fagueiras esperanças cresciam dentro de meu peito! O nome de Campos Sales ganhava, dia a dia, terreno nos conciliábulos da alta política para a futura presidência da República. Ao ir a São Paulo para despedir-me dele e de outros caros amigos, tudo fazia prever estar assentada, em definitivo, a

escolha de sua veneranda pessoa para o próximo quadriênio governamental. Achei-o ótimo de saúde, discretamente alegre, comendo tanto quanto eu delicioso cuscuz paulista servido no almoço. Ao dar-lhe o último abraço, à porta da rua, disse-lhe comovido:

– Creio que o Sr. pensará em mim quando estiver novamente no Catete!... E ele, mais emocionado ainda, assegurou-me:

– Vá, meu filho!... Seja feliz e não suponha nunca poder eu esquecer-me de você!...

Foram estas as derradeiras palavras que ouvi de Campos Sales...

Despreocupado, alguns dias depois, vinha de bonde para a cidade, quando, ao entrar na Avenida, vi, em muitos edifícios, o pavilhão nacional hasteado em funeral. Que figurão terá falecido, perguntei para meus adentros?!... Sem encontrar ninguém conhecido, coube-me ler aterrado, na taboleta de “O País”, a cruel nova. O morto era Campos Sales!... Atontado subi as escadas do alfaiate e como autômato experimentei o fardão, já com bordados, sofrendo soluços que explodiram violentos ao escutar, como vinda de muito longe, a pergunta insistente do Brandão: – O Sr. *Dr.* já sabe da morte de Campos Sales?!...

Dali segui para o Ministério em busca de tão terrível confirmação. Entre tantas manifestações de consolo recebidas, algumas me pareceram frias! Ilusão ou realidade, eu começava a ter as primeiras desconfianças... diplomáticas! O Ministro Francisco Régis de Oliveira, titular interino da pasta, sabendo-me na Casa,

chamou-me ao seu Gabinete. Abraçou-me comovido e engrolando as palavras, pronunciadas como partidas ao meio, lamentava o ocorrido e dava-me instruções bondosas:

– Você embarca esta noite para São Paulo, não é assim!... Naturalmente!... Grande perda para o Brasil e maior para você!... E olhe: Você não me representará no enterro porque lá está o Lorena Ferreira, com quem já me comuniquei neste sentido!... Seja, porém, intérprete do meu pesar junto à Senhora Campos Sales... Sua viagem, está claro, corre por conta do Ministério... Os funerais serão de Chefe de Estado... Leve a casaca...

Viagem de sobressaltos, pensando no horário do trem, e de sonolência confusa e amargurada. Pequena demora no hotel para vestir-me e correr à igreja do Sagrado Coração de Maria, donde sairia o féretro. Compacta multidão enchia literalmente o templo dos Salesianos, e com extrema dificuldade consegui aproximar-me de Paulo, para cair-lhe nos braços como irmão vindo atrasado a fim de comungar da mesma pena. Encasacado, numa unidade chocante, minha figura despertava a curiosidade geral, sendo alvo de olhares interrogativos. Paulo estava aéreo e só instantes após foi que se deu conta de minha presença ao seu lado. No centro da nave, em catafalco um tanto alto, pude enfim contemplar, com olhos turvos perturbadores de melhor visão, a face austera do meu grande do meu grande amigo, na imobilidade sempre enigmática e como santificada da Morte!... As exéquias oficiais glorificam uma vida e abrem, na maioria das vezes, o caminho da posteridade, mas retêm lágrimas! E a oratória fúnebre nos cemitérios dispersa mais depressa a concorrência dos acompanhantes!... Do

enterro de Campos Sales guardei essas duas impressões... A dor purgante, valendo como preces, apenas encontrei, na mesma noite, em Guarujá, na casa em que, fulminando como por um raio, cessara de bater o nobilíssimo coração do velho estadista, abalado em extremo pela recente apoteose popular de Santos, desagravo aos últimos conchavos da política nacional. Ali, entre os quais caros e profundos afetos do morto, senti então, em toda sua plenitude, o vácuo imenso da saudade do recém-partido para o eterno descanso.

Que noite triste também para mim, finalizada no isolamento de um quarto do luxuoso balneário local, onde me apresentei sem uma maleta, como indesejável quase, desfigurado pelo cansaço, ouvindo, até horas tardas, o rumor palpitante da vida dos afortunados do momento.

Os derradeiros dias que me sobravam para encetar a grande ausência, a maior de todas da minha carreira, sucediam-se a galope. Deles guardo, apenas, desordenadas lembranças – o adeus final aos meus, ao Itamaraty, às relações mais íntimas, às ruas da cidade-berço, e até aos lugares caros da mocidade venturosa, já em fuga! Mais precisa, a tarde do embarque, meado de um julho resplandecente, de céu azul sem mácula, como para minorar tristezas e infundir confiança no porvir. Ainda assim, o instante último no *Pharoux*, no qual me cercava o lenitivo de tantas amizades, espantando eu mesmo de vê-las tão abundantes e generosas, não pôde a própria natureza, com suas galas, impedir que tudo se obscurecesse, ao abraçar minha Mãe querida e ao perceber, em seguida, sua figura amada ir diminuindo, apagando-se, confundindo-se no grupo de amigos à borda do cais, à proporção

que me afastava de terra, levado por ligeira lancha para o *Orcoma*, fundeado ao largo.

Depois a impressão de achar-me completamente só, ao ver descer as escadas o bando fingidamente alegre dos que me acompanharam a bordo, os lenços agitados com frenesi em despedida e as lágrimas abundantes do meu querido irmão Eduardo, correndo desde muito antes, cujo prematuro, cruel e doloroso fim, até hoje não estancou as minhas! Mas se me fosse possível vislumbrar o futuro naquela ocasião, eu teria padecido menos, pois o destino me conduzia para a terra da promessa, na qual iria encontrar, para depois unir-me aqui, a doce e inigualável companheira de existência, apenas divisada, uma quinzena antes, numa rápida aparição, ao visitar o Ministro Lorena Ferreira, já nomeado para o Chile, na sua casa, da rua Abranches, em São Paulo.

Não fosse o desejo de concluir estas reminiscências com fecho de ouro, dado por outras mãos, aqui poria o ponto final. Ao terminá-las, de fato, e ao oferecê-las à geração nova do Itamaraty, confio que ela aceite a oferta, feita de coração, e leia estas histórias velhas, talvez mesmo sensaboronas, com benevolência e algum agrado, para contraditar a afirmativa pessimista, segundo Léon Daudet de que “*ce qui intéresse la jeunesse c’est l’avenir, ce qui sera, non ce qui a été*”, caída sob meus olhos quando este trabalho já ia em meio...

Capítulo XXXVII

Duas grandes jóias

Capítulo XXXVII
Duas grandes jóias

Inclino-me a crer, e antevejo concordância unânime, em ser este derradeiro capítulo o melhor de todos quantos elaborei para formar este livro, há muito na cabeça e ora finalmente escrito. Necessário ele o era, por isso que tanto falei das íntimas relações de meu Pai com o Barão do Rio Branco; não apresentar, porém, qualquer prova cabal dessa amizade, assaz conhecida em seu tempo, seria para os vivos de hoje, apenas uma asseveração, conquanto digna de fé, estou crente disso, sem base concreta, entretanto, para provar o alegado.

As duas preciosas cartas de Rio Branco, abaixo transcritas, guardadas como documentos de subido valor por meu irmão Silvino e agora por ele a mim cedidas num gesto de colaboração fraterna para maior brilho destas páginas quase sempre apagadas, demonstram até à saciedade como foram cordiais, profundas, as relações de querer entre José Avelino e Juca Paranhos, durando décadas.

Estampando-as, mais de qualquer outro, move-me o sentimento de, mais uma vez, realçar a bondade do Barão para com os filhos do amigo morto, por quem chorou!... ^(*) Mal assume a pasta das Relações Exteriores promove o mais velho a 1º

^(*) Vide Apêndice Doc. n° 8 (Cópia fotostática).

Secretário de Legação; tempos após abre – e de que maneira como ficou visto – as portas do seu Ministério, ao segundo, ao cadete, na sua própria e carinhosa expressão.

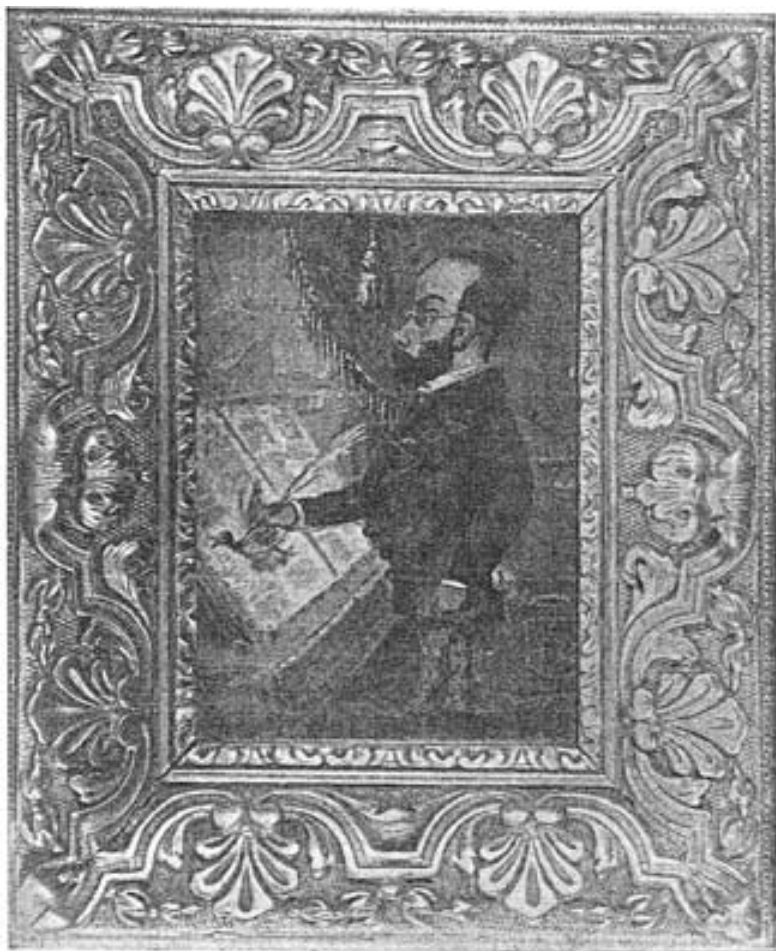
Finis coronat opus!... Escuso outros comentários e deixo ao leitor o encantamento e a surpresa da leitura destes dois inéditos, cada qual mais saboroso e imprevisto. Estas duas cartas não precisam de maiores explicações; a clareza com que estão redigidas localizam sobejamente o momento em que foram escritas e o estado de espírito do missivista. Apenas dois esclarecimentos para melhor compreensão da primeira, escrita quando minha Mãe (Yayá) e nós três, Silvino, eu e Eduardo, este dando os primeiros passos, estávamos em Lisboa, onde nos achávamos após o regresso de meu Pai, de sua precipitada viagem à Europa. O Nery nela referido era o Barão de Santana Nery (Frederico José de), patricio ilustre, vivendo longos anos em Paris, autor de vários trabalhos de propaganda do Brasil.

“22 de Maio de 1893. A bordo do “Teutonic”, em viagem para New York.

Meu caro Avelino.

Recebi a sua última cartinha, e com ela o recibo do meu irmão pelo donativo que fiz a minha afilhada você fez bem em resolver assim o negócio, de acordo com o que eu lhe havia dito antes da sua partida.

Não pude ainda mandar-lhe as prometidas contas para serem anexadas ao inventário, mas espero por estes dias



*Fotografia de uma pequena pintura a óleo da autoria do Barão do Rio Branco.
Ver no Apêndice o Doc. nº 4.*

próximos, depois do meu desembarque, puder fazer, de Washington, a remessa. Não tenho tido um momento de descanso desde a sua partida, e só a isso deve você atribuir a falta de cartas minhas e das tais decantadas contas. A Superintendência da Emigração tomava-me muito tempo, pois, como você sabe, eu só tinha um auxiliar, o Domício da Gama. Os outros em nada me ajudavam. Apenas desembaraçado da Superintendência, veio-me a tal nomeação para Washington, e você compreende que o tempo era pouco para preparativos de viagem e uma recordação geral do assunto.

Na sua carta você diz que agora me acho na carreira que mais me convém. Algumas vezes falamos deste assunto, e você deve lembrar-se que eu sempre lhe disse que não quero saber de carreira diplomática. Não sirvo para isso, meu caro, por muitíssimas razões. Basta apresentar duas: – não tenho fortuna para sustentar a posição de ministro, e não devo renunciar a trabalhos que tenho em preparação para levar vida de jantares, recepções, etiquetas e festas. Não sou mais homem do mundo. Aceitei esta missão porque “é temporária” e unicamente para a defesa de um território incontestavelmente nosso. É questão de história e geografia que conheço perfeitamente, questão tratada por meu Pai em 1857. Não sei por quem soube o Governo que eu estava senhor de documentos novos e pretendia escrever sobre o assunto: apelou para mim, e eu não tinha o direito de escusar-me, alegando motivos de comodidade ou conveniência pessoal. Terminada a questão, volto para o meu canto até que possa

descobrir meio de adquirir alguma fazendola em São Paulo. Não quero saber de eminências e grandezas, e essa abstenção, como você sabe, vem de longe. Em tempos em que tais coisas pareciam mais duradouras e sólidas eu já me tinha habituado a só desejar posições obscuras. Não devo modificar esse propósito nos dias agitados que atravessamos.

Não tive notícias de Yayá, além das que você, me mandou em carta e das que o Nery me deu há tempos, tendo ido à Lisboa. Ela não me escreveu e não me ocupou em coisa alguma. Imagino quanto deve ter ganho, e os rapazes, com o belo clima de Lisboa. Em Inglaterra e França tivemos este ano um inverno bem rigoroso.

Todos os meus vão bem, e todos se lembram com saudades de M. Avelinô. O Raul, como você já sabe, terminou em Novembro o Bacharelado em Letras e Filosofia, – diploma que, – seja dito de passagem, – é universitário, assinado pelo Ministro da Instrução Pública, e não conferido pela Direção do Lycêu em que estudou. Agora está ele estudando Matemáticas.

O Paulo está estudando as matérias de dois anos do bacharelado para ver se consegue assim ganhar um ano de tempo. Em Julho deve passar os exames da primeira parte do curso. Ambos os rapazes brilharam no “football. A equipe do Lycêu Henry IV, dirigida pelo Raul, saio vencedora em todos os “matches” e ganhou a bandeira do campeonato. Assisti a entrega da bandeira e vi o Raul carregado pelos camaradas no meio de uma gritaria imensa.

Ele lhe mandará uma fotografia representando a “equipe” vencedora. Bem aborrecida esta vida de bordo! Estou rabiscando este papel sem saber bem o que escrevo. A bordo só posso

dormir e comer: o balanço do navio torna-me preguiçoso e incapaz até de ler um romance. Estou no 5º dia de viagem. Depois de amanhã deveremos chegar a New York.

Escreva-me para Washington, pondo o meu título oficial, e a nota – poste restante – porque, ao chegar, darei ao correio o meu endereço, e assim as suas cartas me chegarão sem demora.

*Receba um abraço do
amigo velho e de coração*

Juca. ^(*)

“Paris, 6 de Setembro de 1895.

15 Vila Molitor.

Meu caro José Avelino.

Recebi no devido tempo o seu telegrama de 2 de agosto, e peço muitas desculpas pela demora com que lhe respondo. Estou atravessando quadra de desgostos, por moléstias que tenho em casa, e, ao mesmo tempo, muito ocupado com o estudo da questão de que serei encarregado se houver arbitramento, e que é muito mais embrulhada e difícil do que a outra de que me ocupei nos Estados Unidos. Esta vai ser missão de muito trabalho e de grave risco quanto ao resultado.

^(*) Vide Apêndice Doc. nº 8 (Cópia fotostática).

Ao receber o seu telegrama, já a notícia da suposta missão à Suíça estava publicada no Rio, assim como a da minha escolha; e desde princípios de Julho entrei a receber telegramas de amigos, recomendando-me candidatos, e também de pretendentes, que não conheço. À vista disso, escrevi logo ao Governo, propondo um 1º Secretário (o Domício da Gama), um 2º que servirá principalmente para traduzir do português para o francês, e um consultor técnico, para os trabalhos de cartografia. Declarei que esse pessoal é suficiente, e, mais, que só dentro de alguns meses precisaria dos indicados consultor e 2º Secretário. Nestas condições, você compreendera que não posso propor aumento do pessoal, sobretudo agora que não tenho caráter oficial. Tudo está por fazer. Há a terminar a questão do conflito em Amapá, de ajustar as condições do projeto arbitral, de escolher o árbitro, de saber se ele aceita a missão, e só então é que serei nomeado para defender o nosso direito. Não tenho parte alguma nessas complicadas negociações. Elas são da competência da Legação. Por ora o que faço é estudar no meu, canto a questão de limites e coligar livros e mapas, para começar a escrever a nossa Memória justificativa. Foi disso que o Governo me encarregou. O Domício me ajudara nas buscas e cópias que estou fazendo nas Bibliotecas.

Entretanto, se o Ministro julgar conveniente aumentar o número de auxiliares, está em suas mãos fazê-lo, e terei muito prazer em ver por aqui o Santinho. Eu só o poderia propor mais tarde, e depois de dois outros candidatos com os quais até certo ponto, ou condicionalmente, me comprometi muito antes de receber o seu telegrama.

Pelo exposto vê você que todas as notícias lá publicadas, de Suíça e Suécia, não têm fundamento algum, ou, pelo menos, são prematuras. Espero que chegaremos a ter arbitramento, mas a idéia, aceita em princípio, não está assentada em pedra e cal. Desde 1815, Portugal e França ajustaram em uma convenção, e com todas as solenidades requeridas, que a questão de limites na Guiana seria examinada e resolvida imediatamente por uma comissão mista. Passaram-se já 80 anos sem a desejada solução, que em 1815 parecia muito próxima.

Recomende-me muito a Iaiá, ao Santinho e ao cadete, que já deve estar bem taludo.

Seu de Coração

Juca.

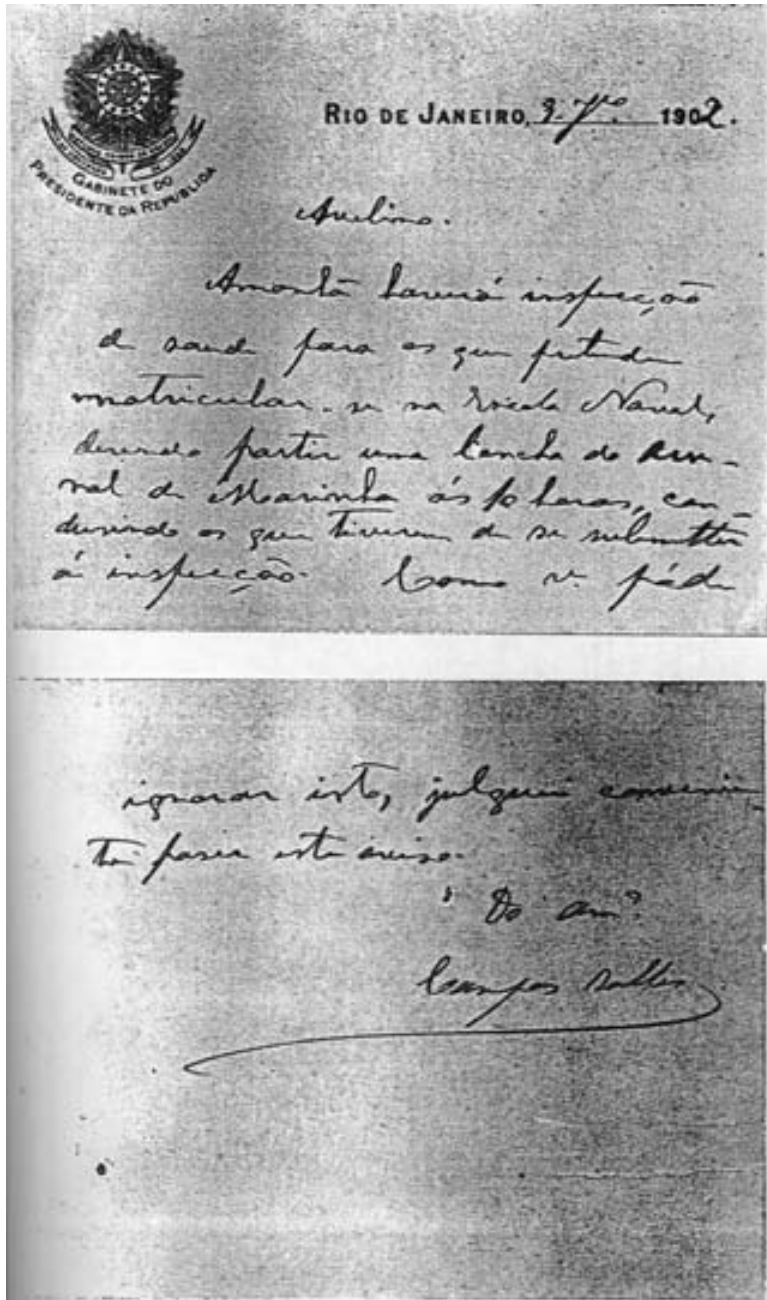
P. S. – Brevemente lhe remeterei um exemplar da minha Exposição entregue em Washington ao Árbitro, e uns retratos. Se o Santinho tem exame feito na Secretaria, penso que é mais seguro obter-lhe nomeação para uma Legação. Isto de Missão Especial, como você sabe, é coisa provisória. Terminada a missão, volta-se à última forma, e fica-se sem emprego ou lugar no quadro”^().*

Rio, Março 1945 – Setembro 1946.

^(*) Vide Apêndice Doc. nº 10 (Cópia fotostática).

Apêndice

LUÍS GURGEL DO AMARAL



Apêndice
Documento nº 1

GABINETE DO MINISTRO
RELACÕES EXTERIORES

(1903)

Amigo de Amélia

Querida filha, não se esqueça de voltar a es-
crever-me e ir sem perda de tempo, a
conferir com o Sr. Dr. Ferreira, o Sr. Dr. Manoel,
o Sr. Dr. Almeida e o Sr. Dr. Francisco
Paula (Calambey) onde se
entenda agora o Conselho
Longa Ferreira, os viduários
e Correio Mercantil e no jornal
o Commis. O antido se tem
da Copacabana os Idem e
tô agora, Sr. Dr. Manoel, tive re-
torna da morte e do estado. Não
há portanto tempo a perder.

Queria apresentar os
meus piquetes ao Sr. Dr. Manoel
Cavalcanti, Sr. Dr. Manoel
bom.

Meu respeito a Amélia
e a todos.

Seu
P. Dr. A. de

Rio de Janeiro

Apêndice
Documento nº 3

Apêndice
Documento nº 4

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Tóquio, 9 de julho de 1934

N.º 80.

Oferecimento de uma pintura a óleo feita pelo Barão do Rio-Branco.

Senhor Ministro de Estado interino,

Peço licença a V. Ex. para oferecer ao Itamaraty, a fim de ser colocado na Sala Rio-Branco, entre os objetos que perpetuem a lembrança do grande brasileiro, um pequeno quadrinho a óleo feito há muitos anos pelo Barão e mandado de presente a meu Pai, o Dr. José Avelino Gurgel do Amaral, falecido no Rio de Janeiro em 1901.

2. É uma afectuosa caricatura de meu Pai, jornalista político de certo renome (*) no seu tempo, muito propenso à sátira

* De certo renome é modesto qualificativo filial. José Avelino no seu tempo, era justamente considerado jornalista de primeira plana. N. do A.

benevolente, razão pela qual o Barão lhe dá, no quadrinho, um arco e flecha no escudo; Da pena do publicista, sobre as páginas do seu jornal, sai um *canard*, isto é, um pato em vez da letra de forma da imprensa. O Pão de Açúcar figura no fundo, estando meu Pai por detrás da cortina verde e outro dos ambientes oficiais do Brasil. A condecoração que figura na sua lapela é a de Cavaleiro da Ordem de Santo Estanislau, da Rússia, com que fora agraciado pela Corte de São Petersburgo mercê da intervenção amiga do Barão. Na mesa sobre a qual assenta o jornal, lê-se a seguinte mensagem, lembrete amistoso do Barão ao jornal que meu Pai redigia e cuja administração se esquecera de lhe remeter os números da assinatura paga na Europa, onde o grande brasileiro exercia o cargo de Cônsul Geral em Liverpool:

“Os assignates residentes em paiz estrangeiro são condemnados a não receber o jornal.”

3. Meu Pai, o Barão do Rio-Branco, então José Maria da Silva Paranhos e o Dr. Francisco Leopoldino de Gusmão Lõbo, varão ilustre do jornalismo político brasileiro e notável astrônomo amador, se tinham constituído, nos tempos da academia (**), em uma trindade inseparável de amigos da mais íntima amizade. Saídos da academia, juntos foram Deputados Gerais. Separados mais tarde

** Pequeno equívoco de meu irmão. Meu Pai bacharelou-se na Escola de Direito do Recife em 1864, dois anos antes, portanto, do que Rio Branco, quem, depois de haver cursado até o 4º ano em São Paulo, só recebeu o grau naquela Escola em 1866. A amizade dos dois deve ter sido iniciada aqui mesmo no Rio. N. do A.

por terem de seguir destinos e atividades diversas, a amizade dos três só se terminou com a morte, gradativamente, do primeiro e do último. De mim direi que a única herança que recebi de meu Pai foi a amizade do Barão.

4. Guardei até hoje comigo o trabalho de pintura do estadista imenso. Ela me tem acompanhado por toda parte. É obra feita pelo Barão no último quartel do século passado, não me lembro se pouco antes ou se pouco depois da queda da monarquia brasileira. Agora, aposentado como estou, sem destino certo, não desejo que o trabalho de pintura do Barão venha a se extraviar ou, vindo eu a falecer, que alguém a meu lado, não sabendo o que se trata, se descuide de lhe averiguar o significado e o valor. Ouvi dizer, há muitos anos, que é este quadrinho o único ou, pelo menos, dos muito poucos trabalhos de a pintura a *óleo* da autoria do Barão.

5. Se por qualquer circunstância não puder o Itamaraty agregar o quadrinho à coleção Rio-Branco, rogo a V. Ex. que m'o mande devolver, os obséquios cuidados do meu digno sucessor nesta Embaixada, o Sr. Dr. Carlos Martins Pereira e Sousa. No caso de aceitação (**), muito agradeceria que uma cópia

*** O Itamaraty mesmo havendo aceitado a oferta com manifesto agrado (Despacho do Ministro de Estado Mário M. de Pimentel Brandão, de 2 de março de 1937, DA/SN/304.21), não deu até hoje, por motivos que ignoro, exato cumprimento aos pedidos do doador. São poucos, aliás, ali os que conhecem a preciosa dádiva N. do A.

deste ofício fosse emoldurada e colocada ao lado do trabalho artístico do Barão.

Aproveito a oportunidade, Senhor Ministro de Estado interino, para reiterar a V. Ex. os protestos da minha respeitosa consideração.

(ass.º) S. gurgel do Amaral.

P. Paulo. 25. Março. - 1912.

Cherubino.

Pesço que v. me acompanhe,
como meu secretario particular, a
Argentina. Casa vja imo pos-
sível v. proprio se encarregará de
o communicar a seus chefes e obter
tudo d'elle a necessaria permissoão.

Partirei daqui pela nocturna
de 31 do corrente, dondeahi chegar a
Buenos Aires. Quando chegar na
Argentina não será grande a casa
v. toda humildade de regerem antes
de mim, não posso duvida nisso.

Termulo, pois, o meu commite-
mento com v.

Responda-me com a maxime

brevidade.

Am.º affs
Campos Pella

LEGACÃO DO BRASIL

Senhor General,

Occupavamos ambos a suprema magistratura, em nossos respectivos paizes, quando me coube a fortuna de trocar convosco as primeiras saudações. Eram tão sinceras e espontaneas as sentenças que nos animavam, que nem mesmo as discretas reservas do poder conseguiram reprimir as nossas mutuas expansões de affectuosa sympathia. E - mais do que um pensamento individual - de parte a parte exprimimos o sentir dos povos que governavamos.

Aspiravamos então, como aspiramos agora, fundar um regimen solidário e perpetuo da paz e da confiança na vida internacional.

Os meus compatriotas applaudiram sensibilizados o nobre gesto com que, alludindo á velha pendencia, declarastes que na grande patria Argentina fôra recebida "quasi com satisfação a decisão do arbitro, como se por ella fosse conquistado mais do que um pedaço de territorio; a sympathia e a amizade do povo brasileiro."

Não era possível descurar com mais nitidez os largos horizontes da sabia politica que vos inspirou a entrevista das aguas neutras do Estreito de Magalhães, cujo complemento seria, necessariamente, a grata visita, de que ainda se recorda o povo brasileiro com a mais funda saudade e com o mais vivo reconhecimento.

Foi vossa a iniciativa. Na aproximação dos governantes buscastes sellar a grande politica da solidariedade internacional.

Por esses actos, que não serão seguramente os menos notaveis da vossa vida, allás tão cheia de gloriosos feitos, fizestes registrar o vosso nome na lista dos hommeritos colaboradores da paz: não a paz exhaustiva e esterilizante dos que são impellidos, por desconfianças que nunca se dissipam, a vigiar perpetuamente sob o peso das armas; mas a paz vivificadora, que assegura a tranquillidade ao trabalho, fecunda a produção e a expansão á riqueza, á prosperidade, ao progresso das nações.

Atraves das infinitas e gratas impressões que recebi, por occasião da minha primeira visita á esta progressiva metropole, guardo com zeloso carinho, como uma sentença da propria historia, o conceito que cunhei ao grande litro. Recordando varias epistolas da nossa historia commum,

Apêndice
Documento nº 6

diz:

- O Brasil não tem intervindo senão para o bem.

Ass, estes laços de solidariedade que têm aproximado as duas nações para a solução de problemas transcendentes nesta região da América, são os mesmos que as vinculam, pela identidade dos seus vastos destinos, como forças de equilíbrio na politica continental.

Senhor General,

Ides continuar a vossa missão. Eu vos saúdo como apóstolo da paz - infatigável servidor da fraternidade americana.

Campes Salles.

Recebi telegramma de Ribeiro
telegrapher hez em termos bem
expressivos. O seu naufragio na
causaria os maiores desgastes e
abalarium nuno as minhas relações
com o homem.

Recebo a v. e ao Ribeiro

Apêndice
Documento n° 7

POST OFFICE TELEGRAPHS.

No. of Telegram.....

Office Stamp
LONDON
JAN 10 1880

If the necessary address is not indicated, the telegram will be returned at payment of half the amount originally paid for its transmission, any balance of 10 pence or less than 10 pence being retained as a fee. If it be found that there was any telegraphic charge, the amount will be added to the original amount. Special conditions are applicable to the transmission of Foreign Telegrams.

Charges { s. p. d. }
to pay

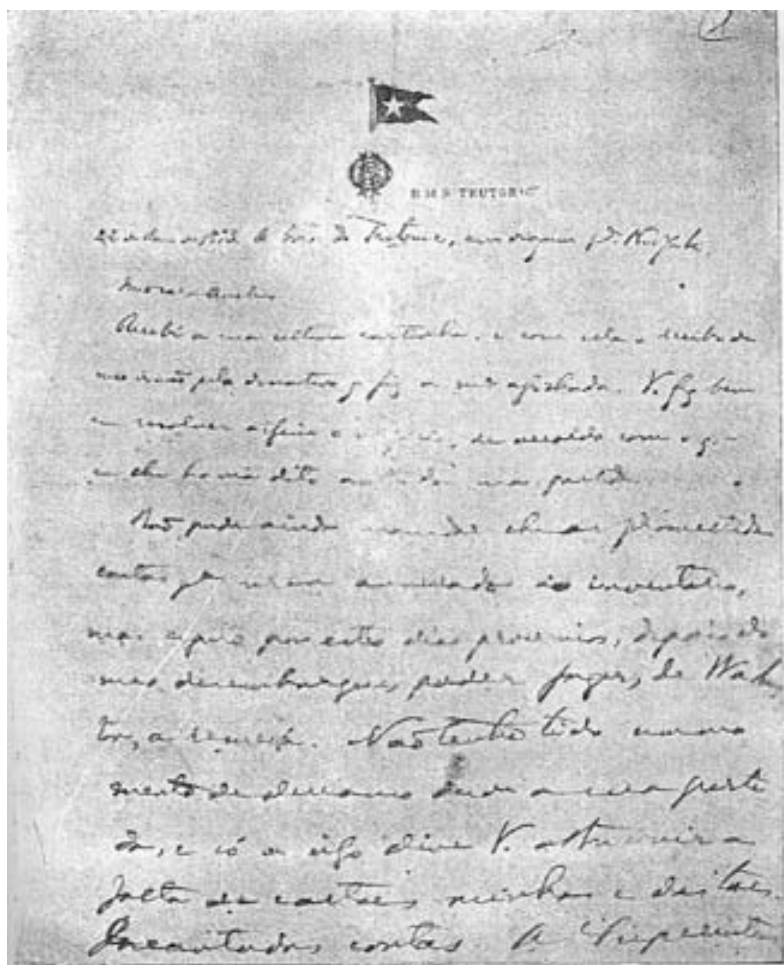
at 8-17/4 Received here at 8-52p

TO {
Berlin
S. Gurgel do Amaral
Brazilian Legation London

He chorando que the mundo
um abraço de umife oia.
que o acompanhamos todos aqui
na sua dor.
Rio Branco

NOTE.—This Form must accompany any telegram made respecting this Telegram.

Apêndice
Documento nº 8



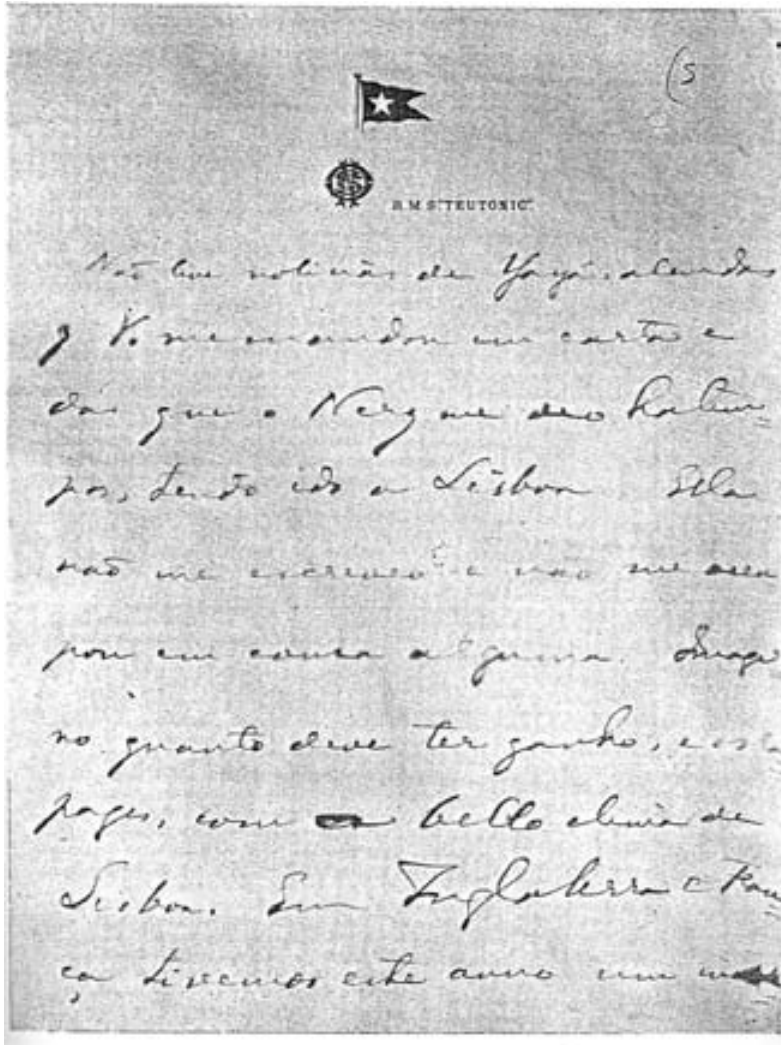
Apêndice
Documento nº 9

(2)

de me de huz^{to} to me^{na} me m^{to} t^{to}
 do, pois, como K. sabe, não tinha um
 auxiliar, o Domício de Sousa. Os outros
 não me ajudavam. Apenas de
 embarcado de Suprim^{to}, veio me
 a tal nomeação, para Starkington, e
 K. comp^{to} de gir a tempo, era po
 co para preparação de sup^{to} e
 uma reunião geral de sup^{to}.
 Na minha carta K. diz q. agora
 me acho na carreira q. mais me
 convém. Algumas vezes fallamos
 de tal sup^{to}, e K. deve am
 plar a que eu sempre the disse
 que não quero saber de carreira

ca diplomática. Não posso para isso, me-
 car, por me impedir as razões. Basta apre-
 sentar duas: - não tenho fortuna para susten-
 ter a posição e o título, e não quero renun-
 ciar a trabalhos que tenho em prepa-
 ração para levar a cabo de jornales, res-
 pons, etiquetas e factos. Não sou mais ho-
 mem do mundo. Assim é esta missão
 por que é temporária e unicamente
 para a defesa de um território em
 controvérsia. É questão de his-
 tória e geographia que com breves perpe-
 tuamente, questões tratada por me em
 1852. Não vi por quem se de-
 governo que eu estava autor de
 documentos novos e pedia de

4
 crever sobre o assunto: Appellou-me
 mim, e eu não tinha a certeza de
 cocurar-me, allegando motivos
 de commodidade ou conveniencia
 pessoal. Terminada a primeira volta
 p^a o meu canto até que possa desobedi-
 encia de adquirir alguma fogueira
 em S. Paulo. Não quero saber de emi-
 nencia e grandezas, e sigo a bituma-
 com K. sabe, nem de longe. Em tempo
 em que toes coisas parecerem mais de
 ladouros e salidas eu já me tinha
 habituado a não acuzar por causa de
 curas. Não quero modificar esta
 proposta em duas agitações por
 aha e ufa.



no bem ignoro.

Todos os meus vadebem, e
tudo se lembram com saudade,
de M. Quelino. O Paulo, como
V. já sabe, terminou em Nov. o.º no
Bacharelado em Letras e Philoso-
phia, diploma que, - aqui dto de
saíagem, é universitário, assignado
pelo Illi.º de Inst. Publica, e não
conferido pela Direção do Lyceu em
J. ulteriores. Agora está a estudar
Mathematicas.

O Paulo está estudando a
matéria de dois annos de Bacharelado

(7)
 para ver se consegue algum ganhar
 um pouco de tempo. Eu dei-lhe de
 pagar os exames da primeira parte
 do curso. Ambos os rapazes brilha-
 ram no foot ball. A equipe do Lyceum
 H. B. dirigida pelo Paul, acabou ven-
 cedora em todos os matches e ganhou
 a bandeira do campeonato. Depois
 a entrega da bandeira e vi o Paul
 carregado pelos camaradas no
 meio de uma gritaria imensa.
 Seleção mandará um photographeur
 representando a
equipe vencedora.
 Sem mais

(8)

leu da vida a bordo! Estou já
 buscando este papel com saber bem
 o que quero. O bordo só posso de-
 scriver e comer: o balanço do navio tor-
 na-me preguiçoso e enlaxa até de-
 ler um romance. Estou no 5.º dia
 de viagem. Depois d'amanhã deves-
 mos chegar a New York.

Escreva-me para Washington, pois
 o meu título official, e o meu posto, es-
 tãte — porque, ao chegar, devo ao-
 corar o meu endereço, e assinar
 mais cartas, me chegarão em
 duzina.

Reciba uma abraço de
 Luiz Gurgel do Amaral
 Luiz

Paris, 6 de Setembro de 1875.
15 Villa Melitot.

meu caro Jori Avelino.

Recebi no devido tempo o seu telegramma de Beiragto, e peço muitas desculpas pela demora com que lhe respondo. Estou atarefado quasi de Beiragto, já substituo que tenho em casa, e, ao mesmo tempo, muito occupado com os estudos da guerra de que receberei logo se houver arbitramento, e que é muito mais embaralhado e difficil do que a outra de que me occupei no h. t. l. l. Esta me dá muito de muito trabalho e de grande risco quanto ao resultado.

Ao receber o seu telegramma, já a noite em da suporia muito a guerra estava por obinda no Rio, aqui como a da minha escolha; e desde principio de Junho entrei a receber telegrammas de amigos, recommendando-me candidatos, e tambem de pretendentes, que não conheço. A vista disto, escrevi logo ao Sr. Vellozo, propondo um P. Secretario (o Domi-

Apêndice
Documento nº 10

do defensor), um 2º, que servirá prin-
 cipalmente para a defesa do portu-
 guês para o francês, e um consultor
 técnico, para os trabalhos de cartogra-
 phia. Declarei que este pessoal é
 sufficiente, e, mais, que no dentro de
 alguns meses precisaria dos indicados
 consultor e 2º Secretário. Muitas en-
 dicações, V. comprehendiam que não
 posso propor augmento de pessoal no
 presente, pois que não tenho caracter
 official. Tudo isto por fôrça. Deu a
 terminar a questão do conflicto em
 Amapá, de ajustar as condições do
 projecto arbitral, de escolher o arbitro,
 de saber se elle aceita a missão, e
 no intuito de que elle aceite nomeado para
 defender o nosso direito. Não tendo
 parte alguma n'estas complexas nego-
 ciações. Deles não da competência
 indagação. Por ora o que faço é actu-

dei no meu canto a questão de limites e colhepi livros e mapas, para começar a escrever a minha Memória justificativa. Foi depois que se achou o meu carrozão. O Domício me ajudou nas buscas e copias que se trouxeram na Bibliotheca.

Instituto, no momento julgar convenientemente augmentar o numero de aulas livres, eito em aulas mais fregues, e terei muito prazer em ver por aqui o Instituto. Eu o poderia preferir mais tarde, e depois de dois outros candidatos com as guias até certo ponto, ou conditionalmente, me comprometterei antes de receber o res telegramma.

Pelo exposto vê-se que todas as notícias lá postadas, de Lúcio e Lucio, não têm fundamento algum, ou, pelo menos, raspeiras. Espero que cheguemos a ter arbitrariamente, na ideia

acerta em principio, não se afigurando
empedra e cal. Desde 1815, Portu-
gal e França assistiram em uma
convenção, e com todas as solemn-
dades requeridas, que a questão de
limites na Guyana seria examinada
e resolvida immediatamente por
uma commissão mista. Passaram-se
já 80 annos sem a devida solu-
ção, que em 1815. parecia muito pro-
xima.

Recomende-me até a filha
e Santinho e ao cabete, que já de
me estar bem saúde.

Leah
my

P.I. - Inevitably the
remoteness of our camp
our exposure to the
Washington authorities, and
the
- Sec 8
no secret
and other

- Se o santinho tem alguma coisa
no secreto, penso que é mais va-
guo obter-lhe o nome do p. ou
do sacro. Isto de Mafra lig. com
o altar, e com a promissa. Se
nada de mais, volte-se a si
e não empize em coisas suadas.

Pós-fácio

Pós-fácio

“Por que o Senhor não escreve?”. Lá se vai século da sugestão do Barão do Rio Branco a Luis Avelino Gurgel do Amaral, autor de “O Meu Velho Itamarati”, obra ora republicada, por feliz iniciativa da Funag, dentro do projeto de compor valiosa coleção de memórias da diplomacia brasileira.

Incorporado ao Ministério das Relações Exteriores pelas mãos do Barão do Rio Branco, na turma dos novos Amanuenses admitidos em reforma pontual de 1905, o Sr. Avelino, como era tratado pelos colegas, integrou-se à Casa com inabalável orgulho e sentido de pertencimento. Conquanto não tenha passado pelo crivo republicano do concurso público, que só após a Era Rio Branco se estabeleceria com regularidade, não menos criteriosa foi sua admissão, narrada com a emoção que visita a todos que ingressam no Itamaraty.

Gurgel do Amaral desde logo dedica a narrativa “aos jovens de hoje, que [...] começam suas funções públicas no nobre solar do Itamaraty”. Ainda que alertado por Léon Daudet - “ce qui interesse la jeunesse c’est l’avenir, ce qui será, non ce qui a été” -, segue firme, em mais de 300 páginas, no propósito de oferecer as reminiscências à nova geração do Ministério. Com singela humildade, o autor confessa esperar que as lembranças sejam aceitas “com benevolência e algum agrado”.

O livro é escrito entre março de 1945 e setembro de 1946. Os jovens a quem se refere a dedicatória seriam, portanto, aqueles que ingressam não mais pelas mãos do Barão, mas pelo Instituto que leva o nome de Rio Branco e por concurso de provas e títulos.

Passado recente para os coetâneos de Gurgel do Amaral, as memórias consignadas na obra são pretérito mais que perfeito para os debutantes da diplomacia. Ainda assim, a obra e sua mensagem permanecem imperecíveis, bem a propósito do destino atemporal da dedicatória: “aos jovens de hoje, que integram o Itamaraty”. Seja qual for o tempo em que se abra o livro e se inicie a leitura, seguirá válida a homenagem.

Quanto ao texto, esqueça a benevolência. O relato segue intenso, no ritmo da curiosidade que o autor nos vai despertando. Quiçá por modéstia, Gurgel do Amaral apenas esquece de nos indicar o que é fundamental: sentar-se em uma boa poltrona e dispor de algumas horas para leitura. É o que basta para passearmos pelos anos que vão de 1905 a 1912, com indisfarçável prazer pela incursão nos tempos míticos do Barão.

Aos 20 anos, o Sr. Avelino começa a descobrir as benesses e os privilégios de ser parte do Ministério das Relações Exteriores. Descobre, também, a inevitável “vida rotineira da sucessão de dias e dias, senão iguais ao menos parecidos - que são os de todos funcionários públicos”. Sem poder fugir ao personalismo de toda a era que retrata, são inúmeras as referências a Rio Branco. Por um lado, revelam as mudanças rumo a um “novo” Itamaraty; por outro, o encantamento hiperbólico, de que é exemplo a graciosa

passagem que narra o dia em que foi nomeado para o cargo de Amanuense da Secretaria de Estado:

[...] estacamos, é bem o termo, em frente àquela majestade de um deus do Olimpo, onipotente e magnânimo para minha mente! *Deus Terminus* da nacionalidade [...].

Alto, corpulência bem proporcionada, elegante no seu trajar com aparência de descuidado, a mais bela calva que já vi na vida, de marfim polido - cabeça escultórica - iluminada por dois olhos penetrantes [...]. Voz algo fraca, melodiosa, desafinado lá uma vez por outra. Palavras e frases fluentes, coloridas, encantadoras ao narrar qualquer episódio por banal que fosse!

Nas memórias de Gurgel do Amaral, tornamo-nos solidários diante das limitações impostas pelos minguados proventos, a exigir uso recorrente das Caixas de Assistência e das compras a prestação. Emocionamo-nos, ainda, com a amizade entre o jovem servidor e o ex-Presidente Campos Sales, responsável pelo ingresso do autor, em 1912, na carreira diplomática.

Depois de nomeado Secretário de Legação no Chile, seu primeiro Posto, o Sr. Avelino - por competência aliada à “Madame La Chance” - foi servir na Inglaterra, na Bélgica, na Itália e no México. Por fim, foi nosso representante máximo no Peru. Já nas últimas páginas, nos faz breve relato da carreira mundo afora, quase como explicação de como os primeiros anos no Itamaraty influenciaram o percurso da vida adulta.

O livro que Gurgel do Amaral nos oferece é amostra de observação privilegiada de seu tempo e de si mesmo. É, também, exemplo a ser seguido em cumprimento ao dever de preservação da memória institucional. Para além da história de fatos e de feitos que se tornam oficiais, há o que nos fala por canais singulares do coração e da lembrança; há o que permite identificar as razões sentimentais, a forma como diferentes atores de um mesmo tempo reagem a determinado dado social. Em termos qualitativos, ganhamos a seguinte certeza: os momentos da leitura de memórias são oportunidades de reencontro sincero entre quem vivenciou e quem deseja conhecer dimensões de uma verdade, ainda que seja apenas a verdade do próprio autor.

Após publicar, em 1909, conto na “Revista Americana”, editado por Araújo Jorge, Gurgel do Amaral foi interpelado pelo Barão:

- Por que o Sr. não escreve sobre assuntos da nossa história?
- História?!... Não tenho competência para tanto, Sr. Ministro...
- É questão apenas de boa vontade e paciência!... E olhe que a pista é sedutora!...

Grata surpresa a decisão do Sr. Avelino de seguir o conselho do Barão. Por meio dessas reminiscências, comparamos a quantidade de colegas do autor - citados com cuidadosa saudade - às dezenas de páginas a perfazer a atual lista de antiguidade do Ministério. Em tempo, nos damos conta de que o Itamaraty será

“velho” ou “novo” de acordo com a perspectiva de quem por ele passa. Para minha geração, e minha Turma em especial, cujo ingresso se deu cem anos exatos após a designação do autor, o Itamaraty ainda não recebe adjetivos que o caracterizem em termos cronológicos. Por enquanto, “O Itamaraty”, tão somente. Em um dia ainda distante, com as idas e vindas da carreira e a passagem inexorável das décadas, talvez enxerguemos um “velho” Itamaraty, que, mesmo assim, conviverá com a novíssima Casa, movimentada pelas gerações que estão chegando.

Eis a pista sedutora. Seremos pacientes ou ousados em medida suficiente para exercitar a boa vontade que indicara o Barão? Por falta de competência não haverá de ser que os dias de hoje deixarão de ser relatados. Que ressoe a sugestão, ganhando força a cada evento, a cada amizade, a cada partida que nos molda como profissionais e como cidadãos: “Por que o Sr. não escreve...?”.

Ana Paula de Almeida Kobe
Segunda Secretária

